

Educação, Religião e Cultura

Temas e problemas em História da Educação
volume I



Evelyn de Almeida Orlando
Org.

EDUCAÇÃO, RELIGIÃO E CULTURA



S É R I E

Estudos em História e Historiografia da Educação

Diretores da série:

Prof. Dr. José Edimar de Souza

(Doutor em Educação pela UNISINOS; Presidente da Associação Nacional de História – Seção Rio Grande do Sul; Vice-presidente da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação; Membro do Conselho Fiscal da Associação Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-brasileiras. Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul e Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Gestão Educacional da UNISINOS).

Profa. Dra. Maria Augusta Martiarena de Oliveira

(Doutora em Educação pela UFPEL; Coordenadora do Grupo de Trabalho História da Educação da ANPUH/RS. Membro do Conselho Fiscal da Associação Sul-Rio-Grandense de História da Educação. Professora e pesquisadora do IFRS – Campus Osório e do Mestrado Profissional em Educação).

Conselho Editorial e Científico:

Prof. Dr. Alberto Barausse

(Doutor em Educação - Università Cattolica del Sacro Cuore.
Professor e pesquisador da Università degli Studi del Molise - UNIMOL).

Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Jr.

(Doutor em História pela UNISINOS; Coordenador do Grupo de Trabalho em História da Educação da Associação Nacional de História - ANPUH. Professor e pesquisador da UFPR).

Profa. Dra. Dóris Bittencourt de Almeida

(Doutora em Educação pela UFRGS. Professora e pesquisadora do
Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS).

Profa. Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin

(Doutora em Educação pela PUCRS. Professora e pesquisadora do
Programa de Pós-graduação em Educação da UNISINOS).

Profa. Dra. Giana Lange do Amaral

(Doutora em Educação pela UFRGS. Professora e pesquisadora do
Programa de Pós-graduação em Educação da UFPEL).

EDUCAÇÃO, RELIGIÃO E CULTURA

TEMAS E PROBLEMAS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Organizadora

Evelyn de Almeida Orlando



Diagramação: Marcelo Alves

Capa: Sérgio R. Vaz (concepção) e Gabrielle do Carmo (execução)

Fotografia / Imagem de Capa: Capela de Ação de Graças, Thanks-Giving Square, Dallas, Texas – Estados Unidos/Shutterstock/Divulgação



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação, religião e cultura: temas e problemas em história da educação [recurso eletrônico] / Evelyn de Almeida Orlando (org.). – Cachoeirinha : Fi, 2025.
v. 1 ; 334p.

ISBN 978-65-5272-133-4

DOI 10.22350/9786552721334

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. História – Educação – Religião – Cultura. I. Orlando, Evelyn de Almeida.

CDU 930.37.017

SUMÁRIO

Prefácio	7
-----------------	----------

Paula Leonardi

Apresentação	9
---------------------	----------

Rastros de memória de uma trajetória de pesquisa

Evelyn de Almeida Orlando

PARTE I SUJEITOS E INSTITUIÇÕES

1	23
----------	-----------

As Irmãs Passionistas e a educação católica para descendentes de italianos em Colombo/PR (1927 – 1978)

Mara Francieli Motin

2	49
----------	-----------

As viagens realizadas por madre Cristina Sodré Doria como dispositivos de legitimação intelectual

Laís Bandeira Briski

3	65
----------	-----------

Helena Kolody: um projeto feminino em um campo masculino, seguindo os rastros de uma rede

Karina Valim de Araújo

4	91
----------	-----------

Mulheres católicas em cena: educação e religião entrecruzadas em nove histórias de vida

Evelyn de Almeida Orlando

Cassiana Conceição de Carvalho

5	113
----------	------------

Mulheres protestantes em cena: Educação e religião em suas histórias de vida

Evelyn de Almeida Orlando

Daniela Dalagrana Penteadó

6	127
----------	------------

Pela Igreja e pela Pátria – Associativismo Feminino na Liga das Senhoras Católicas

Eliane Tortelli

Vestígios e marcas católicas no Centro de Letras do Paraná*Evelyn de Almeida Orlando**Marina Beatriz Moroz***PARTE II
IMPRESSOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS****Contribuições das autobiografias para a História da Educação***Loyde Anne Carreiro Silva Veras***A obra *Pais, educando para os anos 2000*: um retrato da atuação de Alzira Camargo Lopes frente à Escola de Pais do Brasil***Henllyger Stevam David Costa***Revista Família Cristã: A escrita epistolar na seção “A carta do mês”***Karolyne Amâncio de Paula***A agência intelectual feminina nas revistas do acervo da Biblioteca dos Claretianos (1935 – 1980)***Evelyn de Almeida Orlando**Luana Cristine dos Santos***História de Mulheres Imigrantes Haitianas no Brasil***Neli de Lemos***“Chora Viola”: Tião Carreiro e Pardinho e a prática de mediação cultural pela música***Lucas Fingolo Claras***Patrimônio histórico educativo: o legado de Paul-Eugène Charbonneau no Colégio Santa Cruz***Bárbara da Silva Santos***Sobre a organizadora****Sobre os autores**

PREFÁCIO

Paula Leonardi

O livro *Educação, Religião e Cultura: temas e problemas em história da educação* apresenta um conjunto de textos que, a meu ver, serve especialmente às pessoas em formação. Isso porque apresenta capítulos escritos por estudantes que trabalharam junto com a professora Evelyn Orlando no desenvolvimento de suas pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado. É também o resultado da formação da própria organizadora como orientadora durante dez anos de trabalho na PUCPR. E que belo resultado temos em mãos!

Trata-se de um trabalho de interesse para estudantes porque apresenta, em cada capítulo, minucioso trabalho de revisão da literatura. Os textos situam seus objetos em um campo, apresentam a perspectiva historiográfica e o arcabouço conceitual marcados pelo desenvolvimento dos trabalhos da professora Evelyn. Certamente, o inverso também aconteceu. Em textos conjuntos percebem-se as vozes que caminham lado a lado, em diálogo.

Entrevistas, trabalho em arquivo com fontes documentais, periódicos, literatura, fontes diversas são apresentadas nos capítulos que não se furtam a discutir metodologias específicas para cada uma. Até mesmo história oral, tão pouco vista nas revistas da área, aqui se faz presente.

Não se trata de um texto sobre mulheres exclusivamente. Mas elas estão presentes em larga medida. Vera, Maria, Dalila, Stella, Amélia, Margarida, Eva, Alzira, Maristela, Leontina, Flora, Leonor, Mariana,

Georgina, Helena, dentre tantas outras, que não seriam conhecidas se não por estas pesquisas.

Seria possível nos perguntar sobre quais bases epistemológicas religiosas construímos a ideia do que chamamos de mulher? Talvez com a acumulação de mais pesquisas consigamos isso. Aqui temos um começo. Deixo a leitora, ao leitor, a vontade de descobrir nestas páginas o tanto que foi feito e o tanto que ainda há por fazer. Estes capítulos nos instigam a querer mais.

Por fim, gostaria de dialogar com a apresentação feita pela organizadora do livro. Nunca retornamos do mesmo modo ao ponto de partida. Quando viajamos nos encontramos com nós mesmas, como escreveu uma das autoras desta coletânea. Estamos sempre em viagem, ainda que seja pela passagem neste mundo. Quantos apoios tivemos, quantas amizades construídas, quanto que se vai e quanto que também fica e se transforma, quanto que nunca será dito... De algum modo, tudo isso se faz presente nas entrelinhas dos nossos textos. Bem-vinda de volta com esta bagagem maravilhosa.

APRESENTAÇÃO

RASTROS DE MEMÓRIA DE UMA TRAJETÓRIA DE PESQUISA

Evelyn de Almeida Orlando

Não posso escrever enquanto estou ansiosa ou espero soluções porque em tais períodos faço tudo para que as horas passem; e escrever é prolongar o tempo, é dividi-lo em partículas de segundos, dando a cada uma delas uma vida insubstituível.

Clarice Lispector

Por quase dois, anos estive a prolongar a escrita deste texto e a organização deste livro. Estava ansiosa com o processo de readaptação à minha cidade natal, para onde retornei, no ano de 2023, para assumir uma vaga como professora de História da Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Essa mudança representava uma nova fase em minha trajetória profissional. Não apenas porque se tratava da instituição na qual cursei meu doutorado e já havia atuado como professora substituta, ou porque se tratava de uma instituição onde tive excelentes mestres e fiz grandes amigos e amigas que me acompanham até hoje na vida. Essa era a dimensão afetiva da nova experiência. Mas a mudança para uma universidade pública representava um divisor de águas que abria um novo horizonte para aquela professora que, fruto da escola pública na maior parte de sua trajetória escolar, vinha atuando há dez anos na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. A mudança para a UERJ representava, de algum modo, um retorno às origens sociais, culturais, institucionais.

A realidade que se afirmava diante de mim, no entanto, era tão nova que a ideia de retorno logo se dissipou, dando lugar a uma série de

espantos, estranhamentos, choques culturais e aprendizagens diversas oriundas desse processo de encontro com o novo. E tudo era novo. A cidade era outra. A instituição era outra. Eu era outra. Era preciso nos reconhecermos nesse novo encontro.

Embalada, então, pelas memórias do vivido confrontadas cotidianamente com o presente e o que estava por vir, fui aos poucos cedendo espaço a uma nova compreensão acerca dessa transição. Em um primeiro momento cheguei a acreditar que precisava virar a página radicalmente para poder efetivamente viver esse novo que se apresentava. Mas havia, ainda, muitas coisas em aberto. Apesar de não ter podido concluir as orientações de mestrado e doutorado que estavam em andamento, havia pesquisas e projetos em curso, artigos e livros por escrever, relações que se mantinham, que se mantêm e que, espero, continuem se mantendo. Mas não queria apenas finalizar o que faltava. Isso seria simplificar e reduzir uma parte importante da minha vida e da minha trajetória. Era preciso marcar esse momento, fixar a memória dessa experiência, prolongá-la “em partículas de segundos”.

Foi assim que decidi levar adiante a ideia deste livro, que reúne excertos de pesquisas que tive o privilégio de orientar na iniciação científica, mestrado e doutorado. Por razões diversas, nem todos estão aqui presentes, mas os que estão dão uma boa amostra dos percursos que nos guiaram nesses últimos anos, dos debates que travamos, dos temas que nos interessaram e nos uniram em torno do grupo de pesquisa e que acabaram por moldar também a nós mesmos. Cada um aqui contribuiu para produzir a identidade do GEHED-¹ e o grupo, por sua vez, acabou por produzir a identidade de seus membros.

¹ Quando ingressei na PUCPR, em 2013, não pude abrir um Grupo de Pesquisa, embora devesse ter orientandos. Inicialmente, fui acolhida no Grupo de Pesquisa coordenado pelas professoras Neuza Bertoni e Rosa Lydia Teixeira Corrêa – História das Disciplinas Escolares. Posteriormente, migrei para o

Este texto de apresentação, sem dúvida, é uma forma de introduzir o/a leitor/a à obra que tem em mãos. Porém, mais do que explicá-la ou resumi-la, pretendo relembrar uma jornada de formação coletiva que durou dez anos em terras curitibanas. Este texto de apresentação é, portanto, um texto de memória.

As lembranças recorridas para a escrita desse texto têm em vista a produção de uma história que se traduz como um esforço de preservação de uma memória contra o esquecimento (Ricoeur, 2007; Le Goff, 2003), mas também busca ressaltar a validade das práticas empreendidas na formação tanto da professora/pesquisadora/orientadora quanto dos jovens estudantes pesquisadores na construção identitária de cada um.

Essa história não é só minha. Mesmo que eu pense nos caminhos de construção da minha própria identidade nesse período, não poderia fazê-lo sem evocar a memória de um grupo, mesmo quando esse grupo aparentemente se desfez. Inicialmente, este livro foi pensado como um registro dos dez anos do GEHED e produto parcial do nosso projeto em andamento financiado pelo CNPq (me reportarei a ele mais adiante). Não sabíamos, no entanto, que o aniversário do grupo coincidiria com a minha saída da PUCPR.

Quando veio a mudança para a UERJ, esse projeto ficou em suspenso em um primeiro momento e, depois, achei que teria se perdido. Quando decidi retomá-lo com o grupo, informando que

Grupo coordenado pelo professor Peri Mesquita – Pensamento Educacional Brasileiro: História e Políticas, por apresentar maior alinhamento com meus interesses de pesquisa, notadamente aqueles relacionados à Igreja Católica. Como tínhamos linhas de pesquisa diferentes, atuávamos separadamente nas orientações. A essa altura já tinha orientandos de iniciação científica e mestrado e formamos uma espécie de subgrupo dentro do Grupo oficial, o qual já vinha sendo construído antes dessa articulação institucional. Começamos a pensar em uma sigla para designar esse nosso grupo mais estreito. Os estudantes elegeram GEHED – Grupo de Estudos em História da Educação –, nossa identidade desde o início, e assim ficou.

gostaria de concluir esse registro, o endosso que encontrei levou-me a pensar na história que havíamos construído juntos. A resposta afirmativa de todos os presentes neste livro, mesmo quando muitos, já egressos da PUCPR, seguiam caminhos diversos na vida, é indicativa do peso que o grupo teve nas trajetórias e na constituição de cada um.

Construímos o que Candau (2012) chama de “memória forte”, ou seja, uma memória fundamental para a estruturação de um grupo – neste caso, o GEHED –, e da representação da nossa própria identidade individual e coletiva. Entendo que este livro apresenta ao leitor histórias entrelaçadas pela pesquisa, pela aprendizagem, pela descoberta do novo que se apresentou a cada um/a de nós de tantos modos, pelo trabalho incansável individual e coletivo, pelo esforço em produzir uma imagem de grupo que nos representasse e, sem dúvida, pelos afetos que construímos nesse processo.

Tudo começou em fevereiro de 2013, quando cheguei à PUCPR. Tinha acabado de defender meu doutorado na UERJ. Uma semana depois veio o concurso para a PUCPR, o qual previa já a entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação. Uma responsabilidade imensa e bastante desafiadora. Em menos de um mês da minha defesa de doutorado, partia com duas malas para uma nova vida em Curitiba. Uma viagem apenas com passagem de ida e um horizonte de possibilidades pela frente, que me excitava e me apavorava ao mesmo tempo.

A chegada na graduação veio acompanhada de disciplinas novas, dois bolsistas de iniciação científica e quatro alunas de TCC. As primeiras orientações de Mestrado vieram apenas em 2014, uma vez que já havia ocorrido o processo seletivo para aquele ano. Tive cerca de seis meses para me ambientar e pensar um projeto que pudesse somar à Linha de História da Educação. Optei por continuar a pesquisa que vinha fazendo sobre impressos e Igreja Católica, o que resultou no projeto

*Igreja Católica e circulação de saberes pedagógicos: intelectuais, impressos e práticas educativas (1916- 1970)*², aprovado naquele mesmo ano no Edital Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas, do CNPq. Daí, originaram-se as primeiras pesquisas do grupo focadas, em larga medida, em impressos produzidos por intelectuais católicos/as, instituições educacionais e práticas educativas diversas que, oriundas ou não da Igreja, faziam circular saberes e valores católicos.

Esses interesses de pesquisa foram se refinando e abrindo uma outra frente de investigação relacionada às intelectuais católicas. Um tema que havia surgido no percurso da tese e foi guardado para depois. Na busca por fontes nas instituições de guarda do Paraná, fomos localizando materiais impressos produzidos por mulheres e percebendo um certo protagonismo dessas em diferentes frentes sociais e culturais daquela sociedade, como educadoras e formadoras de opinião.

Deste modo, comecei um novo projeto, sem me distanciar totalmente do primeiro, cujo foco era preferencialmente os sujeitos, designadamente as mulheres. No projeto *Educação, Gênero e Cristianismo: circulação, representação, formação e práticas femininas em cenário religioso e educativo* aprovado no Edital Universal 2016, do CNPq³, focalizamos um modo de ser intelectual no feminino, ao mesmo tempo em que buscamos compreendê-las no campo da produção intelectual, analisando os projetos com os quais se envolveram, os saberes que daí emergiram, os caminhos de difusão de seu pensamento e a diversidade de práticas educativas que empreenderam. Naquele momento, a relação entre mulheres e campo religioso foi constituindo os interesses privilegiados das pesquisas do grupo, mas não apenas como

² Nº do processo: 471050/2014-8

³ Nº. do processo: 424863/2016-2

intelectuais. Paralelamente, o interesse por práticas educativas atravessadas por questões religiosas permanecia em nosso horizonte. Isso permitiu acolher, em nosso grupo, pesquisas relacionadas à imigração haitiana, à música caipira, à circulação de modelos pedagógicos, à educação das famílias, dentre outros temas que, de algum modo, tangenciavam a religião como categoria orientadora da vida e da cultura.

Em 2020, quando o projeto encerrou, muito ainda havia para ser feito, as pesquisas realizadas abriram novas possibilidades. Optamos por dar continuidade em uma nova edição, com alguns ajustes na equipe e na proposta. O grupo de pesquisadores reduziu e o de orientandos aumentou, incluindo também doutorandos. Deste modo, em 2021, submetemos o projeto *Educação, Gênero e Religião: circulação, representação, formação e práticas femininas em cenário religioso e educativo*, ao Edital Universal do CNPq⁴. Os sujeitos privilegiados continuam sendo as mulheres e os modos pelos quais, individual ou coletivamente, elas se apropriaram e contribuíram para reproduzir um conjunto de *habitus* religiosos nos diferentes espaços em que circularam, sobretudo naqueles não religiosos. Este livro se constitui como um dos produtos deste projeto, mas de modo nenhum estanque aos que o antecederam e a outros desenvolvidos correlatamente⁵.

⁴ O referido projeto foi aprovado e encontra-se em fase de finalização. Nº do processo: 422596/2021-3. Apesar da mudança institucional da coordenadora no meio do projeto e a interrupção de muitas pesquisas, havia um volume de trabalho produzido e já finalizado suficiente para ser comunicado em uma publicação mais consistente, o que resultou no presente livro.

⁵ Paralelamente a esses projetos, fomos contemplados com a Bolsa Produtividade de Pesquisa da Fundação Araucária, em 2019 (nº do processo: FA 014/2019), com o projeto *Intelectuais católicas na cena pública paranaense: caminhos de legitimação e modos fazer da condição feminina (1920-1980)* e, em 2021, com a Bolsa Produtividade do CNPq, com uma versão mais ampliada dessa pesquisa foi apresentada ao CNPq, intitulada *Intelectuais católicas: educação, cultura e política nos caminhos de legitimação, saberes e modos fazer da condição feminina ((1920-1980) - (nº do processo: 311807/2021-6)*

Buscamos compreender a religião como um campo de tensões que disputa o cenário educacional e a legitimidade sobre a formação dos indivíduos (Bourdieu, 2004). O estatuto que possuem no mundo contemporâneo permite teorizarmos o referido campo, entendendo-o como um fenômeno cultural amplo, indo além da sua vinculação institucional. Tal disputa, nem sempre clara e aberta, deixou e ainda deixa marcas materiais e imateriais nos espaços, na cultura e na sociedade. Marcas que, produzidas historicamente, são apreensíveis nas memórias, nas histórias dos sujeitos, nos seus corpos, nos seus escritos, nos seus feitos, cujos sentidos e significados são testemunhos ressonantes dessa história.

Buscamos compreender como as salas de aula, as igrejas, as mídias, as produções impressas, as viagens, as ruas, foram se tornando espaços educativos estratégicos, portanto disputados por diferentes agentes, sobretudo religiosos. Percebemos que associar esses espaços à militância religiosa possibilitou à muitas mulheres, sobretudo burguesas, uma circulação legítima por eles, uma vez que o envolvimento com agendas diversas não se sobreponha à disseminação dessa cultura. Ao contrário, havia uma força motriz na associação da religião com as diferentes frentes em que se engajaram, fosse intelectual, social ou cultural.

No conjunto de trabalhos aqui apresentados, há um acento privilegiado no catolicismo. Apenas dois trabalhos versam sobre mulheres protestantes. Privilegiamos três grandes eixos: sujeitos e instituições, impressos e práticas educativas, conscientes de ser essa uma divisão de linhas rasas. Fruto de um debate sistemático realizado no grupo de pesquisa, com a participação de bolsistas de iniciação científica, mestrandos e doutorandos, por meio de reuniões ou seminários nos quais discutimos escolhas de caminhos metodológicos,

textos teóricos e resultados parciais de nossas pesquisas, o livro também incorpora as apropriações de cada um, em suas trajetórias de viagens de pesquisa ou de participação em congressos na área, o que contribuiu para ampliar o repertório individual e coletivo.

Em larga medida, também nos detivemos no século XX, com exceção de apenas dois textos, resultados de pesquisas de iniciação científica, nas quais buscamos compreender, na atualidade, o sentido que o pertencimento religioso possui para algumas mulheres, de gerações diferentes, na construção de suas identidades e como elas percebem o impacto do seu trabalho para a Igreja.

É importante registrar que esse caminho foi marcado por uma pandemia de COVID19, que nos impactou fortemente entre os anos de 2020 e 2022 e deixou muitas sequelas. O GEHED não passou ileso a essa experiência. Muitos de nós tivemos perdas duras. Muitos de nós, distantes de nossos familiares e amigos, sofremos as angústias do medo da perda. Adoecemos de muitas formas. Nenhum de nós conseguiu voltar ao ponto de partida, mesmo depois das vacinas. A necessidade de sobrevivência se impôs e a pesquisa ficou em suspenso por um tempo. Era preciso viver para pesquisar. E, nessa busca pela vida, muitas coisas foram ressignificadas. Dentre elas, a mudança de rota que me levaria de volta ao Rio de Janeiro e conduziria cada membro do grupo para uma nova história.

O exercício de rememorar essa história embaralhou as lembranças, as quais se atravessaram, se sobrepuseram umas às outras, se estenderam por todo o período dessa longa jornada, não sendo possível fixar limites rígidos entre uma história e outra. Elas se encadeiam, se complementam, se desdobram em outras, se reconectam. Talvez conduzidas pela mão invisível do grupo que, de algum modo, vai desenhando a identidade e dando forma às pesquisas aqui apresentadas.

Por essa razão, a organização da obra não seguiu a lógica linear das orientações, mas um agrupamento de temáticas com limites nada rígidos, pois se interpenetram a todo o tempo. Cada capítulo poderia facilmente ser deslocado para qualquer um dos eixos aqui estabelecidos, se considerarmos a pesquisa maior da qual os capítulos se originaram. Focalizamos os recortes escolhidos pelos autores/as e, no conjunto, pareceu-nos uma boa representação dos eixos de pesquisa que nos mobilizaram ao longo desses dez anos de trabalho.

O fio condutor de todo o livro é a linha estreita entre História da Educação, Cultura e Religião, que sintetiza um programa de pesquisa mais ampliado, o qual incorporou todos os projetos aqui mencionados. Em todos, buscamos respaldo na História Cultural, História Intelectual e História das Mulheres, conforme os temas foram demandando.

O gênero feminino nem sempre marcou o título dos trabalhos, pois apesar de dialogarmos com a História das Mulheres, pretendemos no grupo realizar uma História da Educação com mulheres, percebê-la enquanto sujeitos de ação, sem que isso implicasse necessariamente termos que fazer apenas biografias. Nossa identidade como grupo, no entanto, produziu essa marca relacionada às intelectuais católicas e protestantes e o foco privilegiado no atravessamento de gênero acabou por circunscrever os nossos temas de pesquisa de forma direta ou indireta. Penso que isso aguçou nossos sentidos e produziu uma sensibilidade do olhar que nos leva a questionar as ausências, alguns modos de fazer aparentemente únicos, explicações rasas e polarizações difíceis de serem mantidas quando incluímos as mulheres e suas múltiplas agências.

Essa é a memória que nos une e nos identifica neste livro. Ela diz do nosso passado, um pouco do nosso presente e dá alguma pista do nosso futuro, se quisermos acompanhar a lógica de Candau:

Se a memória é 'geradora' de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a incorporar certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais, como as de Proust na *Busca do tempo perdido*, que dependem da representação que ele faz da sua própria identidade, 'construída no interior da lembrança' (2012, p.19).

Em uma sociedade letrada, a escrita é um dos recursos mais fortes para fixar uma memória, sobretudo aquela que é impressa e publicada. Foi a ela que recorremos para não deixar morrer essa história.

Uma viagem longa nos desorganiza, nos desestabiliza no confronto com o novo e seus outros limites, mas em algum momento nos assentamos, nos prendemos, nos fixamos novamente. Até vir outra viagem e começar tudo novamente, abrindo o horizonte para novas possibilidades. Na expectativa do futuro, sempre incerto, esperamos apenas que o vivido não se perca e que nós não nos percamos.

'Os homens morrem porque não são capazes de juntar o começo ao fim', dizia Alcmeón de Crotona. Somente Mnemosyne, divindade da memória, permite unir aquilo que fomos, ao que somos e ao que seremos [...] Sem memória, o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece (2012, p. 59-60).

Este texto tem o sentido de fixar uma memória e a identidade de um grupo de pesquisa: o GEHED. Esta obra marca o nosso encontro, juntando um pouco do começo ao fim dessa travessia, como um antídoto ao não esquecimento desse capítulo de nossa história, que forjou boa parte de nossa identidade também como indivíduos.

Com isso, convidamos o/a leitor/a a acompanhar essas tantas histórias que foram produzidas nessa longa viagem de dez anos de uma professora do Rio de Janeiro em terras curitibanas.

Referências

Lispector, Clarice. **Para não esquecer: crônicas**. SP: Ática, 1984

Ricoeur, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Trad. Alain François *et al*, Campinas, SP: Editora Unicamp. 2007.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Editora Contexto: 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 419-476.

PARTE I
SUJEITOS E INSTITUIÇÕES

1

AS IRMÃS PASSIONISTAS E A EDUCAÇÃO CATÓLICA PARA DESCENDENTES DE ITALIANOS EM COLOMBO/PR (1927 – 1978)

Mara Francieli Motin

Introdução

A transição para o regime republicano no Brasil teve um impacto significativo na educação, pois marcou a laicização do Estado. Nesse contexto, a Igreja perdeu sua posição oficial na educação pública e enfrentou desafios decorrentes das propostas de ensino laico e da presença crescente de grupos protestantes nesse campo. Em resposta a essas transformações, observou-se um aumento significativo na abertura de escolas católicas, visando fortalecer a disseminação dos ideais católicos, sendo coordenadas principalmente por congregações religiosas femininas.

Algumas dessas congregações vieram acompanhando a onda de imigração que se instaurou no país a partir do século XIX. O processo imigratório italiano, por exemplo, teve seu início no final desse período, decorrente de um momento em que os países europeus se tornavam industrializados e sua população urbana aumentava de forma exponencial. Esse cenário desencadeou sérios problemas de absorção da população rural no mercado de trabalho das áreas urbanas, levando um contingente significativo dessa população a procurar melhores condições em outros países. Trento (1988) acena alguns fatores italianos para a emigração, destacando que,

seja de ordem demográfica (diminuição do índice de mortalidade e estabilização do índice de natalidade após 1870), seja de ordem econômica –

entre estes últimos, o primeiro lugar é assumido, sem dúvida, pela depressão agrícola dos anos 80, que provocou uma crise de disponibilidades alimentícias (Trento, 1988, p. 31).

Essas foram algumas das variáveis do velho continente que levaram esses sujeitos a atravessar o Atlântico, rumo às Américas. Ao desembarcarem no Brasil e ficarem nas hospedarias, esses imigrantes, em sua maioria, ou eram realocados para as colônias, no sul do país, ou nas fazendas de café, em São Paulo. O desenrolar desta história teve como desdobramento a fundação de diversas colônias italianas em terras brasileiras, dentre elas a Alfredo Chaves, uma das poucas a se tornar município no Paraná, passando a ser conhecida, mais tarde, como Colombo. Os imigrantes que primeiramente chegaram nesse local eram provindos do Vêneto, norte da Itália, região recém-unificada à península, fato que permite inferir a não consciência de pertencimento étnico vinculado à Itália.

A identificação com os costumes campesinos e a religião católica são as principais marcas da identificação cultural do povo vênето, uma vez que

[...] o catolicismo cresceu junto com os Vênетоs e com a República dos Doges. Entre o povo e o cristianismo existiu, desde as origens, uma interação contínua. Esta o desviou das heresias e das lutas entre Estado e Igreja. O povo vênето (campo, montanha e cidade) é naturalmente simples, trabalhador, inventor, alheio às histerias culturais. É pragmático. Não aprecia tudo que é racional. São historicamente comprovadas as suas posições antirrevolucionárias. Esta sua pré-disposição se deve ao seu apego a terra e à propriedade pessoal dos meios de produção. Por esta razão é também um povo contido, socialmente diversificado, focado na produção e na economia de seus ganhos (Poli, 1995, p. 34 *apud* Caselatto, 2002, p. 100, tradução minha).¹

¹ [...] il cattolicesimo è cresciuto insieme con i Veneti, e con la Repubblica dei Dogi. Tra popolo e cristianesimo c'è stato, fin dalle origini, un'interazione continua. Questa lo ha distolto dalle eresie, e dalle lotte tra Stato e

Deste modo, pelas características trazidas por esses sujeitos, não tardou para que os vênéticos construíssem em Colombo uma Igreja e uma escola, que compactuassem com seus valores culturais, criando assim o Colégio Santo Antonio, no início do século XX. Nos seus primórdios, esta instituição foi mantida pelo governo italiano, mas, em 1917, passou a professar a doutrina católica, tendo, em sua trajetória até os dias atuais, a coordenação de três congregações religiosas femininas distintas: as Irmãs Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus (de origem italiana), as Irmãs de São José (de origem francesa) e as Irmãs Passionistas (de origem italiana). Em 1951, o Colégio passou a se chamar Educandário Nossa Senhora do Rosário e atualmente é denominado Colégio Passionista Nossa Senhora do Rosário.

A coordenação de ambientes educacionais por essas instituições religiosas passou a ser uma atividade comum, principalmente a partir do século XIX, quando as ordens e congregações religiosas floresceram de maneira exponencial, como nunca tinha ocorrido na história da Igreja. “Essas fundações estavam, todas elas, orientadas para a missão mundial, caracterizando-se por um acentuado ativismo [...]” (LENZENWEGER et al., 2006, p. 162).

No Brasil, as congregações ganham importância nos primeiros anos do século XX, por europeizar o clero, restaurar a hierarquia de submissão a Roma e buscar novos espaços, no período republicano. Entre estas estratégias para europeizar as práticas católicas no Brasil, buscando seu espaço, a Igreja teve como apoio o fato de que “inúmeras congregações vindas da Europa começaram a vislumbrar a região dos

Chiesa. Il popolo veneto (campagna, montagna, città) è istintivamente semplice, laborioso, costruttivo, alieno da isterismi culturali. È pragmatico. Non apprezza tutto ciò che è cerebrale. È storicamente attestato su posizioni antirivoluzionarie. Deve questa sua predisposizione al suo attaccamento alla terra, e alla proprietà personale dei mezzi di produzione. Per questa ragione è anche un popolo moderato, socialmente vario, impegnato nella produzione e nel risparmio (Poli, 1995, p. 34 apud Caselatto, 2002, p. 100).

imigrantes como o terreno mais adequado para a fundação de seminários e a formação de um clero local em novos moldes” (Azzi, 1987, p. 221).

As Irmãs Passionistas estiveram presentes no colégio, em Colombo, em dois momentos distintos: primeiramente, entre os anos de 1927 e 1933, e mais tarde, de 1951 até os dias atuais, sendo a congregação mais atuante nesta instituição de ensino. Essa congregação chegou ao Brasil, a convite dos Padres da mesma Congregação, no ano de 1919, para coordenar uma obra social, no estado de São Paulo. Neste Estado não tardou para que a instrução, que inicialmente era voltada para as necessidades sociais de um grupo de crianças do abrigo, fosse expandida para um atendimento escolar para alunos que não viviam em regime de internato. Mais tarde, esse atendimento se estende ao Paraná, chegando a Curitiba e, posteriormente, a Colombo.

Nesse contexto, o presente capítulo se concentra na atuação dessa congregação, destacando as contribuições das Irmãs Passionistas na formação da infância colombense e no fortalecimento dos aspectos étnicos italianos. A análise abrange desde a chegada dessas religiosas à instituição de ensino de Colombo, marcando seu primeiro período de atuação (1927-1933), até o segundo momento, tendo como recorte o período de 1951 a 1978. Esse último ano é significativo, pois marcou a celebração do centenário da imigração italiana na cidade, um evento no qual as Irmãs e a escola estiveram envolvidas de maneira relevante.

É nessa interseção de múltiplas variáveis que surge a criação de um colégio concebido por imigrantes italianos no município de Colombo. Esses imigrantes possuíam uma forte identificação étnica baseada em princípios camponeses, familiares e católicos. Assim como Kreutz (1999) observa em relação aos colégios alemães, o Colégio Santo Antônio pode ser considerado “como o espaço de encontro entre as diferentes formas

de ser, de pensar e de sentir, de valorizar e de viver, construídas em um marco de tempo e de espaço que dão pertinência e identidade a indivíduos e grupos sociais” (Kreutz, 1999, p. 92).

Quanto às questões étnicas, Poutignat e Streiff-Fenart (2011) apontam para o fato de não existirem grupos étnicos a priori, mas sim a existência de categorias étnicas que possuem significações e são utilizadas de forma comum nas relações de uma comunidade com o todo. A organização social numa base étnica visa à promoção do grupo. Em Colombo, as características que se destacam no desenvolvimento da antiga colônia giram em torno de uma origem geográfica comum, com construções sociais centradas na Igreja, fortemente embasadas pelo catolicismo, que reverberam em uma escola católica, lugar de atuação das Irmãs Passionistas junto à infância descendente de italianos.

As Irmãs Passionistas e a educação colombense

Depois de ter sido uma escola subsidiada pelo governo italiano, passando pela administração das Irmãs italianas do Sagrado Coração de Jesus, o Colégio Santo Antonio tem um novo cenário com as Passionistas, em 1927. Mesmo mantendo a presença de uma congregação católica italiana, durante a gestão dessas religiosas não se teve nenhuma figura dessa etnia atuando na escola e nem o uso da língua italiana.

O início da atuação das Irmãs Passionistas, em Colombo, é registrado através do seguinte texto, na Ata Histórica da Congregação:

Em 1927, a pedido do Rvmo Vigário Pe. Alberto Passionista e da população de Vila Colombo no Estado do Paraná, para lá se dirigiram, afim de fundar uma nova casa, quatro Irmãs em companhia da Rvma. Madre Provincial. Aos 8 de dezembro desse ano, as Irmãs foram recebidas pela Pia União das Filhas de Maria, que em procissão foram busca-las a entrada da Vila. Tomaram parte na recepção o Exmo. Snr. Prefeito Municipal e demais autoridades

locais. Demais de assistir a missa paroquial, dirigiram-se para o Colégio, onde foram tiradas varias fotografias (Passionistas, 1951 - 1978, p. 7).

Percebe-se, pelo trecho, que a escola tinha grande relevância para a comunidade colombense, contando, em sua nova inauguração, não só com a presença do clero, mas também de representantes políticos da cidade. Nessa dimensão política e cultural, o registro da chegada das religiosas a Colombo é indicativo de alguns elementos a serem observados: o Colégio Santo Antonio representava para a cidade um “templo de civilização”². Na estruturação de uma cultura escolar, é preciso levar em consideração as relações de conflito ou não, entre as diversas outras culturas. No caso de Colombo, está se atentando para a cultura religiosa, popular e política, em conjunto com a experiência dos sujeitos, e nos modos como essas relações aparecem ou reforçam a atuação das Passionistas.

Figura 1 – Chegada das Irmãs Passionistas em Colombo/PR – 1927



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

² Expressão emprestada de Souza (1998).

Mesmo que nenhuma das religiosas que permaneceu no Colégio, no período entre 1927 e 1933, fosse de origem italiana, a pátria dos colonos e/ou descendentes era ainda lembrada pelo Colégio. No registro da chegada dessas religiosas, é interessante destacar a representação de quatro bandeiras. A primeira, da esquerda para a direita, infere-se que seja a bandeira brasileira, seguida pelas bandeiras da Congregação Passionista, do Vaticano e do Reino da Itália. Essa relação entre a congregação, a italianidade e o catolicismo vêneto do povo de Colombo, acontece pelo que pontuam Luchese e Rech (2014):

Diversas ordens e Congregações Religiosas, que atuavam em favor dos imigrantes, mantiveram escolas. As escolas confessionais, masculinas e femininas, não podem ser classificadas como étnicas, mas tinham características culturais do país de origem da congregação (Luchese; Rech, 2014, p. 276).

Esse universo simbólico, marcado pela bandeira na escola católica, contribuiu para reforçar a memória de uma cultura “italiana”, que também é constitutiva da cultura escolar do Colégio Santo Antonio. Mais do que as lembranças de 1878, a bandeira traz à memória uma identidade que começava a se construir no Brasil, quando esses imigrantes/descendentes são rotulados de italianos. Quase 50 anos depois, o símbolo das origens de uma pátria específica, e não da comunidade vêneta de onde haviam saído, estava presente em Colombo.

A Igreja, em Colombo, era possuidora de um capital simbólico, legitimado pelas famílias imigrantes/descendentes. Essa relação católica e privatista, mesmo com a laicidade da República, estava em voga nos debates sobre a organização do Estado Brasileiro. Nesta relação simbiótica entre o público e o privado no Brasil, a escola católica de Colombo recebia subsídios públicos para contribuir com a educação

nacional, mas também modelar uma cultura escolar que estava envolta na comunidade, calcada no catolicismo e na etnicidade.

No comparativo com as outras escolas do centro da cidade, conforme os relatórios da Secretaria dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública, entre 1928 e 1931 (Paraná, 1928, 1929, 1930, 1931), foi possível perceber que, mesmo sendo oferecido o ensino público, as famílias escolhiam a escola confessional para os seus filhos. Esta instituição não contava mais com professoras italianas e, mesmo assim, tinha uma boa frequência, demonstrando que, acima da língua, o que fazia deste local uma escola requisitada era a cultura escolar que se associava ao catolicismo e, conseqüentemente, à etnicidade italiana.

Mais que uma disputa entre escola pública ou privada, havia uma convergência de interesses e dos modos como a família e o Colégio Santo Antonio trabalhavam juntos em torno da Igreja, na maneira como a instituição privada familiar era colocada em relevância pelo seu poder de escolha e pelo auxílio na legitimação de uma instituição de ensino particular, uma vez que:

No caso do projeto educacional dos católicos, pode-se afirmar que possuía como núcleo a temática da orientação religiosa, considerando-a em clara articulação com a visão do papel essencial da família na formação do indivíduo e de seu lugar inviolável na definição do modelo a ser seguido na educação dos filhos, aspectos, por sua vez, articulados com um outro ponto muito enfatizado nas formulações do grupo e que diz respeito às competências dos diferentes agentes educativos (Magaldi, 2003, p. 221).

Tal como afirma Escolano Benito, pode-se dizer que

O edifício-escola, como se sabe, serviu de estrutura material para colocar o escudo pátrio, a bandeira nacional, as imagens e pensamentos de homens ilustres, os símbolos da religião, algumas máximas morais e higiênicas, o campanário e o relógio... Isso expressa toda uma instrumentação da escola a serviço dos ideais nacionais, religiosos e sociomorais (Escolano Benito, 2001, p. 40).

Dos pilares culturais desses italianos/vênetos - catolicismo, costumes campestres e língua italiana (ou vêneta) -, o Colégio Santo Antonio, com as Irmãs Passionistas, talvez não tenha se envolvido diretamente com todos, mas pôde corresponder firmemente ao propósito religioso.

Os reflexos disso podem ser exemplificados no grande número de vocações colombenses que a Congregação Passionista teve a partir da década de 1920 até o ano de 1933, quando as mesmas deixaram Colombo. Foram 21 vocações, até o ano de 1933, de um total de 63 religiosas Passionistas, formadas no Brasil; isso representa que, um terço das religiosas Passionistas, era colombense. (Passionistas, 1920)

Sobre esse número expressivo de vocações, é possível observar uma ambiência bastante católica na cidade e a união da esfera familiar – de costumes campestres vêneta, trazendo uma identificação cultural e organização social envolta no catolicismo –, em conjunto com a esfera da Igreja – como instituição que poderia se utilizar dessas características para o recrutamento de pessoal, para trabalhar em prol dos seus preceitos –. Entre a reprodução familiar e a reprodução da Igreja, Seidl (2012) destaca a formação das vocações no contexto gaúcho, pela via de uma estrutura social agrária, que tem um contexto semelhante ao de Colombo, em que:

[...] dois outros aspectos são cruciais para a explicação do recrutamento sacerdotal: de um lado, a baixa probabilidade de acesso à escolarização além do ensino fundamental devido às deficiências de cobertura do sistema escolar secundário público e à impossibilidade de optar pelo ensino privado; e, de outro, uma alta valorização social da religião católica, de práticas religiosas e das profissões relacionadas à Igreja (Seidl, 2012, p. 245).

Neste primeiro momento de atuação das Irmãs Passionistas em Colombo, a saída delas ocorreu quando a instituição deixou de receber

financiamento público. Na Ata Histórica da Congregação, consta o seguinte registro: “Em 11 de novembro de 1933, foi decidido encerrar a casa de Colombo devido a dificuldades financeiras” (Passionistas, 1951-1978, p. 9). Além desses vestígios, tem-se a exoneração das Irmãs Faustina e Rafaela, em 1932, conforme a informação divulgada no jornal Correio do Paraná (1932, p. 3). Talvez esse fato tenha acentuado as dificuldades financeiras.

Ao refletir sobre essa fase inicial das Irmãs Passionistas, percebemos que a escola estava fundamentada nos princípios do catolicismo e consequentemente em uma identificação étnica italiana, mas também nas propostas da Congregação, as quais atraíram várias vocações. Essas vocações retornariam a Colombo em um novo momento de atuação da congregação na cidade, a partir de 1951.

O retorno das Irmãs Passionistas e o centenário da imigração italiana

O retorno das Irmãs Passionistas a Colombo marca o início de uma nova fase dessas religiosas nessa cidade, envolvendo a formação educacional e também o âmbito das vocações. Foi na volta delas que o Colégio Santo Antonio mudou de nome, passando a ser conhecido como Educandário Nossa Senhora do Rosário, fazendo alusão à Paróquia de Colombo, de mesmo nome.

Antes da reabertura oficial da escola, tendo novamente a coordenação das Passionistas, neste segundo momento, um longo processo aconteceu neste estabelecimento. Em 1935, dois anos após a saída das Irmãs, outra congregação feminina assumiu o Colégio Santo Antonio: as Irmãs de São José de Chambéry, de origem francesa, que ficaram à frente desta instituição até o ano de 1948. Com a saída destas religiosas, até o ano de 1950 a escola se manteve fechada e, nesse período, foram feitos pedidos para o retorno das Irmãs Passionistas a Colombo.

Novamente é pelo convite dos Padres Passionistas que se tem o retorno dessas freiras, em 1951, para coordenar o Educandário Nossa Senhora do Rosário, até os dias de hoje, atendendo, desde o seu início, meninos e meninas.

Na volta a essa cidade, diversas são as religiosas, filhas dos imigrantes da antiga colônia Alfredo Chaves, que vêm trabalhar na escola. Na chegada das Irmãs, na década de 1950, Colombo, com pouco mais de 6 mil habitantes (Colombo, 2011), ainda era fortemente marcada pela presença dos descendentes dos imigrantes italianos.

Em relação aos habitantes de Colombo, os relatórios do IBGE apontam que, no ano de 1968, o município era composto por mais de 13 mil habitantes (IBGE, 1968). Durante os anos de 1970, assim como o Estado do Paraná, a cidade tem uma taxa de crescimento bastante elevada. Especificando o fator populacional de Curitiba e Região, que culminou na criação da região metropolitana, o contexto paranaense exigia essa absorção para o desenvolvimento econômico, que nessa área enfatizava o industrial:

A industrialização como via de desenvolvimento para o Estado do Paraná foi o caminho seguido pelo governo estadual a partir da década de 1970. Neste período percebe-se que a sua principal fonte econômica, o café, produzido no Norte do Estado, estava em situação de declínio devido a fatores como a modernização da agricultura, oscilações de preço e constantes perdas de produção ocasionadas por fenômenos climáticos. Porém, o projeto de industrialização do Paraná ocorreu com maior intensidade na Região Metropolitana de Curitiba, devido a iniciativas políticas em conjunto, de um lado o governo do Estado e de outro a prefeitura de Curitiba (Niehues, 2014, p. 455).

Pela tabela apresentada pela Prefeitura Municipal de Colombo, apreende-se um crescimento exponencial na cidade, nas últimas décadas do século XX.

Tabela 1 – Evolução da população do Município de Colombo

ANO	POPULAÇÃO
1950	6331
1960	8719
1970	19258
1980	62881
1991	117767
2000	183329
2007	233916

Fonte: IPARDES, 1999 e Censos Demográficos do IBGE (*apud* Colombo, 2011, p. 10)

Com isso, o crescimento e mudança desse novo cenário, passariam a ser mais significativos a partir de 1978, período de recorte deste capítulo. Porém, da mesma forma que o contingente populacional do município aumentava, mesmo antes de 1978, a sede, local das famílias descendentes dos italianos/vênetos, mantinha-se isolada do crescimento de Curitiba.

Essa diferenciação é colocada pela Prefeitura Municipal como:

Ao sul está a população cuja chegada, considerada recente, ocupou a área de forma relativamente desordenada e tem fortes vínculos sócioeconômicos com o município de Curitiba, do qual é uma continuidade. A sede e a área rural, por sua vez, são fortemente marcadas por uma população tradicional cuja ocupação remonta o século XIX com a imigração italiana (Colombo, 2011, p. 10).

Essa sede, onde estava localizada a escola católica da cidade, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, era marcada ainda por uma ambiência bastante católica.

Talvez o diferencial das Irmãs Passionistas para a coordenação do Colégio novamente, tenha sido a visão em manter os dois braços da Congregação – masculino e feminino – incluindo o ramo educacional, na cidade, para a formação dos futuros religiosos Passionistas, uma vez que Colombo já tinha diversas vocações. Após a aceitação da Madre Anunciata, para este retorno, uma ampla reforma aconteceu na instituição, durante o ano de 1950.

Essa reforma era para um local com representações e tido como importante para legitimação dos ideais da Igreja, formação de religiosos e orientação da infância colombense pelos princípios do catolicismo. Essa percepção por um lugar é apontada por Vinão Frago:

Além disso, todo espaço é um lugar percebido. A percepção é um processo cultural. Por isso, não percebemos espaços, senão lugares, isso é, espaços elaborados, construídos. Espaços com significados e representações de espaços. Representações de espaço que se visualizam ou contemplam, que se rememoram ou recordam, mas que sempre levam consigo uma interpretação determinada (2001, p. 78).

Neste “lugar percebido”, de 1951 até 1978, organizou-se um levantamento, a partir da Ata da Casa das Irmãs Passionistas, do nome das possíveis religiosas que passaram por esta instituição. A partir desses dados, buscaram-se, no livro de entrada da congregação, mais informações sobre essas religiosas³, para saber a origem delas. (Passionistas, 1920).

Novamente percebe-se que, para o desenvolvimento dos ideais educacionais, o educandário não contou com a atuação de religiosas italianas, porém um diferencial deste segundo momento é a presença de descendentes de italianos, das quais muitas eram provenientes da comunidade colombense⁴, trazendo experiências diferenciadas, mas com possível proximidade com a cidade.

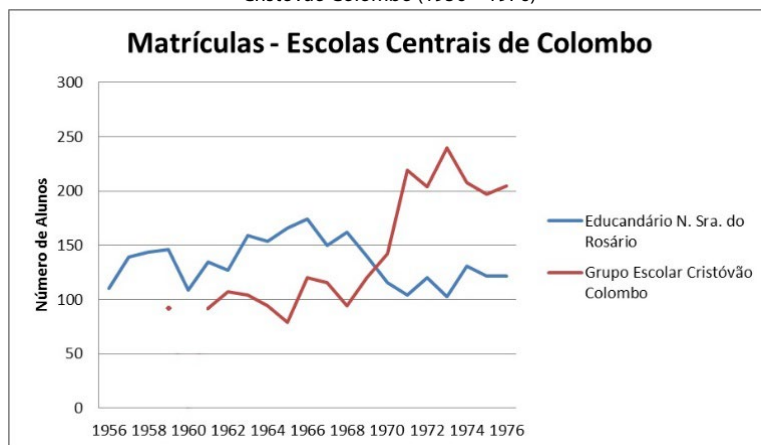
Talvez essa aproximação étnica tenha permitido que a instituição mantivesse uma média superior a 100 estudantes. A partir dos livros de matrículas e registros dos exames finais, foi possível determinar os

³ Não foi possível encontrar todas as religiosas, cujos nomes são citados em Ata. Em alguns casos, encontrou-se o mesmo nome para duas ou mais freiras, não sendo possível identificar qual delas passou pelo Educandário.

⁴ Foram registradas sete religiosas provenientes de Colombo e uma da Colônia Faria, que também faz parte do município.

números entre os anos de 1956 e 1976. Fez-se a comparação com a frequência do Grupo Escolar Cristóvão Colombo, criado em 1953, e alocado também no centro da cidade.

Gráfico 1 – Número de alunos do Educandário Nossa Senhora do Rosário e Grupo Escolar Cristóvão Colombo (1956 – 1976)



Fonte: Livro de Matrículas (Passionistas, 1957 – 1965), Livro de Matrículas (Passionistas, 1966 – 1972), Registro de Visitas e Exame Final (Passionistas, 1951 – 1976), Matrícula Geral 1-10 e 2-9 (Colombo, 1961 – 1967), Ata de Exames (Colombo, 1970 – 1975; Colombo, 1949 – 1959).

Pelo número de alunos, infere-se que a instituição ainda mantinha um grande prestígio na comunidade, tendo mais alunos que o Grupo Escolar, até a década de 1970. Além disso, mais do que o apoio dos Padres Passionistas e comunidade colombense, o Educandário Nossa Senhora do Rosário contou novamente com subsídios públicos para o seu funcionamento, uma vez que a prefeitura, em parceria com o Estado, mantinha algumas turmas nas quais poderia se estudar gratuitamente. O reflexo desse auxílio pode ser apreendido no menor número de alunos no Grupo Escolar de Colombo durante as décadas de 1950 e 1960, uma vez que os pais poderiam optar por um ensino católico e gratuito (ou de baixo custo).

Pelo gráfico 1, percebe-se uma pequena queda, a partir de 1969, quando tem-se a diminuição dos subsídios. Além dessa subvenção, que mantinha alunos “grátis” e professores na escola, a esfera política local estava presente em festas realizadas no Educandário. Essa aproximação, fosse por subsídios educacionais ou participação em festas, possibilitou que, em 1959, a Prefeitura Municipal auxiliasse nas questões de infraestrutura para a casa das Irmãs, pois: “O Sr. Prefeito Municipal, Sr. Gabriel Anúncio Strapasson prontificou-se em oferecer pela prefeitura, os paralelepípedos necessários para o calçamento da entrada para carro” (Passionistas, 1951-1978, p. 7-8).

Por ser uma escola pensada e administrada pela Igreja Católica, o Educandário jamais foi um espaço neutro, uma vez que “ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam” (Viñao Frago, 2001, p. 64). Com isso, a preocupação com a religiosidade foi uma constante apresentada na Ata da Casa das Irmãs, refletida na formação e recrutamento de vocações, o que justifica o interesse e a insistência do Padre Ângelo em ter as Passionistas à frente da educação naquela cidade; desse modo, haveria mais chances de fortalecer a congregação pelas vocações ali formadas. Consultando o registro de entrada (Passionistas, 1920), nota-se que, com a saída das Passionistas de Colombo, a cidade continuou tendo vocações, e das 117 formações religiosas desta Congregação no Brasil, entre 1934 e 1950, 11 eram providas dela. No retorno das Irmãs, em 1951, até o ano de 1969, em que se teve acesso aos registros, foram 38 vocações colombenses, de um total de 229 religiosas Passionistas formadas. A partir da década de 1970, até 1978, foi localizada apenas uma vocação de Colombo, no livro “O Berço do Mundo” (Azevedo; D’Agostin; Fiorese, 2006), que cita as biografias dos religiosos desse município. Os números apresentados

resultam em mais de 70 vocações colombenses para as Irmãs Passionistas, da chegada das mesmas ao Brasil, até 1978.

Além das vocações, é possível demarcar uma relação imbricada entre cultura escolar e as culturas produzidas pelas experiências da comunidade em Colombo, marcadas pelas festas. Essas práticas demonstram que,

As comemorações e esquecimentos, as escolhas feitas e como executá-las constituem toda uma apropriação do passado com um sentido determinado. Não se comemora porque sim ou em abstrato, mas a partir de um espaço e um tempo específicos e com vista e propósitos identificáveis. Isto, implica uma certa visão dos processos e eventos históricos e não outra. Por um lado, o comemorado se considera digno de tal; quer pelo caráter positivo e benéfico ou caráter simbólico ou exemplar se foi realizado por membros do grupo que comemora, bem por execrável se foi feito por membros de outro grupo que se opõe àquele que lembra⁵ (Viñao Frago, 2011, p. 38).

Ou seja, buscava-se enfatizar aquilo que era importante para o grupo e essas escolhas tinham as referências de visão de uma congregação. Comemorava-se o que era positivo, o que rememorava uma identificação daqueles sujeitos, para se ter a participação deles.

Nessa interação entre escola e comunidade, uma das festas mais tradicionais de Colombo contou com a colaboração do Educandário: a Festa da Uva, que teve seu início no ano de 1959, pela iniciativa da Igreja, como forma de preservação e benefício aos agricultores dessa cidade.

Com esse evento, a Igreja demarcava seu local em uma ambiência religiosa, de experiências étnicas católicas, tendo o auxílio das Irmãs;

⁵ *Las conmemoraciones y olvidos, las opciones tomadas y la manera de efectuarlas constituyen toda una apropiación del pasado con un sentido determinado. No se conmemora porque sí ni en abstracto, sino desde un espacio y un tiempo concretos y con unas miras y unos propósitos identificables. Ello implica una determinada visión de los procesos y acontecimientos históricos y no otra. Por de pronto lo conmemorado se considera digno de tal; bien por positivo y beneficioso o por su carácter simbólico o ejemplar si fue efectuado por miembros del grupo que conmemora, bien por execrable si fue realizado por miembros de otro grupo contrapuesto a aquel que rememora.*

mas também contava com o apoio da Prefeitura que se utilizava desse evento, para um movimento econômico e político. Em um estudo sobre a instituição de uma identidade italiana entre os imigrantes na região Sul, Falcão (2005) atenta para o movimento dessas manifestações culturais, na marcação de processos de identificação, a partir de festas desse estilo.

Além disso, esta região vem sendo palco de manifestações recorrentes que visam instituir perfis identitários para cidades (onde instituições públicas e privadas investem fortemente na indústria do turismo e do lazer mediante festas “típicas” ou “folclóricas”), para grupos sociais (cujos componentes procuram se definir como “açorianos”, “alemães”, “italianos”, ou ainda “trentino-italianos” nascidos no Brasil), ou para movimentos culturais e mesmo articulações políticas de âmbito regional (Falcão, 2005, p. 56).

Dentre outras comemorações que o Educandário e as Irmãs Passionistas participavam com as crianças, havia os desfiles cívicos em setembro. Porém, desses desfiles, o que mais chamou atenção, foi o do ano de 1978.

-Nossa escola movimentou-se em grande atividade na preparação do desfile cívico em comemorações a Semana da Pátria, que se deu no dia 3 de setembro. Nesta oportunidade foi salientado o Centenário da Imigração Italiana a quem Colombo deve tanto, pois foram laboriosos, que implantaram neste solo a semente da colonização que conserva ainda hoje tantos de seus costumes e peculiaridades. Não só nossa escola homenageou com sua alegoria apresentando um grupo com as bandeiras brasileira e italiana, trajes típicos do Vêneto, Lácio, Nápoles e Florença⁶, ainda, uma carrocinha dos primeiros tempos dirigida pelo Senhor Angelo, digo Joanin Lovato, descendente dos 1^{os} imigrantes, mas também todas as escolas homenagearam a data com temas alusivos ao centenário.

- Foi uma linda festa que nem a neblina não fez diminuir o entusiasmo dos participantes (Passionistas, 1951-1978, p. 49).

⁶ Nas representações desses locais em específico, acredita-se que a referência ao Vêneto seja pela descendência das famílias colombenses, a Lácio por ser o berço de origem dos Padres Passionistas e a Florença por indicar o início das atividades das Irmãs Passionistas.

Abaixo, segue o registro fotográfico desse momento:

Figura 2 – Desfile Cívico (1978)



Fonte: Acervo iconográfico do Colégio Passionista Nossa Senhora do Rosário.

Essa identificação com o ser italiano foi um processo comum, nas colônias de imigrantes, na década de 1970, em comemoração ao centenário da imigração:

De acordo com isto, torna-se imprescindível refletir sobre os percursos através dos quais um modo de formação e educação bastante singular favoreceu uma mentalidade que tornou possível e legítimo, para descendentes de imigrantes europeus do século XIX, descobrir-se italiano no Brasil passadas três ou quatro gerações, dando margem a tentativas de resgatar, o que se supõe a verdadeira cultura dos ancestrais [...]. Mais ainda, importa conhecer os motivos e os meios que induzem milhares de indivíduos, mobilizados por tais imagens, a transitarem de tirolezes, vênnetos, lombardos etc., para italianos [...] (Falcão, 2005, p. 66-67).

Na provocação de Falcão (2005), sobre a identificação com o ser italiano, tomando o caso de Colombo, podem-se associar as questões de diferenciações, impostas pelas características étnicas, que tiveram o

apoio da Igreja e, consequentemente, da escola católica, que era um braço dela.

Atentando para essa construção de uma identidade, amparada no étnico, Poutignat e Streiff-Fenart (2011), baseado nas pesquisas de Glazer (1954) e Hansen (1938), comentam sobre os

[...] grupos étnicos como “nações fantasmas” e a célebre “lei de Hansen” (daquilo que o filho quer esquecer, o neto quer se lembrar), estabelecendo que uma identidade étnica dos imigrantes tende a ser rejeitada na segunda geração mas revitalizada na terceira, já apontava para uma identificação deste tipo de fenômeno (Poutignat; Streiff-Fenart, 2011, p. 71).

Neste processo, possivelmente o reconhecimento que os colombenses visavam era o ser católico, voltado à família e ao trabalho no campo, mas de origem “italiana” e, nisso, a congregação Passionista contribuiu. Se a identidade italiana foi forjada, ela é muito própria de cada lugar; em algumas colônias pode ter sido pelo trabalho, em outras pelas associações de mútuo socorro. Em Colombo, esses elementos apareceram, porém a mais evidente nesta identidade foi a Igreja, que tinha como extensão uma instituição de ensino, com sua cultura escolar impregnada de catolicismo.

Na trajetória da história do município de Colombo, as novas gerações de descendentes de imigrantes que, em um novo local, vão desenvolver e formar características de uma italianidade, que não será igual a de seus antepassados, já que “de forma muito convincente como o que denomina ‘a etnicidade simbólica’ da terceira e da quarta gerações tem apenas pouca coisa a ver com a realidade cotidiana da vida social étnica que era a dos primeiros imigrantes” (Poutignat; Streiff-Fenart, 2011, p. 76-77). Além disso, no pluralismo “o hífen que torna o indivíduo um ítalo-americano não o transforma em um meio-americano mas representa a própria essência da americanidade” (Poutignat; Streiff-

Fenart, 2011, p. 73). Dentro deste universo, entre Brasil, Itália e Colombo, as figuras religiosas tiveram a sua marca na história, Prefeitura Municipal, festas étnicas, escolas, comunidade, caminhos que não são uma via de mão única, que trazem uma essência plural do ser ítalo-colombense.

Considerações Finais

As ações de congregações religiosas encontraram espaço para desenvolvimento no continente americano por diversas vias. Dentre as principais, se destacam o atendimento educacional e a assistência religiosa aos imigrantes que desembarcavam de forma exponencial no Brasil, a partir do século XIX. Essas vias eram estratégias da Igreja para a legitimação do seu campo de poder, em um período que se tinha, pelo menos em tese, a separação do Estado e da Igreja.

A respeito da atuação em Colombo, tem-se a convergência de interesses de uma Igreja que buscava legitimação, de uma congregação que visava se desenvolver, e de uma comunidade que trazia experiências étnicas de identificação com a família, os costumes campestres, mas principalmente, com o catolicismo. A união desses três setores culminou na criação da escola católica de Colombo.

Com as Passionistas, entre 1927 e 1933, a principal mudança no Colégio foi que, mesmo sendo esta congregação de origem italiana, na escola não se teve nenhuma religiosa dessa etnia e nem qualquer subvenção da Itália, mesmo que na chegada delas se tenha registrado o uso da bandeira do Reino da Itália. Pelo contrário, as professoras da instituição recebiam subvenção federal, que em plena discussão sobre o nacionalismo, era uma das vias utilizadas pelo Estado para homogeneização das escolas, tendo como foco a unidade nacional.

Neste contexto, as Irmãs se posicionaram conforme lhes era mais conveniente, encontrando um local legitimado por características étnicas de identificação pela religião, mas que atuavam de acordo com os preceitos estatais, ensinando em língua portuguesa e participando de desfiles cívicos, por exemplo. A mudança de coordenação do Colégio das Irmãs do Sagrado Coração, que lecionavam em italiano, para as Passionistas, não trouxe queda nas matrículas. Isso demonstra que, mais importante do que a presença de uma educação italiana, o que legitimava a escola era o catolicismo, um dos pilares culturais desses sujeitos.

No retorno das Irmãs a Colombo, algumas continuidades foram percebidas, como a proeminência da cidade em formar vocações; e os subsídios públicos para essa instituição de ensino privada. Isso permitiu que, até a década de 1970, o Educandário mantivesse um número de alunos superior ao Grupo Escolar da cidade, legitimado pelo poder de escolha das famílias, descendentes dos imigrantes que fundaram a antiga colônia, e que ainda traziam as experiências de uma identificação católica.

Na segunda metade do século XX, Colombo teve um crescimento considerável, porém, a sede da cidade, onde está localizado o Colégio, manteve-se afastada desse aumento populacional, que era periférico, sendo uma extensão de Curitiba. Sendo assim, na região central, permaneceram muitas das famílias descendentes e se manteve a ambiência católica.

Na união entre a Igreja, que contou com a colaboração das Irmãs Passionistas, e a Prefeitura, nasceu a Festa da Uva, composta inicialmente por valores católicos e camponeses, mas que tomou características turísticas e econômicas, associando a cidade de Colombo à uva, ao vinho e aos descendentes italianos. Interessante ressaltar que

essa caracterização se deu justamente quando a periferia da cidade aumentava de forma exponencial e o contingente de descendentes era menor que a população que se instalava próxima a Curitiba, mas mantinha relação geográfica com Colombo. Talvez essa fosse a tentativa de projetar a cidade, como símbolo de uma italianidade inventada, para fins políticos e econômicos, bem como uma identificação que começava a ser construída por essa quarta geração, tendo como base um país de origem, e não mais apenas uma região. Essa identificação com o ser italiano foi um caminho feito por outras colônias, na segunda metade do século XX, em comemorações ao centenário da imigração, em que estes sujeitos se descobriram italianos no Brasil, naquilo que se acredita ser uma cultura dos antepassados.

Essa comemoração aconteceu em Colombo, no ano de 1978, contando com a participação do Educandário, em uma homenagem a esta imigração “italiana”. Percebe-se, nessa trajetória, a elaboração de uma identificação, com grande contribuição da cultura escolar, pelas Irmãs Passionistas, em uma cidade marcada pela forte influência do catolicismo.

Referências

- AZZI, Riolando. **A igreja e os migrantes**. São Paulo: Paulinas, v. I, 1987.
- CASELLATO, Alessandro. Identità Veneta. Appunti per una genealogia. **Materiali di Storia**, Padova, n. 23, p. 94 – 108, novembre/2002.
- COLOMBO. **Caminhos para uma cidade sustentável**. Prefeitura de Colombo. 2011.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. Arquitetura como programa. Espaço – escola e currículo. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín (org.). **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. Edição – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

- FALCÃO, Luiz Felipe. Brasileiros e italianos: reflexões sobre a instituição de uma identidade italiana no Brasil contemporâneo. In: RADIN, José Carlos (org). **Cultura e identidade italiana no Brasil: algumas abordagens**. Joaçaba: UNOESC, 2005. p. 55 – 74.
- KREUTZ, Lúcio. Identidade étnica e processo escolar. **Cadernos de Pesquisa**, nº 107, p. 79 – 96, julho/1999.
- LENZENWEGER, Josef et al. **História da Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- LUCHESI, Terciane Ângela; RECH, Gelson Leonardo. O processo escolar entre imigrantes italianos e descendentes no Rio Grande do Sul (1875 – 1914). In: LUCHESI, Terciane Ângela (Org). **História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2014. Cap. 9, p. 255 – 281.
- MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. A quem cabe educar? Notas sobre as relações entre a esfera pública e a privada nos debates educacionais dos anos de 1920 – 1930. **Revista Brasileira de História da Educação**. Nº 5, jan./jun. 2003. p. 213 – 231.
- NIEHUES, Leandro Garcia. A industrialização do Paraná: abordagens de um processo de desenvolvimento concentrado. **Geographia Opportuno Tempore**, v. 1, 2014. p. 454 – 466.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. 2 ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- SEIDL, Ernesto. Sociologia da Vocação Religiosa: reprodução familiar e reprodução da Igreja. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, nº 29, jan./abr. 2012. p. 240 – 272.
- SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890 – 1910)**. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1988.
- VIÑAO FRAGO, Antonio. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín (Org). **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VINHAO FRAGO, Antonio. Memoria, patrimonio y educación. **Revista História da Educação - RHE**, Porto Alegre, v. 15, n. 14, p. 31-62, jan./abr. 2011.

Fontes

AZEVEDO, Marcos Leite; D'AGOSTIN, Anadir; FIORESE, Maria Luiza. **Do berço ao mundo sob o olhar de Maria: vocações religiosas e presbiterais em Colombo**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

COLOMBO. **Ata de Exames**. Grupo Escolar Cristóvão Colombo. 1949 – 1959.

COLOMBO. **Matrícula Geral 1-10 e 2-9**. Grupo Escolar Cristóvão Colombo. 1961 – 1967.

COLOMBO. **Ata de Exames**. Grupo Escolar Cristóvão Colombo. 1949 – 1959.

COLOMBO. **Matrícula Geral 1-10 e 2-9**. Grupo Escolar Cristóvão Colombo. 1961 – 1967.

CORREIO DO PARANÁ. **No Palacio Rio Branco**. Curitiba, 10 de mai de 1932.

IBGE. **População, área e densidade demográfica dos municípios, por Unidades da Federação**. Censo, 1968.

PARANÁ. **Relatório da Secretaria dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública**, 1928.

PARANÁ. **Relatório da Secretaria dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública**, 1929.

PARANÁ. **Relatório da Secretaria dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública**, 1930.

PARANÁ. **Relatório da Secretaria dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública**, 1931.

PASSIONISTAS. **Elenco das Religiosas**. Acervo da Província São Gabriel da Virgem Dolorosa, 1920.

PASSIONISTAS. **Histórico da casa**. Colombo/PR. 1951-1987.

PASSIONISTAS. **Registro de Visitas e Exame Final**, 1951-1976.

PASSIONISTAS. **Livro de Matrículas**, 1957-1965.

PASSIONISTAS. **Livro de Matrículas**, 1966-1972.

2

AS VIAGENS REALIZADAS POR MADRE CRISTINA SODRÉ DORIA COMO DISPOSITIVOS DE LEGITIMAÇÃO INTELECTUAL

Laís Bandeira Briski

Introdução

O presente capítulo é resultante de uma pesquisa de mestrado que se insere no campo da educação, especificadamente no que se refere à história da educação, cuja característica implica na busca da compreensão das ações humanas enquanto fruto de seu tempo, considerando que tais ações influem no próprio período.

Ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural, buscou-se acompanhar, conforme explicam Fonseca e Veiga (2008, p. 61), “a mudança no perfil da pesquisa em História da Educação”. A História Cultural trouxe consigo a possibilidade do “estudo dos comportamentos coletivos, das sensibilidades, das imaginações, dos gestos a partir de objetos precisos, tais como os livros ou as instituições de sociabilidade, incluindo a escola” (Fonseca; Veiga, 2008, p. 53).

Também possibilitou que a vida de sujeitos ofuscados na história se tornasse objeto de pesquisa, como o caso de: as crianças, os negros, as mulheres, pobres, estrangeiros, índios, dentre outros.

Destaque aqui para as mulheres, tendo em vista que neste texto buscou-se conhecer a trajetória de uma intelectual brasileira, cujo nome de nascimento era Célia Sodré Doria, mas que ao longo da vida tornou-se mais conhecida como Madre Cristina Sodré Doria. Utilizaremos o nome pelo qual ficou socialmente reconhecida e por ter sido a identidade assumida depois dos votos.

Segundo Perrot (2007, p. 16), “as mulheres ficaram muito tempo fora do relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal”. Olhar para as mulheres, trazendo-as para dentro dos acontecimentos foi o que pretendemos fazer neste texto.

A mulher, sujeito desta pesquisa, nasceu no dia sete, do mês de outubro do ano de 1916, em território brasileiro, especificadamente no município de Jaboticabal, considerado como região metropolitana de Ribeirão Preto, que por sua vez pertence ao estado de São Paulo.

Madre Cristina passou sua infância e adolescência na convivência de seus familiares, sendo sua mãe Guimar Sodré Doria e seu pai Pedro Doria. Tinha cinco irmãs, sendo a mais velha delas.

Sobre seus avós, era neta de Cândido Doria e Christina Sampaio Doria, por parte de pai, e de José Paulo de Azevedo Sodré e Izabel Alves Sodré, por parte de mãe.

Atribui-se que parte de sua formação humana foi influenciada também pela convivência com seu tio Antônio Sampaio Doria, que atuava no campo da educação e da psicologia, chegando mesmo a ser “autor de uma das reformas educacionais do Estado de São Paulo” (Carvalho, 2011). Neste contexto, percebe-se o ambiente que propiciou uma aproximação da madre em relação à educação e psicologia desde os anos iniciais de sua vida.

Já sua formação a nível acadêmico, em maior parte foi realizada com a frequência em aulas no Colégio Santo André, situado na cidade de Jaboticabal. Entretanto, sabe-se que foi também aluna interna do Colégio Des Oiseaux, administrado pela Cônegas de Santo Agostinho, e símbolo de prestígio e distinção social na capital paulista (Perosa, 2006, p. 90).

Em 1935 concluiu o curso de Magistério e na década de 1940 graduou-se em Pedagogia com complemento em Filosofia, além de Ciências Religiosas, pelo Instituto Superior de Pedagogia, Ciências e Letras. Este instituto, era por sua vez, uma extensão do Colégio Des Oiseaux.

Nesta mesma década de 1940, efetivou seus votos religiosos tomando como instituição a Congregação das Cônegas de Santo Agostinho, foi onde passou a adotar o nome de Cristina, ficando conhecida como Madre Cristina.

A entrada no cenário religioso católico, no Brasil, entre 1930 e 1940, foi uma alternativa estratégica para muitas mulheres que pretendiam ocupar um espaço na cena pública e com alguma intervenção social. Por outro lado, segundo Mueller (2015, p. 259), o campo religioso “vinha se organizando no sentido de reivindicar a ampliação de seu espaço na sociedade brasileira [...] estimulando a organização de católicos ativos para intervir na sociedade, fortalecendo as demandas políticas da Igreja diante do Estado”. Endossar maior engajamento das mulheres na sociedade era estratégico para a Igreja e conveniente para as mulheres.

Madre Cristina dedicou-se ao magistério superior, ministrando aulas para o curso de pedagogia, chegando a concorrer e receber a regência efetiva da cadeira de Psicologia Educacional, na área de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae. Em meados da década de 1970, passou a focar sua intervenção em prol da defesa dos Direitos Humanos, participando de variados movimentos sociais. Sua atuação parece apresentar um caráter de política partidária mais evidente neste momento.

Foi nesse período também que fundou seu próprio instituto, nomeado de Instituto *Sedes Sapientiae*, que vigora até os dias atuais no estado de São Paulo, com vistas a promover o conhecimento sobre Psicologia.

No curso de sua vida, relevante tornam-se também as viagens a nível regional e internacional que realizou, como dispositivos de legitimação intelectual e de disseminação de seus discursos atrelados aos projetos nos quais esteve engajada, como sinalizam os jornais da época.

Madre Cristina também publicou livros que se tornaram referência, tais como: *Psicopatologia* (1958), *Psicologia Científica Geral* (1960), *Psicologia Educacional* (1961), *Amor, sexo e segurança* (1967), *Educando nossos filhos* (1968), *Psicologia do Ajustamento Neurótico* (1974), e dentre outros relacionados à Psicologia, Pedagogia e educação das famílias, principais frentes de atuação até os anos de 1970.

Ao final de sua vida, ainda esteve ligada a atividades de seu instituto, entretanto, em 1997, seu estado de saúde agravou-se e Madre Cristina falece em São Paulo, onde morava. Na perspectiva de Bourdieu (2006, p. 190), não se deve considerar a vida como uma mera sucessão de acontecimentos históricos, mas sim contemplá-la na dinamicidade das relações estabelecidas pelo sujeito.

Compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (Bourdieu, 2006, p. 190).

Longe de se considerar a vida de Madre Cristina como sequência de fatos, buscamos interpretá-la a partir de suas permanências e descontinuidades. Compreendemos que sua atuação perpassou diferentes momentos históricos e demandas sociais, entretanto, neste artigo o foco será mantido nas viagens como dispositivos de legitimação intelectual.

Consideramos Madre Cristina como intelectual, tomando como ponto de partida sua formação intelectual e seu engajamento em

projetos de intervenção social e política. Sobre isso explana Sirinelli (2003, p. 248) “que o intelectual é aquele que se apresenta envolto em um projeto político, produtor e mediador cultural engajado”.

Considera-se, então, que as viagens possivelmente foram dispositivos que a legitimaram como intelectual, inclusive por viabilizarem seu engajamento em ações no social e favorecerem o estabelecimento de redes de sociabilidades¹.

As viagens realizadas de madre Cristina Sodré Doria como dispositivos de legitimação intelectual

A vida de Madre Cristina Sodré Doria foi permeada por viagens, a nível nacional e internacional. Uma quantidade expressiva de mulheres viveu esse processo e fizeram usos de viagens como tática de legitimação, revelando a representatividade desse trânsito para tantas intelectuais².

No caso da Madre, identificou-se que, em 1959, participou de dois estágios, sendo um deles no Hospital de “Camp”, localizado na França e o outro estágio realizado no Hospital de “Rives Prigens”, na Suíça.

Já no ano de 1962, instigada a estudar, não se sabe ao certo quais temáticas devido à escassez de fontes, realizou uma viagem para vários países da Europa, sendo a Bélgica um deles. Acrescenta Baptista (2001, p. 18) que lá, além de estudar, ela ministrou um curso de Psicologia e Psicopatologia para Universitários.

¹ Segundo Sirinelli (2003, p. 248), o conceito de rede de sociabilidade compreende: “estruturas elementares da sociedade que compõem o meio intelectual”, nas quais interpenetram-se os laços afetivos e ideológicos. Sirinelli entende que tanto as relações de poder, quanto os aspectos ideológicos e efetivos interpenetram o campo intelectual, assim como as redes de sociabilidade”.

² Basta considerar outros estudos que seguem neste mesmo sentido, como as pesquisas desenvolvidas no campo da História da Educação, por exemplo, pelos impressos *Viagens Pedagógicas* (Mignot; Gondra, 2007) e *Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas* (Silva; Orlando; Dantas, 2015), que deram visibilidade às viagens realizadas por mulheres, especialmente com destaque para as viagens de educadoras.

Já no ano de 1972, retornou a Paris para dar continuidade a seus estudos, porém não há maiores informações sobre esse período, o que deixa uma lacuna sobre as intencionalidades desta viagem.

No Brasil, as possibilidades de formação após a conclusão da graduação em Psicologia eram ainda escassas, levando quem podia a buscar conhecimentos no exterior. Esse movimento é explicado por Cardoso (2015, p. 48), a qual afirma que a situação educacional do país tornava forçoso o deslocamento para a Europa e aos Estados Unidos, caso desejassem uma formação mais específica e especializada. O que também a tornava distintiva.

É importante destacar que, nesse movimento, Madre Cristina não apenas se apropriou dos saberes e da cultura desses países onde esteve, mas levou saberes elaborados a partir da experiência educacional brasileira e da cultura nacional para além-mar, impulsionando o movimento de circulação de ideias e modelos pedagógicos e culturais.

Madre Cristina encontrou, no cenário internacional, um lugar de circulação, de aprendizado e de formação de vínculos. A escolha por estes países certamente não foi aleatória. Eram lugares onde muitas teorias de variadas áreas estavam a se desenvolver no campo da Pedagogia e da Psicologia.

Não se pode deixar de apontar que a França era a matriz das Cônegas de Santo Agostinho, mesmo que no Brasil as primeiras irmãs tivessem vindo da Bélgica. Ambos os países foram fortes influências para a Pedagogia Católica em consonância com a Psicologia, portanto, muitos dos cursos e estágios que a madre fez nesses dois países foram mediados pela própria congregação, da qual fazia parte.

Considerando a hipótese de que teria a madre viajado para diferentes países em busca de conhecimento, dentre os quais podem aqueles ligados à Psicologia, é possível inferir que a experiência internacional tenha lhe

propiciado o contato com livros, autores e ideias ainda pouco difundidos em território brasileiro. Sobre isso, sabe-se ainda que,

A farta produção de ideias, particularmente no interior da Medicina e da Educação, gerou condições e demandas para a busca dos conhecimentos que vinham sendo produzidos no exterior. Nessa época já era fato a condição da Psicologia como ciência autônoma, onde a França, Alemanha e Estados Unidos já se constituíam como produtores profícuos de pesquisas em Psicologia, assim como várias perspectivas teóricas desenvolviam-se e ampliavam-se. Nesse panorama de rico desenvolvimento da área, essas ideias começaram a penetrar no Brasil, principalmente trazidas por brasileiros que iam estudar no exterior ou por estrangeiros que vieram ao país ministrar cursos (Massimi; Guedes, 2004, p. 112).

Enquanto a psicologia se desenvolvia no Brasil, e precisava de disseminadores para isso, a Madre foi se constituindo *expert*, um tipo de intelectual especialista em determinada área, o que possibilitou afirmar um lugar próprio nesse campo.

Em seus relatos, referia que suas leituras eram voltadas para a Psicanálise de Freud³: “quase não existiam livros de Psicologia [...] eu lia muito, os meus autores de cabeceira eram Marx e Freud. Eu lia dezoito horas por dia, mas era pouco” (Doria *apud* Baptista, 2001, p. 74).

Chartier (1996, p. 50) explica esse movimento a partir do conceito de apropriação, segundo ele não seria apenas uma assimilação passiva

³ Sobre a teoria da psicanálise desenvolvida na perspectiva Freud, apontam Bock, Furtado e Teixeira (2001, p. 70): o termo psicanálise é usado para se referir a uma teoria, a um método de investigação e a uma prática profissional. Enquanto teoria, caracteriza-se por um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da vida psíquica. A Psicanálise, enquanto método de investigação, caracteriza-se pelo método interpretativo, que busca o significado oculto daquilo que é manifesto por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias, como os sonhos, os delírios, as associações livres, os atos falhos. A prática profissional refere-se à forma de tratamento — a Análise — que busca o autoconhecimento ou a cura, que ocorre através desse autoconhecimento. Atualmente, o exercício da Psicanálise ocorre de muitas outras formas. [...] A Psicanálise também é um instrumento importante para a análise e compreensão de fenômenos sociais relevantes: as novas formas de sofrimento psíquico, o excesso de individualismo no mundo contemporâneo, a exacerbação da violência etc.

de ideias, mas um ocupar-se, apanhar para si um objeto cultural ou intelectual e construir sua própria leitura do material.

Nesse sentido, tendo lido Freud e outros autores questionáveis por uma parte da hierarquia religiosa, Madre Cristina Sodré Doria pode ter incorporado à sua prática referenciais de diferentes matrizes, produzindo para si uma leitura própria da psicanálise e do social.

A circulação de Madre Cristina no exterior, além de lhe trazer conhecimento dos quais apropriou-se, também lhe gerou reconhecimento social. Popularizou-se no Brasil e tornou-se conhecida nos países estrangeiros.

Suas viagens foram difundidas e valorizadas na imprensa como mostra o *Jornal do Dia* (1960, p. 04, Ed. 3986)⁴, notadamente, aquelas realizadas para a Europa e para os Estados Unidos,

Santa Maria, 10 (por Edwardo Nogueira) – Realizou-se de 5 a 9 de julho passado, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras <Imaculada Conceição>, um curso de Extensão, sobre Psicologia. O Curso foi ministrado pela Reverenda Madre Cristina Maria – Célia Sodré Doria – das Cônegas Regulares de Santo Agostinho, professora Catedrática de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia <*Sedes Sapientiae*> da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que veio especialmente para atender ao convite da Direção da Faculdade de Filosofia local. A ilustre mestra defendeu tese sobre <Psicodinamismo do ajustamento da Personalidade> e publicou duas obras – Psicologia Científica Geral e Psicologia – que tem prestado relevantes serviços às Cadeiras de Psicologia de várias Faculdades de nosso País. Fez viagens de estudos à Europa e aos Estados Unidos [...]. (*Jornal do Dia*, 1960, p. 08, Ed. 04009)

Com as notícias reportadas em jornais, como ilustrado acima, sobre as viagens da Madre associando-a com adjetivos como “ilustre

⁴ Viagens de caráter oficial ou particular realizadas por educadores com a intenção de se aproximar de políticas educacionais e práticas pedagógicas inovadoras (Mignot; Gondra, 2007, p. 30)

mestra”, a imprensa desempenhou papel relevante não apenas em sua projeção como em sua distinção no campo intelectual.

Sua circulação internacional, tornada ainda mais relevante pela imprensa, lhe conferia certa distinção intelectual junto aos seus pares, lhe conferindo um lugar próprio, legitimado no campo da produção de conhecimento.

Como mencionado anteriormente, as viagens foram estratégias usadas por outras mulheres. Acrescenta Mignot e Gondra (2007, p. 250) que as viagens de estudo ao exterior começavam a atrair mais fortemente as mulheres, pela oportunidade de conhecer e de se fazer conhecer.

Importa saber que existiu um fator relevante que favoreceu certamente os deslocamentos de Madre Cristina: o fato de possuir domínio de outros idiomas, o que era comum às moças de seu grupo social, e foi essencial para que a madre pudesse percorrer todos esses países estrangeiros.

Segundo Baptista (2001, p. 18),

Sua desenvoltura com as línguas é explicitada por seus parentes: o francês era aprendido desde cedo nas escolas, e o inglês ela desenvolveu a partir da época em que veio para São Paulo morar na casa de uma parente nas proximidades do *Sedes Sapientiae*. Ela ia para a escola todos os dias a pé acompanhada de uma vizinha que falava muito bem o inglês, durante todo o percurso iam conversando nesta língua para que ela pudesse ir treinando.

Entretanto, suas viagens não foram apenas para o exterior e não tiveram apenas o foco em sua formação. Parte delas foi destinada à atuação profissional em diferentes regiões do Brasil. As notícias transmitidas pelos jornais comprovam seu deslocamento para ministrar cursos. Madre Cristina circulou por vários estados brasileiros, com maior ênfase no Paraná, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Esse

trânsito lhe conferia cada vez mais um lugar de autoridade, conforme explica Cardoso (2011, p. 15),

A viagem é um fator de distinção, pois há uma diferença entre aqueles que podem comprovar daqueles que apenas ouviram ou leram. Conhecer *in loco* experiências culturais, sociais, educacionais ou políticas de um país pode conceder ao viajante um lugar de autoridade, sendo lhe permitido falar, escrever e comparar o presenciado.

Seus cursos eram noticiados pela imprensa, o que aumentava sua visibilidade. Anúncios como o que segue abaixo, publicado pelo Jornal Diário do Paraná, ao mencionar sua vinda à Curitiba a pedido da Secretaria de Saúde Pública e à seleção feita por ela dos candidatos para curso em São Paulo, reforçava o seu prestígio e autoridade:

Madre Cristina Maria da Faculdade Católica *Sedes Sapientiae* de São Paulo chegou ontem a Curitiba a convite da Secretaria de Saúde Pública, a fim de pronunciar uma série de conferências sobre curso de Psicologia Clínica e Orientação Educacional, visando selecionar a turma de candidatos que participarão a partir de 1º de março, em São Paulo do curso intensivo sobre a matéria em pauta. Ontem mesmo Madre Cristina Maria pronunciou duas conferências às 16 e 20 horas. Ambas no grande auditório da Universidade do Paraná. (Jornal Diário do Paraná, 1961, p. 05, Ed. 01757)

A circulação de Madre Cristina pela região nordeste do Brasil, tendo em vista as informações divulgadas abaixo no Jornal Diário de Pernambuco, a partir da notícia intitulada *Uma inauguração por semana*, pode exemplificar sua atuação e engajamento. Junto com Maria Junqueira Schmidt⁵, Madre Cristina encampou forte campanha em prol do movimento de educação das famílias em todo o país.

Inaugurada a pavimentação da avenida Mario Melo, sábado passado, estabeleceu agora, a Prefeitura Municipal do Recife um programa de

⁵ Exemplo de uma educadora que também investiu e fez uso das viagens que empreendeu como tática de legitimação no campo intelectual e próxima de Madre Cristina. Ver Orlando (2015).

inauguração de idêntico melhoramento, para todas as semanas. [...] será iniciada “Semana de Oportunidades Profissionais”. Trata-se de um movimento cujo objetivo principal é dar orientação aos jovens, no sentido de escolherem as suas profissões, dentro das tendências de cada um e não de acordo com o que desejam certos caprichos paternos, baseando -se em experiências realizadas em Paris e, no Brasil, em São Paulo. [...] O movimento terá , antes, uma preparação, que se prolongará de 1 a 5 de outubro, ou seja, a semana preparatória à fundação no Recife, da Escola de Pais, agregando representantes de diversos educandários, interessados no movimento, que contará, ainda, com a presença da conhecida educadora brasileira Maria Junqueira Schmidt e Madre Cristina, psicóloga, além de dois educadores canadenses. (Jornal Diário de Pernambuco, 1964, p. 09, Ed. 00216)

A criação da Escola de Pais, instituição que objetivava a educação das famílias e da qual foi uma das fundadoras, intensificou suas viagens, o que fica visível na lista de cidades elencadas por Baptista (2001), para as quais Madre Cristina Sodré Doria viajou, ministrando palestras pela Escola de Pais:

[...] ela viajou pelo Brasil, realizando palestras, conferências, ministrando cursos, participando de mesas redondas em várias instituições universitárias e pela escola de pais. Esteve em São José dos Campos, Ribeirão Preto, Santos, Sorocaba, Piracicaba, Campinas, São José do Rio Preto, Jaboticabal, Santo André, Bauru, Mogi das Cruzes, Salvador, Porto Alegre, Santa Maria, Ijuí, Pelotas, Curitiba, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro, Goiânia, Belém, Florianópolis, Belo Horizonte, Brasília e Campo Grande (Baptista, 2001, p. 99).

A circulação da madre por vários estados brasileiros reflete o quanto foi uma pessoa de destaque e influência na área em que atuou e como sua permanência em diferentes lugares permitiu-lhe agregar variados saberes e disseminar seus discursos a um público vasto e diversificado.

Segundo Chamon e Faria Filho (2007, p. 40), “se constantes são as viagens, é necessário acrescentar que seus sentidos não são unívocos, que múltiplas são as práticas e os significados do ato de viajar e o que

confere sentido a esses deslocamentos também muda historicamente”. Então, as viagens nacionais e internacionais feitas pela madre permeiam-se de variados objetivos: disseminação de um discurso e de um projeto, bem como sua própria afirmação. Em síntese, podemos dizer que sua circulação, por meio das viagens, favoreceu sua construção e reconhecimento como intelectual.

Considerações Finais

O presente capítulo constituiu-se como recorte de uma pesquisa de mestrado que versava sobre a trajetória da intelectual Madre Cristina Sodré Doria. Dentre os variados aspectos analisados, destacamos aqui as viagens por ela realizadas.

As evidências encontradas tornam-se públicas à comunidade científica através deste escrito, cujo objetivo constitui-se em expor as viagens enquanto estratégias para legitimação de Madre Cristina como intelectual engajada em um projeto político educacional, articulando os campos da Pedagogia, da Psicologia e o campo religioso, com foco privilegiado nas famílias.

Sua circulação em nível internacional foi mais expressiva para busca da ampliação de sua formação acadêmica. Embora fosse aprendiz, também encontrou aí a oportunidade de se fazer conhecer. Dentre os locais que passou, estão: França, Suíça, Bélgica, variados países da Europa e Estados Unidos.

Já seu trânsito em território brasileiro objetivou a disseminação de seus conhecimentos. Circulou por vários estados brasileiros, com maior ênfase no Paraná, Pernambuco e Rio Grande do Sul.

Os jornais mostram que, especialmente, suas viagens nacionais contribuíram para expor um discurso atrelado à Psicologia e à

Pedagogia católica, especialmente sob a forma de cursos e palestras. Isso também permitia divulgar o Instituto *Sedes Sapientiae*, promovendo maior captação de alunos.

Madre Cristina Sodré Doria não foi a única mulher que utilizou as viagens como dispositivo para sua legitimação como intelectual. Importa ressaltar que demais autores em suas pesquisas percebem esse mesmo movimento realizado por outras mulheres, como uma prática do campo intelectual da qual também se valeram.

Pode-se afirmar, a partir das evidências, que a circulação internacional de Madre Cristina esteve mais voltada à sua formação, já sua circulação nacional esteve destinada à sua própria divulgação, ainda que em certa medida essas vias se cruzassem, resultando na apropriação e disseminação de conhecimentos, mantendo-a engajada em seu projeto e a legitimando enquanto intelectual.

Referências

- BAPTISTA, Maria Todescan. **Madre Cristina**. Rio de Janeiro: Imago Editora, CFP, 2001.
- BOCK, Ana Maria. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Aria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma Introdução ao estudo da Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CARDOSO, Silmara de Fátima. **Viajar é inventar o futuro: narrativas de formação e o ideário educacional brasileiro nos diários e relatórios de Anísio Teixeira em viagem à Europa e aos Estados Unidos (1925-1927)**. Dissertação de Mestrado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/.../48/.../SILMARA_DE_FATIMA_CARDOSO_rev.pdf> Acesso em 10 de fevereiro de 2022

CARVALHO, Maria chagas de. Reformas da instrução Pública. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive. **500 Anos de Educação no Brasil**. 5a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CHAMON, Carla Simone e FARIA FILHO, Luciano. A Educação como problema, a América como destino: a experiência de Maria Guilhermina. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José. **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996

FONSECA, Thais Nivea de Lima e; VEIGA, Cynthia Greive. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MASSIMI, Marina; GUEDES, Maria do Carmo. **História da Psicologia no Brasil: Novos Estudos**. 1ª ed. São Paulo: EDUC;Cortez, 2004

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio e GONDRA, José Gonçalves. **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007

MUELLER, Helena Isabel. Os ativos intelectuais católicos no Brasil dos anos 1930. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 35, n. 69, p. 259-278, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882015000100259&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 de Fevereiro de 2022.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Quando o mundo cabe na bagagem: as experiências de formação e distinção de Maria Junqueira Schmidt no cenário educacional brasileiro. SILVA, Alexandra Lima; ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José (Orgs.). **Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas**. Curitiba: CRV, 2015.

PARANÁ, **Jornal Diário do Paraná**, Paraná, 1961, p. 05, Ed. 01757. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.>> Acesso em 10 de Fevereiro de 2022.

PERNAMBUCO, **Jornal Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 1964, p. 09, Ed.00216. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=761672&pesq=Madre%20Cristina>> Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

PEROSA, Graziela Serroni. A aprendizagem das diferenças sociais: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas. **Cad. Pagu**, n. 26, p. 87-111, 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 de Fevereiro de 2022.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

RIO GRANDE DO SUL, **Jornal do Dia**, Rio Grande do Sul, 1960, p. 08, Ed. 04009. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=098230&pesq=Madre%20Cristina>> Acesso em 10 de Fevereiro de 2022.

SILVA, Alexandra Lima; ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José. **Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas**. Curitiba: CRV, 2015.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-270.

3

HELENA KOLODY: UM PROJETO FEMININO EM UM CAMPO MASCULINO, SEGUINDO OS RASTROS DE UMA REDE

Karina Valim de Araújo

Helena Kolody (1912-2004), poetisa paranaense, como é mais conhecida, foi também professora e inspetora federal de ensino secundário, dado pouco divulgado, mas nunca esquecido em suas falas e nas lembranças de suas antigas alunas. Ficou muito conhecida por sua “doçura”, “humildade” e “religiosidade”, considerada, por muitos, um “exemplo feminino” na sociedade paranaense ao longo de sua vida.

Filha primogênita de ucranianos que se conheceram e se casaram em 1912, no interior do Paraná. Apesar das grandes dificuldades financeiras enfrentadas pela família, que se mudou algumas vezes, a educação formal dos filhos era um desejo. Foi desta maneira que, em 1931, Helena Kolody formou-se professora no curso secundário da capital. Iniciou sua carreira no interior do Paraná, voltando para Curitiba em 1937, onde permaneceu por 23 anos como professora de biologia educacional no curso normal do Instituto de Educação do Paraná¹ (IEP), mesma escola em que se formou.

Além de professora, Kolody desenvolveu profissões paralelas. À inspetoria federal, desde os anos 1950, atribui o sustento de sua família, já que perdera seu pai muito cedo, em 1941, e precisava ajudar os irmãos mais novos a estudar. Já as poesias eram o encanto de quem estava a sua

¹ O Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto é o atual nome da escola que Kolody se formou e trabalhou por muitos anos, localizada no centro de Curitiba. Entretanto, ao longo da história foi chamado de Escola Normal da Capital, Escola Secundária de Curitiba e simplesmente Instituto de Educação, aqui trataremos também pela sigla IEP.

volta, visto que suas alunas pediam que as recitasse ao final de cada aula. Entretanto, seu reconhecimento como poetisa se deu bem mais tarde. Segundo ela, somente aos 76 anos, em 1988, quando foi publicado seu segundo livro pela Editora Criar, *Viagem ao espelho*. Apesar disso, desde 1942 Kolody bancou a impressão de seus livros e os distribuiu em redes de sociabilidade².

Um dos reconhecimentos masculinos mais importantes na vida de Helena talvez tenha sido dado por seu amigo, “figo da índia”, Paulo Leminski, que conhecendo Kolody, já idosa, pôde contribuir com sua poesia, ressaltando a importância do haicai na sua vida e declarando sua “santidade” na imprensa. Leminski não tinha um perfil simpático, por isso a “casca espinhenta”, mas com Kolody o encontro era de almas e ideais, sendo inegável a sua importância na vida da poetisa.

Aqui destacaremos alguns apoios masculinos que Helena Kolody teve em sua trajetória na busca pelo reconhecimento intelectual. Sem esquecer a importância do público feminino, alunas e pares de Kolody dos círculos culturais e associações das quais fez parte – suas principais interlocutoras, talvez –, chama atenção o apoio que Kolody recebeu de alguns homens para se afirmar em um campo marcadamente masculino. O fato é que, mesmo com tantos avanços e reconhecimentos sociais para a história das mulheres, nos é caro discutir a questão de gênero, que ainda não se esgota.

Enquanto Júlia Lopes de Almeida vai entrar na cena pública através do marido[...] Anna Ribeiro vem a ser legitimada por uma carta de Taunay

² Consideramos o conceito de redes de sociabilidade, a partir dos estudos de Sirinelli: “todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar ou subestimar [...] A linguagem comum homologou o termo ‘redes’ para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de perceber do que parece” (1996, p. 248). Helena se apoiou em diversas redes de professores, católicos e escritores.

sobre seus dotes literários, reforçando seu nome de família [...] No caso de Amélia Rodrigues e Maria Luísa de Sousa Alves, **a via que encontram para legitimação irá ser o protetorado** da imprensa católica. (Alves, 1998, p. 237-238, grifo nosso).

É nesse contexto, de apadrinhamento masculino, que percebemos a trajetória de Kolody como intelectual se construindo. O que surgiram foram apadrinhamentos de diferentes formas e em diferentes redes, que nos fazem aderir à ideia de que esses apoios serviram impulsos, embora cada um precise ser pensado individualmente, pois são casos bem específicos. Começamos pelo primeiro, o pai Miguel Kolody: “A família e o meio social de origem, os grupos de pertencimento, as adesões temporárias ou duradouras também oferecem elementos a serem agregados ao itinerário do indivíduo no seu processo de tornar-se intelectual.” (Alves, 2012, p. 116).

Miguel Kolody (1881-1941), nascido na cidade de Bibrke (Galícia Oriental), veio com a família para o Brasil como menino de 13 anos. [...]acompanhando o fluxo da grande imigração que ocorreu nos idos de 1895, quando grupos da Polônia e da Ucrânia (tudo, então, Império austro-húngaro) deixaram a Galícia [...], antes de se casar, vivendo na capital paranaense, foi um dos membros-fundadores da primeira sociedade ucraniana (“Prosvita”) em Curitiba. De 1902 a 1909 exerceu as obrigações de tesoureiro da entidade. Era, também, membro do comitê editorial do Zoriá, o primeiro jornal ucraniano no Brasil (1907-1909) (Fontes, 2012, p. 56).

Guérios (2007, p. 198) explica a importância desse jornal, “Primeiro jornal publicado em língua ucraniana no Brasil foi o Zoriá [...] editado a partir de 1907 na tentativa de dar impulso às atividades da Sociedade Prosvita local”. Dessa maneira, conseguimos traçar o porquê da importância que Miguel atribuiu posteriormente ao ensino dos seus filhos. “Segundo o editorial de Petretskei, os padres chegaram a ajudá-lo a compor os tipos para a impressão do primeiro número do Zoriá. Nos

números seguintes, contudo, a luta entre a intelligentsia leiga e o clero veio à tona nas páginas do jornal” (Guérios, 2007, p. 198).

Estar desde cedo inserido em tais grupos, através da imprensa, muito explica o fato da valorização da leitura e da religião que Miguel Kolody passou para sua família, o que está em concordância em parte com o que diz Fontes (2012, p. 112): “A existência de livros e jornais (o pai delas recebia regularmente jornais de São Paulo e da Europa) em casa serviu objetivamente como condição favorável à entrada no mundo da leitura”.

Mais tarde, Miguel começou a trabalhar abrindo estradas, foi assim que conheceu sua esposa, como Kolody (1998, p. 22) relata em entrevista a José Wille: “A vida para eles começou no interior do Paraná, na cidade de Cruz Machado...O papai trabalhava como agrimensor prático com o doutor Franco, que estava abrindo uma estrada, e lá conheceu a minha mãe, que morava na cidade”. Após estabelecer casamento e ter sua primeira filha, Helena Kolody, em 1912, Miguel começa a se dedicar ao comércio:

O pai abriu com um primo, chamado João, um armazém de secos e molhados (vendia inclusive roupas, sapatos, chapéus...) que atendia basicamente os madeireiros da Lumber Corporation, serraria norteamericana que contava então com cerca de dois mil funcionários, vindos de diversas partes do mundo. A família Kolody morava em cima do armazém. (Fontes, 2012, p. 75).

Do lado da mãe, a leitura era algo muito valorizado também, conforme lembra Kolody: “No dia de folga, meu avô os reunia e lia jornais e livros importantes para eles. Aliás, dos dois lados, minha família era traça de livros, de tanto que lia” (*apud* Nicolau, 1988, p. 1). Mas, a questão do impulso de Miguel vai além dos livros, “o piano, eu fiz até o terceiro ano, depois não estudei mais, esqueci tudo, porque meu pai não pôde mais sustentar o piano [...] Só tocava piano quando estava na casa de minha tia” (Kolody *apud* Santos, 1989, p. 18).

O incentivo ao magistério também é outro fator importante. Foi esse, como vimos anteriormente, que serviu para que Kolody pudesse sustentar sua família na falta de seu pai. “O Papai fazia questão dos estudos [...] de eu tirar boas notas! E as minhas notas foram as maiores e isso me serviu mais tarde.” (Kolody, 1998, p. 25). Ela aprendera a dar valor às oportunidades que tinha, e o estudo, bem como a profissão do magistério, foi uma delas.

A perda do pai, em 1941, gerou uma comoção muito grande na vida de Kolody, o que explica em parte as boas lembranças que veiculou sobre ele: “A morte do meu pai gerou um clima de saudade. De repente faltou o esteio em minha família. Eu sou a mais velha e precisei assumir o comando. Quem sabe este fato esteja por trás da tristeza que há nos meus versos” (Kolody, 1995, p. 24). Apesar de tanta comoção, a existência e a ausência do pai justificaram mais um impulso, a escrita poética e, posteriormente, sua divulgação através da impressão de livros, que se iniciou para presenteá-lo em vida e continuaram em sua memória.

Quando eu estava preparando o livro, meu pai teve um enfarte e morreu. Então, não quis publicá-lo. Mas me convenceram a publicá-lo, em memória dele. O livro diz assim ‘Sobre o seu túmulo, pai, a coroa de flores com que sonhei adornar teus cabelos brancos’. Eu queria festejar os 60 anos dele, então pus sobre o túmulo a coroa de flores (Kolody, 1998, p. 25).

Pode-se dizer que o impulso familiar de nossa intelectual e a visão que ela tivera sobre a importância desta base, acabou por difundir em seus discursos. “E ao fim da jornada, possam vossas mãos limpas juntar-se numa prece final: – Obrigado, Senhor, pela vida que me deste; pela Pátria, pela escola, pela família que me deste, obrigado Senhor!” (Kolody, 1965, p. 4). Miguel Kolody representou para a filha um exemplo. Seu impulso foi no sentido de lhe conceder leituras, oportunidade de

estudo, cobranças pela dedicação e, por fim, um exemplo da importância que tinha uma família estruturada na vida de alguém.

Seguindo este caminho, ao qual ela se refere, um segundo impulso teria vindo da escola. Dentro do percurso formativo de Kolody, para nós, o ponto alto desta trajetória se refere aos anos como normalista e sua colocação na carreira. As fontes do campo educacional são as mais escassas, tanto pela disposição de documentos, quanto pelas entrevistas concedidas por ela, mas acreditamos que dois nomes precisam ser aqui citados: Lysimaco Ferreira da Costa e Erasmo Pilotto.

O papel que assumem certos estabelecimentos escolares na seleção das elites intelectuais, as instituições formadas no âmbito da rede escolar e que integram mecanismos de restrição ou de ampliação de acesso aos bens culturais que impactam em um certo tempo histórico, a própria abrangência da rede escolar, todos esses são aspectos que têm de ser agregados à configuração do itinerário. (Alves, 2012, p. 116).

Neste caso, o IEP foi um importante reduto. Ao se formar na instituição, Helena Kolody ouviu e participou de uma educação formal ancorada, devido ao período, ao patriotismo e à formação cristã, apoiada no catolicismo, já que o estado não se desvinculara efetivamente da igreja. Kolody acaba reproduzindo em seus discursos um posicionamento e fala bem peculiares ao projeto de Lysimaco Ferreira da Costa:

Quando se constrói uma parede, é indispensável que cada tijolo seja íntegro e se ajuste no devido lugar, para garantir o equilíbrio e a solidez de toda estrutura. Nesse trabalho, cada qual é responsável pela nação inteira, tanto os políticos que governam, quanto os industriais e comerciantes que fazem circular as riquezas, ou os agricultores que fazem florescer e frutificar os tesouros da terra, ou os criadores que multiplicam os rebanhos (Kolody, 1964, p. 2).

Foi então, a fala perpetuada de Ferreira da Costa, intelectual da educação que atuou nas estruturas formais educacionais paranaense no

período de formação de Kolody, que muito lhe impulsionou a ser uma profissional que agradava: “Sobre elas recai uma carga de responsabilidade social que representa o auge do estatuto profissional outorgado à mulher, inserindo-se no plano maior da construção da sociedade liberal republicana, conforme palavras do [...] Dr. Lysimaco Ferreira Costa” (Trindade, 1996, p. 81).

Ao estudar o posicionamento e discursos deste intelectual, Vieira e Daniel (2015, p. 47) apontam que identificaram “[...] a presença do discurso cívico nacionalista que visava afirmar o sentimento de identidade nacional e os princípios republicanos de governo”. O que em mesma medida, só que com um enfoque poético e feminino, encontramos em Kolody (1953, p. 1), quando discursa: “lembrai-vos do trabalho exaustivo dos mestres, que é como o labor incessante e obscuro das raízes. Todo mundo fala da beleza das flores e na excelência dos frutos. No entanto, sem o labor das raízes não há desabrochar de flores”. Ela era, desta maneira, um exemplo não só para suas alunas, futuras professoras, como também aos seus colegas de profissão:

Assim, embora formalmente a reforma na Escola Normal de Curitiba tivesse o significado de ruptura com o velho, com o tradicional alinhando-se no espírito das demais reformas estaduais, na verdade muitas de suas formulações traduziam o tradicionalismo das oligarquias. Tais assertivas expressavam-se na definição do bom professor: de preferência mulher, obediente e trabalhando por patriotismo, inclusive sem pretensão de aprofundar conhecimentos em curso superior (Miguel, 1997, p. 49).

Assim os discursos, mesmo que para uma turma de normalistas, tinham um teor cívico de obediência à pátria e aos preceitos cristãos: “Cuidai como a vossa tarefa e sagrada e é tremenda a vossa responsabilidade de plasmadores de homens” (Kolody, 1942, p. 2). Entretanto, caso os caminhos seguidos não fossem os delineados pelo magistério, a missão ainda continuava como cidadãos de bem. Em um dos

seus discursos de paraninfa, Kolody dizia: “Meus queridos afilhados: quer seja realizada com o cérebro nas searas do estudo, quer seja realizada com as mãos no labor material, quer seja no lar, educando os filhos, que vossa vida seja uma prece rezada com amor” (Kolody, 1965, p. 4).

É fato que os discursos de Kolody eram irradiados de emoção e sentimento poético, bem como transmitidos com toda docilidade, mas não eram menos admoestadores e prescritivos, por isso encaminhavam à missão da educação na escola ou no espaço da casa. Segundo Vieira e Daniel (2015, p. 73), “A experiência familiar, a escola militar, a formação superior em engenharia, a confissão católica e a fé republicana incidiram sobre a visão pedagógica de Ferreira da Costa [...]”. O que nos faz concluir que a profissão se constrói pela formação e pelos ideais formativos adquiridos, que não fogem ao posicionamento intelectual.

Lysimaco Ferreira da Costa impulsionou Helena Kolody, assim como outras tantas profissionais, a seguir a carreira de maneira obediente e patriota, o que acabou motivando Kolody a participar também deste projeto de modernidade educacional.

Os passos de Kolody como professora e inspetora federal do ensino secundário foram, de certa maneira, tímidos e sem grandes repercussões. No entanto, em junho de 1947, segundo os documentos funcionais aqui usados como fonte, por um decreto, Kolody foi designada como substituta para exercer a função de assistente técnica do IEP enquanto perdurasse o impedimento do professor Erasmo Pilotto. Quase um ano depois, ela foi dispensada em abril de 1948, o que infelizmente não foi contextualizado por ela em nenhuma de suas falas.

Dessa forma, a intelectual participou, em alguma intensidade, do projeto de Pilotto: “É verdade que ele organizou sua equipe para levar à frente as propostas pedagógicas e muitos dos integrantes de sua equipe eram ex-alunos da Escola de Professores de Curitiba” (Miguel, 1997, p.

109). O que nos faz considerar que Erasmo impulsionou Kolody intelectualmente, possibilitando que ela o substituísse, sabendo de sua importância. Sobre o Projeto Intelectual de Pilotto, Vieira (2015a, p. 111) escreve:

Formar o espírito do homem moderno para Pilotto significa, de um lado, preparar os jovens para ciência e as matemáticas que ensinam o cálculo racional e, através da experiência, a construção do saber objetivo; porém, por outro, demanda que esses saberes e integrem em uma visão de mundo articulada a razões existenciais profundas que agucem a sensibilidade estética, a firmeza ética e a determinação política de lutar por um mundo melhor.

Apesar de Erasmo Pilotto ter sido um intelectual com uma obra educacional, é fato de que seu impulso, no projeto de Helena Kolody, esteve também no campo das sensibilidades estéticas, na ética e na determinação por “um mundo melhor” através do trabalho docente. Mesmo com todos os caminhos delineados e os ideais traçados, Kolody chegou a pensar em desistir de tudo, já que se afastara por diversas vezes de sua atividade devido a sua frágil saúde. Foi nesse contexto que um novo impulso lhe chega por meio do conselho de um padre.

Fui falar com o padre Camargo, que detestava que as moças aparecessem na igreja de unha pintada. Ele era o inspetor federal. Eu lhe disse: “Padre, eu vim pedir dispensa de aula, porque não posso mais trabalhar do jeito que trabalho, pois estou doente.” [...] Veja o que dá o conselho de uma pessoa amiga que podia ser tão rigorosa, tão crítica... fiz o concurso e tive sorte. Passei e comecei a trabalhar como inspetora federal, que é de onde eu ganho o maior salário até hoje, o que me permite sustentar a casa (Kolody, 1995, p. 35).

Enfatizamos tal fato pela importância que a trajetória de Helena Kolody toma a partir daí. Sua atuação se estende não mais apenas ao IEP, mas a todos os outros colégios normais da região de Curitiba. O salário de inspetora não só permitiu sustentar sua família, como

também produzir seus livros. Ainda quando normalista, entre 1927 e 1931, Kolody teve os primeiros contatos e as amizades com familiares de escritores, os quais também lhe estimularam intelectualmente:

Muito importante foi, para mim, a convivência com a família do senhor Júlio Leite, irmão do poeta Francisco Leite. Suas filhas René e Helvídia foram as primeiras amigas que tive em Curitiba, depois que minha família se mudou para cá, em 1927. Elas tinham em casa coleções inteiras de revistas antigas. O olho da rua, Fanal e outras. Lendo essas revistas, pude recuperar um passado paranaense que não possuía (Kolody, 1986, p. 195).

Foi neste período que os impulsos no campo das letras se iniciaram, com Rodrigo Junior que incentivava jovens escritores, fato que a levou a receber os primeiros elogios e correspondências por sua obra: “Quando eu comecei a escrever, é lógico, eu fiz soneto. O Dr. Rodrigo Junior mandava para a revista ‘Marinha’ foi uma grande divulgadora dos novos” (Kolody *apud* Santos, 1989, p. 28).

Relação que se estendeu até os anos de 1940: “O poeta Rodrigo Junior disse: – Helena, se você não pode publicar, vai à Escola Técnica, fale com o professor Olavo” (Kolody *apud* Santos, 1989, p. 29). E, cinquenta anos mais tarde, Kolody assumira uma cadeira na Academia Paranaense de Letras, a de número 28, fundada por Rodrigo Junior, que lhe foi concedida:

Estas divagações povoaram-me o pensamento porque a cadeira nº 28, que tenho a honra de assumir, foi fundada e ocupada por dois poetas, dois sonhadores: Rodrigo Júnior e Leonardo Henke, respectivamente, fundador e primeiro ocupante da mesma [...] quero apenas assumir publicamente uma dívida de gratidão. Quando comecei a escrever, Rodrigo Junior era um dos mais famosos poetas do Paraná. Cordial e acessível, acolhia com bondade e animava com entusiasmo os principiantes. Até encaminhava nossos trabalhos para publicação em jornais e revistas. Estímulo muito importante para quem ensaiava os primeiros passos, tímidos e inseguros, no caminho das letras (Kolody, Elogio ao Patrono APL, 1992, p. 1).

Um segundo conselheiro no campo das letras, dando o crivo da importância literária para alguns paranaenses, foi o poeta Andrade Muricy. Sobre o qual ela comenta: “devo algo importante à orientação de alguém muito especial. Fui muito amiga e sou até hoje das irmãs mais moças do doutor Andrade Muricy. E eu costumava levar os meus cadernos de poesia para o Rio de Janeiro” (Kolody, 1995, p. 20-21).

Levando em conta que foi pelo intermédio dele que Helena Kolody teve acesso a outros grandes poetas no campo e por ter acolhido muitos de seus conselhos, consideramos também como fundamentais na trajetória dela, o que era uma marca de Muricy: “Aparece, discretamente, na pintura, na música e brilha nas letras, sobretudo na poesia. Em 1916, por exemplo, o intelectual Andrade Muricy já compara a jovem poeta Gilka da Costa Machado a autores do porte de Hermes Fontes” (Trindade, 1996, p. 254). O fato é que Kolody teve a mesma trajetória de outras escritoras, que contaram igualmente com o apoio de familiares e uma rede que vão construindo para se inserirem no meio intelectual e terem seu trabalho conhecido e reconhecido.

Rodrigo Junior e Andrade Muricy foram muito importantes para Helena Kolody. Todavia, foi Paulo Leminski um impulso verdadeiramente efetivo a ela, não só por seus aconselhamentos e indicações, como também – e, talvez, sobretudo, ao lhe criar epítetos e divulgá-los pela imprensa, com os quais as representações analisadas neste trabalho ganharam forças. “Padroeira da poesia em Curitiba, como a chamei um dia e depois dezenas imitaram e repetiram, imitarão e repetirão”; “Bem-vinda sempre a luz dos teus olhos azuis à Cidade de Nossa Senhora da Luz” (Leminski, 1987, n.p).

“Helena Kolody (ou Guélena Kolódy, para quem sabe) [...], tem 73 anos e o mais belo par de olhos azuis que já vi. Ah, seu eu tivesse nascido em 1911 como meu pai!” (Leminski, 1985, n.p). Paulo aproximou-se de

Kolody de uma maneira diferente. Ela já tinha sua obra impressa e difundida ao gosto de muitos paranaenses e os conselhos dele foram como um sopro da juventude.

Quando conheci no edifício São Bernardo, ali na rua Dr. Muricy, era mocinho com 20 anos, já era casado, e ele me descobriu no meu prédio, [...] isso foi na década de sessenta; eu já tinha quase 10 livros e ele vinha conversar comigo; e daí ele me contava daquela necessidade de comunicação, porque ele era uma pessoa comunicativa, embora tivesse assim um jeito meio fechado, ele era uma pessoa carinhosa que não se imagina. [...]ele mostrava o que sabia, ele tinha nome em São Paulo antes de ter nome aqui, sabe. Me mostrou aquelas revistas do movimento concretista do Haroldo de Campos, lá dos irmãos Campos [...] então as vezes ele me dizia: - Dona Helena para fazer Hai Kai eu estou estudando chinês, quer dizer ele estava compenetrado. Ele era uma cultura extraordinária e também ele queria que eu escrevesse dentro da linha moderna. Eu sou de outra geração, então não posso, eu tenho que escrever à minha maneira. Agora eu amo os livros a minha maneira, a cada livro, você pode ver, vai ficando diferente, mais sintético, sempre é uma coloração mais ou menos atual, da época, mas eu sou da outra geração. Eu tenho quase todos os livros dele, daí ele começou a levar para mim os livros dele. (Kolody *apud* Santos, 1989, p. 32).

Apesar de Kolody negar-lhe a inserção em um movimento modernista, foi assim definida por ele: “nossa padroeira é o poeta mais moderno de Curitiba, de uma modernidade enorme, uma modernidade de quase oitenta anos. Nenhum de nós tem a modernidade desse tamanho.” (Leminski, 1985, n.p.). Paulo Leminski encontrou em Kolody o que, a princípio, parecia ser incomum, mas que aos poucos foi entendido por ele.

Algo na poesia e na vida no produto e no processo, de Helena, me lembram o gaúcho Mário Quintana, a mesma pureza, a mesma entrega, a mesma singeleza, a mesma santidade. Mas Helena é mais enxuta, mais rápida, mais haikai que o mestre de Porto Alegre: Helena chega no gol com menos toques na bola. Periférica como Quintana, Helena passou esses anos todos meio intocada pelas novidades que fervilharam no eixo Rio-São Paulo, alquimista

mergulhando sozinha até a essência do seu fazer lírico, até o momento em que, como diz ela, “O carbono lembra diamante”. (Leminski, 1985, n.p.).

As necessidades de Helena Kolody percorriam um todo. Sua cidade, suas alunas e sua família: “nossa padroeira nunca se casou. E viveu a vida toda com a mãe e as irmãs, seu tesouro eslavo de afetividade e dedicação.” (Leminski, 1985, n.p.). Necessidades estas que foram “santificando” Kolody e sua trajetória ainda em vida. “Tem certas manhãs azuis em Curitiba, mas tão azuis, tão azuis, que eu tenho certeza: Helena Kolody acordou cedo e olha por todos nós.” (Leminski, 1985, n.p.). Por ironia do destino, apesar de Leminski ser mais novo que Kolody, em 1989, ele acaba falecendo aos 44 anos, bem antes dela.

Conheci também o lado humano e afetuoso de D. Helena. Era ela grande amiga de Paulo Leminski, companheiro querido de minha filha Berenice. Paulo, acredito, comungava com ela o ideal sublime do amor a poesia que na ‘alma polaca’ de ambos existia, e assim estava ele sempre em contato com ela. Quando Paulo partiu, sem que ninguém, e muito menos sua companheira, por isso esperasse, o carinho que dispensou a minha filha com telefonemas constantes, contatos e poesias, representaram bálsamo para o coração sofrido dessa. O tempo passou, mas D. Helena, sempre que possível, se fazia presente na vida de Berenice, com palavras de amor e afeto. (Mendes, 2004, n.p.).

Desde que se conheceram, Berenice era a terceira companheira de Leminski, este que já havia se casado por duas vezes, com Alice Ruiz, de 1968 a 1988, e Neiva Maria de Sousa, de 1961 a 1968. Alice, mãe dos filhos de Paulo, foi também próxima a Kolody, escrevendo sobre ela na imprensa. “Perdoa a falha dessa filha que não consegue falar de sua poesia, nem de você com distanciamento crítico. O amor não deixa” (Ruiz, 1987, n.p.). O apelido dado por Kolody a Leminski, é explicado por ela:

Deve ser porque é espinhento por fora e doce por dentro. O Leminski parecia às vezes agressivo, todavia, tinha uma polpa doce, ele era uma pessoa carinhosa. Tanto, que ele fez uma dedicatória para mim me chamando de

mãe: “Mãe querida, nada como ter uma fada na vida.” E ele era sedento de saber, costumava ir fundo nas coisas. Veja que, para fazer haikai, ele primeiro estudou japonês, foi à origem dessa poesia tão antiga. E era um conversador que a gente podia ficar ouvindo o dia todo, sem cansar. É uma pena que tenha ido tão cedo. (Kolody, 1995, p. 42).

Sobre o caminho até o Haikai, Helena Kolody atribui um primeiro conselho ao Andrade Muricy e, por sequência, um reforço de Paulo Leminski, já que este explicou para ela a origem desta poesia e mostrou que ela foi uma das pioneiras, ao escrever tal modalidade no Brasil.

Você vai muito melhor no poema curto, quer dizer, ele não me disse faça assim, não faça. Você quer encompridar e, às vezes, você dilui o poema, ou você repete. Quer dizer, só isso ele me disse e eu comecei a fazer poesia mais sintética. Depois, através do Paulo Leminski, eu conheci o concretismo e você veja, que ele muito mais moço que eu. (Kolody *apud* Santos, 1989, p. 31).

Foram muitos anos até retomar o Haikai, apesar do conselho de Muricy de que ela era melhor nos poemas curtos. Ela relata: “Sou tão sensível à crítica que, muitas vezes, por causa de certas coisas que foram ditas, deixei de fazer haikai”. E foi através de Leminski que retomou essa escrita e, posteriormente, foi reconhecida pela comunidade nipo-brasileira como já contextualizado: “Só fiz o ‘Reika’ porque eles me deram o título e daí eu tinha uns poemas prontos e me animei a criar um livro” (Kolody, 1995, p. 43). Em 1986, olhando sua carreira poética, ela explica:

Os literatos e os críticos simplesmente ignoraram essa poesia que ninguém, ainda, estava fazendo no Paraná. No entanto, meus alunos, alunas principalmente, decerto porque eram muito jovens, e os jovens adoram novidades, gostaram muito. Tanto que a turma de 1943, se não me engano, ofereceu-me, como presente de aniversário, seis quadros, em pergaminho, com ilustrações dos três haicais de Paisagem interior, três quadros de Guido Viaro e três iluminuras de Garbácio (Kolody, 1986, p. 198).

Segundo Fontes (2012, p. 167), “Helena conta que se interessou pelo gênero através do Jornal de Letras e no aprendizado com a haicaísta paulista Fanny Dupré, com quem trocou correspondência e visitas (no livro *Pétalas ao Vento*, de 1949, Fanny dedicou haicai a Helena)”. O fato é que as poesias curtas de Helena Kolody, apesar desse triste distanciamento de alguns anos, renderam-lhe e rendem uma sempre lembrança na fala de seus admiradores, que as usam de diversas formas, principalmente afirmando ideias e posicionamentos que percorrem em vida.

Foi através de Paulo Leminski e um impulso na imprensa periódica também, pois as duas colunas que ele assina sobre Kolody, em 1985 e 1987, se inserem em um período de extrema ascensão da poetisa que começa a ter sua obra publicada por uma editora pela primeira vez. Tais escritas de Paulo reverberam por muitos anos, principalmente pelos epítetos dados a Kolody, como a “Padroeira da Poesia”. Entretanto, outro impulso masculino claro no período é de Roberto Gomes, como aquele que viu em Helena Kolody o amor possível para Curitiba.

Conheci Helena Kolody em 1965, no mês de agosto. Foi no lançamento de um livro da Sônia Régis, numa livraria que ficava na Ermelindo Leão. Ficamos os dois paparicando a autora estreante e não me lembro o quê conversamos. Me ficou na memória, porém, o brilho dos olhos azuis, o rosto iluminado pelo sorriso doce. Acho que foi neste dia que me apaixonei pela poeta. Quase vinte anos depois, em 1984, eu estava bebendo um razoável vinho numa cantina, em São Paulo, quando, em meio a estas palavras que pintam quando mais de dois curitibanos se reúnem, resolvi, *in vino veritas*, proclamar o que me pareceu uma verdade fulminante **‘Curitiba precisa amar alguém!’** Devo ter causado espanto e constrangimento em todos que estavam na cantina, mas naquele momento eu só pensei em Helena Kolody, que era sem dúvidas a pessoa que poderia curar, a meu ver, a secura com que os curitibanos e curitibanas tratam a si mesmos e a cidade onde vivem. Foi neste dia, acho, que decidi publicar um livro da poeta. (Gomes, 1987, grifo nosso)

Apesar de todos os estímulos e impulsos destacados até o momento, ser publicada com toda certeza foi algo de extrema importância a Helena Kolody, o que ela mesmo explica: “Eu tenho muito para agradecer. Foi ele, com a sua editora, a ‘Criar’, que divulgou a minha poesia para o Brasil todo” (Kolody, 1995, p. 46). Tal feito se deu pelo valor aos poemas curtos, “Os poemas cuja brevidade revelam uma condensação desde sempre pensada. É isso que faz com que todos se apaixonem” (Gomes, 1987, n.p.).

Posteriormente, um fato também publicado nos jornais e entrevistas foi a reação de Helena Kolody: “‘não sei se vai dar. Estou sem dinheiro, não posso pagar’, disse a ex-professora do Instituto de Educação ao receber o convite de publicação de Roberto Gomes. Acostumada a bancar as edições de seus livros com o salário de docente do estado” (Britto, 2001, n.p.), esse convite representou para Kolody um divisor de águas em sua carreira como poetisa.

Na perspectiva ainda explicada por Gomes, o investimento se dava à cultura curitibana. “Quando lançamos Helena, a ideia não era apenas mostrar seus poemas, mas dizer que Curitiba (que não tem relação de amor com as pessoas que nela circulam) precisaria amar alguém e que essa pessoa era Helena Kolody” (Gomes, 2000, n.p.).

Publicação esta de fundamental importância para seu reconhecimento intelectual, que veio muito associado à produção do mito que o próprio Roberto Gomes se encarregou de criar, embora não tenha feito isso sozinho: “A poetisa paranaense mostrou-se de grande júbilo, ao informar que já editara doze livros e que aquele era o décimo terceiro, e está sendo lançado pela Editora Criar Edições” (Gomes, 1985, n.p.).

Foram alguns poemas e livros inéditos, mas as coletâneas ganharam grande repercussão. “Em boa hora, a editora Criar está lançando a obra completa de Santa Helena. ‘Viagem no espelho’. Trata-

se de uma edição primorosa no aspecto gráfico, englobando todos os livros da autora. Pelo menos até hoje.” (Manuel, 1989, n.p.).

E, como sempre, Kolody fez questão de compartilhar suas obras, assim ela o fez: “‘Viagem no espelho’ mandei um exemplar deste livro para Portugal e a pessoa que recebeu ficou surpresa com a qualidade da edição, é um livro que me faz voltar no tempo, vai me remoçando...” (Kolody, 1995, p. 46). Posteriormente, outras obras ainda foram publicadas pela Editora, como uma coletânea com 70 haicais.

O fato de começar a ter uma intensa publicação de sua obra poética traz ganhos para Helena Kolody que, segundo ela: “Começa a ser mais conhecida...Ontem me telefonou uma que comprou a ‘Poesia Mínima’, em Recife na livraria de lá, quer dizer nunca tinha ido tão longe assim. Eu tenho correspondência também lá do território do Acre.” (Kolody *apud* Santos, 1989, p. 35).

Quando questionada sobre a importância de Roberto Gomes, como escritor e diretor da editora da Universidade Federal do Paraná, para sua projeção, ela explica: “ajudou! E foi ele que, pela editora da universidade, publicou o livro, que consta da relação que os alunos consultam. É por isso que tem saída e me procuram” (Kolody, 1998, p. 29). Como Gomes cita, por mais que conhecesse Helena Kolody anos antes da primeira publicação por sua editora, a importância de começar a publicá-la se devia ao fato de perceber que Curitiba, como um ponto cultural, precisava de um símbolo para se identificar, para amar, e como aqui já dissemos, esse alguém já existia dentro do campo educacional e poético feminino paranaense, só não havia sido potencializado pela força de uma edição.

Apesar deste capítulo abordar as presenças e estímulos de alguns homens proeminentes, cada um em seu espaço, na trajetória de Helena Kolody, consideramos que o êxito de seu projeto se deve,

fundamentalmente, a dois caminhos nos quais investiu (que são ao mesmo tempo duas categorias de análise): a primeira, que tornou possível a abertura de portas e produziu o mito Helena Kolody – a imprensa; a segunda, em torno do qual Kolody se construiu ao longo de sua vida – sua rede de sociabilidade – que também figura, de certo modo, na imprensa.

Nesse sentido é importante ressaltar a importância de alguns jornalistas em sua trajetória, cujas matérias serviram de estímulos para que ela continuasse desenvolvendo sua veia poética, mas, para além disso, foram se constituindo como uma rede de afetos e partilhas em torno de um ideal sensível em comum. O primeiro nome responsável por tal impulso é Temístocles Linhares (1969, n.p.):

Eu mencionaria até uma mulher, que nos deu em 1967 a sua Antologia Poética, seguindo a moda que já se implantou no Brasil [...]Tenho quase certeza de que V. não a conhece, ou melhor não conheceu a sua obra, pois ela parece que timbra em não divulgá-la, em fazê-la passar despercebida [...] embora ela diga que sua vida tenha sido 'largo rio de águas mansas, de curso sempre igual', a sua trajetória de poeta já percorreu várias estradas. [...] As suas mudanças têm sido realizadas mais através de suas hesitações secretas, à custa de muito esforço [...].

O jornalista percorre duas edições de sua coluna para expor a importância dada por ele a uma *poeta que o Brasil precisava ouvir*. Temístocles foi um dos primeiros a escrever sobre Kolody, outros que também o fizeram sem, no entanto, terem seus direitos reservados de publicar-se como autores. Entre os pouquíssimos jornalistas que aparecem com seu nome divulgado anteriormente a 1985, temos Raquel Amaral (1978, n.p), que escreve: “Não tenho dúvida em apontá-la como uma das maiores poetisas vivas do Brasil”. E, também, Sergio Rubens Sossélia (1983): “os seus versos cromáticos (com larga predominância do azul) são preces veiculadoras do pedido e da resposta, rezas ardentes

revelando sonhos, meditações profundas e apaixonadas entre a angústia e a esperança” (Sossélia, 1983, n.p). Esses personagens acabam por representar os outros que já a divulgavam sem nenhuma hesitação.

Aramis Millarch dedica-se a escrever sobre Helena Kolody várias vezes dentre os anos de 1988 a 1990, veiculando ainda mais a ascensão de seu projeto com as publicações da Criar, mas sem, no entanto, esquecer os devidos reconhecimentos da sua trajetória: “Respeitada por gerações como uma das mais marcantes mestras do Instituto de Educação do Paraná” (Millarch, 1988, n.p.):

Simples e modesta assusta-se com o reconhecimento profissional de seu trabalho. Quando o editor Roberto Gomes, da Criar, a procurou há dois anos, para publicar ‘Sempre Palavra’ surpreendeu-se: ‘-Pela primeira vez não precisei pagar para publicar meus livros’ Surpresa maior ainda quando, há alguns meses, recebeu, [...] Cz\$ 1. 500,00 pela publicação de um de seus textos no Nicolau, mensário editado pela Secretaria de Cultura.” (Millarch, 1988, n.p.).

Foi enobrecendo a sempre modernidade e aceitação da obra poética de Kolody que Millarch inverte sua idade “81 (ou 18?) anos de iluminação poética” e resalta sua ascensão, como se perpetuasse pelos anos: “Helena é brilho, luz, magia – que a faz, há muito, não só a grande poeta do Paraná, mas uma das maiores do Brasil. [...] hoje merecidamente, tendo sua obra reconhecida nacionalmente” (Millarch, 1990, n.p.).

Ainda falando da imprensa paranaense, outros acabaram por escrever várias e intensas vezes sobre Helena Kolody. Um deles foi Miguel Sanches Neto (1996b, n.p): “O que importa é que a síntese, no seu caso específico, faz com que o põem se transforme, no ato da leitura, numa faísca poderosa capaz de incendiar tudo que o rodeia”.

É claro que Sanches Neto era um admirador declarado da obra de Helena Kolody e sem nenhum distanciamento também reforçou a representação da poetisa que agrada sem, no entanto, contextualizar

devidamente a intelectual, apesar de muito se aproximar disso: “Este papel de modernização ocorreu naturalmente, não sendo, portanto, fruto de um projeto. Esta é, a meu ver, a posição da obra de Helena Kolody no painel das letras locais” (Sanches Neto, 1996a, n.p.).

As pistas deixadas nos depoimentos, nas notas nos jornais, nos títulos concedidos, nas homenagens prestadas, nos agradecimentos sempre presentes nas falas da própria Kolody vão indicando suas principais interlocuções, a partir de experiências distintas, mas que lhe deram suporte e viabilizaram, a partir dos muitos e diferentes lugares que ocuparam. Mas, uma trajetória construída entre a educação e a poesia não pode prescindir de suas alunas como parte fundamental de sua rede de sociabilidade. Por meio delas, explorou o sentido educativo da poesia e foi alçada ao estatuto de mestra.

À docência, Kolody atribuiu e atribuíu muitas coisas, como ela mesma destaca: “No magistério, espalhei sementes de conhecimentos na seara de meus alunos. Mas, aprendi com eles a alegria de viver, a fé no futuro, **a coragem de lutar por um ideal**” (Kolody, 1997a, p. 1, grifo nosso). Tal ideal foi divulgar sua obra poética escrita: “Não morrerei, enquanto houver alguém que lembre um gesto, um riso, um verso meu. A morte verdadeira é o esquecimento” (Kolody, 1987, p. 3), perpetuando desta maneira todas as mensagens que calavam no coração daquelas normalistas:

Aprendi, principalmente, a usar a palavra, meu instrumento de trabalho de arte literária. A poesia ensinou-me a magia da palavra, seu poder criador, seu sortilégio transfigurador da realidade. **No magistério, aprendi a responsabilidade da palavra.** Tudo aquilo que se diz tem um valor presente e um alcance futuro incalculável. O que o mestre diz marca o aluno. [...] Quantas vezes gostaríamos de fazer voltar a roda do tempo e recuperar algo que dissemos! Mas, palavras são pássaros. Voaram! Não nos pertencem mais (Kolody, 1987, p. 3, grifo nosso).

Aos seus alunos, Helena Kolody atribuía até o que não fez: “Eu amava tanto o meu trabalho de professora e meus alunos que nunca tive coragem de deixá-los para fazer cursos no exterior.” (Kolody *apud* Santos, 1973, p. 7). Ela relata a importância que tinha o Instituto de Educação para ela: “Para o meu coração, a alma de Curitiba era a Escola Normal. Sempre adentrei seu recinto com uma profunda sensação de plenitude. (Kolody, 1987, p. 2). E tal importância é explicada a suas alunas da seguinte maneira:

Podemos comparar a escola com uma árvore que cresce pelas raízes e pelos ramos. Pelas raízes assenhoreia-se das tradições, dos valores consagrados. Pelos ramos conquista caminhos novos, numa incessante busca de melhor ajustamento a uma sociedade em contínua transformação. E o professor é a seiva dessa árvore. Da qualidade da seiva depende a qualidade dos frutos. (Kolody, 1958, p. 7).

Aplicava a cada discurso a relevância do trabalho docente que, ao mesmo tempo, é sua maior alegria e, também, sua maior responsabilidade: “Um professor não é apenas responsável pelo seu destino, mas, em certa medida, é responsável pelo destino daqueles cuja educação lhe foi confiada” (Kolody, 1958, p. 4). E, a cada encontro, principalmente os festivos, os agradecimentos transbordavam.

É fato que Kolody sabia a importância que seu posicionamento teve na vida das suas alunas “Não basta bem informar, é preciso formar para o bem” (Kolody, 1968, p. 2). E sinaliza para as recompensas: “Mas a vida duma educadora não é apenas um contínuo doar; é também um incessante receber, toda criança gera, inspira sacrifícios, cria uma límpida atmosfera de alegria e de apaixonado interesse pelas coisas (Kolody, 1956b, p. 5).

Helena Kolody, por várias vezes enfatizou e reconheceu a aliança entre poesia e educação, como vemos em algumas entrevistas: “Eu

sempre procurava misturar a poesia nas coisas de escola, dar um jeito” (Kolody, 1998, p. 25); “Em quase todas as minhas poesias, há um resquício de professora, essa sombra da professora, porque sempre tem uma mensagem, essa coisa que fica” (Kolody, 1998, p. 29); “Se você olhar bem a minha poesia, verá que tem sempre qualquer coisa de didática, não tem? Ela tem sempre uma mensagem oculta, real e tudo o mais” (Kolody, 1995, p. 35).

Kolody conheceu seu instrumento ainda criança, o que foi relatado por ela: “Desde criança **eu amava as palavras**” (Kolody, 1986, p. 192, grifo nosso). Fato que refletiu em sua vida, transformando até aquilo que não era bom em algo muito positivo: “É preferível uma solidão vibrante uma solidão tomada de sonhos” (Kolody *apud* Santos, 1989, p. 38). E tal solidão em Helena Kolody foi a mais populosa possível. Suas alunas transformavam-se em admiradoras e, com o passar dos anos, contribuíram para transformar essa admiração em reconhecimento.

Mas nessa relação que se constituiu pelas partilhas, ao ser indagada sobre o que ela queria deixar para essas tantas pessoas que a apoiaram e para as gerações futuras, a intelectual afirma:

Eu acho que hoje a nossa vida é muito tecnológica e parece que muita gente se esquece de sonhar sempre, e criar arte, não só pela palavra, porque a poesia é uma arte pela palavra. Toda arte é o exercício da imaginação, é um voo do sonho. Todo artista sonha viver a palavra. E sonhar é tão importante como raciocinar, quer dizer, a luta pela vida exige um trabalho racional, etc...Mas não esqueçam de sonhar, guardem sempre um pedacinho de paraíso para vocês sonharem e fazerem a sua arte, porque eu não acredito que a gente não tenha; [...] procurem descobrir a sua estrela, que seja da poesia, da pintura ou da música (Kolody *apud* Santos, 1989, p. 37).

Podemos dizer que Helena Kolody foi uma intelectual que construiu sua trajetória profissional entre a educação e a poesia, foi inserida e inseriu-se em meios que lhe proporcionaram contatos que

foram verdadeiros impulsos a cada ação constituinte da sua ascensão. Ao fim, podemos dizer que seu projeto acabou por se tornar um projeto de muitos que acataram a proposta e encontraram na professora e na poetisa alguém para amar, contribuindo e reforçando a consolidação de um mito.

Referências

ALVES, Cláudia. **Jean-François Sirinelli e o político como terreno da História Cultural.**

In LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Pensadores Sociais e história da educação II*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ALVES, Iria. Escritoras do século XIX e a exclusão do cânone literário. In: PASSOS, Elizete; ALVES, Iria; Macêdo, Márcia. (Orgs.). **Metamorfoses, gênero na perspectiva interdisciplinar**. Salvador: UFBA/Núcleo de estudos interdisciplinares sobre a Mulher, 1998.

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. **Helena Kolody, carbono & diamante: uma biografia ilustrada**. 2012. 344 p. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **Memória, identidade e religião entre imigrantes Rutenos e seus descendentes no Paraná**. 2007. 299 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. **A formação do professor e a organização social do trabalho**. Curitiba: Ed da UFPR, 1997.

SANTOS, Denise Grein. **Helena Kolody: a primeira brasileira da família**. Caderno do Museu de Imagem e Som do Paraná, Curitiba, n. 13, 25 ago. 1989.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Erasmo Pilotto: Reflexões acerca da formação de professores e da teoria da educação. In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; BENCOSTTA, Marcus Levy. **Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná: 1910-1980**. Curitiba: Editora UFPR, 2015a.

VIEIRA, Carlos Eduardo; DANIEL, Leziany Silveira. Lysimaco Ferreira da Costa e a formação de professores no Paraná na década de 1920/45. In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; BENCOSTTA, Marcus Levy. **Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná: 1910-1980**. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

Fontes

A CADEIRA 28 pertence agora a Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 mar. 1992.

AMARAL, Raquel. Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 mar. 1978, s/p.

BRITTO, Danielle. A Odisséia Lírica de Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 ago. de 2001.

GOMES, Roberto. Um poema de olhos azuis. **Correio de Notícias**, Curitiba, 02 out. 1987.

GOMES, Roberto. A espera que impera. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 15 out. 2000.

MANUEL, João. A “Opera ominia” de Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 01 fev. 1989.

MENDES, Isabel Kugler. Helena ‘a mulher que conheci’. **Jornal do Estado**, Curitiba, 16 out. 2004. Helena Kolody, sempre presente. p. b2.

RUIZ, Alice. Helena querida. **Correio de Notícias**, Curitiba, 02 out. 1987.

LEMINSKI, Paulo. Santa Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 jun. 1985.

KOLOGY, Helena. **Discurso de Paraninfa no Instituto de Educação do Paraná**. 1942.

KOLOGY, Helena. **Discurso de Paraninfa no Ginásio São José**. 1953.

KOLOGY, Helena. **Discurso de Paraninfa no Instituto de Educação do Paraná**. 1956b.

- KOLOGY, Helena. **Discurso de Paraninfa no Instituto de Educação do Paraná**. 1958.
- KOLOGY, Helena. **Discurso de Paraninfa em Cambé**. 1964.
- KOLOGY, Helena. **Discurso de Paraninfa em Prudentópolis**. 1965.
- KOLOGY, Helena. **Discurso de Paraninfa na escola normal da Lapa**. 1968.
- KOLOGY, Helena. **Entrevista concedida ao Museu de Imagem e Som**. 1973.
- KOLOGY, Helena. **Um leitor na biblioteca**. Entrevista concedida à Biblioteca Pública do Paraná. 1986.
- KOLOGY, Helena. **Discurso de Cidadã Benemerita de Curitiba**. 1987.
- KOLOGY, Helena. **Entrevista concedida ao Jornal Nicolau da Secretaria de Cultura do Paraná**. 1988.
- KOLOGY, Helena. **Entrevista concedida a Paulo Venturelli**. 1995.
- KOLOGY, Helena. **Discurso de Cidadã Benemerita do Paraná**. 1997a.
- KOLOGY, Helena. [Entrevista]. **Memória Paranaense**. Curitiba: Fundação INEPAR, 1998.
Entrevista realizada por José Wille.
- LINHARES, Temístocles. A poesia de Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 fev.1969.
- MILLARCH, Aramis. Helena Kolody, sempre com a emoção da poesia. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 mar. 1988.
- MILLARCH, Aramis. Helena Kolody, 81 (ou 18?) anos de iluminação poética. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 31 mar. 1990.
- SANCHES NETO, Miguel. Um estado de síntese (I), **Gazeta do Povo**, Curitiba, 28 out. 1996a.
- SANCHES NETO. Um estado de Síntese II. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 04 nov. 1996b.
- SOSSÉLIA, Sergio Rubens. Helena Kolody, minha Helena. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 31 jul. 1983.

4

MULHERES CATÓLICAS EM CENA: EDUCAÇÃO E RELIGIÃO ENTRECRUZADAS EM NOVE HISTÓRIAS DE VIDA

*Evelyn de Almeida Orlando
Cassiana Conceição de Carvalho*

Introdução

*Todos somos cristãos, quer o queiramos ou não, de tal forma as sociedades
ocidentais e suas culturas são modeladas pelo Cristianismo*

Jean-Paul Sartre

O presente texto nasce da inquietação de se atentar para a atuação das mulheres na organização da sociedade, na produção da cultura e no peso que a religião confere às suas ações. O trabalho está circunscrito no campo da História da Educação, com enfoque na relação entre Educação, Gênero e Cristianismo. Religião e mulheres figuram nesta pesquisa como dois temas ligados pela educação e, neste trabalho, com recorte particular no catolicismo. Entendemos a religião como fenômeno cultural carregado de sentidos e sensibilidades, frutos de experiências múltiplas e indicativas dos modos pelos quais os sujeitos participam da construção de suas identidades e do mundo em que vivem. Também compreendemos, segundo Bourdieu (2004), que este é um campo de tensões que disputa o cenário educacional e a legitimidade sobre a formação dos indivíduos. Nesse sentido, os múltiplos caminhos trilhados e as diversas práticas, empreendidas nessa direção, expressam uma participação efetiva das mulheres na sociedade, na cultura e na construção das identidades individuais e coletivas.

Buscamos identificar e discutir práticas educativas religiosas femininas em diferentes cenários, a partir da História Oral, produzindo

paralelamente um conjunto de fontes orais para a História da Educação, as quais estão divulgadas no YouTube com acesso aberto e gratuito¹. Nosso problema norteador passa por compreender como e por quais caminhos as mulheres católicas contribuem em seu cotidiano com a (re)produção de uma cultura católica e quais os sentidos que o pertencimento religioso possui em suas vidas? Partindo da tese de que as mulheres são as grandes mediadoras do catolicismo “entre o clero e o povo”², consideramos suas ações tanto no âmbito formal quanto informal e tentamos apreender a consciência desse trabalho e dessa forma de inserção social.

Do ponto de vista teórico, nos amparamos em Le Goff (1978), Le Goff e Nora (1976a), (1976b) e (1976c), para pensar a virada historiográfica que permitiu compreender a história a partir de novos objetos, fontes e abordagens. Nesse sentido, nos baseamos em Dupront (1976) para entender a religião, a partir de uma visão antropológica, fundamental à compreensão da mesma como objeto cultural:

Através da experiência religiosa, o homem vive num ritmo lento, o qual oferece, quando apreendido em seu próprio movimento, uma extraordinária e talvez única possibilidade de decifrar confissões e testemunhos, e o duplo sentido do combate de existir e da interpretação que o próprio homem dá a si mesmo de tal combate. Desse modo, o tempo longo e a eternidade, ou antes, a extratemporalidade são na verdade normalmente confundidas na mentalidade coletiva. Assim, a história dos fatos religiosos pode validamente estabelecer-se como fornecedora de material antropológico (Dupront, 1976, p. 84).

¹ Os links dessas fontes serão indicados ao longo do texto, conformem as entrevistas forem sendo mencionadas. A pesquisa ainda gerou como produto final o documentário *Mulheres Católicas em cena: o protagonismo feminino na (re)produção da cultura cristã*, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=aN5BIeITSBA&t=2s>

² Tomo de empréstimo a expressão utilizada por Terezinha Zanlochi (2001).

No campo da História da Educação, dialogamos com Veiga e Fonseca (2008), que inserem a história da educação em um contexto de diálogo com a história cultural, e afirmam que “sendo a educação um campo extremamente vasto de temáticas, não é possível tomá-la a partir de metodologias e conceituações únicas e muito menos como subcampo ou especialização da História”. As autoras ainda introduzem a história cultural como produto da historiografia contemporânea, a qual traz a história do cotidiano (vida pessoal ou privada), da família, das mulheres, da sexualidade, da religiosidade como possibilidades de investigação.

Nesse mesmo contexto, Galvão e Lopes (2006) afirmam que mudanças estão acontecendo na história da educação e que “essas mudanças não evitam que a postura positivista e a visão romântica e cristã da história continuem impregnando nossa maneira de selecionar, tratar e analisar as fontes e escrever história” (Galvão; Lopes, 2006, p. 31). Afirmam ainda que, na história, as mulheres são menos citadas que os homens, porém, desde muito antes de ocuparem o espaço da escola, as mulheres ensinam/educam as necessidades básicas da sociedade: andar, falar, comer e vestir-se.

Nesse sentido, nosso diálogo com a História das Mulheres no Brasil, se deu, principalmente, a partir das obras de Del Priore e Pinsky (2011) e Pinsky e Pedro (2010). Na primeira obra, é possível perceber, nos artigos reunidos pelas autoras, as ocupações da mulher como nova trabalhadora. Fonseca (2011, p. 516) afirma que “as mulheres que trabalhavam nas tarefas caseiras tradicionalmente femininas, lavadeiras, engomadeiras, pareciam correr menos perigo moral do que as operárias industriais”.

Pinsky e Pedro (2010) assinalam que a história das mulheres no Brasil iniciou-se de maneira lenta e levou anos para seu

reconhecimento na sociedade, o que ocorreu mais efetivamente somente na metade do século XX. As autoras destacam a diferença entre classes e educação, destacando como isso apenas mudou depois do período de industrialização e mostram como as mulheres eram “rotuladas” de acordo com seu status social:

No panorama social mais amplo, as velhas permaneciam em boa parte diligentes avós ou “beatas”; as casadas, das várias idades, ainda quietas “rainhas do lar”; as solteiras jovens continuavam com medo do ostracismo social do “barricão”; as “moças-velhas” permaneciam virgens ou socialmente consideradas assim. (Pinsky; Pedro, 2010, p. 90)

Sobre o entendimento de minorias na História, foi consultado o trabalho de Perrot (1998), o qual mostra que o papel da mulher mudou no decorrer dos anos. No século XIX, a mulher passa a ser reconhecida como sendo do povo, a qual passa a ter outras funções sociais, como médicas, religiosas, culturais, mas também com o papel na educação de seus filhos. Além de atuarem em casa, essas mulheres começam a intervir na cidade em atividades formais e informais (Perrot, 1998, p. 180).

A escolha das testemunhas: mobilizando memórias para produzir história

Nessa pesquisa, nossas fontes privilegiadas foram as narrativas de nossas entrevistadas, que mobilizaram suas memórias para reconstruir suas trajetórias. Como elas narram sua vida? Como elas se veem nesse lugar de mediação religiosa e cultural? Será que elas têm consciência da dimensão e do impacto de suas ações? Essas perguntas nos inquietavam e nos instigavam a ouvi-las.

Segundo Le Goff (2003), a memória é “um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (Le Goff, 2003, p. 469). Para ele, a memória coletiva é um

instrumento de poder, (constituída e sedimentada pela escrita), mas que as sociedades se dão, inicialmente, pela memória social (oral), que permitem retomar fatos e tradições do passado.

Bosi (1987, p. 43) declara que “a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que escutam”. Dessa forma, mesmo que muito se deva à memória coletiva, é somente o indivíduo que tem acesso ao passado e mantém objetos significativos para ele em seus registros pessoais (Bosi, 1987, p. 333).

Já Pollak (1992) chama a atenção para a relação entre memória e identidade, a qual depende de três aspectos, para o autor: acontecimentos, personagens e lugares. Os acontecimentos vividos individualmente ou coletivamente não se situam no mesmo espaço-tempo de todos e podem fazer parte ou não do imaginário do grupo. Mas, “a memória é constituída por pessoas, personagens” que perpassam pela vida, transformam-se em conhecidas mesmo que não pertençam ao mesmo espaço-tempo de alguém. Igualmente aos acontecimentos, os locais podem ser ligados a uma lembrança em particular ou uma lembrança pública. Esses aspectos podem constituir um importante fator empírico concreto (Pollak, 1992, p. 2). Nesse sentido:

Além dessas diversas projeções, que podem ocorrer em relação a eventos, lugares e personagens, há também o problema dos vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento. [...] No extremo oposto, só para marcar a polaridade, se fizermos entrevistas com personagens públicas, a vida familiar, a vida privada, vai quase que desaparecer do relato.

Por fim, François (2006, p. 4), afirma que a história oral é inovadora por seus por seus objetos, quase sempre relacionados aos excluídos da sociedade, como as mulheres e os proletários. Por essa ótica, é contada

a história do cotidiano de uma história local, e, também, busca-se apreender as visões subjetivas dos sujeitos em uma perspectiva da “micro história”, sendo a memória individual oral seu principal objeto.

A partir dessa fundamentação sobre o trabalho com as memórias, foram utilizados os três principais pontos que Tourtier-Bonazzi (2006, p. 233) indica: a seleção da testemunha, o lugar da entrevista e o roteiro da entrevista.

No processo de localização e escolha das testemunhas, foram selecionadas nove mulheres católicas de diferentes regiões de Curitiba, de segmentos socioeconômicos, grau de escolaridade e atuações distintas de liderança na Igreja, como coordenadora ou participante de pastoral ou na sociedade, com algum projeto para a comunidade ou algum público específico³.

Ao citar as participantes durante o texto, serão utilizados os termos como disponibilizados no Quadro 1, com a relação dos nomes e atividades de cada entrevistada, conforme acordado com as entrevistadas.

Quadro 1 – Participantes da pesquisa

Participante	Nome	Atuação
Participante 1	Adélia Maria Woellner	Escritora
Participante 2	Adélia Gava	Irmã Beneditina da Divina Providência
Participante 3	Alzira Borges Rodrigues	Catequista
Participante 4	Glória da Fonseca de Oliveira	Organizadora de Projetos Sociais
Participante 5	Josiane Antunes Andrade	Coordenadora diocesana das Capelinhas
Participante 6	Lázara Cristina de Paulo de Carvalho	Coordenadora dos ministros e apostolado da oração

³ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e todas as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido concordando com a realização e a divulgação da pesquisa. Processo de Aprovação do Comitê de Ética nº 1.682.977.

Participante 7	Lourdes Pereira	Presidente Diocesana do Apostolado da Oração e Ministra da Eucaristia e Palavra
Participante 8	Luiza Leite Temerão	Catequista e organizadora de ações sociais
Participante 9	Maria Rita Rebelo Lacolla	Presidente da Oficina de Santa Rita

Fonte: Organizado por Carvalho (2018).

Para as entrevistas, foram elaboradas perguntas relativas à história dessas mulheres, tanto de âmbito pessoal quanto em relação ao ambiente religioso no qual transitam. Buscamos partir de questões que perpassam cada fase de suas histórias até compreender sua atuação na Igreja considerando, no momento atual, como ela percebe seu papel na (re)produção da fé católica e como ela vê o significado desse trabalho para si mesma, para a comunidade e para a cultura. Durante a entrevista, as perguntas foram feitas de acordo com a posição social que cada participante ocupava, adequando as questões de acordo com sua atuação na igreja e/ou na comunidade.

Mulheres a serviço da fé: olhares e narrativas de si

Nas entrevistas realizadas, foram observados alguns pontos em comum no discurso de todas as participantes, tanto em relação ao sentimento por realizar determinado papel perante a sociedade quanto em relação ao que isso acarreta em suas vidas pessoais. Para fazer essa relação entre as entrevistas, relatamos abaixo os pontos mais relevantes de cada experiência, considerando nosso problema de pesquisa.

Na entrevista de Adélia Maria Woellner (2018)⁴, foi possível notar o engajamento mais relacionado à espiritualidade na produção escrita da

⁴ Entrevista disponível no <<https://youtu.be/-Foll0ei-aw>>

entrevistada. Sua escrita é direcionada a crianças em idade escolar e tenta, por meio de suas obras, transmitir valores sociais como respeito aos idosos, ao próximo, solidariedade, amizade. O retorno desse trabalho, segundo Adélia, é tido por meio do reconhecimento das crianças em palestras formativas, nas quais a autora afirma que é possível identificar o quanto suas histórias influenciam nas vidas das crianças. Além de seu trabalho voltado ao público infantil, a autora também escreve a respeito de práticas religiosas para adultos, com um trabalho mais voltado para a espiritualidade, a fim de propiciar ao leitor uma visão mais poética das coisas mundanas.

Já para Adélia Gava (2018)⁵, a religiosidade é tida como a essência de sua vida e ressalta sua experiência como educadora, tanto na catequese ou como professora pedagoga e religiosa. É possível perceber que, como irmã da Congregação Beneditina da Divina Providência, Adélia enxerga a fé e a religião católica como um norte para si e direcionamento de sua vida. Suas ações promovem a educação religiosa das crianças por meio de sua experiência de vida, e ações práticas perante a comunidade. A congregação da qual participa trabalha com projetos para crianças.

Alzira Borges Rodrigues (2018)⁶, com seus mais de 30 anos como catequista, mostra que a educação religiosa perpassa os momentos de relação com as crianças e/ou adultos na sala de catequese. De sua experiência, ela afirma que a curiosidade e afeto dos educandos contribuem tanto para sua vida quanto para a do aprendiz. O reconhecimento de seu trabalho vem tanto pelos próprios estudantes como pelos pais, que testemunham o desenvolvimento de seus filhos.

⁵ Entrevista disponível no link <<https://youtu.be/U7-f73aL9Ws>>

⁶ Entrevista disponível no link <<https://youtu.be/LoU4-IFeEOA>>

Ela também destaca como reconhecimento a possibilidade de ver o quanto sua contribuição em relação à fé cristã influenciou na vida adulta daquelas crianças, depois de passado um longo tempo, muitas vezes, sem contato com eles. Para ela, a busca por conhecimento pessoal indica um crescimento religioso muito grande e incide em seu papel como educadora no âmbito religioso.

As experiências de Glória da Fonseca de Oliveira (2018)⁷ dentro da Igreja marcam sua vida por uma trajetória de solidariedade. Suas ações com o próximo significam, para ela, mais do que o cumprimento de um trabalho em prol da fé. A doação de sua casa, de seu tempo e sua dedicação a pessoas necessitadas significam, para ela, uma doação de si mesma. Essas experiências narradas mostram como, para Glória, suas ações engrandecem sua vida e como isso lhe retorna através de resultados que ela considera como positivos e enriquecedores. Ela acredita que sua história mostra a todos a sua volta como é recompensador trabalhar em prol do próximo, justificando que boa parte de sua dedicação se deve à colaboração e engajamento de outras pessoas em seus projetos.

Para Josiane Antunes Andrade⁸, o trabalho que realiza para a Igreja contribui fortemente com sua vida pessoal, mas também para a própria Igreja. Começou aos poucos e, com o passar do tempo, foi ganhando uma importância cada vez maior para sua vida religiosa e pessoal. Apesar de se considerar inexperiente, ela afirma que seu trabalho com toda a diocese permite que abra a visão de muitos dos quais já estavam ocupando cargos religiosos há muito tempo. O respeito que conseguiu, por meio de suas ações, possibilitou mostrar para as pessoas a sua volta

⁷ Entrevista disponível no link <<https://youtu.be/0zmt8fUAUDA>>

⁸ Entrevista disponível no link <<https://youtu.be/1WcWaBwB2iw>>

o seu valor e sua capacidade de trabalhar em prol da fé católica. Sua força e ações em prol de melhorias para a sua área de atuação, permitiu-lhe ganhar o respeito e a admiração de pessoas que, em princípio, duvidavam de sua capacidade para liderá-los.

A fala de Lázara Cristina de Paulo de Carvalho⁹ mostrou que a prática religiosa contribui diariamente em sua vida. Suas responsabilidades como coordenadora dos ministros e apostolados influenciam em sua trajetória religiosa de modo prático, juntamente com trabalhos sociais, como o bazar beneficente, por exemplo, os quais ela acredita que traduzem um exemplo de vida para quem está à sua volta. A preocupação com o próximo faz com que seu papel de ministra, presidente do apostolado ou participante da comunidade religiosa, seja evidenciado por suas práticas sociais, visando o bem-estar do outro. A promoção de educação que valoriza a religião que professa fica clara, para ela, por meio dessas ações, as quais transmitem valores, associados ao catolicismo de forma indireta pela caridade, mas de forma prática e abrangente.

A vivência em prol da religião e da fé para Lourdes Pereira¹⁰ implicam diretamente em sua vida. Com uma fala muito voltada a uma experiência de vida guiada pela fé católica, a entrevistada demonstra leveza ao falar de como isso está ligado à construção de si mesma e passa, sutilmente, a mensagem de quanto essa relação com o sagrado não é pesada. O trabalho como coordenadora diocesana do apostolado, ministra da palavra e agente de reprodução da fé por meio de um informativo religioso, mostra que sua trajetória é direcionada por valores e ensinamentos cristãos com o objetivo de enriquecimento pessoal para si e para os outros.

⁹ Entrevista disponível no link <https://youtu.be/_0e8KilJQ8w>

¹⁰ Entrevista disponível no link <<https://youtu.be/H9yrpZ-c3Zw>>

Na entrevista de Luiza Leite Temerão¹¹, é visível o quanto as ações sociais que desenvolve impactam sua vida. A emoção de falar do reconhecimento de seu trabalho com o próximo mostra que tudo que faz é essencial em sua vida e a atinge diretamente. Seu trabalho como catequista possibilita a educação religiosa de crianças. A entrevistada acredita que seu testemunho de vida serve como exemplo prático de como é recompensador trabalhar em prol do próximo, visando o melhor para a comunidade e para quem precisa de auxílio, tanto espiritual quanto fisicamente. Mesmo as pequenas ações, como dar um prato de comida ou um agasalho a quem precisa, implicam, para ela, em um crescimento pessoal significativo.

Para a participante Maria Rita Rebelo Lacolla¹², sua vivência na Igreja e na comunidade lhe ajuda a construir uma visão mais plena de sua vida. Seu trabalho com o grupo de senhoras ajuda a promover a cultura religiosa por meio das ações do grupo, seja na ajuda a uma criança necessitada ou na comunhão do momento do grupo. Suas ações têm cunho prático na vida de quem precisa. Mesmo pertencendo a um segmento social privilegiado, busca alcançar também a periferia, de modo a buscar sempre ajudar ao próximo.

A narrativa dessas nove mulheres reunidas nesta pesquisa nos permitiu colocar em relação três eixos de análise para pensar a presença das mulheres na produção e mediação da cultura: “educação, religião e gênero”, os quais devem ser compreendidos em suas potencialidades e limites. Se no âmbito das pesquisas essa articulação pouco tem aguçado os olhares dos pesquisadores, nas práticas elas se constroem quase de maneira natural, dando pouco espaço a problematizações e

¹¹ Entrevista disponível no link <<https://youtu.be/T3KgYlmdft4>>

¹² Entrevista disponível no link <<https://youtu.be/whsH-4HrwQg>>

questionamentos sobre o impacto que essa dimensão formativa tem na organização da sociedade e, sobretudo, na (re)produção de estereótipos sociais, sobretudo aqueles voltados à questão do gênero.

A relevância desse estudo também encontra respaldo no estatuto que as mulheres possuem nesse mundo contemporâneo em relação às religiões. De acordo com Rosado (2001), o impacto dos estudos feministas para o estudo das religiões provocou mudanças significativas e contribuiu para que as Ciências Humanas ampliassem o olhar para esse objeto e para a abordagem unilateral que vinha utilizando:

Em um primeiro momento, a crítica das religiões foi feita no plano político e militante. As religiões foram tratadas apenas como instrumentos dos mais eficazes para o controle das mulheres e a manutenção de sua subordinação social e religiosa [...] Posteriormente, o desenvolvimento de pesquisas de caráter acadêmico, mais analíticas e com bases empíricas, aplicaram ao domínio das religiões, conceitos e métodos de pesquisa feministas. Foi possível assim, avaliar a complexidade das relações existentes no interior do campo religioso. Desvendaram-se os laços ambíguos e contraditórios das mulheres às religiões e destas às mulheres, no interior das organizações religiosas. A observação empírica mostrou as religiões como espaços sociais complexos, portadores de contradições, que não funcionam sempre e em todas as sociedades como forças conservadoras. Dadas certas circunstâncias, elas podem funcionar como forças mobilizadoras, levando as mulheres a resistir ao seu poder disciplinador (Rosado Nunes, 2001, p. 86-87).

Percebemos que a religião e a religiosidade para essas mulheres é um fator imprescindível em suas vidas e, de modo geral, compartilham do mesmo ideário de que este é um caminho que deve ser seguido por todos. Os valores cristãos afetam todas as suas ações, as quais, mesmo que indiretamente, têm o objetivo de educar ou servir como exemplo a todos que estão a sua volta.

A satisfação de exercer um papel na sociedade em diferentes espaços mostra que essas mulheres acreditam estar a serviço de um bem

maior, e isso tem um impacto, que é destacado por todas elas, como fundamental em suas vidas. Suas histórias, aqui narradas, retratam apenas alguns desses aspectos, recortados, selecionados, valorados em suas memórias e projetados em suas falas. Em larga medida, pode-se aferir a ideia e o sentimento de valor que emerge na fala de todas as mulheres entrevistadas neste trabalho. O reconhecimento que recebem da família, da comunidade, da Igreja, atitudes que fazem questão de afirmar como recompensadoras para si mesmas.

Atuando na posição de mediadoras da fé e da cultura católica, elas estão em diferentes lugares, com pequenas ou grandes ações, agindo de maneira efetiva sobre todos que, de algum modo, estão a seu alcance. Essas mulheres podem não ter consciência - e nenhuma delas dá indícios do contrário - do valor político de suas ações para a manutenção de uma tradição religiosa ou para seu papel de produtoras e mediadoras culturais.

Acostumadas com a naturalização do lugar secundário produzido para as mulheres em culturas religiosas, sobretudo as monoteístas como o cristianismo, judaísmo e islamismo, cujo domínio masculino é uma característica distintiva¹³, seu trabalho, apesar de ressaltarem a importância que possui para elas e para a própria Igreja, se faz às margens, sobretudo pelo cuidado e pela educação.

Apesar de uma atuação quase sempre à sombra de figuras masculinas, é indiscutível a participação das mulheres como (re)produtoras da cultura. Seu trabalho, no entanto, tem ficado obscurecido na historiografia da Igreja, da educação e mesmo das mulheres. Este último, em larga medida, tem deslocado seu olhar para

¹³ Essa ideia, amplamente discutida por Mariane Weber, é apropriada neste projeto a partir da leitura de Sergio da Mata, no livro *História e Religiões* (2010).

uma presença feminina mais combativa, mais progressista, geralmente relacionada a um movimento feminista mais contundente e com enfoque privilegiado em mulheres que ousaram enfrentar o sistema e romper uma estrutura de negação, invisibilização e violência.

Em que pese a legitimidade, a relevância e a urgência dessas pesquisas, outras mulheres - tidas como conservadoras, por estarem geralmente associadas a contextos religiosos - têm sido deixadas fora dessa história feminina, apesar da atuação que sempre exerceram na sociedade, a partir de seus diferentes cotidianos, tanto na dimensão pública quanto no âmbito privado. Suas histórias muito revelam dos modos pelos quais, seja individual ou coletivamente, elas se apropriam e reproduzem de um conjunto de tradições, *habitus*, valores e comportamentos nos diferentes espaços em que circulam.

Suas experiências de um lado revelam um desejo, ainda que não muito claro para elas mesmas, de se afirmarem como sujeitos, de produzirem uma identidade própria em um cenário reconhecidamente patriarcal, como o da Igreja Católica. Conservadoras ou progressistas, embora muitas delas não possam ser entendidas nessa chave de leitura bilateral, elas ocupam espaços públicos e, por meio deles, vão imprimindo sua marca na cultura e na sociedade.

Um estudo no campo da História da Educação sobre a relação entre as mulheres e suas práticas impregnadas de um *ethos* religioso contribui para pensar o papel que exercem dentro do campo religioso, dando visibilidade a suas ações em diferentes tempos históricos e aos modos como elas lidam ou transgridem esse lugar secundário.

O que nos parece, em todas as entrevistas, é que existe um distanciamento ou uma ausência de problematização desse lugar secundário que as mulheres possuem na hierarquia religiosa católica e dos modos como essa configuração reverbera na vida social. Todavia, se

de um lado, nenhuma das entrevistadas questiona essa lógica em suas falas; tampouco nenhuma delas se coloca apenas como observadora e ouvinte, em uma relação passiva nesse lugar social que ocupam dentro da instituição. Ao contrário, todas apresentam consciência de que o trabalho social e pastoral que desenvolvem é fundamental para a manutenção da Igreja e adotam uma postura de mulheres de ação. Com isso, articulando o crer e o fazer, essas mulheres transitam entre o religioso, o moral e o político e produzem, cotidianamente, saberes que marcam o seu entorno, com traços de conservadorismo e transformação.

Não nos propusemos nesta pesquisa a compreender a ação dessas mulheres, sob os efeitos da dominação - obviamente, não negamos esses efeitos, sobretudo em uma instituição em que a hierarquia se constrói sobre uma estrutura patriarcal - mas, buscamos compreendê-las como “atrizes de suas vidas, para além de suas exigências de libertação” e através de seus atos, indicativos de “movimentos que testemunham uma mudança cultural” (Touraine, 2010).

Ao não adotar um posicionamento mais crítico, todas as entrevistadas enfatizaram a dimensão religiosa de suas práticas, como se isso lhe conferisse um caráter mais nobre, mas sobretudo, como uma chancela, uma autorização para exercê-las. Essa legitimidade para circular, agir e falar na sociedade em nome da fé parece causar certo empoderamento a essas mulheres que se colocam em um lugar privilegiado de falar ao outro, cuidar do outro, conduzir o outro. É uma identidade que vai sendo forjada - fundamentalmente no caso das entrevistadas dessa pesquisa, pela caridade, educação e evangelização - mas que produz em si mesmas um sentimento de distinção¹⁴ e poder

¹⁴ O conceito de distinção é aqui utilizado na perspectiva proposta por Bourdieu (2007).

sobre os demais, mesmo que tal poder não lhe seja conferido oficialmente e não apareça em suas falas como objeto de interesse¹⁵.

Por meio do discurso proferido pelas entrevistadas desta pesquisa, foi possível perceber que educar faz parte do seu fazer cotidiano. A permanente referência à fé, seja por palavras, a forma como conduzem suas vidas, os papéis que desempenham na comunidade, funcionam como uma pedagogia do exemplo, e suas ações ganham um estatuto diferenciado, por estarem ligadas a uma causa maior.

Ensinadas a não alimentar vaidades, suas falas não enfatizam sentimento de poder nem o desejo explícito de reconhecimento. Todavia, suas narrativas deixam pistas, rastros que, seguidos, levam a um ponto comum: o sentimento de satisfação e crescimento pessoal que cada uma afirma sentir ao realizar esses trabalhos, que podem ser lidos como um sentimento de empoderamento. No entanto, este sentimento é sempre relacionado à sua opção religiosa, considerada o principal componente de suas vidas, cujo impacto é sempre valorado como positivo. Com isso, ainda que não percebam com clareza, essas mulheres produzem um discurso não apenas em favor da fé, mas de uma cultura católica, promovendo-a como um caminho a ser seguido e uma orientação a ser respeitada. Do ponto de vista social e cultural, essa militância possui uma dimensão política que vai impregnando o catolicismo, em diferentes setores da sociedade, e que, apesar da modéstia de suas falas, não parece passar despercebida a essas mulheres.

Todavia, essa dimensão do poder e distinção - traduzida por crescimento pessoal em suas falas - pode ser a chave interpretativa para nos ajudar a compreender porque as mulheres continuam, em larga medida, reproduzindo uma cultura religiosa que as coloca sempre em

¹⁵ Sobre os poderes que as mulheres exercem na sociedade, ver Perrot (1998).

lugar secundário na instituição, com suas ações obscurecidas, a serviço de figuras masculinas, seja de Deus (que apesar de ser espírito é representado como Pai e não como Mãe, o que contribui para reforçar essa representação desde o topo da hierarquia), do padre, do próximo.

Se é verdade que existe, no interior da própria Igreja Católica, um conjunto de mulheres que questiona essa lógica e configura o que se chama de “Teologia Feminista”¹⁶, há, no entanto, um conjunto ainda expressivo, em postos de liderança na Igreja e na sociedade que não apenas não problematiza essa questão, como a defende e a difunde como valor. Seria essa uma forma autorizada de poder continuar falando o ocupando espaços sociais diferenciados que, de outro modo, talvez não ocupassem?

A reprodução dessa lógica pode ser entendida como uma dinâmica de um jogo de poder que seleciona alguns agentes para ocuparem funções com alguma distinção. Uma vez nessa função, esses agentes asseguram que esse lugar seja mantido, reproduzindo a lógica que os levou até ali. Ao relacionar, pela História Oral, as memórias dessas mulheres, é possível perceber como suas vidas estão interligadas com suas práticas religiosas e como isso permite que elas se constituam como sujeitos de suas próprias histórias, com uma trajetória diferenciada em seu contexto social. Elas confirmam uma tese já apontada por Touraine que,

¹⁶ Movimento plural que nasce na América Latina nos anos de 1970 e 1980. Na Igreja Católica tem sua inspiração na Teologia da Libertação, em que pesem as diferentes pautas dos dois movimentos. Gebara afirma que “no centro da reflexão das teologias feministas está uma intencionalidade de base que se expressa na afirmação da dignidade feminina através de múltiplas formas. Essas teologias são marcadas pelos contextos diferentes em que nascem e por algumas problemáticas diferentes, dependendo do objetivo imediato perseguido. Costumo chamar esses objetivos específicos ou imediatos de intencionalidades específicas, visto que partem da preocupação de grupos específicos como as mulheres negras, indígenas, lésbicas, trabalhadoras do campo, empregadas domésticas, etc. É a partir daí que se pode falar das diferentes teologias feministas. Nem sempre essas teologias são escritas, mas elas se expressam na vida cotidiana e nos múltiplos encontros de mulheres” (Rosado-Nunes, 2006, p. 298).

diferentemente da maioria dos estudos que falam pelas mulheres ou sobre elas, [as mulheres] não acreditam no necessário desaparecimento da identidade feminina, não se consideram vítimas, mesmo quando sofrem injustiças ou violências [...] as mulheres carregam dentro delas projetos positivos bem como o desejo de viver uma existência transformada por elas mesmas (Touraine, 2010, p. 23).

Essa é uma leitura que, segundo o referido autor, nos permite avançar para outras percepções que fogem da “representação de uma vida social reduzida aos efeitos de uma dominação radical que torna *a priori* impossível a formação de atores e movimentos sociais” (Touraine, 2010, p. 23). Esse outro olhar permite ler as mulheres, como sujeitos de suas histórias, inseridas em diferentes contextos, elaborando táticas de atuação e agindo politicamente a partir de sua condição feminina.

Considerações Finais

A partir das narrativas das nove mulheres entrevistadas, foi possível relacionar como elas desenvolvem o papel de educadoras e mediadoras de uma cultura religiosa, não somente por meio de suas palavras, mas sobretudo, por meio de suas ações junto à sociedade. De muitos modos, elas intervêm na cena pública e se engajam na vida da cidade, de maneira a moldá-la a partir de um referencial religioso que orienta suas práticas de catequese, da docência ou por meio de ações sociais. Mesmo que indiretamente, essas mulheres educam por meio dos seus fazeres e se projetam como exemplos reais de como essa fé, que orienta as suas vidas, é recompensadora e lhes dá suporte em suas ações diárias.

Podemos dizer que a participação de mulheres na organização da sociedade em bases religiosas possibilitou-lhes um movimento em direção ao espaço público. Mulheres de elite e do povo, de muitos modos, produziram maneiras de se fazer presentes em práticas do cotidiano

pela religião. Como intelectuais, escritoras, professoras, enfermeiras, médicas, gestoras, catequistas, benzedeiras, esposas de líderes religiosos ou mães, dentre tantas outras funções que exerceram, as mulheres contribuíram de forma expressiva para afirmar um conjunto de crenças capazes de configurar um *habitus* religioso e moral como elementos culturais em diferentes contextos sociais. A religião se constitui, portanto, em um poderoso veículo de expressão dessas mulheres e canal legítimo pelo qual intervêm na vida pública.

A produção desses saberes e fazeres, a representação dessas experiências múltiplas e multifacetadas, as táticas de circulação que tais mulheres desempenharam, seu protagonismo na organização da cultura e da sociedade e o relevo das religiões como caminho possível para esse voo ainda merecem um investimento de pesquisa mais expressivo que permita discutir, em uma dimensão mais ampliada, em que medida elas reproduzem uma cultura de invisibilização e secundarização da sua própria categoria, e em que medida elas rompem ou avançam nessa configuração.

Se, nesse primeiro momento da pesquisa, nos propusemos a compreender de que modo essas mulheres se colocam como mediadoras de uma cultura religiosa, muitas perguntas surgem a partir desta pesquisa. Qual o grau de conscientização que essas mulheres possuem sobre o poder social e cultural que exercem? Para além da reprodução da fé, como elas se percebem na mediação de uma cultura religiosa que, em suas bases, atribui às mulheres um lugar secundário na sociedade e reforça papéis sociais para homens e mulheres profundamente desiguais? Suas ações buscam conservar ou transformar essas representações historicamente construídas? De que maneira?

Para avançarmos nessas questões, a chave de leitura para esse debate também nos parece necessário ser ajustada. Entender a ação

dessas mulheres dentro do binômio conservação x transformação não é suficiente para compreender a forma como essas mulheres se movimentam nesse jogo de poder que se afirma tanto no interior do campo religioso como fora dele. Compreender a diversidade de formas as quais, ao longo dos tempos, as mulheres vêm encontrando para ser e estar no mundo, demanda ampliar o olhar para percebê-las em seus diferentes contextos e em seus muitos modos de existir e de se afirmar como sujeitos e atrizes sociais. Só nessa amplitude, podemos pensar um campo de investigação que lê o mundo a partir das mulheres.

Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1987.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira, São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed., São Paulo: Contexto, 2011
- DUPRONT, Alphonse. A Religião: Antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- FONSECA, Claudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed., São Paulo: Contexto, 2011.
- FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2010.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **A nova história**. Lisboa: Edições 70, 1978. 113 p.

- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976a.
- LE GOFF, Jacques. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976b.
- LE GOFF, Jacques. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976c.
- MATA, Sergio da. **História & Religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- ROSADO-NUNES, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. In: **Revista de Estudos Feministas**, vol. 14, n.1, Florianópolis, Jan/Abril, 2006, p. 294-304)
- ROSADO NUNES, Maria José. O impacto do feminismo das religiões. **Cadernos Pagu** (16), p.79-96. 2001.
- TOURRAINE, Alain. **O mundo das mulheres**. Trad. Francisco Morás. 2ª ed. Revista, Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- TOURTIER-BONAZZI. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da HISTÓRIA ORAL**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nívia de Lima e (Orgs.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- ZANLOCHI, Terezinha. **Mulheres Leigas na Igreja de cristo**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

Entrevistas

Adélia Maria Woellner. Entrevista concedida à Cassiana Conceição de Carvalho. 2018.
Disponível em <https://youtu.be/-Foll0ei-aw>

Adelia Gava. Entrevista concedida à Cassiana Conceição de Carvalho. 2018. Disponível
em <https://youtu.be/U7-f73aL9Ws>

Alzira Borges Rodrigues. Entrevista concedida à Cassiana Conceição de Carvalho. 2018.
Disponível em <https://youtu.be/LoU4-lFEeOA>

Glória da Fonseca de Oliveira. Entrevista concedida à Cassiana Conceição de Carvalho.
2018. Disponível em <https://youtu.be/0zmt8fUAUDA>

Josiane Antunes Andrade. Entrevista concedida à Cassiana Conceição de Carvalho. 2018.
Disponível em <https://youtu.be/1WcWaBwB2iw>

Lázara Cristina de Paulo de Carvalho. Entrevista concedida à Cassiana Conceição de
Carvalho. 2018. Disponível em https://youtu.be/_oe8KilJQsw

Lourdes Pereira. Entrevista concedida à Cassiana Conceição de Carvalho. 2018.
Disponível em <https://youtu.be/H9yrpZ-c3Zw>

Luiza Leite Temerão. Entrevista concedida à Cassiana Conceição de Carvalho. 2018.
Disponível em <https://youtu.be/T3KgYImdft4>

Maria Rita Rebelo Lacolla. Entrevista concedida à Cassiana Conceição de Carvalho. 2018.
Disponível em <https://youtu.be/whsH-4HrwQg>

5

MULHERES PROTESTANTES EM CENA: EDUCAÇÃO E RELIGIÃO EM SUAS HISTÓRIAS DE VIDA

Evelyn de Almeida Orlando
Daniela Dalagrana Penteado

Introdução

O presente capítulo pretende entrelaçar três temáticas: mulheres, educação e cristianismo. O foco de investigação privilegiado são as mulheres protestantes e o objetivo foi lançar luz sobre essas mulheres que, através de seus cotidianos e diferentes espaços de circulação, buscam realizar práticas educativas e desempenham um papel fundamental para a historiografia religiosa, educacional, de gênero e de uma memória social, seja ela individual ou coletiva, na sociedade.

Para isso, foi utilizada a história oral, como uma metodologia de pesquisa¹ que visa em conjunto com as inovações tecnológicas, realizar entrevistas com indivíduos que participaram e que testemunharam acontecimentos do passado e do presente e por conta disso são um registro de possibilidades no campo da pesquisa (Alberti, 2005). Com isso, a proposta para desenvolvimento da pesquisa esteve assentada no total de onze entrevistas², gravadas em audiovisual, sobre as

¹ Tendo como embasamento Alberti (2005), a proposta metodológica deste trabalho englobou a utilização das fontes orais e a catalogação dessas fontes. Segundo a autora, o pesquisador ao trabalhar com fontes orais precisa de uma preparação – essa que compreende um embasamento teórico para a realização das perguntas feitas aos entrevistados, a elaboração do roteiro (procedimento e as ferramentas tecnológicas para a coleta de dados), a escolha das entrevistadas (que compreende a localização e escolha das testemunhas a serem elegidas para possíveis entrevistas, e que abrangeu mulheres protestantes que atuassem de alguma maneira como lideranças na comunidade: pastora, presbítera, líder de grupo, coordenadora ou que tivesse algum projeto para a comunidade ou algum público específico) - até chegar à análise dos discursos.

² Processo comitê de ética número 1.682.977.

experiências de vida dessas mulheres, disponibilizadas no site mulhereseducacaoecristianismo.com.

A fim de melhor compreender o tema na História da Educação, buscamos, em um primeiro momento, levantar algumas pesquisas já produzidas sobre a História da Educação Protestante - no Brasil -, a História da Educação e a História Cultural e a relação das mulheres com a religião. Seleccionamos os principais trabalhos/produções que contribuíram mais diretamente com esta pesquisa: Nascimento (2005), Batista e Galvão (2002), Hilsdorf (2002), Mesquida (2005), Galvão e Lopes (2010), Fonseca (2002), Pinsky e Pedro (2010), Perrot (2006) e Rosado-Nunes (2001).

Partimos dos conceitos e ideias sobre a Educação Protestante e seus desdobramentos na historiografia educacional. Segundo Nascimento (2005), a “inserção da educação protestante na sociedade brasileira deu-se concomitantemente à pregação dos primeiros missionários norte-americanos” (Nascimento, 2005, p.19). Dessa forma, sua influência pode ser mais notada a partir de 1890, nas regiões Sul e Sudeste do país e que logo depois irão se inserir na região Norte e Nordeste, devido a fatores econômicos, políticos e a implantação de escolas protestantes em lugarejos, áreas rurais e regiões desfavorecidas de apoio educacional. A educação pentecostal no começo do século XIX trouxe para o contexto da interpretação sociológica, antropológica e teológica a interdisciplinaridade para com o fenômeno religioso e isso gerou na educação de pessoas analfabetas, de pouca formação institucional, um caminho para o conhecimento da prática de leitura, escrita e como isso originou a nova escola cultural religiosa de uma realidade social culturalmente construída (Batista; Galvão, 2002).

Segundo Hilsdorf (2002), os protestantes norte-americanos adentraram no Brasil com um protestantismo de missão para um povo

que, mesmo com diversas adversidades, iriam pregar a palavra divina em todos os territórios. Contudo, como o contexto sociocultural mudou muito ao longo da histografia brasileira e o protestantismo também seguiu um curso em diálogo com o seu tempo:

Assim, os pastores praticaram a controvérsia e a polêmica pela imprensa, distribuíram Bíblias e folhetos, fizeram proselitismo a viva voz nas pregações e conferências públicas e abriram colégios de ensino secundário para a população letrada e politizada dessas cidades, com o projeto de mudar não apenas a religião, mas todo o desenho da sociedade” (Hilsdorf, 2002, p. 96).

Hilsdorf (2002) e Mesquida (2005) evidenciaram as mulheres metodistas como pequenos grupos de fé cristã que, a partir da pregação, da leitura da Bíblia e de suas ações educativas, difundiram uma nova visão de mundo em suas atitudes cotidianas (Mesquida, 2005, p. 66). Suas ações educativas são de extrema importância para contextualizar a história da educação e da história cultural, envolvendo as mulheres e seus espaços de propagação da fé e intelectualidade.

Segundo as autoras Galvão e Lopes (2010) e Fonseca (2002), a história da educação como um campo de conhecimento passou por muitas mudanças até os tempos atuais. Por muitos séculos, tendências e correntes historiográficas conservadoras e tradicionais foram se perpetuando, sem atentar-se ao diversificado, ao diferente, ao pluralizado e acabaram deixando em segundo plano as minorias, os marginalizados e os discursos que legitimavam tais classes ocultas da história. Nisso, Galvão e Lopes (2010) expõem que:

Considerada bipartida: de um lado, a educação das elites dominantes; de outro, a das camadas populares. O binômio dominador-dominado era capaz de explicar tudo, e mesmo que tenha feito algumas temáticas avançarem, o fez simplificando as complexas relações entre classes, gêneros, gerações e raças/etnias (Galvão; Lopes, 2010, p. 30).

Contudo, as últimas cinco décadas trouxeram à tona essa história cultural do cotidiano, da micro-história, da valorização do sujeito excluído, a história das mulheres, dos negros, dos indígenas, das crianças que sempre estiveram inseridas nesse contexto, mas que não tinham espaço de voz e que acabavam sendo subjugadas em relação aos demais.

Assim, sobre a investigação das mulheres e a relação delas com a religião, foram consultadas as obras: Pinsky e Pedro (2010), Perrot (2006), e Rosado-Nunes (2001). As duas primeiras obras citadas interligam-se no quesito de demonstrar o papel da mulher na sociedade, na família e o reconhecimento que elas obtiveram ao longo do século XIX e XX, através de mobilizações e das novas ocupações que elas galgaram até conquistar espaço no mercado de trabalho. Contudo, as divergências enfrentadas por tais mulheres pelo espaço feminino ainda são perpetuadas através de um discurso intolerante, unidimensional e que acarreta uma trajetória permeada por uma luta constante por direitos que já deveriam ter sido adquiridos pela igualdade universal dos sexos.

Para o entendimento das minorias, foi analisado o trabalho de Perrot (2007), que desconstrói a visão histórica de uma mulher má, que usa de sua sexualidade, de seu poder influente sobre os demais para conquistar o que almeja sem nenhum escrúpulo. Além disso, a autora justifica o motivo das mulheres serem deixadas em segundo plano, em boa parte da história, sob o principal argumento de uma suposta falta de racionalidade relacionada à outra construção histórica, do sexo frágil, a qual a incapacitaria de agir por si própria. Representações que foram produzidas historicamente até serem absorvidas pela cultura, especialmente a cristã, nosso objeto de interesse neste trabalho. E para explicar a relação dessas mulheres com a religião, Rosado-Nunes (2001) destaca o movimento que surgiu no próprio interior do campo religioso de contestação à situação de sujeição das mulheres. Segundo a autora,

creio ser possível afirmar que as análises feministas da religião tiveram início com o desenvolvimento de uma crítica interna à religião, feita por mulheres adeptas praticantes da fé cristã. Assim, é enquanto movimento social inspirador de práticas de resistência à situação de sujeição das mulheres [...] (Rosado-Nunes, 2001, p. 81).

Por isso, torna-se de extrema importância trabalhar com os discursos dessas lideranças femininas, e entender como a repercussão delas neste movimento social é envolta de uma “complexidade das relações existentes no interior do campo religioso” (Rosado-Nunes, 2001, p. 86) e que se ampliam na comunidade.

O sustentáculo feminino para as igrejas

Em um segundo momento, com o objetivo de produzir fontes para a História da Educação no que tange à presença e participação de mulheres protestantes na sociedade tendo como suporte a religião, entrevistamos onze mulheres de diferentes denominações religiosas. Nas entrevistas realizadas foram observados alguns pontos em comum nos discursos de cada participante, tanto em relação ao sentimento por realizar determinado papel perante a sociedade quanto em relação ao que isso acarreta em suas vidas pessoais. Cada uma das onze mulheres entrevistadas relatou a forma que atuam na comunidade, na igreja e como elas se percebem nesse processo de a (re)produção da fé protestante/evangélica. Em detrimento das entrevistas estarem disponíveis na íntegra no site do projeto em sua totalidade, com mais de três horas de gravação, a presente análise será feita através de características em comum das entrevistadas.

Durante os discursos das entrevistas - em sua grande maioria -, foi possível notar que a narrativa dessas onze mulheres reunidas nesta pesquisa permitiu estabelecer a relação de três eixos de análise: educação,

religião e gênero; e possibilita aprofundar teoricamente sobre os limites e possibilidades da ação das mulheres na (re)produção da cultura. De certo modo, o lugar secundário reservado às mulheres nas igrejas não é problematizado ou criticado efetivamente por nenhuma das entrevistadas. Ao contrário, há uma naturalização desse lugar, maquiado por um discurso de uma suposta valorização da mulher como “ajudadora”, “alicerce da família”, “sustentáculo da Igreja”, um repertório aprendido na própria Igreja ou, muitas vezes, em casa, através de diferentes gerações familiares, que as mulheres aceitam, sem questionar, e reproduzem para outras mulheres, criando um círculo vicioso e quase natural de reprodução de um lugar secundário, de sujeição e obediência cega aos homens, o que elas entendem como mandamento de Deus.

A falta de reconhecimento ou mesmo a falta de tensionamento dessa lógica se torna um problema social, na medida em que contribui para a reprodução de uma cultura machista, com alto grau de violência sobre as mulheres, sustentada em princípios de fé. Nenhuma das entrevistadas foi capaz de distinguir a fé, como algo pessoal, das normativas da instituição que frequenta. Fé e Igreja se misturam e estão entrelaçadas em suas narrativas, formando uma visão de mundo orientada por homens, mas legitimada pelo que elas acreditam ser sagrado. Para essas mulheres, cada uma está construindo em seus cotidianos práticas de ordenamento social baseadas em princípios divinos. Não colocaram em questão, em nenhum momento, os lugares sociais que ocupam na hierarquia religiosa em função do gênero.

Segundo Scott (1989), conceituar gênero seria como um passo já superado sobre o que determina as relações entre homem e mulher no âmbito biológico. Isso está além da fisionomia do indivíduo, está na discussão de igualdades entre os sexos e como as realidades históricas foram construídas. A mulher, ao longo da história, teve um papel

secundário na representatividade e nas escolhas. Se estivesse solteira, deveria honrar seus pais e quando casasse deveria pedir permissão para o marido caso quisesse frequentar lugares, trabalhar fora e em sua maioria não poderia questionar a decisão suprema do seu cônjuge. Uma relação subjugada, de dominação e de submissão, que vem mudando ao longo dos séculos pelas atuações feministas³.

A partir disso, a relevância deste estudo também encontra respaldo na atuação destas mulheres em relação às religiões. Sendo assim, Rosado (2001) retrata o impacto dos estudos feministas para a religião, no sentido de identificar as mudanças significativas que ocorrem nas práticas religiosas dessas mulheres, a partir de um discurso sobre o qual não pendesse para uma única forma e distinção:

Em um primeiro momento, a crítica das religiões foi feita no plano político e militante. As religiões foram tratadas apenas como instrumentos dos mais eficazes para o controle das mulheres e a manutenção de sua subordinação social e religiosa [...] Posteriormente, o desenvolvimento de pesquisas de caráter acadêmico, mais analíticas e com bases empíricas, aplicaram ao domínio das religiões, conceitos e métodos de pesquisa feministas. Foi possível assim, avaliar a complexidade das relações existentes no interior do campo religioso. Desvendaram-se os laços ambíguos e contraditórios das mulheres às religiões e destas às mulheres, no interior das organizações religiosas. A observação empírica mostrou as religiões como espaços sociais complexos, portadores de contradições, que não funcionam sempre e em todas as sociedades como forças conservadoras. Dadas certas circunstâncias, elas podem funcionar como forças mobilizadoras, levando as mulheres a resistir ao seu poder disciplinador (Rosado-Nunes, 2001, p. 86-87).

Ou seja, as mulheres estão incluídas em espaços de relevância social e, para elas, a religiosidade e a religião fazem parte de um fator imprescindível em suas vidas e atribuem tudo o que fazem à “causa” da

³ Essa ideia é apropriada nesta produção textual a partir da leitura de Joan Scott em seu artigo “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” (1989).

fé que elas professam e a Deus. É nítida a influência da religião sobre as atitudes, dogmas e escolhas que essas mulheres realizam ao longo de suas vidas.

Os valores cristãos que elas possuem, de forma direta ou indiretamente, afetam suas ações no dia a dia e tem por objetivo educar e servir como exemplo para as outras pessoas. Ao serem questionadas sobre a valorização que elas recebem da comunidade, da igreja e se elas se sentiam valorizadas pelos atos e trabalhos que realizam, em sua maioria, a resposta foi positiva. Elas se enxergam como mulheres que atuam e exercem papéis importantes na sociedade, seja por serem pastoras, líderes de grupo, mães, pessoas a quem os outros recorrem para ter uma orientação, uma ajuda. Esse lugar de referência gera nelas um sentimento de valor. Para elas, é recompensador escutar testemunhos de pessoas que estavam desorientadas e depois de um momento de orientação, de leitura bíblica, conseguiram ter um propósito e seguir a vida com um rumo estabelecido.

Neste texto consideramos o carisma que essas mulheres produzem ao estarem inseridas em diferentes lugares e meios. Mediadoras da fé e da cultura protestante e também evangélicas, elas ocupam um papel secundário na cultura religiosa, mas suas narrativas sugerem que é por essa via que elas se reafirmam como sujeitos, mesmo estando à margem, em sua grande maioria, na hierarquia. Para Perrot (2007), o vínculo entre a religião e as mulheres é estabelecido de forma antiga, poderosa e ambivalente, pois coloca as mulheres no centro das relações de poder, de diferentes formas.

Entre as religiões e as mulheres, as relações têm sido sempre e em toda parte, ambivalentes e paradoxais. Isso porque as religiões são, ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres. Poder sobre as mulheres: as

grandes religiões monoteístas fizeram da diferença dos sexos e da desigualdade de valor entre eles um de seus fundamentos (Perrot, 2007, p. 83).

Deste modo, o poder que elas tomam para si e o lugar de fala que elas assumem gera um empoderamento dessas mulheres sobre outras. Para reafirmar o sentimento de pertença a um determinado grupo, elas assumem a cultura e a reproduzem, inclusive a partir do espaço público. No entanto, elas também querem criar uma identidade e encontrar um lugar próprio nesse cenário, ainda caracterizado pelo patriarcalismo. Em algumas entrevistas é perceptível que algumas entrevistadas ainda se sintam desvalorizadas por serem mulheres, mesmo estando em posição de liderança acima dos homens.

Conforme Lemos (2007), a mulher ao longo da história é construída na concepção de imaginário divino. Então, antes dela ser intitulada “mulher”, ela é denominada pela representação divina de “mãe” e, por conta disso, a masculinidade é enaltecida e a mulher fica fadada a uma representação social da feminilidade que a torna inferior, que a descaracteriza como sujeito.

Entretanto, o que se pode averiguar, em quase todas as entrevistas, é que essas mulheres, seja pelo distanciamento ou pela ausência da problematização, não se enxergam ocupando um lugar secundário na hierarquia religiosa. Elas se identificam como atuantes na Igreja, que possuem consciência da importância do trabalho que realizam como uma contribuição para a difusão da fé. As onze mulheres transitam entre os aspectos religiosos, morais e políticos, (re)produzindo saberes que marcam seu entorno, a maior parte deles de cunho conservador. Todavia, há no interior das igrejas um movimento que busca transformar essa cultura. Essas transformações podem ser relacionadas com a crítica de gênero feita pela Teologia Feminista, que almeja a igualdade destas mulheres no campo religioso.

A Teologia Feminista emerge como uma “outra voz” no interior de um campo de saber majoritariamente masculino. É uma voz que resulta da consciência de um sujeito reflexivo, neste caso, de mulheres teólogas que passam a questionar os lugares que socialmente lhes foram outorgados como legítimos por um único discurso teológico produzido, em geral, por homens celibatários. Nesse sentido, a Teologia Feminista integra uma grande rede de saberes que emergiram em diferentes áreas acadêmicas problematizando e desconstruindo os discursos hegemônicos androcêntricos. Saberes que emergem da consciência de uma experiência compartilhada de dominação, invisibilidade e discriminação vivida pelas mulheres (Furlin, 2011, p. 140).

Será que se a lógica da Teoria Feminista não vigorasse e nenhuma mulher se questionasse sobre os papéis de liderança, essas mulheres atuantes que foram entrevistadas ainda teriam o mesmo valor e significância em outros espaços sociais? Elas atuariam em prol de outras causas que não são ligadas ao meio religioso e da Igreja à qual pertencem?

Não possuindo uma resposta concreta nesta pesquisa para tais indagações, no limite, podemos dizer que essas mulheres são agentes que ocupam um lugar de prestígio e poder nas igrejas, mas que se constitui, de certo modo, a partir do grau de internalização e capacidade de reprodução das normas. Foucault (1979), em um dos seus estudos sobre o poder, demonstra que ao mesmo tempo em que o poder é interligado por redes, na qual alguém deve ocupar o cargo de mais destaque, a religião também serve como um dispositivo disciplinar e biopolítico. Esse poder é invisível, ele é exercido sobre os demais de forma interiorizada e acaba gerando, nas pessoas ao seu redor, uma conduta disciplinar. A religião, ao longo da história, pode ser analisada tanto como uma manutenção da ordem quanto uma contestação, elas transitam juntas no campo religioso, mas a fé não é algo a ser questionado e, portanto, a “crença” se torna uma expressão inquestionável⁴.

⁴ O conceito de crença aqui utilizado é partir da perspectiva de Mata (2010).

Os depoimentos dessas mulheres nos permitiram verificar como suas vidas estão ligadas às práticas religiosas. É o que constitui suas identidades. É, para elas, o que as tornam sujeitos de suas próprias histórias de vida. Touraine (2010) chama a atenção para o seguinte fato:

diferentemente da maioria dos estudos que falam pelas mulheres ou sobre elas, [as mulheres] não acreditam no necessário desaparecimento da identidade feminina, não se consideram vítimas, mesmo quando sofrem injustiças ou violências [...] as mulheres carregam dentro delas projetos positivos bem como o desejo de viver uma existência transformada por elas mesmas (Touraine, 2010, p. 23).

Ou seja, essas mulheres se identificam como atrizes de suas vidas e de suas próprias escolhas e, por conta disso, têm consciência das realizações, funções e atividades que realizam ao longo da vida (Touraine, 2010, p. 31).

Para concluir a discussão sobre a presente análise, é necessário finalizar com a ideia que exprime todo o contexto analisado sobre como as mulheres atribuem sentido à religião em suas vidas. “Seu olhar percebe e avalia o que elas são, que em grande medida é o que fizemos delas a partir de sua consciência e daquilo que elas querem. Essa atitude não é absolutamente narcisista. Ao contrário, elas se fixam objetivos e julgam o caminho percorrido para atingi-los ou, inversamente, julgam suas impotências na aproximação deles” (Touraine, 2010, p. 41).

Considerações Finais

A partir das narrativas dessas onze mulheres entrevistadas, foi possível averiguar o sentido que as práticas religiosas exercem em suas vidas cotidianas. Essas mulheres, mediadoras de uma cultura religiosa, observam que seu papel na igreja é de extrema importância para a divulgação de suas religiões e para a obra divina que acreditam ser uma incumbência de Deus a cada uma.

Suas ações justificadas pela fé refletem o poder que exercem sobre os demais à sua volta. Para elas, as funções que realizam dentro e fora da igreja lhes colocam como referências para os fiéis e, por conta disto, buscam ter comportamentos exemplares, dignos de serem seguidos.

Mães, filhas, pastoras, líderes de grupo, missionárias, diaconisas e tantos outros cargos e funções que não apareceram nesta pesquisa exprimem a ideia dessas mulheres quererem se reafirmar como sujeitos de sua própria história, criarem, a partir dessas atuações, as suas identidades. Muitas encontram nos grupos da igreja um lugar de fala, um lugar de poder, sem perceber que esse poder lhes é dado unicamente se em conformidade com a norma e esta lhes reserva sempre uma posição secundária em relação aos homens. Mas, nos espaços conquistados, essas líderes se empoderaram e exercem, com convicção, sob a chancela da religião, o que Foucault chamou de micropoder.

A participação dessas mulheres na igreja possibilita que elas adentrem o espaço público, reforçando modelos culturais e representações sociais fortemente contestados pelos movimentos feministas. Mesmo que algumas relatem que a religião não é o propósito final de suas ações, elas atuam junto à sociedade pregando valores morais cristãos e seguem as determinações de cada igreja ou dogma. A religião se estabelece como um poderoso veículo de expressão das entrevistadas, que as legitima e orienta.

Os efeitos de suas ações sobre outras mulheres, no entanto, merecem um olhar investigativo de pesquisa mais aprimorado e específico, que não fazia parte do escopo deste projeto, mas é um indicativo para futuras pesquisas. Tradicionalmente invisibilizadas, essas mulheres são importantes mediadoras de uma cultura religiosa e por isso não devem ser menosprezadas e deixadas de lado no estudo sobre gênero, educação e religião. Suas ações impactam a sociedade.

Esses três campos constituem o espaço de atuação das entrevistadas e será mesmo que elas são o segundo sexo, como afirmou Simone de Beauvoir?

A indagação anterior não consegue ser contemplada neste projeto, mas gera outras perguntas sobre os papéis ativos dessas mulheres no binômio de transformação X conservação de suas ações. Contudo, esta não é única reflexão sobre o movimento de poder que essas mulheres exercem no campo religioso. Para compreender melhor a diversidade na qual essas personagens estão inseridas, o olhar sobre elas deveria ser ampliado para entender outras balizas que contribuem para sua constituição como sujeitos.

Referências

- CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. **Quando os pobres lêem a Bíblia**: reflexões a partir da Pastoral Bíblica. Atualidade Teológica, nº 10, 2002.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2010.
- HILSDORF, Maria Lucia Spedo ou Hilsdorf (Barbanti), M.L.S. **Educadoras Metodistas no século XIX: uma abordagem do ponto de vista da História da Educação**. Revista do COGEIME, v. II, n.20, p. 93-98, 2002.
- FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História Cultural e História da Educação: diversidade e entrecruzamento de fontes**. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004, Curitiba. III Congresso Brasileiro de História da Educação: A educação em perspectiva histórica, v. 1. p. 1-12, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FURLIN, Neiva. **Teologia feminista**: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. In: Revista de Estudos da Religião – REVER, ano 11, nº 01, jan/jun. de 2011.

LEMOS, Fernanda. **“Se deus é homem, o demônio é [a] mulher”**: a influência da religião na construção e manutenção social das representações de gênero. Revista *Ártemis*, v. 6, jun. 2007, p. 114-124. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2131>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MATA, Sergio da. **História & Religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MESQUIDA, Peri. **Mulheres missionárias metodistas e educação no Brasil, de 1880 a 1920: A educação da elite republicana**. Revista *Diálogo Educacional* (PUCPR), Curitiba, p. 65-78, 2005.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil Tropical**. Dissertação (Doutorado em Educação) — Setor de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/26072>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. 332 p.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Correa. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ROSADO-NUNES, Maria José Fontelas. **O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 16, p. 79-96, 2001.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. New York, Columbia University Press. 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Trad. Francisco Morás. 2ª ed. Revista, Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

6

PELA EGREJA E PELA PÁTRIA – ASSOCIATIVISMO FEMININO NA LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS

Eliane Tortelli

Introdução

Quando em 1909 Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues (1861-1926) inaugurava na Bahia a LSC, iniciava um dos movimentos da Igreja de maior amplitude e força feminina católica, reforçando seu fundamental papel de mulher feminista, que se emoldurava através de seus discursos e aptidões da fundadora, expressadas pelas portas do catolicismo, como verdadeiro luzente no meio da escuridão em que se encontravam muitas mulheres. A Liga das Senhoras Católicas ancorou primeiramente na Bahia¹, contando com o auspício da Igreja e, através dessa, destacando a grande presença do associativismo e liderança feminina no meio católico leigo. A Liga das Senhoras Católicas Brasileiras inicialmente chamada, pois tinha o objetivo inicial de ser a central de todas as demais Ligas que poderiam surgir, ou Liga das Senhoras Católicas da Bahia, era liderada então por Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues, feminista nos moldes católicos, mas com ímpeto político e social altíssimo.

Amélia Rodrigues demonstrava em seus escritos uma alma incansável de luta e desbravamento feminino. Os escritos acima com o lema: Pela Igreja e pela Pátria, já demarcava o “grito de guerra” ao qual

¹ “Começa a funcionar hoje a Liga Catholica das senhoras Baianas, agremiação nova, de grande alcance moral, a primeira no gênero que senhoras se atrevem a fundar no Brasil”(Discurso proferido por Amélia Rodrigues, no dia da inauguração da Liga Catholica das senhoras Baianas, disponível em <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=168>, acessada em 02 de outubro de 2019.)

estava a liderar em seu exército feminino católico, que as simpatizantes a seguissem com seu exemplo e também em suas cidades iniciam-se o seu próprio exército de luta pela moral e bons costumes, pela libertação da mulher do seu esconderijo chamado lar, para uma vida social equiparada com a masculina e não inferiorizada e esquecida:

É o feminismo. Por feminismo entende-se, geralmente, a coparticipação da mulher nos negócios públicos, a equiparação de seus direitos políticos ao do homem, finalmente, a sua emancipação completa, o que vale dizer: libertai-a dos moldes estreitos em que andava encerrada.²

Ao ler os escritos de Amélia, percebemos uma voz ecoante na história das mulheres, que trouxe para dentro e através da Igreja a luta pela participação e visibilidade das mulheres católicas, através de várias ações. Para esse artigo, daremos foco em sua frente de trabalho e influências na Liga das Senhoras Católicas, o qual Amélia foi a pioneira no Brasil em trazer esse movimento.

Percebe-se que a Liga das Senhoras Católicas não foi em nada um movimento feminino isolado, mas com um dos objetivos em comum com vários outros movimentos femininos que surgiram nesse mesmo contexto, da busca de associativismo feminino brasileiro por maior espaço e participação das mulheres no meio social. A visão do feminismo das mulheres católicas e suas ações era defendido por elas como uma obra de civismo e de amor ao qual as mulheres de elite como as dirigentes e participantes, deveriam dedicar as mulheres desvalidas, com podemos ver no discurso abaixo,

Nosso lema é “Pela Igreja e pela Pátria”. Nunca terçaremos nossas armas insuperáveis por ideal mais sublime do que esse!

² Parte do escrito de O Feminismo e o Lar de Amélia Rodrigues. Disponível na biblioteca virtual Consuelo Pondé, no link <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=168>, acessado em 22 de outubro de 2019.

E, se isso fizermos, apenas cumprimos um dever de gratidão, por que o lugar de destaque, que hoje ocupamos no mundo civilizado, devemos-lo á Igreja Católica (Jornal *A União*, 6 de fevereiro de 1916, ano VI, nº 2).

Discurso esse nos mesmos moldes dos estatutos da LSC, e proferido pela LSC em suas origens como lema: pela Igreja e pela Pátria³. Pela Igreja, pois a mesma foi uma incentivadora do feminismo cristão, a partir do associativismo caritativo filantrópico onde as mulheres cristãs se destacaram, especialmente nesse período as de elite, pois criaram uma consciência de solidariedade com outras mulheres, como as mães pobres e as jovens trabalhadoras urbanas. Pela Pátria, pois nesse momento histórico do início do século XX, as mulheres eram chamadas pelo catolicismo para serem luz no meio das trevas da modernidade e do próprio feminismo neutro ou de outras crenças.⁴

Martins (2016) nos afirma que o associativismo feminino caritativo está profundamente ligado a feminilização do catolicismo no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, perceptível pela grande presença de mulheres nas Igrejas e pelo surgimento de novas associações e confrarias de piedade, como parte também do movimento de recristianização da sociedade defendido pela Igreja. As causas filantrópicas foram o meio encontrado, nesse momento de luta, por várias mulheres, para criarem sua rede de associativismo e somarem suas forças em favor do feminismo.

Amélia Rodrigues esteve à frente de vários movimentos femininos cristãos, tanto na Bahia como no Rio de Janeiro, poderíamos dizer que

³ Em desfile realizado no Clube Curitibano, a LSCC também defendia a bandeira Pela Igreja e pela Pátria, pois na entrada do desfile tinham a bandeira do movimento da LSCC com seu logo, e ao lado a bandeira do Brasil. Demonstrando novamente o alinhamento nacional com Amélia Rodrigues em sua fala sobre a LSC (Revista Clube Curitibano, 1 junho de 1954, versão 5, nº 28, p. 14).

⁴ Pio XI e o feminismo Católico, carta a presidente da união internacional das Ligas femininas Cathólicas. (Revista A Cruz, 04 de novembro de 1928, p. 5)

por onde passou não cansava de ecoar sua voz e suas práticas de divulgação do feminismo cristão na luta de reestabelecer o cristianismo, mas também de levantar uma multidão de mulheres para a luta, para acordarem de seu sono dormente e irem em busca de espaço em nome da Igreja e de uma vida social ativa, onde segundo Amélia era o lugar das mulheres, libertando-as dos moldes estreitos que as encerravam. Percebe-se, em seus discursos no início do século XX, a luta pela conquista de espaço e reconhecimento feminino, não aos moldes do feminismo sem Deus e sem regras, mas um feminismo com obediência às boas condutas cristãs e na fé, combatendo contra o feminismo sem regras e que estimulava a liberdade total, estavam de acordo em algumas frentes ao movimento feminista.

Segundo Amélia, na sociedade urgiam com grande força o feminismo revolucionário⁵, que eram em grande número, contrárias aos princípios morais estabelecidos, pregavam a dissolução da família, o ódio ao homem como senhor e chefe, o amor livre e todas as loucuras do mundo social moderno.

Amélia conclamava a todas para se unirem contra essa onda do feminismo revolucionário, com a força do feminismo cristão. A partir desse se sobressaírem como figuras luminosas e tranquila, como de outras mulheres que chefiavam o movimento feminino cristão, a qual usavam como símbolo cristão a Joana D'Arc. Amélia em suas palavras preparava um verdadeiro exército feminino cristão: *[...o papel da mulher catholica, chamada, neste momento histórico, a combater as forças brutaes da revolução anti-social e anti-cristian, que se abatem sobre o mundo, como*

⁵ Parte do Discurso de Amélia Rodrigues na conferência da Ação Feminina, onde se reuniram no Rio de Janeiro as mulheres integrantes e simpatizantes da Aliança Feminina (Jornal A União, 16 de outubro de 1919, p. 3).

aves de prêa, para o devorar]⁶. Essa força do feminismo católico não deveria deixar disseminar as ideias vindas do exterior do outro feminino revolucionário, mas deveriam estarem prontas para lutar, conclamando as mulheres cristãs para se organizarem, afirmando Amélia que a mulher é uma força isolada, e que unidas num só pensamento, é claro que hão de vencer.

Actualmente o mundo inteiro, minhas senhoras, está de olho fito, olhos acessos de interrogação e de pasmo, na visão da mulher, não a visão de outras eras, feita de luar e perfumes, na poesias dos trovadores, mas a visão da realidade moderna, prosaica e progressiva: a mulher sem atavios, envergando um traje quase masculino, dirigindo uma locomotiva ou jornal, senhora do terreno que lhe era defeso, a fazer concorrência com o homem na luta pela vida (Rodrigues, A União, 16 de outubro de 1919, p. 3).

Conclamava-se um exército de mulheres para a luta feminista, onde podemos ver no descrito acima, não somente uma voz baseada nos valores cristãos, mas principalmente uma feminista, discursando e sendo uma voz clamante da nova mulher que precisa enfrentar as novas realidades, sair de seus esconderijos caseiros e ir à luta pela vida social, lutar para ter direitos respeitados e iguais aos homens, o que com certeza incluiria o direito ao voto feminino, como parte da emancipação da mulher na sociedade.

Para as mulheres católicas desse período, o papel fundamental das mulheres continuava a ser a maternidade no casamento, o alicerce do lar, mas defendiam a também participação delas na sociedade e para isso se fazia necessário preparar as mulheres com o acesso a uma educação de qualidade e uma sólida formação moral em grande parte dada pela religião e também pela família: [...*entretanto, a boa formação*

⁶ Jornal a União, 16 de outubro de 1919, p. 3

moral da mulher é a base única de felicidade de um lar]⁷. Essa boa formação, na visão de Amélia, seriam o intelectual da mulher, como línguas, cursos, teatro, leitura, catequese completa, economia, formando com isso um desenvolvimento integral, sem isso ela não seria uma mulher completa. A Igreja, por sua vez, através do desenvolvimento integral dessas mulheres conseguia ter um alcance maior na sociedade e levar sua doutrina e missão de presença na sociedade mais longe, esmerando o grande objetivo de recristianizar a mesma.

Amélia Rodrigues uniu seu ideal a Stella de Faro, outra militante intelectual de forte influência nos meios católicos, em torno de uma sensibilidade ideológica em comum, tinham afinidades em suas buscas cristãs e femininas, através do engajamento com a Igreja e com a liderança cristã no Brasil e no mundo. Amélia Rodrigues foi a representante brasileira no evento de criação da Federação Internacional das Ligas Católicas Femininas em Bruxelas, em 1910. Já Stella de Faro passou a ser a representante brasileira na União Internacional das Ligas Católicas Femininas, em meados dos anos 30⁸. Essa internacionalização ocorreu através dessas duas mulheres verdadeiramente conectadas ao novo papel do leigo⁹, como mulheres católicas influentes elas também participaram do movimento feminino

⁷ Jornal A União, 18 de maio de 1919, p. 2.

⁸ Perspectivas transculturais e transnacionais de gênero [recurso eletrônico] / Claudia Priori; Cleusa Gomes da Silva; Georgiane Garabely Heil Vázquez (Orgs.), Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, p. 13.

⁹ *Laicu*, em latim, ou leigo, em português, significa aquele que não é clérigo, aquele que pertence ao povo cristão como tal e não a hierarquia eclesiástica. Existem outros conceitos em distintos períodos ou análises que podem ser encontradas as referências em Zanlochi, 2001.p.58-59. A finalidade do apostolado leigo está no serviço de penetrar e aperfeiçoar a ordem das coisas temporais com o espírito evangélico, explicar e aplicar os princípios cristãos aos problemas do nosso tempo (Zanlochi, 2001, p. 64).

católico internacional do começo do século XX, expandindo ainda mais o associativismo feminino através da filantropia caritativa.

Essa rede de sociabilidade ideológica e cultural ocorreu quando Stella de Faro conheceu Amélia Rodrigues, no Rio de Janeiro, quando Amélia estava fundando a Aliança Feminina. Ela ingressou na ação social católica efetivamente a partir de 1920, a convite do Cardeal Arcoverde para dirigir uma associação voltada para atender as jovens trabalhadoras que não tinham família no Rio de Janeiro ou que vinham de famílias muito pobres para auxiliá-las materialmente. Era a Associação das Senhoras Brasileiras (ASB), da qual Stella se tornou líder, a qual mais tarde se tornaria também na Liga das Senhoras Católicas.

Buscamos em alguns jornais e revistas a presença de Stella de Faro nos meios sociais de elite e de apoio para a Igreja, a fim de percebermos a influência desta personalidade via divulgações na imprensa. Ao fazermos uma pesquisa com o seu nome na Hemeroteca do portal da Biblioteca Nacional, encontramos, entre os anos 1910 e 1949, 1.052 ocorrências. Assim, notamos que essa militante feminina exerceu uma significativa influência na sociedade em que viveu, bem como na Igreja. Essa influência ocorreu, principalmente, por meio da Igreja, com as suas ações conforme o plano de ação social da Igreja católica no Brasil, atuando na sociedade e na formação de novas líderes para exercerem seu papel na sociedade em moldes cristãos. Sendo assim, como escrevia Amélia: [... *apenas cumprimos um dever de gratidão, por que o lugar de destaque, que hoje ocupamos no mundo civilizado, devemos-lo á Egreja Cathólica*]¹⁰, as mulheres se sentiam devedoras de favores à Igreja, pois tinham o total apoio da mesma para as iniciativas cristãs e com isso formavam uma unidade grande e, sentindo-se gratas a Igreja pelo apoio e credibilidade creditada na capacidade e

¹⁰ Jornal A União, 6 de fevereiro de 1916, ano VII, nº 2.

crescimento da presença feminina e, através dele, tendo acesso ao meio social, ao mundo civilizado, como chamava Amélia.

Sabendo que Dona Amélia fundou na Bahia a LSC e Stela de Faro mais tarde no Rio de Janeiro partindo da Associação das Senhoras Brasileiras, voltando nosso olhar para nosso objeto de pesquisa em questão e entendemos as raízes fundadoras da LSC, podemos perceber através das pesquisas que essa unidade gerada pelas mulheres e a Igreja ocorreu com maior ênfase no início do século XX, com certeza devido a mudanças que ocorriam em várias partes da história, situações como a reconquista de espaço pela Igreja, o desbravamento feminino para espaço públicos e atuantes e a própria industrialização e desenvolvimento da sociedade, que trouxe necessidades emergentes que precisavam de atenção e atuação para a formação de uma nova fase da História, sendo assim a LSC foi liderada por esse espírito de força e guerreiras com objetivos bem claros e unificados, submissas à orientação da Igreja católica.

Através desse associativismo da LSC e sua formação baseado nos exemplos de mulheres predecessoras, com o objetivo já delineado em outras cidades também, as mulheres de elite católicas de Curitiba buscaram fazer parte desse associativismo feminino a partir da oportunidade do catolicismo é que surgiu em nossa cidade a Liga das Senhoras Católicas de Curitiba(LSCC), como um grupo de senhoras católicas, pertencente à alta sociedade, leigas, atuando a partir de suas posições políticas e sociais como intelectuais católicas, mediadoras culturais na sociedade, mediadores entre a Igreja e o povo. Defendendo seu espaço feminino de presença inovadora na vida pública através das instituições de caridade.

Liga das Senhoras Católicas de Curitiba - LSCC

A LSCC nasceu em Curitiba, oficialmente no dia 12 de abril de 1953, a partir da iniciativa da Igreja católica, assim como em outros lugares do país. O então arcebispo de Curitiba nesse período, Dom Manuel da Silveira D'Elboux, juntamente com algumas mulheres da sociedade, foram convocados por essa missão. A ação da Igreja em Curitiba também era através da alta sociedade, senhoras da elite da sociedade Curitibana promover a Ação católica da Igreja, que nada mais seria que a LSCC atuasse como mediadoras culturais dos valores e cultura do cristianismo também em nossa sociedade Curitibana. As mulheres por sua vez, também conectadas a seu tempo religioso e feminista, já atuavam em outras associações ou paróquias como notável liderança, se colocaram à disposição para angariar também para nossa cidade os lucros de participação social, elevação cultural e desbravar caminhos para as mulheres que aqui residiam.

Em eventos sociais promovidos pela LSCC, vemos que o lema Pela Igreja e pela Pátria ocorria também com as senhoras católicas de Curitiba, conforme figura 1,

Figura 1 – Abertura de evento artístico promovido pela LSCC



Fonte: Revista Clube Curitibano, 01 de junho de 1954, p. 15.

O lema da Liga em uma bandeira e na outra da Pátria, unidas no mesmo ideal do início do século, o exército católico através da LSCC deram seus nomes como presidentes ou associadas, como elas tantas outras mulheres atuaram na caridade e na filantropia não ficaram no silêncio, nem passaram despercebidas da história, principalmente pela imprensa local, a qual utilizamos como registro de pesquisas para evidenciar que deram grandes destaques as suas realizações, campanhas, normalmente apoiando e chamando o público e senhoras da sociedade a colaborar com o trabalho assistencial, divulgando que essas senhoras da sociedade conseguiram o engajamento e apoio de políticos. Sendo assim, utilizamos também essas reportagens como referências e acervo documental para historiar o associativismo feminino em Curitiba.

As publicações da mídia curitibana, nos principais jornais da cidade, destacavam essa importante iniciativa do nascimento da Liga das Senhoras Católicas em nossa capital. O Jornal *Gazeta do Povo*, em 25

de março de 1953¹¹, divulgava na coluna católica que sob os auspícios da Igreja, as senhoras da mais alta sociedade se reuniam para dar início em nossa capital dessa associação digna de aplausos e louvores.

Fixando nosso foco de análise na presença feminina via as lideranças da LSCC, identificamos que essas senhoras da sociedade saíram de suas casas a partir desse chamado e viram como grande oportunidade a partir da Igreja de participarem ativamente da sociedade, através de sua influência política e social, como continuadoras da história das mulheres católicas a partir de Amélia e Stella, encontraram seu papel desempenhado nos movimentos católicos femininos via o canal da filantropia. As presidentes da LSCC, de uma forma geral, já atuavam em suas paróquias, comunidades ou outras associações com valores bem definidos e atuação diferenciada de liderança e criando ou apoiando iniciativas sociais para o bem comum. Mulheres que demonstraram seu poder de ação social, mas muito mais que isso sua capacidade de criação, organização e influenciando o meio em que conviviam. Podemos dizer que, mesmo em outra década, atenderam ao clamor de Amélia Rodrigues e se alistaram para o exército feminino de guerra contra os maus costumes apresentados a sociedade naquele momento histórico, pois foi através da LSC e sua ação que escolherem pregar o feminismo católico e a saída da mulher para o espaço social.

As presidentes da LSCC, aos moldes de Amélia Rodrigues e Stella de Faro, foram exemplos de associativismo feminino católico, através de suas ações e a própria presença na liderança demonstra que se fizeram visíveis na cena pública e mesmo política, apesar do silêncio sobre elas na história, elas não estiveram no silêncio.

¹¹ Jornal Gazeta do povo, 25 de março de 1953, p. 4.

Segundo o acervo da LSCC, identificamos que a primeira presidente da Liga em Curitiba foi Margarida Caillet Santos, como no acervo da LSCC encontramos documentação somente após os anos 70, não temos informações adicionais de ações dessa fase onde Dona Margarida foi presidente, mas podemos observar um pouco do perfil dessa presidente à frente da LSCC pelos jornais do período em que ocorreu sua atuação nessa função.

Para podermos traçar um pouco do perfil feminino de Dona Margarida, percorremos alguns jornais anteriores a nosso período de pesquisa para podermos identificar as características dessa líder católica. Encontramos no *Jornal o Dia* de 1936¹², na seção católica desta página, o destaque da festa de Nossa Senhora, onde Margarida Caillet Santos foi uma das festeiras sorteadas para preparar a próxima festa de Nossa Senhora da Luz, com isso percebe-se sua presença do evento organizado pela Arquiconfraria das Mães, não sabemos ao certo se como participante ou integrante. Mas por estar envolvida com responsabilidade podemos concluir que com certeza participava dos mesmos ideais e era membro integrante do associativismo feminino, acreditando nos valores cristãos divulgados pela confraria, já antes de assumir a LSCC, como católica atuante.

Margarida Caillet Santos aparece no mesmo jornal *O Dia*¹³, como receptora de donativos para a grande festa de Kermesse da Igreja do Cristo Rei, aparecendo como distinta senhora do nosso mundo social, apoiando as iniciativas da Igreja, participando ativamente com a recepção dos donativos, ações essas lideradas pelo padre Germano Mayer.

¹² *Jornal O Dia*, do dia 13 de setembro de 1936, p. 3 (Ano 1936\Edição 03668 (1).

¹³ *Jornal O Dia*, 05 de novembro de 1937, p. 2.

Em 1944, Dona Margarida Caillet Santos aparece novamente como manchete de jornal, referência a associativismo com a Associação de assistência à criança do Paraná, fazendo parte como assistente do grupo feminino com esse objetivo social. Onde a presidente de Honra dessa associação era sra. D. Darcy Sarmanho Vargas, esposa de Getúlio Vargas¹⁴, uma das características dos movimentos femininos católicos da época, era sempre ter uma Dama de honra também da alta sociedade e influência política, criando com isso o associativismo feminino necessário para alavancar as suas obras sociais.

Nota-se a rede de sociabilidade frequentada por Dona Margarida Caillet Santos, de alta sociedade das senhoras Curitibanas e seu perfil de associativismo com associações femininas de fins sociais, sempre como braços de extensão e próximos à Igreja Católica, como participante ativa e que buscava através de sua presença e atuação ser exemplo cristã de presença feminina na sociedade curitibana.

Voltando nosso olhar ao período da gestão de Dona Margarida na LSCC, encontra-se o desempenho de papel de organizadora de eventos de alto nível social, eventos, arrecadações que colocavam a ela e as integrantes da época, novas tarefas que corroboravam com o desenvolvimento feminino necessário para essas novas funções. Incluindo também os objetivos da Igreja no Brasil e em Curitiba nesse período, não poderíamos esperar uma presença com menos atuação forte e extensão dos objetivos da LSCC e da ação católica no período, voltada para nossa sociedade curitibana.

As atividades da LSCC no período de Dona Margarida tiveram, como maior destaque, a divulgação católica, como podemos ver em alguns anúncios de ações nos jornais. O lançamento social da LSCC no

¹⁴ Jornal *O Dia*, 01 de junho de 1944, p. 4.

clube Curitibano em 06 junho de 1953¹⁵, com a presença do palestrante professor Pedro Calmon, magnífico reitor da Universidade do Brasil, aproveitando para assistirem ao desfile de trajes internacionais. Convocando as sócias da LSCC para se fazerem presentes com suas famílias. Percebe-se a preocupação com a formação de suas associadas e reforçando a sua rede de poder de influências, conforme já mencionado por Sirinelli.

Referente à parte religiosa, temos o destaque de solicitar para rezar missas pelos falecidos, como o pai do arcebispo fundador.¹⁶ Com grande destaque na sociedade, ocorreu a primeira exposição de arte sacra em homenagem à mãe de Deus, realizada no colégio Nossa Senhora de Sion de Curitiba, no dia 09 de maio de 1954.¹⁷

A segunda presidente foi Dalila de Castro Lacerda, para falarmos de Dona Dalila de Castro Lacerda dentro da LSCC, é impossível não olharmos para tudo ao redor de Curitiba que escreveram sobre essa mulher. Sobre os títulos recebidos, sobre as ações que executou. Sabemos que nosso interesse nesse capítulo é identificar a personalidade e liderança feminina dentro do período que a presidente da LSCC atuou, mas para podermos entender as ações de um período e seus significados, podemos passear um pouco no tempo que com suas molduras vão como um quebra cabeça encaixando as peças de uma história.

¹⁵ Jornal O Dia, 03 de junho de 1953, p. 3.

¹⁶ Jornal O Dia, 18 de setembro de 1953, p. 5.

¹⁷ Jornal O Dia, 09 de maio de 1954, p. 6. Interessante observar que todas as participantes da Liderança da LSCC estudaram no colégio Sion, o mesmo que Stella de Faro também estudou. Alguns eventos da LSCC também foram promovidos nesse local, entende-se que esse era uma rede de sociabilidade muito usada nesse meio social e para a formação da LSCC, pois a formação que elas possuíam era alinhada aos objetivos da Igreja católica desde sua juventude. O colégio Sion oriundo da França, tinha o objetivo de dar aos alunos uma direção segura, formação sólida, que segundo eles somente a orientação genuinamente católica poderia dar (Jornal A União, 30 de março de 1919, p. 8).

Nosso objetivo não é fazermos historiografia de nenhuma presidente da LSCC nesse momento, mas sim levantarmos algumas características que possam nos dar uma visão de sua personalidade. No caso de Dona Dalila, fica difícil por onde começar, de tantas realizações que encontramos registradas em sua história, diríamos aos pesquisadores da História da Mulheres, eis uma mulher com presença forte e digna de estudos, fica como dica de pesquisa para historiografia da presença feminina em Curitiba.

Dentro do período em que foi presidente da LSCC, em 1961, já revolucionava que em nome da Liga das Senhoras Católicas de Curitiba, em favor do feminismo cristão, pois solicitava em nome da LSCC a primeira-Dama Dona Eloan Quadros, uma medida moralizadora sobre os vestuários dos desfiles de Miss, vejamos a íntegra da carta abaixo:

A Liga das Senhoras Católicas de Curitiba, associação que representa a Mulher Cristã, solicita-lhe uma medida moralizadora sobre a maneira com que se apresentam as jovens que concorrem aos concursos de beleza, quando se expõem da maneira mais deprimente e aviltante, em diminuição ao nosso valor, para um apreçamento não do belo mais sim do ridículo comprometendo a educação das novas gerações e influenciando no futuro das nossas filhas e netas (LACERDA, 03 de agosto de 1961).¹⁸

Percebe-se, em Dalila, um perfil de feminismo conservador, um feminismo católico, aos moldes de Amélia Rodrigues e Stella de Faro. Espírito de luta e força capaz de chegar ao presidente em nome da moral e dos bons costumes, através da senhora primeira-Dama, entende-se nisso também o uso de uma rede de sociabilidade, para defender o Brasil de todo “mal” causado pelo liberalismo. Remetendo-nos novamente ao

¹⁸ Informação encontrada disponível na Internet, <http://passarelacultural.blogspot.com/2008/07/sexo-nostalgia.html>, acessado em 12 de janeiro de 2019. Mas também está disponível na Hemeroteca Digital no Revista O Cruzeiro do RJ. Carta essa muito comentada hoje pela diretoria da LSCC, como exemplo de ações e alcance feminino da LSCC.

lema de Amélia: “Pela Igreja e pela Pátria”. Esse sentimento de patriotismo, de ações e posturas femininas para valorizar os bons costumes cristãos, o feminino cristão e não o feminismo revolucionário, comentado por Amélia.

No jornal *Viver* de 1999¹⁹, encontramos uma entrevista com Dalila de Castro Lacerda falando sobre seus motivacionais e personalidade, onde também encontramos uma informação importante e, diríamos, intrigante para nosso mundo feminino, que bem pode nos auxiliar a desenhar o perfil de nossa presidente da LSCC como líder feminina e desbravadora de caminhos para todas as mulheres, como exemplo a ser seguido em sua época. Dona Dalila foi a primeira mulher a possuir carteira de habilitação em Curitiba, datada de 27/11/1925.

Elegemos mais uma presença marcante que, mesmo no período como presidente da LSCC, também atuava em outras instituições, sempre na liderança, como o União Cívica Feminina de Curitiba, onde foi presidente por vários mandatos.

Em novembro de 1963, uma reunião de mulheres, em Curitiba, decidiu pela criação da UCF-PR, inspirada na UCF-SP. Um de seus princípios, segundo o estatuto da instituição, era promover a educação cultural, moral e cívica da sociedade dentro das normas da civilização cristã. A UCF-PR reuniu mulheres das classes mais abastadas de Curitiba e foi dirigida por Rosy Pinheiro Lima e Dalila de Castro Lacerda (Souza, 2018).

Nos estudos de Souza (2018), encontramos também sobre o tempo de ditadura e a presença novamente atuante e liderando ações como presidente da União Cívica Feminina de Curitiba frente ao golpe de 1964. Liderando a Marcha das famílias com Deus pela Liberdade, marchas essas que representavam fortemente os valores tradicionais cristãos.

¹⁹ Uma mulher chamada Dalila. *Viver o jornal da maturidade*. Curitiba: Jornal *Viver*, 2, nº 12, p. 3, fev.1999. Documento esse encontrado na casa da memória em Curitiba.

Com a Igreja apoiando e dando apoio aos movimentos femininos com esse ideal, o arcebispo Dom Manuel não tardou também a dar seu apoio, que juntamente com as mulheres dos movimentos como a União Cívica Feminina saíram às ruas da cidade.

Podemos usar das próprias palavras de Souza para delinear esse perfil feminino de Dona Dalila, como presidente da LSCC e outras associações filantrópicas como liderança feminina:

Trajetória dessas mulheres foi marcada por uma firme inserção no espaço público, por seu desempenho intelectual e formador de opinião e, sem dúvida, pela defesa do comportamento moral, em particular aqueles referentes ao papel da mulher como esposa e mãe de família (Souza, 2018 p. 7).

Dona Dalila esteve junto com a diretoria da LSCC desde a sua fundação, no início como 2º vice-presidente, e o que podemos desenhar de seu perfil é uma grande liderança feminina e forte presença atuante na sociedade Curitibana. Assumiu oficialmente o cargo de presidente da LSCC em abril de 1955²⁰, sendo assim encontramos mais de 10 associações, as quais o destaque maior de Dalila Lacerda²¹ foi a atuação no campo assistencial como fundadora, participante ou presidente.

Alguns dos Títulos recebidos²²: Cidadã Benemérita do Paraná; Mulher do ano em 1967; Pinhão de Ouro em 1970; Presidente de Honra da Federação dos Bandeirantes.

Por fim, concordamos com Martins (2018), que reforça que a filantropia não era vista somente pelo prisma da bondade, mas como força mobilizadora das mulheres de bem em prol de objetos mais amplos

²⁰ Jornal *Diário do Paraná*, 04 de maio de 1955.

²¹ Fontes de informações de Dalila Lacerda foram da Internet como o jornal *O Estado do Paraná* de 29/07/2004, p.

²² NICOLAS, Maria. *Pioneiras do Brasil – Estado do Paraná*, 321, p. 79-82, Curitiba, 1977.

a ambiciosos, como a participação das mulheres no social, político, no progresso e aperfeiçoamento da cultura e dos costumes.

Na sequência, Dona Nice Braga foi presidente da LSCC, como esposa de político, sempre teve grande visibilidade social no estado do Paraná, durante várias gestões de seu esposo no mundo político, ela atuou sempre no serviço filantrópico e caritativo. Dona Nice participava das ações da LSCC como dama de honra ou apoiando os vários eventos promovidos pela mesma, não somente apoiava como realizavam parcerias para divulgar trabalhos de fins sociais²³. Como podemos verificar na reportagem, foi divulgada uma das campanhas desenvolvida por Dona Nice como líder frente à Campanha de Emergência, campanha essa para auxiliar os menores desamparados, ações de fins caritativo e profunda piedade cristã, conforme exposto pelo Jornal A Divulgação, em 1961. Percebe-se, através dos jornais da época e revistas, que o espírito de serviço social e filantrópico executados por D. Nice Braga exemplificam sua liderança feminina e combatente frente ao momento vivido feminino em sua época, e a contínua parceria como personalidade cristã envolvida em seus valores e crenças.

Sob diversas facetas podemos abordar a marcante personalidade de Exma. Sra. Nice Braga. Desde a mãe extremosa, condutora e orientadora do seu lar, até a liderança feminil do Estado, para a qual vem dedicando grande parte de sua existência em campanhas assistências (Jornal A Divulgação, 1961).

No Jornal A Divulgação de 1964, p.11, data de janeiro (edição 200/202), o jornalista Carlo Jung comenta sobre a opinião dele frente a destaques femininos de 1964, e encontramos Nice Braga como evidência em liderança.

²³ Jornal *Diário da Tarde* (PR), coluna High Society, em 17 de fevereiro, p. 6.

Mesmo sendo esposa do prefeito da cidade, em outros momentos governador e senador, ela sempre esteve atuando nas frentes dos movimentos sociais e femininos. Sua participação na LSCC como presidente no período ilustrado, somente afirmar como mais uma das suas ações frente à sociedade curitibana.

Como exemplo de luta pela causa feminina da época, e preocupadas como o aperfeiçoamento profissional das mulheres trabalhadoras, em 1969 frente a presidência da LSCC, D. Nice promoveu Curso de especialização para domésticas – para qualificá-las ainda mais no trabalho e no serviço doméstico.

Concordamos com Martins para a análise da liderança nesse período da LSCC, onde essa presidência da Liga tinha o grande papel de amenizar os problemas urgentes da questão social, elas atuavam sim como forma privilegiada e sancionada, pois seus valores expressos através de suas ações e comportamento influenciavam a sociedade em que eram vistas como líderes femininas de destaque:

Defendemos que o associativismo feminino foi uma forma privilegiada e sancionada socialmente para que as mulheres de elite pudessem atender o papel que delas se esperava como indivíduos capazes e sensíveis para amenizar os problemas urgentes da questão social (Martins, 2016).

Maria Lima Villela Bittencourt foi a próxima presidente, que a partir do associativismo feminino acima descrito, trabalhou arduamente para amenizar os problemas sociais urgentes que surgiam em Curitiba. Nos anos 1970, Dona Maria Bittencourt fazia parte juntamente com Dalila Lacerda da União Cívica Feminina²⁴, o que em si só já representa a rede feminina de sociabilidade em que a mesma participava, aliás podemos observar até o momento pelas pesquisas nos

²⁴ Jornal Diário da Tarde, 7 de julho, 1970, p. 1.

jornais do período que todas as presidentes da LSCC, foram influentes em vários movimentos femininos anterior ao seu mandato, durante ou posterior. Todas elas possuem em comum alguns pontos que podemos perceber facilmente como mulheres curitubanas de elite lutando pelos ideais femininos e com o ponto em comum de cristãs mediadores dos valores que acreditavam, fazendo parte do associativismo feminino caritativo como forma escolhida de atuação no meio social.

A luta das causas femininas de reconhecimento como direito ao voto e cidadania da mulher, intermediação entre o clero e o povo, mediando os valores cristãos, lutas pelo poder político ser realizado com justiça na visão da época e a participação na sociedade com igualdade entre homens e mulheres, já demonstrava o perfil de liderança e inquietude perante as desigualdades cometidas pela sociedade, corroborando a visão de Martins sobre essa participação feminina e representação além da simples atividade caritativa, era apenas um meio encontrados de penetração no espaço público, mas o alcance e influência feminina iriam além disso:

Foi também a partir das associações caritativo-filantrópicas que algumas mulheres de elite passaram a apoiar a causa feminista, especialmente o apoio à produção de uma legislação de proteção à maternidade, à infância e ao trabalho feminino (Martins, 2016).

Foram sempre em prol da proteção da infância e trabalhos da Liga, que as feijoadas realizadas anualmente pela LSCC, no período da presidência de Dona Dalila, eram realizadas em sua residência²⁵, sempre em benefício das creches atendidas pela LSCC. Conforme relatos dos membros da diretoria, todos os políticos e alta sociedade como governador, prefeitos, eram convidados, sendo um evento com alta

²⁵ Jornal Diário da Tarde, 16 de maio, 1977, p. 3.

influência política e visibilidade social. Entende-se que o objetivo desses eventos eram divulgar, unir a rede de sociabilidade das LSCC, além de arrecadação de fundos para os serviços sociais prestados pela LSCC.

Dona Maria Bittencourt, segundo acervo da LSCC, ficou na presidência da mesma por 44 anos seguidos, passando pela fase de reestruturação da mesma no sentido de ações caritativas na sociedade. Passando de uma fase de conexão total com a Igreja e ações, para uma fase mais voltada ao serviço social e educação. Foi com Dona Maria que iniciou o estudo, projeto e funcionamento das creches da LSCC, passando esse a ser o principal ponto de atuação da mesma desde os anos 70 até o momento atual. Em 1973, já ocorreu a inauguração oficial da creche Nossa Senhora da Luz, mas a mesma já estava em funcionamento desde os anos 70.

Dona Maria Bittencourt recebeu vários prêmios individuais durante sua gestão da LSCC, como Moção de honra e congratulações, pela Assembleia Legislativa do Estado do Paraná em 2011. Prêmio de Empenho em construção de uma sólida identidade Curitibana e plena cidadania, emitido pela Prefeitura Municipal de Curitiba em 1996. Propulsora do desenvolvimento Brasileiro, emitido pela Empresa e Empresários em 2002. Nos auxiliando a confirmar o papel de dona Maria Bittencourt de liderança feminina frente às ações da LSCC no período de sua gestão.

Desde 2014 até o momento atual (2018), a presidente da LSCC é Dona Vera Maria Lins Affonso da Costa. Em entrevista à Gazeta do

Povo²⁶ e ao programa Perfil do Clube Curitibano²⁷, dona Vera demonstra em seu perfil como trabalho voluntário, trabalho na Igreja ao lado de sua residência. Reeleita como presidente da Liga desde 2014. Família de tradição em Curitiba, católica, neta do fundador do jornal Gazeta do Povo, convidada por Dona Maria Bittencourt para fazer parte da LSCC, encontrou no serviço voluntário maior alegria em servir do que ser servido, quando relata que a alegria maior é dela em poder fazer desse trabalho nas creches, que das crianças que são assistidas.

Dona Vera recebeu vários prêmios, dentre eles podemos listar de Honra ao mérito, concebido pelo ACCEIS (Associação dos Centros Comunitários de Educação Infantil e Serviços Sócios Educativos) em 2014. Prêmios que podemos encontrar certificados expostos na sede da LSCC.

A LSCC nesse período de século XXI, não mais conectada à ação católica, ou todos os grandes movimentos que deram início a mesma, se reinventaram, como Dona Vera mesmo relata em sua entrevista à Gazeta do Povo, buscando no serviço social uma forma de manterem a tradição de sua fundação e serviço social à comunidade, mantendo o programa da LSCC em pleno funcionamento e atuação, atendendo os mais necessitados da região onde atuam.

Finalizando o artigo lideranças femininas na LSC, concordamos com Orlando (2017), onde escreve que a partir da presença dessas mulheres ainda tão obscurecidas na historiografia de sua ação política, mediadora e intelectual, que precisam ser encontradas e

²⁶ Jornal Gazeta do Povo, 17 de Julho, 2014. Coluna Vida e Cidadania, disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/liga-das-senhoras-catolicas-30-eb11iivlnny6nuawgxak19ou/>. Acessado em 27 de janeiro de 2018.

²⁷ Link onde se encontra o vídeo do programa Perfil do Clube Curitibano. <https://www.youtube.com/watch?v=HjY6CL0OcB8>, acessado em 27 de janeiro de 2018. Segundo entrevista Dona Vera participa a mais de 73 anos do Clube, toda sua história de vida social participando do clube.

contextualizadas em seus projetos, suas ações, sua condição feminina, os lugares ocupados como sujeitos que participam e movimentam o fluxo da história.

Para os períodos iniciais da LSCC, concordamos com Michelle Perrot (2007, p.16) que nos recorda: “Porque são pouco vistas, pouco se fala delas. E esta é uma segunda razão de silêncio: o silêncio das fontes. As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais.” As dificuldades que encontramos também, poucos ou nada de escritos ou registros documentais sobre o papel das mulheres na LSCC, o que encontramos são somente fatos e ações que nos auxiliaram com a contextualização para análise de suas ações e então entendermos o ser mulher presente na atitude.

Até a década de 1970, percebe-se claramente essa falta de acervo, de registro da história também na LSCC. Percebe-se uma presença forte, de iniciativa, mas sem ainda a plena visão desse poder feminino que estava juntamente com os acontecimentos do período escrevendo a história. Apesar disso, encontramos nos registros de jornais ou revistas a grande influência e pioneirismo em muitas das presidentes da LSCC, nos afirmando que essas lideranças femininas não ficaram no silêncio da história, as fontes por mais que poucas, mas via jornais e revistas nos mostram a personalidade forte e ativa do momento de presença feminina como mediadora cultural no século XX e sua presença forte no caritativo filantrópico. Entendemos que, por meio das práticas associativas femininas de sua época, escreveram a história de seu protagonismo público de mulheres da elite, dando continuidade e construindo novos rumos para o feminismo.

Através das análises relatadas nesse capítulo, compreendemos que as mulheres que atuaram como líderes da LSCC, analisadas as ações desde as primeiras dirigentes nacionais até as presidentes do nosso

objeto de pesquisa, foram mulheres que, em sua ação intelectual e mediação cultural, se destacaram pela pioneirismo e atitudes de mulheres que não se calaram perante seu tempo de desbravadoras da trajetória das mulheres, com ações e escritos de unidade ao feminismo cristão, aderiram ao exército “Pela Igreja e pela Pátria”, encontrando apoio na sua rede de sociabilidade, na Igreja, escreveram uma história de atitudes que marcaram o seu tempo. Servindo de modelo de mulheres a cada tempo em sua história, por suas próprias atitudes de se exporem ao mundo social através da LSC como presença e liderança, demonstrando capacidade e desbravamento de caminhos para todas as mulheres.

Referências

Clube Curitibano. <https://www.youtube.com/watch?v=HjY6CL0OcB8>, acessado em 27 de janeiro de 2018.

Discurso proferido por Amélia Rodrigues, no dia da inauguração da Liga Catholica das senhoras Baianas, disponível em <http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=168>, acessada em 02 de outubro de 2019.

Jornal A União, 16 de outubro de 1919, p.3.

Jornal A União, 18 de maio de 1919, p. 2.

Jornal A União, 6 de fevereiro de 1916, ano VI, nº 2.

Jornal A União, 6 de fevereiro de 1916, ano, VII, nº 2.

Jornal Gazeta do povo, 25 de março de 1953, p. 4.

Jornal O Dia, do dia 13 de setembro de 1936, p. 3 (Ano 1936\Edição 03668 (1)).

Jornal O Estado do Paraná, de 29/07/2004.

Jornal Diário da Tarde(PR), coluna High Society, em 17 de fevereiro, p. 6.

Jornal A Divulgação de 1964, p.11, data de janeiro (edição200/202).

Jornal Diário da Tarde, 7 de julho, 1970, p. 1.

Jornal Diário da Tarde, 16 de maio,1977, p. 3.

Jornal Gazeta do Povo, 17 de Julho, 2014.Coluna Vida e Cidadania, disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/liga-das-senhoras-catolicas-30-eb11iivlnnv6nuawgxak19ou/>. Acessado em 27 de janeiro de 2018.

Jornal O Dia, 05 de novembro de 1937, p. 2.

Jornal O Dia, 01 de junho de 1944, p. 4.

Jornal O Dia, 03 de junho de 1953, p. 3.

Jornal o Dia, 18 de setembro de 1953 p. 5.

Jornal o Dia, 09 de maio de 1954, p. 6.

Jornal A União, 30 de março de 1919, p. 8.

Jornal Viver, v2, nº 12, p. 3, fev.1999. Documento esse encontrado na casa da memória em Curitiba.

Jornal Diário do Paraná, 04 de maio de 1955.

LACERDA, 03 de agosto de 1961.

Informação encontrada disponível na Internet, <http://passarelacultural.blogspot.com/2008/07/sexo-nostalgia.html>, acessado em 12 de janeiro de 2019

MARTINS, Ana Paula Martins. **Perspectivas transculturais e transnacionais de gênero [recurso eletrônico]**. Claudia Priori; Cleusa Gomes da Silva; Georgiane Garabely Heil Vázquez (Orgs.). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, p. 13.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Disciplina e piedade :o movimento feminino católico brasileiro no começo do século XX**. Revista Brasileira de História das Religiões.ANPUH.Ano IX.n. 26.Setembro/Dezembro 2016- ISSN 1983-2850.

NICOLAS, Maria. Pioneiras do Brasil – **Estado do Paraná**. 321. p. 79-82, Curitiba, 1977.

REVISTA CLUBE CURITIBANO, 1 junho de 1954, versão 5, nº 28, p.14.

SOUZA, Reginaldo Cerqueira. Associativismo feminino e participação política: um estudo sobre as bases sociais de apoio à ditadura militar em Curitiba (1964-1985). **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 31, nº 65, p. 389-412, setembro-dezembro 2018.

7

VESTÍGIOS E MARCAS CATÓLICAS NO CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ

Evelyn de Almeida Orlando

Marina Beatriz Moroz

Introdução

Inserida no campo da História da Educação e perpassando a História das Mulheres, a pesquisa busca compreender a presença feminina, incluindo os modos de organização e ação destas mulheres, no Centro de Letras do Paraná (CLP) enquanto um espaço de produção e divulgação cultural, no recorte temporal entre os anos de 1920 a 1980. O Centro de Letras do Paraná foi fundado em 1912, com o objetivo de fomentar a produção literária, artística e cultural paranaense, e teve como precursores Euclides Bandeira e Emiliano Perneta.¹

A pesquisa se desenvolve em um constante entrelaçar entre a História da Educação e História das Mulheres, onde destaca-se a trajetória de intelectuais Católicas, que exerceram agência na cena social. Tal atuação social considerando ações no âmbito da igreja, mas fundamentalmente fora dele. Ou seja, as mulheres encontraram uma forma de ultrapassar a lógica patriarcal vigente para ocupar espaços de poder através de seu exercício enquanto intelectuais, do mundo das letras, que constantemente estava relacionado com a docência. O presente estudo trata-se de uma pesquisa histórico-documental,

¹ Euclides Bandeira nasceu em Curitiba em 1876. Foi escritor, poeta e jornalista. Euclides fundou e foi o primeiro presidente do Centro de Letras do Paraná. Ocupou a cadeira n.º 12 da Academia Paranaense de Letras e faleceu na cidade de Curitiba em 1947. Emiliano Perneta foi jornalista, poeta, advogado e professor. Nasceu em Pinhais, na região metropolitana de Curitiba, em 1866. Foi também fundador e atuou como presidente da segunda gestão do centro de Letras do Paraná, entre 1913 e 1918. Emiliano foi precursor do movimento Simbolista no Paraná e veio a falecer em Curitiba, no ano de 1921.

apoiada na Nova História Cultural que privilegia o estudo de sujeitos que outrora foram “esquecidos” da história, Perrot (2020, p. 197) afirma que “da História, muitas vezes a mulher é excluída”. Sobre a relação entre História Cultural e História das Mulheres, Burke (2008, p. 65) expõe que:

[...] o feminismo, teve implicações igualmente amplas para a história cultural, pois estava preocupada tanto em desmascarar os preconceitos masculinos como em enfatizar a contribuição feminina para a cultura, praticamente invisível na grande narrativa tradicional.

Além disso, História Cultural e História das Mulheres relacionam-se intimamente com a História da Educação conforme Lopes e Galvão (2010, p. 31) que:

tem levado os pesquisadores a temas antes considerados pouco nobres no interior da própria história da educação, ampliando os objetos, as fontes e as abordagens tradicionalmente empregadas na pesquisa historiográfica.

Os resultados obtidos através da pesquisa visam possibilitar a compreensão da formação dessa atuação no cenário público, no que diz respeito à educação e cultura no Paraná, destacando a contribuição das mulheres, influência e participação exercida pela Igreja Católica neste contexto. Tal temática apresenta sua relevância para a historiografia educacional, visto que há um apagamento das mulheres na história. Conforme Scott (1992, p. 80):

[...] reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como ‘verdadeiros’, ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado.

Isto posto, pretendeu-se, através da pesquisa, evidenciar a participação destas intelectuais em um ambiente predominantemente masculino, considerando os meios utilizados para a inserção no meio

intelectual, que nem sempre confrontam a ordem vigente, neste sentido, nos apoiamos no conceito de agência abordado por Mahmood (2006, p. 131) que defende que “a capacidade de agência pode ser encontrada não só em atos de resistência às normas como também nas múltiplas formas em que essas normas são incorporadas”, sendo os meios utilizados pelas integrantes do CLP para galgar suas trajetórias enquanto intelectuais e ocuparem cargos de diretoria não se dão pelo enfrentamento direto.

Através de um movimento de busca na História da Educação, foi realizada revisão de literatura, procurando compreender o cenário de produção sobre a temática, foram consultados dois repositórios: o Educa da Fundação Carlos Chagas, e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Os descritores utilizados nas buscas em ambos foram: “autoria feminina”, “mulheres escritoras”, “mulheres católicas” e “escrita feminina”, todos foram buscados sem recorte temporal e filtrando apenas os resultados de trabalhos escritos em português.

No Educa, foram obtidos os seguintes resultados, conforme o quadro 1:

Quadro 1 - Busca por descritores no Educa

Descritor	Resultados
Autoria feminina	1
Mulheres escritoras	0
Mulheres católicas	3
Escrita feminina	4

Fonte: Elaborado por Moroz, 2021.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia foram localizados os seguintes resultados por descritor, apresentados no quadro 2:

Quadro 2 – Busca por descritores na BDBTD

Descritor	Resultados
Autoria feminina	201
Mulheres escritoras	32
Mulheres católicas	11
Escrita feminina	68

Fonte: Elaborado por Moroz, 2021.

A pesquisa é um prolongamento de um trabalho de Iniciação Científica anterior, em que foram visitados os arquivos da Academia Feminina de Letras do Paraná (AFLP) e Academia Paranaense da Poesia (APP) (que mantém seu arquivo juntamente com o do CLP) e que precisaram ser paralisadas em meio à pandemia de Covid-19. Além disso, a organização precária do arquivo foi um entrave à análise de diversos documentos, por este motivo optamos por centrar, neste desdobramento da pesquisa, no Centro de Letras do Paraná.

O estudo buscou mapear as mulheres católicas que integraram o CLP, buscando vestígios de sua atuação na educação e na cultura do estado por meio de sua escrita, delineando o perfil de cada uma, especialmente daquelas que assumiram a presidência desses espaços, considerando suas produções.

Inicialmente havia a intenção de visitar o arquivo do CLP, porém o arquivo permaneceu fechado à visitação até o encerramento da coleta de dados. Portanto, como alternativa foram realizadas visitas ao Círculo de Estudos Bandeirantes, o qual possibilitou o acesso a documentos referentes ao CLP, e consulta à imprensa periódica através do site da Hemeroteca Digital. Recordando Farge (2017, p. 58) “o arquivo não é uma reserva na qual se sorveria por prazer, mas é permanentemente uma falta”, em condições típicas já nos deparamos com a constante falta (de

organização, de auxílio etc.), no cenário atual, tal falta foi acentuada, daí a busca por alternativas.

A presença feminina no Centro de Letras do Paraná

A partir de pesquisa nos materiais consultados nos acervos (físicos e virtuais) visitados, foram obtidos os seguintes dados: em consulta ao livro *Um século de Cultura: História do Centro de Letras do Paraná 1912 – 2012*, de Mendes et al. (2012) constatou-se que não há nenhuma mulher como patrona do CLP, 5 participaram como fundadoras, 15 como sócias beneméritas, 152 sócias efetivas, 73 sócias efetivas já falecidas, 22 correspondentes e 11 novas associadas em 2012. Segue no quadro 3 a relação das autoras:

Quadro 3 – Integrantes do Centro de letras do Paraná

Fundadoras	Alda Silva; Annette Macedo; Georgina Mongruel; Myriam Catta Preta; Zaida Z. Zardo Sotomenor.
Beneméritas	Alice Ruiz; Carmen Catta Preta Wilhelm; Emília Dantas Ribas; Graciette Salmon; Helena Kolody; Hellê Vellozo Fernandes; Leonor Castellano; Lisette Villar de Lucena Tacla; Lucia Camargo; Maria de Carmo Sounis; Maria Nicolas; Mary Camargo; Odila Portugal Castagnoli; Pompília Lopes dos Santos. Rosy Noronha Miranda.
Efetivas	Adelaide Maltana Viela; Adélia Maria Woellner; Alayde de Camargo Turech; Alcina Maria de Lara Cardoso; Aldaci do Carmo Capaverde; Altina Flores; Alzely Basseti Prochmann; Alzira Freitas Taques; Andrea Motta Paredes; Ana Amélia C.P. Filizola; Ana Lucia Malheiros Guedes; Anita Zippin Monteiro da Silva; Anna Narbone de Faria; Ariana Bittencourt da Rocha Loures; Beatriz Elena Gessner; Bernadete Zagonel; Crla Yashshin; Carmen Lúcia Rigoni; Carmen Silva de Barros Rocha Paes; Carmen Zanki; Cátia Toledo mendonça; Ceres de ferrante; Cloris Elaine Justen de Oliveira; Chloris justen; Claudia Sposito Zanin; Clotilde Branco Germiniani; Clotilde de Quadros Cravo; Cremildes Ferreira Bahr; Cyroba Ritzmann; Dalila Morgenstern; Daria Farion; Daysy Lúcia R. de Andrade; Delores Pires; Denise A. de Guimarães; Dirce Merlin Cleve; Deisi Giacomazzi Silva; Diva Ferreira Gomes; Edma Coquemala; Eliana C. Teixeira de Freitas; Eliane Bastos; Eliana Damico Fonseca; Eliane Doria Nogiri; Elisabeth Muller Prosser; Eloína Ribas Rodrigues; Emilia de Sales Belinati; Enólia Macedo Bacellar; Eny Carbonar; Eolína de Paula Xavier; Ercília

	A. Maria Martins; Estela Maris Lançono Cantarelli; Flora Camargo Munhoz da Rocha; Francine Gabriele da Silva; Gisele Macedo Goedert; Glacélia Quadros; Glaci Cardoso de Carvalho; Glaci de Andrade Figueira; Gladys França; Gladys Lilian Bormann Sigualt; Gleusa Salomon; Graziela Lamartine Barbose; Henedina Aures Kendrick; Isabel Sprenger Ribas; Ivete Terezinha Mion Bodaczny; Ivonete Silveira Euzébio; Izabel Kugler Mendes; Izza Zilli; Jacqueline Andrea Glazer; Janske Niemann Schlenker; Jarci Alves da Silva; Jocely Lona Cleto; Josina Augusto Mello; Joyce Novaes Kirchner; Julieta Reis; Kathleen Evelyn Muller; Laís Miranda; Laís Rios; Leoni Rosi Marconcini; Leontília Novaes; Leony de Souza Diotaveli; Liamir Santos Hauer; Liana Baroncelo; Liana Justen; Ligia Christina de Menezes; Lília M. de Souza; Luciane Chisostomo Selene; Lucy Salette B. Nazaro; Luisa Christina dos Santos Fontes; Luisa Josefina Varaschin; Luiza Steudel Iwersen; Luizita Maria D'albuquerque Teixeira; Margarita Sansone; Maria Alba Mendes S. Xavier; Maria Alice Pedroso; Maria Bernadete Cardoso Arduino; Maria C. de Araújo de Noronha; Maria C. Fonseca Dutra; Maria C. de Leão Rosemann; Maria Francisca Carneiro; Maria da Graça Stinglin; Maria da Luz Portugal Werneck; Maria Lúcia Ferreira Barbosa; Maria de Lourdes C. S. Gomes; Maria do Carmo K. Goulart; Maria Elisa Paciornik; Maria Ernestina Maciel Alzamora; Maria Gertrudes de Freitas; Maria José Bauer Ribas; Maria Luiza Rubine Bizerril; Marion Mugiat; Mariza F. Sampaio; Marlene Maia B. Ritez; Marlova Raimundo; Marly Garcia Correia; Mary Schaffer; Miquelina Soifer; Nancy W. Correa; Neide Azevedo; Nordelia Castello Branco Gradowski; Nylzamira Cunha Bejes; Olga Gutierrez; Olga M. S. da Costa; Orly Bach Andrade; Palmerinda Vidal Donato; Paula Andrade de Moraes; Regina Elena Sabóia Iorio; Regina Maria K. Teixeira; Rita Camargo Caldas; Rosa de Oliveira; Rossine Sales Fernandes; Rosy M. P. Lima; Ruth Santos Crema; Shirley Queiroz; Sonia Maria Barbosa Braga; Sueli Dias Kavali; Suzana Maria Araujo Slavieiro; Tania Rosa Cascaes; Tereza H. de Resende; Tereza T. de Brito; Terezinha Ivete Míon; Urtizes Bressiani Vieira; Valderez Archegas Ferreira; Valéria Beatriz Pimentel de Araujo; Valéria Borges da Silveira; Vanda E. Queiroz; Vania Maria de Souza Ennes; Vera Lúcia Sales Brasil Vergínia Andersen; Viviane Grahl; Yone Montibeler; Yone Peixoto; Zelia Maria Sell; Zorah Dalcanale; Zuleima Magaldi.
Efetivas falecidas	já Adalice Araujo; Adelia Maria Garcia; Amália Max; América da Costa Sabóia; Anete Clotilde Portugal Macedo; Anita Filipowski; Ariovaldina Andrade Lourenço; Aurora N. Wagner; Aurora Silva Curi; Beatriz Quadros Ribas; Camila F. Alves; Conceição de Castro Araújo; Denise Meiler Bordin; Dinorah C. Bettega; Emília Dantas Ribas; Escolastica Moraes de Castro Vellozo; Fernandina Lagos Marques; Florentina Vitel; Georgina Mongrue; Glacy Tramuja Silva Muller;

	Guiomar Beltrão Ferreira; Helena Kolody; Henriqueta Galeno; Helle Veloso Fernandes; Hilary Graal Passos; Idalina Bueno Magalhães; Ilka Sanches; Ilnah Pacheco Secundio; Jeny Seabra; Laura Santos; Leonilda Vasconcellos Corrêa; Leonilda Hilgenberg Justus; Leonor Castellano; Lidia Moschetti; Ligia Fumagali Ambrogi; Ligya Carneiro; Lilinha Fernandes; Lisete Vilar de Lucena Tecla; Maria Aparecida de França; Maria Bassevitz Cesar; Maria Cristina A. Vieira; Maria da Luz Augusta; Maria de Lurdes marques Vieira; Maria de Lurdes C. Cavalcanti Fortes; Maria do Carmo Sounis; Maria Nicolas; Maria Rozario Anderi; Mariana Coelho; Marita França; Marise Manoel; Mariza Lira; Mary Camargo; Mercês Maria Moreira; Mirian Cata preta Machado; Nadir F. Infante Vieira; Natercia Cunha Vellozo; Nely Valente de Almeida; Nisia Nobrega Leal; Noemi Valle Rocha; Odila Portugal Castagnoli; Porcia G. Alves; Rachel Prado; Rosala Garzuz; Roselys Vellozo Roderjan; Selene L. A. Esperandio; Seleneh Medeiros; Stella Dolores da Silva Monteiro; Suelly Rossler; Suely Vilarinho; Vera Czelusniak; Vera Vargas; Victorina Sagbone Teixeira; Zaida Zardo Sotomaior.
Correspondentes	Alzira Freitas Taques; Anita Filipowski; Aurora Nunes Wagner; Camila Furtado Alves; Eurides D. Ferreira; Evangelina Maia Cavalcanti; Idalina Bueno de Magalhães; Ilnah Secundio; Jenny Seabra; Ligia Fumagli Ambrigi; Ligia Moschetti; Lilinha Fernandes; Maria Bassevitz Cesar; Maria da Luz Augusto; Maria Rosario Anderi; Mariza Lira; Mercedes Maria Moreira Lopes; Natercia C. Velloso; Nisia Nobrega Leal; Noemy Valle Rocha; Stella Dolores da Silva Monteiro; Suely Roessler.
Novas associadas em 2012	Aparecida Maria Cardoso da Silveira; Elizabeth Souza Ferreira; Ivete Gualberto; Ingridi Haydeé Mueller Seraphim; Mariângela Pellizzer; Maria Helena de Azevedo; Nelci Veiga Mello; Nicaela Maria Sanchez; Silvia Maria de Gracia Marques; Taniamaria Falabello Paluch; Tereza Cristina Carta Winter.

Fonte: Elaborado por Moroz, 2021.

Na análise realizada do *Livro de Ouro do Jubileu de Diamante do Centro Paranaense Feminino de Cultura*, do Centro Paranaense Feminino de Cultura (2009), entre as mulheres mencionadas que integraram o CLP, destacam-se: Céres de Ferrante, por sua atuação no meio educacional (atuou na Secretária de Educação do Paraná e no Conselho Estadual de Cultura), em publicações no jornal *Gazeta do Povo*, ocupação dos cargos de secretária e oradora no CLP, e como vice-presidente do Centro Paranaense Feminino de Cultura (CPFC); Flora Camargo Munhoz

da Rocha, por sua formação católica (Colégio Sacré Coeur no Rio de Janeiro e Nossa Senhora de Sion em Curitiba), tendo inclusive participado da vinda do Sacré Coeur para Curitiba. Enquanto primeira-dama, teve participação ativa em ações sociais no Paraná e diversas publicações em jornais e revistas; Leonor Castellano, que atuou como professora e escritora, tendo contribuído grandemente no cenário cultural de Curitiba, assumiu cargo de presidência no CLP, no CPFC e na União Cívica Feminina, além de ter diversas publicações de cunho religioso, especificamente católico. Em consulta aos *Estatutos do Centro de Letras do Paraná: aprovados em sessão de 29 de novembro de Centro de Letras do Paraná* (1936), são mencionadas apenas duas mulheres: Mariana Coelho e Ilnah Sucundino.

Na obra *A casa de Euclides Bandeira e Emiliano Perneta* (1952), que apresenta um discurso de Leonor Castellano em ocasião do início da construção da sede do Centro de Letras do Paraná, na época em que Leonor ocupava o cargo de presidente da instituição chama a atenção, na Figura 1, Leonor ser a única mulher presente na ocasião. Pode-se dizer que a imagem reflete a participação das mulheres na cena social em lugares privilegiados, inclusive, e ocupados majoritariamente por homens. O recorte de classe, o lugar social dessas mulheres, a chancela da Igreja Católica certamente contribuiu para essa conquista e não podem ser ignorados em suas trajetórias.

Figura 1 – lançamento da pedra fundamental do Centro de Letras do Paraná



Fonte: Castellano, 1952.

Em *Centro de Letras do Paraná: histórico da fundação: atos oficiais, estatutos, relação geral dos sócios: diretoria para o biênio 1948-1949* (1949) do Centro de Letras do Paraná há menção (p. 2-3) sobre as seguintes mulheres que estavam presentes no ato de fundação do Centro de Letras do Paraná em 19 de dezembro de 1912: Georgina Mongruel, Zaida Z. Zardo, Myriam Catta Preta, Annette Macedo e Alda Silva. Na mesma obra há a menção sobre (p. 7) “ilimitado o número de sócios, sem distinção de sexos”.

A pesquisa na Hemeroteca Digital teve como objetivo localizar periódicos da imprensa paranaense, buscando vestígios de como eram representados o CPL e sua integrantes, especificamente aquelas que possuíam relações com a Igreja Católica. As buscas resultaram em 1950 ocorrências do descritor em 19 periódicos, conforme tabela 3 abaixo:

Tabela 3 – ocorrências entre 1920 e 1979 no Paraná do descritor “Centro de Letras do Paraná”

Jornal	Ocorrências
<i>O Dia</i>	748
<i>O Estado do Paraná : Jornal da Manhã</i>	24
<i>Commercio do Paraná: folha matutina de circulação diária</i>	12
<i>Diário da Tarde</i>	29
<i>A República: orgam do partido republicano</i>	8
<i>O Sempre-viva</i>	2
<i>Ilustração Paranaense: mensário paranista de artes e actualidades</i>	2
<i>Guarapuava</i>	1
<i>O Estado</i>	35
<i>Correio do Paraná: órgão do partido liberal paranaense</i>	106
<i>A Divulgação</i>	64
<i>Diário do Paraná</i>	394
<i>Paraná-Norte</i>	8
<i>Gran-Fina</i>	4
<i>A Tarde</i>	89
<i>Maestro Bento Mossurunga</i>	4
<i>Correio da Noite</i>	1
<i>Última Hora</i>	12
<i>Correio de notícias</i>	7

Fonte: Elaborado por Moroz, 2021.

Em virtude do tempo disponível para pesquisa, foi selecionado o periódico com maior número de resultados para a análise, o jornal *O Dia*, de 1923 a 1961, que contabilizou 748 ocorrências do descritor. Justifica-se também a escolha por tal jornal pois este era tido como meio de comunicação oficial do CLP, conforme exposto por Mendes et al. (2012, p. 238) “o Centro reconhece o jornal ‘O Dia’ como seu porta-voz oficial, pela maneira desprendida e patriótica com que divulga as notícias do Centro”.

Os resultados obtidos foram distribuídos em quatro subcategorias: atividades do Centro de Letras do Paraná (encontros, reuniões, festividades, concursos, notas, lançamentos de livros, homenagens), menções ao Centro de Letras do Paraná, menções a mulheres

relacionadas ao Centro de Letras do Paraná e menções à igreja católica, conforme a tabela 4 a seguir:

Tabela 4 - categorias

CATEGORIA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
atividades CLP (encontros, reuniões, festividades, concursos, notas, lançamentos de livros, homenagens)	416
menções ao Centro de Letras do Paraná	299
menções a mulheres relacionadas ao Centro de Letras do Paraná	32
menções a igreja católica	1

Fonte: Elaborado por Moroz, 2021.

Através da coleta e organização de dados obtidos tanto nos acervos da CLP e da Círculo de Estudos Bandeirantes, como na Hemeroteca Digital e em consulta virtual ao Centro de Documentação de Literatura de Autoria Feminina Paranaense da Universidade Estadual de Maringá se obteve um mapeamento das mulheres católicas que integram o Centro de Letras do Paraná. Tal mapeamento busca expor sinais da atuação destas mulheres no contexto educacional e cultural do estado do Paraná. Os resultados foram dispostos em quadro organizado nas seguintes categorias: nome, período que esteve no CLP, forma de atuação no CLP, principais publicações (que foram definidas considerando a relevância das obras, as que mais obtiveram divulgação e circulação), participação em outras instituições correlatas e observações gerais.

Por se destacarem em suas atuações na sociedade e oferecerem mais pistas de proximidade com a igreja católica, destaca-se as seguintes sócias do Centro de Letras do Paraná:

Foram selecionadas 9 mulheres que atuaram no CLP entre as décadas de 1920 e 1980, por se destacarem em suas atuações na sociedade e oferecerem mais pistas de proximidade com a igreja católica, destaca-se as seguintes sócias do Centro de Letras do Paraná:

No quadro 2, abaixo, apresenta-se sobre elas: nome, período que esteve no CLP, forma de atuação no CLP, publicações, participação em outras instituições correlatas e observações gerais. Os títulos de publicações destacados referem-se aos períodos em que a escritora participou do CLP.

Quadro 2 – Mapeamento Centro de Letras do Paraná.

Nome	Período que esteve no CLP	Forma de atuação no CLP	Principais Publicações	Participação em outras instituições correlatas	Observações gerais
Aurora da Silva Cury	1951 -	sócia efetiva; 2ª secretária entre 1952 e 1956.	Penumbra. Curitiba: Artes Gráficas da Escola Técnica de Curitiba, 1951; Crepúsculo. [S.l.: s.n.], 1975; Raio de sol. [S.l.: s.n.], 1994.	Academia Feminina de Letras do Paraná; Academia Paranaense da Poesia; Centro Paranaense de Feminino de Cultura.	Professora normalista; assumiu cargos de direção; funcionária do Instituto de Educação; o livro <i>Pennunbra</i> recebeu menção honrosa em concurso promovido pelo CLP.
Céres de Ferrante	1970 - 2016	sócia efetiva; 1ª secretária entre 1970 e 1972, 1976 e 1978, e 1987 e 1989; 2ª secretária entre 1979 e 1980; 1ª oradora entre 1980 e 1982; bibliotecária entre 1989 e 1991; conselho fiscal entre 1993 e 1995.	Mais eu. Curitiba: Lítero-Técnica, 1967; Espaços Vazios. Curitiba: Gráfica Lítero-Técnica, 1987; Do meu mundo e do Mundo de toda gente. Curitiba: [s.n.], 1968; Uma criança existe. Curitiba: Gráfica Lítero-Técnica, 1979.	Centro Paranaense Feminino de Cultura; Academia Feminina de Letras do Paraná; Academia José de Alencar; Academia Paranaense da Poesia.	Recebeu os prêmios: "Poetisa do Ano" pelo Diário Popular em 1978; "Mulher do Ano – Poesia" pelo Womans's Club em 1989. Atuou em cargos de gestão na área da educação, com engajamento em causas sociais - saúde e educação.

Flora Camargo Munhoz da Rocha	1975 - 2014	sócia efetiva; comissão de imprensa e propaganda entre 1976 e 1978; comissão social entre 1980 e 1982.	O armazém de Seu Frederico. Curitiba: Grafipar, 1973; Domingo a gente se fala. Curitiba: Vicentina, 1975; A beleza de ser criança. Curitiba: Vicentina, 1977; O sofá azul. Curitiba: Lítero-Técnica, 1980; Entre sem bater. Curitiba: Secretaria do Estado de Cultura, 1998.	Academia Paranaense de Letras; Centro Paranaense Feminino de Cultura; Academia de Letras José de Alencar; Academia Paranaense da Poesia; Academia Feminina de Letras do Paraná.	Recebeu inúmeras condecorações, destacando-se, em 1956, a Lateraeclésia (Vaticano) e, em 1978, o título de Vulto Emérito, pela Câmara Municipal de Curitiba; primeira dama; Foi presidente da Liga das Senhoras Católicas de Curitiba. Atuou na Legião Brasileira de Assistência.
Georgina Mongruel	1912 - 1953	sócia fundadora	Avril éternel renouveau. Rio de Janeiro: Edição da autora, 1952; La dernière chevauchée! Ponta Grossa: Montes & Pereira, 1958; Sous le charme. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1946.	Instituto Neopitagórico; Academia de Letras José de Alencar.	Professora, pianista, cantora e poetisa. Contribui em diversos jornais. fundadora do Colégio Paranaense de Curitiba em 1916.
Helena Kolody	1943 - 2004	sócia benemérita; comissão literária; conselho social entre 1960 e 1964; conselho fiscal entre 1966 e 1968; conselho literário entre 1976 e 1978 e	A sombra no rio. Curitiba: Escola Técnica do Paraná/Edição do Centro de Letras do Paraná, 1951; Caixinha de música. Curitiba: Sec.	Academia Paranaense de Letras; Academia Paranaense da Poesia; Academia de Letras José de Alencar; Academia Literária Feminina do Rio Grande do	Diploma de Mérito Literário; título de Cidadã Honorária de Curitiba; professora; inspetora federal do Ensino Secundário; segunda

		entre 1982 e 1984.	da Cultura, 1996; Luz infinita (edição bilingue português e ucraniano). Curitiba: Museu Biblioteca Ucranianos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucraino-Brasileiro, 1997; Haikais. Curitiba: Criar Edições, 2001.	Sul; Academia Feminina de Letras do Paraná.	mulher a ingressar na Academia Paranaense de Letras; em 1968 recebeu o título de “princesa das poetisas paranaenses” do CLP.
Hellê Vellozo	1951 - 2008	sócia benemerita; 2ª secretária de 1964 a 1966; conselho fiscal de 1966 a 1968 e de 1990 a 1993; conselho social de 1980 a 1982; conselho literário de 1982 a 1984 e de 1985 a 1991.	Camafeus. São Paulo: Gráfica Mundial, 1945; Pioneiros do Iguatemi. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1966; Nos campos e nos pinhais. Curitiba: O Formigueiro, 1970; Ilha do Mel, ontem e sempre. Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1985.	Academia Paranaense de Letras; Ala Feminina da Casa Juvenal Galen; Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Sul; Centro de Letras do Paraná; Centro Paranaense Feminino de Cultura; Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná; Academia Feminina de Letras do Paraná.	Foi sócia fundadora da Associaçion Mundial de Mujeres Periodistas e Escritoras (México, 1969); Fundadora da Associação de Jornalistas e Escritoras Brasileiras.
Leonor Castellano	1936 - 1969	sócia benemerita; 2ª tesoureira de 1936 a 1938; 1ª tesoureira de 1938 a 1948;	Marysa. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1937; A casa de Euclides Bandeira e	Clube soroptimista, Circulo de Estudos Santo Agostinho, Arregimentação Cívico Eleitoral Feminino,	professora; em 1940 ocupou o cargo de chefe de seção da Procuradoria Geral do Paraná; chefe

		presidente de 1949 a 1952; vice-presidente de 1952 a 1954; bibliotecária 1954 a 1956; diretora da revista de 1954 a 1958; comissão de imprensa e publicidade de 1958 a 1960; conselho literário de 1960 a 1962; comissão de imprensa e propaganda de 1964 a 1966.	Emiliano Perneta. Centro de Letras do Paraná: Curitiba, 1952; Discursos. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1953; Figuras de ontem e hoje. Curitiba: Escola Técnica, 1953; Mensagem de Santa Clara de Assis às mulheres. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1953.	Associação de Proteção à Jovem, Centro Paranaense Feminino de Cultura, Centro Cultural Euclides da Cunha de Ponta Grossa; Academia de Letras José de Alencar.	de seção na secretária da fazenda; atuou na Biblioteca Pública do Paraná; integrou a União Cívica Feminina.
Mariana Coelho	1933 - 1954	sócia efetiva	Cambiantes. Curitiba: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1940; Um brado de revolta contra a morte violenta. Curitiba: A Cruzada, 1935; Linguagem. Curitiba: A Cruzada, 1937; A evolução do feminismo: subsídios para sua história. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002; O Paraná mental. 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.	Centro Paranaense de Feminino de Cultura.	Fundou e dirigiu o Colégio Santos Dumont; integrante da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino; publicou ensaios e artigos sobre feminismo.

Pompília Lopes dos Santos	1943 -	sócia benemérita.	A fila triste. Curitiba: Requião, 1971; Caminhada: da Universidade a Itaipu. Curitiba: Lítero-Técnica, 1975; Abismo. Curitiba: Repro- Set, 1985; Afinidade. Curitiba: Repro- Set, 1985; Origens. Curitiba: Repro- Set, 1985.	Academia Paranaense da Poesia; Academia Paranaense de Letras; Academia de Letras José de Alencar; Centro Paranaense Feminino de Cultura; Academia Feminina de Letras do Paraná.	Primeira presidente da AFLP e primeira mulher a integrar a APL; integrou a União Cívica Feminina. Professora normalista; fundou o Clube Soroptimista de Curitiba; integrou diretoria da AJEB; vulto emérito câmara do Paraná; Participou do comitê nacional interamericano de mulheres (presidente).
---------------------------------	--------	----------------------	--	--	---

Fonte: Elaborado por Moroz, 2021.

O mapeamento das mulheres integrantes do Centro de Letras do Paraná, buscando marcas e vestígios católicos na atuação delas, resultou em reflexões sobre a forma de ação de tais mulheres, seus perfis e reflexões. Primeiramente, as mulheres abordadas na pesquisa são entendidas como intelectuais. Para tal, nos apoiamos em Sirinelli (1998) que compreende os intelectuais com “atores (ou atrizes)² do político” considerando a mediação e produção cultural. Além disso, a atuação na cena social por tais intelectuais é frequentemente marcada pelo associativismo e criação de redes. Para Sirinelli (1996, p. 249), no meio intelectual, as redes formam um “‘pequeno mundo estreito’, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora”.

² Inserção e grifo nosso, como uma apropriação já que o autor só fala dos intelectuais no masculino.

Nota-se que, mesmo inseridas em um ambiente potencialmente patriarcal e conservador, tais mulheres subvertiam esta ordem, não por meio do enfrentamento direto, mas através de outros tipos de agência. Mahmood (2006 p.123), ao tratar sobre agência feminina no contexto da religião islâmica, sugere que “pensemos na agência não como um sinônimo de resistência em relações de dominação, mas sim como uma capacidade para a ação criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas”, tal forma de agência é semelhante a praticada pelas mulheres católicas no contexto aqui abordado e lhes conferiam poder e protagonismo em meio aos ambientes em que circulavam, como a docência, a escrita e a atuação através do associativismo.

Outra característica marcante do perfil das mulheres estudadas, foi o associativismo voltado para o trabalho de caridade e filantropia. Segundo Martins (2016, p. 4):

[...] o associativismo feminino foi uma forma privilegiada e sancionada socialmente para que as mulheres de elite pudessem atender o papel que delas se esperava como indivíduos capazes e sensíveis para amenizar os problemas urgentes da questão social.

Assim como os trabalhos de caridade e filantropia, o magistério apresentou-se como outra alternativa de atuação fora do lar, conforme Telles (2011, p. 410):

Ensinar, mesmo que sem preparo, foi para as mulheres do século passado uma oportunidade de trabalho. As escolas normais, onde quer que surgissem, atraíam grande quantidade de moças, pois foram, durante anos, uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e de carreira.

Articulado ao trabalho filantrópico, frequentemente estava a religião, em ações promovidas por igrejas. Assim, reforça-se a ideia da religião como meio de atuação na cena social. Sobre a temática da

religião, Rosado (2001, p. 90) salienta que “a preocupação de pesquisadoras feministas tornou-se assim, mostrar como as religiões apresentam-se, em sua realidade social e histórica, atravessadas e conformadas pelas relações de gênero”, pois o gênero é uma importante categoria de análise neste contexto, pois marca distinções de atuação e atribuição de papéis.

Percebe-se então uma similaridade nos perfis das mulheres que atuaram no Centro de Letras do Paraná: intelectuais, muitas vezes de famílias abastadas e privilegiadas por um capital cultural e social, atuantes na cena social, mas sem afrontar os padrões impostos pela sociedade, ou seja, o trabalho como professoras ou o trabalho filantrópico apesar de ser uma forma de atuação fora da cena privada do lar, não rompe o perfil imposto às mulheres (cuidadosas, amorosas, fraternas, boas mães e esposas). Tais características são evidenciadas pelas representações que circulavam sobre as integrantes do CLP na imprensa periódica da época. Para esta análise, nos apoiamos em Chartier (1991), o qual nos adverte que as representações privilegiam o “estudo dos valores e dos comportamentos de comunidades mais restritas, muitas vezes tidos como homogêneos”.

A exemplo de atuação na cena social, através do mundo das letras, sem enfrentamento direto sobre os padrões impostos às mulheres na época, citamos Leonor Castellano. A intelectual ocupou cargo de presidente do CLP entre 1949 a 1952 e a vice-presidência do Centro entre 1952 e 1954, integrou diversas instituições culturais, literárias e cívicas no Paraná, além de ser a primeira mulher chefe de seção da Procuradoria Geral do Paraná, tendo contribuído, assim, para o desenvolvimento do cenário educacional e cultural de Curitiba, principalmente. Além disso, nota-se nas publicações de Leonor sua relação com a igreja católica, como por exemplo em: *Mensagem de Santa*

Clara de Assis às mulheres (1953) que é um registro da fala feita por Leonor na 2ª semana Franciscana do Paraná, realizada no Instituto Santa Maria, e no folheto *Santo Agostino: (conferencia)* (1953) onde retrata a trajetória de Santo Agostinho e em determinadas passagens frisa a importância do papel da mãe.

Mesmo que ocupando espaços, percebe-se o direcionamento de papéis coadjuvantes a mulheres, como noticiado em *O Dia* (1928) no artigo de Rodrigo de Freitas, as “Sacerdotisas dos Poetas”, que realizavam declamações em homenagem aos centristas falecidos. Faziam parte: Risoleta Machado Lima, Fernadina Marques, Lúcia Pereira, Rosinha Pinheiro Lima, Didi Caillet, Ilsa Espinola. Não obstante esse lugar secundarizado, ainda assim, nota-se que esta e outras ações possibilitavam o acesso das mulheres a tais espaços de produção e promoção cultural como uma via de acesso e desenvolvimento de seus trabalhos e carreira.

Considerações Finais

A pesquisa resultou em um mapeamento das mulheres que integraram o Centro de Letras do Paraná de forma geral, devido ao volume do resultado de integrantes do CLP, há ainda possibilidades de investigações mais aprofundadas. Localizou-se as que possuíam relações com a Igreja Católica de maneira mais explícita, e breve delineamento do perfil e atuação de cada uma, sendo que foram destacadas as integrantes que ocuparam cargos de presidência, vice-presidência. As relações com a Igreja Católica podem ser pesquisadas ainda mais profundamente.

O mapeamento realizado se desdobra em muitas outras possibilidades de pesquisa envolvendo a presença feminina no Centro

de Letras do Paraná e das mulheres no campo intelectual paranaense, de forma a explorar mais a fundo o perfil de cada uma das mulheres e focar especificamente em outros periódicos da época que abordavam a rotina e notícias do Centro de Letras do Paraná. Ainda, há a possibilidade de pesquisa nos materiais armazenadas no arquivo do CLP que, em virtude da pandemia de covid-19, não puderam ser visitados.

Para delinear o perfil de cada uma das intelectuais, necessita-se de maior tempo de pesquisa e acesso aos arquivos físicos, entretanto as informações até então coletadas oferecem algumas evidências sobre o tema proposto: as marcas e vestígios católicos no Centro de Letras do Paraná.

Reconhecendo então a potência da investigação, parte dela se desdobra em minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso, abordando aspectos sobre a trajetória de Leonor Castellano, principalmente naquilo que diz respeito à educação e cultura na cidade de Curitiba.

Referências

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CASTELLANO, Leonor. **A casa de Euclides Bandeira e Emiliano Pernetá:** oração proferida por Leonor Castellano, Presidente do Centro de Letras do Paraná, por ocasião do lançamento da pedra fundamental da mesma entidade, em cerimônia realizada no dia de Curitiba - 29 de março de 1952. [Curitiba: s.n., 1952. 7 p.

CASTELLANO, Leonor. **Mensagem de Santa Clara de Assis às mulheres.** Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1953. 28 p.

CASTELLANO, Leonor. **S. Agostino:** (conferência). Curitiba: [s.n.], 1953. 30 p.

CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ. **Centro de Letras do Paraná**: histórico da fundação: atos oficiais, estatutos, relação geral dos sócios: diretoria para o biênio 1948-1949. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1949. 27 p.

CENTRO DE LETRAS DO PARANÁ. **Estatutos do Centro de Letras do Paraná**: aprovados em sessão de 29 de novembro. Curitiba: Mundial, 1936. 20 p.

CENTRO PARANANESE FEMININO DE CULTURA. **Livro ouro do Jubileu de Diamante do Centro Paranaense Feminino de Cultura**. Curitiba: CPFC, 2009.

CENTRO de Letras do Paraná. **O Dia (PR)**. Curitiba, 26, de outubro de 1928. p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/092932/13502>. Acesso em: 01 jun. 2021.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr.1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 jan. 2021.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. Tradução: Fátima Murad. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território Plural**: a pesquisa em história da educação. 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**, v. X (1), p. 121 – 158, 2006.

MARTINS, Simone Maria. **Vozes da escrita feminina no Brasil**: da função social ao poder humanizador da poesia. 2019. 150 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2019. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/4231>. Acesso em: 28 jan. 2021.

MENDES, Antônio Celso; STRAUBE, Ernani Costa; KARAM, Paulo Roberto. **Um século de cultura**: história do Centro de Letras do Paraná, 1912-2012. 1. ed. Curitiba: Núcleo de Mídia e Conhecimento, 2012.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. 9. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

- ROSADO, M. J. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 16, p. 79–96, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644538>. Acesso em: 6 jul. 2021.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 1992, p. 63–96.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ; Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.231-269.
- SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 259 – 279.
- TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del. [Org.] **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2011. p. 401–4.

PARTE II
IMPRESSOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

8

CONTRIBUIÇÕES DAS AUTOBIOGRAFIAS PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Loyde Anne Carreiro Silva Veras

Vale a pena, para compreender a razão das obras, expormo-nos a quebrar seu encanto? E, além do prazer, sempre um tanto lento, de saber do que se trata, o que ganhamos com essa análise histórica do que quer ser vivido como uma experiência absoluta, estranha às contingências de uma gênese histórica?

Pierre Boudieu

Este artigo é um recorte de pesquisa de mestrado realizado a partir das autobiografias de Eva Yarwood Mills (1903-1987), uma inglesa que viveu e trabalhou no Brasil amazônico durante os anos de 1928 a 1959 como missionária e professora no contexto de difusão do protestantismo na região norte do país (Veras, 2017). O objetivo é revisitar alguns dos percursos da pesquisa, evidenciando as contribuições da historiografia da educação na construção dessa pesquisa e, igualmente relevantes, as contribuições das autobiografias para a historiografia da educação brasileira.

Apresentando a autora em questão, Eva Mills veio da Inglaterra para o Brasil no início do século XX, sozinha, a contragosto da família, para casar-se com o namorado da juventude que a esperava como clandestino em solo brasileiro. O destino perseguido pelo casal era o desbravamento de meandros amazônicos, na qualidade de missionários protestantes independentes¹. Ela, professora, não demorou a encontrar o seu espaço em um ambiente carente de escolarização, contribuindo na formação de uma geração e organização de um grupo religioso em solo brasileiro.

¹ Sem vínculo institucional com igrejas ou instituições protestantes

Essa memorialística altruísta foi construída, principalmente, pela própria autora a partir da publicação de três livros autobiográficos, escritos como o projeto de sua velhice, quando esta vem a transformar o tempo de aposentadoria e enfermidade, em um “novo fazer” (Bosi, 2004). Eva Mills morava nos Estados Unidos quando se descobre acometida de leucemia e se aposenta em um asilo para idosos.

O primeiro livro de Eva Mills, o *8:28*, foi publicado em 1976 nos Estados Unidos. É uma “narrativa retrospectiva em prosa” que a autora “faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual” (Lejeune, 2008, p. 16)². É nesse livro onde Eva Mills se propõe a narrar-se, escrevendo de si, sua mocidade, sua vinda para o Brasil, o casamento com David Mills e o início de sua ação no Brasil como missionária-professora. O título é uma referência ao texto de Romanos 8:28³ e à data de sua partida de Liverpool para o Brasil, em 8 de agosto de 1928.

Em Lugar do Espinheiro, publicado por volta de 1982, foi uma produção voltada para o público brasileiro e enviada dos Estados Unidos ao Brasil. A autora visibiliza uma rede de “pioneiros” na evangelização de uma região considerada “primitiva” do sertão maranhense, construindo um lugar para si na memória do grupo ao historiar e destacar-se como um deles. Dito de outra forma, é um livro com características marcadamente autobiográficas, mas que se apresenta com a proposta de evocar os homens mais ou menos importantes que a autora conheceu, acompanhou ou com quem conviveu, parafraseando Michelle Perrot⁴. O livro é um

² Esta é uma autobiografia no sentido “clássico” do termo, segundo Phillipe Lejeune. Contudo, segundo o próprio autor, um conceito restritivo àquilo que pode entrar no rol autobiográfico, excluindo outras formas de autobiografias como diários, relatos orais, autorretratos, etc.

³ “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Bíblia, Versão Almeida Revista e Atualizada)

⁴ “‘Minha vida não é nada’, diz a maioria das mulheres. Para que falar dela? *A não ser para evocar os homens, mais ou menos importantes, que conheceram, acompanharam ou com quem conviveram*” (Perrot, 2016, p. 28, grifo nosso).

compêndio de biografias, apresentado no verso da capa como “um relato das experiências de homens de Deus, chamados a servi-lo em lugares difíceis”, de “homens que expuseram as suas vidas pelo nome de Cristo, que sofreram no trabalho do evangelho”.

O terceiro livro, *Stories From Parakeet Country*, é um livro de histórias voltadas para o público infantil, publicado em 1986, também nos Estados Unidos. Suas narrativas intercalam ficção e realidade, a partir das vivências da missionária no Brasil. A Eva Mills professora aparece com destaque nesse livro, não só pela intencionalidade clara de ensino das histórias e pelo seu público leitor, mas também pela ambientação dessas narrativas, sendo em sua maioria no contexto de escolas ou sobre a vida das crianças, com uma especial reflexão sobre o papel social da educação escolar e religiosa para elas.

Os três livros publicados, considerando as distinções materiais e os diferentes campos de suas produções, compõem um único projeto autobiográfico por se completarem em sentidos e constroem faces narrativas da trajetória da mesma autora-narradora-personagem. Uma mulher religiosa e esposa de missionário (relevo da primeira publicação), uma mulher missionária e independente (relevo da segunda publicação) e uma mulher educadora/professora (relevo da terceira publicação) dizem de uma única mulher, em diferentes formas de narrar-se.

Apesar da Eva Mills ser uma professora, se identificar como tal e construir-se por meio da educação, é na relação com o grupo religioso da sua velhice que ela se reelabora enquanto missionária e legitima-se como educadora que esteve a serviço de uma missão protestante europeia-americana. Assim, o esforço *de narrar a si* em forma de autobiografia justifica não apenas a si, mas, conjuntamente, o grupo protestante americano em que estava inserida.

Eva Mills se construiu na fronteira entre a educação e a religião, onde a educação constituiu-se uma “estratégia” (Certeau, 2011)⁵ de ação para alcançar fins religiosos. Nessa perspectiva, entendendo a religião como objeto cultural, carregada de sentidos e sensibilidades, fruto da experiência dos sujeitos como indícios dos modos como estes constroem a si mesmos e o mundo em que vivem (Orlando, 2016).

Nesse âmbito, a educação acaba se tornando um elemento secundário nesses livros, embora tenha sido sua estratégia de disputa de poder no campo religioso no qual ela estava inserida no Brasil. A escrita sobre sua prática educacional é matizada pelas questões religiosas, pelos interesses do grupo no tempo da escrita/publicação dos livros, e precisou ser entendida sob estes aspectos, não diminuindo a relevância de sua contribuição para a História da Educação.

Meu primeiro contato com Eva Mills foi quando criança, nas rodas de conversa em torno da mesa. Era durante as refeições, em especial durante o cafezinho da tarde, que meus avós nos contavam suas próprias histórias, lembranças de uma juventude vivida no sertão maranhense do início do século XX. *Dona Iva*, como era chamada, teve lugar especial na memória desses dois velhos sertanejos que a conheceram ainda na infância, como professora, missionária e mãe.

Foi na biblioteca familiar que manuseei pela primeira vez os livros *Em Lugar do Espinheiro* e *História do País dos Periquitos* (uma versão traduzida de forma doméstica de *Stories From Parakeet Country*), ambos

⁵ Uso os conceitos de “estratégias” e “táticas” na perspectiva de Michel de Certeau (2011), respeitando os diferentes lugares ocupados por Eva Mills. Enquanto uma missionária inglesa, Eva Mills utilizou-se de “estratégias” diante do processo de “civilização” empreendido entre os povos de uma cultura considerada civilizada (letrada e protestante) em relação a culturas consideradas por ela como primitivas. Sob outra perspectiva, Eva Mills utilizou-se de “táticas” diante das relações de poder vivenciadas nas relações de gênero no campo religioso protestante. O lugar da escrita, da memorialística e da produção do discurso, por exemplo, é um lugar eminentemente masculino neste campo e apropriar-se deste espaço exigiu ações “táticas” de enfrentamento neste lugar que é do outro.

de autoria de Eva Mills. Lembro de tê-los lido com a perspicácia da infância, em busca de conhecer um pouco mais dos avós e desses tempos aventureiros, pelo menos para mim. Neles fui conduzida no tempo e no espaço a conhecer ambientes rústicos, desprovidos das facilidades da vida moderna, e quase podia sentir o cheiro do tempo de antigamente. Também fui apresentada a algumas crianças e jovens que, a essa altura, eu procuraria reconhecer em faces já idosas, como meus próprios avós. Talvez esses livros tenham cumprido seu papel. O tempo, as pessoas, as representações, a memória... nada estava ali por acaso.

Quase trinta anos depois, reencontro esses livros, em meio a um desmonte de arquivo familiar. Uma força-tarefa fora organizada para “dar um jeito” em um acervo tão bem-querido, construído e colecionado por toda uma vida. Meus avós não estavam mais ali e aquele momento foi, para todos os envolvidos, um reencontro com memórias que eram nossas também. Não consigo dizer que foi um tempo triste. Não foi. Foi um tempo de reencontro.

Entre fotografias desgastadas, documentos e papéis amarelados, estavam os livros de Eva Mills, ainda em bom estado. Reli-os. Admito que a expectativa era reviver a mesma experiência outrora vivida, “mas lembrar não é reviver”, já disse Ecléa Bosi, “e sim refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências recentes ou remotas” (Bosi, 1994, p. 55). Aqueles livros, apesar de serem exatamente os mesmos, já eram outros.

A pesquisa que viria a partir daí, com teor acadêmico e bem distante do ambiente familiar e religioso em que a professora era conhecida, foi gestada no âmbito do projeto “Educação, Gênero e Cristianismo: circulação, representação, formação e práticas femininas em cenário religioso e educativo”, proposto e coordenado pela professora Dra. Evelyn de Almeida Orlando. Foi mediado e impulsionado

por esse grupo de pesquisa que procurei notabilizar a vida dessa professora e suas *escritas de si* como fonte para a História da Educação, compreendendo-as como “narrativas culturais” que as pessoas de uma cultura contam a si mesmas sobre si mesmas (Burke, 2005).

Dessa forma, a narrativa de Eva Mills foi integrada sob o suporte da História Cultural, evidenciando as representações e autorrepresentações segundo os conceitos de Roger Chartier (1990; 2002) e entendendo os escritos autobiográficos de Eva Mills produzidos a partir do campo religioso protestante, sob aspectos inerentes a seu grupo de pertença.

As autobiografias na Historiografia da Educação brasileira

Na historiografia, é cada vez mais frequente a ênfase nas narrativas culturais como uma forma de dar sentido ao local, ao modo como a história é vivida e vivenciada pelos sujeitos, em seus diferentes contextos. Este

[...] atual interesse histórico pela narrativa é, em parte, um interesse pelas práticas narrativas características de uma cultura em particular, as histórias que as pessoas naquela cultura ‘contam a si mesmas sobre si mesmas’. Tais ‘narrativas culturais’, como foram chamadas, oferecem pistas importantes para o mundo em que foram contadas. [...] A narrativa volta-se assim às ‘pessoas comuns e as maneiras pelas quais elas dão sentido às suas experiências, suas vidas, seus mundos’ (Burke, 2005, p. 158).

Thais Fonseca, ao tratar sobre estes novos rumos tomados pela historiografia e a ampliação do leque de problematização no campo cultural, diz que o mesmo movimento atingiu também a História da Educação, “levando-a a considerar outros objetos e outros problemas para além das tradicionais histórias das ideias pedagógicas e história das políticas educacionais” (2008, p. 60).

As autobiografias se inserem nesse contexto de novas possibilidades, demarcando assim o interesse também pelas literaturas produzidas por uma professora inglesa que viveu nos trópicos brasileiros. Eva Mills foi capaz de narrar tanto a si quanto também deu voz a outros e outras em suas memórias, em especial a mulheres desprivilegiadas no contexto do sertão maranhense. Suas produções autobiográficas, enquanto narrativas culturais, se constituíram em uma oportunidade ímpar de compreender os mundos fronteiriços de onde e para quem elas foram contadas.

Considerar o uso de autobiografias como fonte e objeto é crescente na historiografia da educação brasileira, prevalecendo as pesquisas que privilegiam os relatos de vida, em especial sobre o processo de formação de educadores, como analisam Elizeu Clementino de Souza e Maria da Conceição Passeggi:

A pesquisa (auto)biográfica em educação aposta na interpretação dos que constroem/vivem a história. Nesse sentido, ela tem um interesse particular por (auto)biografias de educadores e pelos processos de biografização de professores em formação, mas também de crianças, jovens e adultos. Admite que nessas narrativas se evidenciam as relações entre as ações educativas e as políticas educacionais, entre histórias individuais e história social. Seus princípios epistemológicos se inscrevem, portanto, em abordagens qualitativas, que reconhecem as margens de resistência do sujeito e admitem que no ato de narrar sua história as instabilidades e incertezas se tornam experiências refletidas. E são, justamente, essas experiências e margens de manobra que permitem propor um educar e formar diferenciados (Souza; Passeggi, 2011, p. 328).

A maior parte desta produção historiográfica no campo (auto)biográfico⁶ brasileiro diz sobre a apropriação de *narrativas de si*

⁶ O termo "(auto)biografia" se refere a um campo de pesquisa que privilegia as biografias e autobiografias em seus diversos modos, desde relatos orais a escritas de si em diários, cadernos, livros, cartas, etc, como fontes, metodologia de pesquisa, recurso formativo ou objeto de estudo acadêmico.

como fontes e método de pesquisa na investigação de aspectos históricos, sociais, culturais e institucionais da formação humana, além de serem elas apropriadas como uma prática de formação e autoformação do sujeito.

Em função disso, apresento aqui algumas publicações que se aproximaram à proposta dessa pesquisa, contribuindo não só no entendimento e delimitação do campo de estudo, mas também na compreensão da relevância do estudo das narrativas autobiográficas na história da educação. A primeira referência é *Práticas de memórias docentes*, uma coletânea organizada por Ana Chrystina Mignot e Maria Teresa Santos Cunha (2003), cujo objetivo foi apreender a cultura escolar pela prática docente a partir de textos autorreferenciais de mulheres docentes anônimas do período de difusão das ideias escolanovistas no Brasil.

Ednardo Monti, em *Horizontes pedagógicos e pianísticos nas escritas autobiográficas de Magda Tagliaferro* (2015), aborda a trajetória pedagógica e musical da biografada usando como fonte principal sua autobiografia: *Quase tudo... Memórias de Magdalena Tagliaferro*. Em *Un mundo imaginario: Rastros autobiográficos en la escritura de Kaurin*, Mignot e Silva (2015) desenvolvem análise sobre os traços autobiográficos de pequenos livros de ficção escritos por Edgar Sussekind de Mendonça em sua infância.

O artigo “Narrativas de vida de ex-escravos como fonte/objeto para a história da educação”, onde Alexandra de Lima Silva (2014) interroga os sentidos da educação na vida de ex-escravos a partir da coleção *North American Slave Narratives*, foi um estímulo e, por certo, um desafio a um novo olhar sobre as autobiografias. Para além do uso dessas como fontes privilegiadas de pesquisa, Alexandra Silva se propôs problematizá-las, inserindo-as no rol de objeto de pesquisa, ao questionar a importância

destas escritas para a vida de ex-escravos norte-americanos. Esse artigo faz parte de uma coletânea de textos – *(Auto)biografia, literatura e história* (Vasconcelos; Cordeiro; Vicenti, 2014) – publicada como parte da Coleção *Modos de viver, narrar e guardar*, organizada por Ana Chrystina Mignot e Elizeu Clementino de Souza⁷ e é representativa de um caminho de pesquisa que vem se consolidando enquanto campo de pesquisa.

No Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq⁸ há quarenta e cinco grupos registrados na área da Educação que se apresentam empreendedores de pesquisas (auto)biográficas, associados, em geral, ao campo da formação de professores ou profissão docente.

Outro elemento que reforça este crescente interesse é a organização da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica – *BioGraph* no ano de 2008, responsável desde então pela organização dos Congressos Internacionais de Pesquisas (Auto)biográficas – CIPAs, evento representativo de um importante movimento na formação de redes de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que se dedicam à pesquisa (auto)biográfica. Os CIPAs vêm se consolidando como um espaço de divulgação, compartilhamento e difusão dessa proposta de abordagem histórica, acolhendo vários campos de saberes como Educação, História, Antropologia, Literatura etc., e dialogando com associações congêneres internacionais.

Buscando compreender melhor como o tema da autobiografia vem se apresentando no âmbito das pesquisas em História da Educação,

⁷ A coleção *Modos de viver, narrar e guardar* foi “organizada, inicialmente, em sete livros – *Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões; Espaços formativos, memórias e narrativas; Infância, aprendizagem e exercício da escrita; Narrativas digitais, memórias e guarda; (Auto)biografia, literatura e história; Escrita de si, resistência e empoderamento; e Histórias de vida, gênero e educação* – traduz a reflexão que vem sendo desenvolvida no Brasil, Argentina, Colômbia, México, Espanha, Bélgica, Itália, Portugal e França sobre questões, metodologias e experiências sobre a (auto)biografia, que aproximam educadores, historiadores, filósofos, sociólogos, psicólogos e antropólogos”. (Mignot; Souza, 2014, pré-textuais)

⁸ Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>, acessado em 15/05/2016

recorremos a outro exercício para a revisão de literatura e cruzamos as áreas que envolvem nosso objeto-fonte de pesquisa a partir da tríade: educação-protestantismo-autobiografias. Procurando por pesquisas afins nos eventos acadêmicos científicos, fizemos um levantamento nas comunicações orais de Grupos de Trabalhos (GTs) nos seguintes eventos: Congressos de História da Educação (CBHE), os simpósios da Associação Brasileira de História da Religião (ABHR) e da Associação Nacional de História (ANPUH), e ainda os CIPAs. Buscamos os Congressos por darem uma visibilidade mais ampliada dos trabalhos, uma vez que o conjunto ali apresentado engloba pesquisas em andamento e concluídas, ao passo que nas revistas especializadas da área e no Banco de Teses e Dissertações da CAPES só aparecem pesquisas concluídas.

No CBHE, por já se tratar de um evento da área da História da Educação, procuramos trabalhos a partir de (auto)biografias e protestantismo. Elencamos, do I CBHE/2000 ao VII CBHE/2013, 21 trabalhos desenvolvidos a partir de (auto)biografias, nenhum com personagens no campo do protestantismo.

Nos simpósios da ABHR, datados de 1999 a 2012 (XIII), foram contabilizados 9 trabalhos com trajetórias, 4 com hagiografias, 1 com biografia e nenhum trabalho a partir de autobiografias. Já na ANPUH, há uma mobilização em valorização deste campo de pesquisa, consolidado na presença de dois GTs no último Simpósio Nacional (2015): “Narrativas (auto)biográficas e historiografia didática: que articulações possíveis no currículo escolar face às demandas do tempo presente?” e “Trajetórias e biografias: modelos, limites, desafios e possibilidades”. Este último, presente no Encontro Nacional e no Encontro de São Paulo desde 2010. Nos eventos da ANPUH Nacional (1961-2011) foram encontrados quatro trabalhos utilizando o termo “educação protestante”, nenhum destes usando autobiografias.

Nos CIPAs, por sua vez, – realizados seis eventos entre 2004 a 2014 – procurei focar na educação protestante⁹ e encontramos apenas dois trabalhos, ambos de 2006: uma publicação de Ester Fraga Nascimento¹⁰, com o trabalho “O Instituto Ponte Nova e a formação de suas professoras” (2006), uma trajetória da formação de professoras de uma escola fundada por missionários norte-americanos; e “Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e a educação como missão” (2006), de Carla Simone Chamon¹¹, onde destaca as influências de missionários protestantes presbiterianos norte-americanos na vida da biografada.

Essa revisão bibliográfica foi indicativa dos poucos estudos sobre a temática proposta, tanto do ponto de vista da história da educação protestante, quanto das suas produções a partir de autobiografias. Isso sinaliza para a necessidade de a História da Educação ampliar o olhar para outros personagens e práticas que ainda permanecem obscurecidos na historiografia.

Para além dos livros autobiográficos de Eva Mills, outras fontes foram integradas para o diálogo com as obras, como indica Viñao Frago para análise de fontes autobiográficas, no sentido de “compreender

⁹ Nos eventos da *BioGraph*, procuramos nos títulos e resumos pelas palavras: protestante, protestantismo, evangélica(o), religião(oso), presbiteriana(nismo), metodismo.

¹⁰ Ester Fraga Nascimento traz à tona abordagens que vão desde as origens da educação protestante, a partir da instalação da denominação presbiteriana em Sergipe e a implantação nesta cidade da Escola Americana (Nascimento, 2004), à publicização e problematização de fontes para a historiografia da educação a partir dos arquivos institucionais de uma Missão protestante presbiteriana que atuou no Nordeste brasileiro (Nascimento, 2008). Em destaque a obra “Educar, Curar, Salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical” (Nascimento, 2007) por problematizar a ação de uma escola religiosa implantada no meio rural nordestino, como parte das estratégias civilizacionais de uma missão protestante estrangeira. Nesta obra, Nascimento também faz usos de escritos autobiográficos como fonte, em especial um “caderno escolar” de uma aluna e professora do Instituto Ponte Nova, sobre o qual ela desenvolve sua pesquisa.

¹¹ Carla Simone Chamon (2005, 2006) desenvolveu sua pesquisa a partir da trajetória profissional de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, uma brasileira, professora, que se converte ao protestantismo e, sob influência e intermédio de missionários presbiterianos, “entrou em contato com os métodos pedagógicos praticados nos Estados Unidos”, onde ela foi estudar, conquistando a “denominação, tantas vezes repetida na historiografia da educação, de avis rara” (Chamon, 2005, p. 18).

melhor o autor ou o texto em questão. Além disso, é preciso conhecer o contexto, fatos e pessoas ali mencionadas, bem como as intenções ou propósitos que motivaram a escrita da memória” (Viñao Frago, 2000, p. 5, tradução livre).

E foi em busca por outras fontes que viessem dialogar com os livros da Mills e ainda responder às perguntas externas a eles, que encontramos o arquivo pessoal de Eva Mills, guardado pela família nos Estados Unidos e contendo registros pessoais, fotos e cartas que foram colecionados por ela e por familiares pós 1928. Um rico “baú de memórias” que nos levou a buscar inspiração na pesquisa de Ana Chrystina Mignot (2002) e seu trabalho a partir do arquivo autobiográfico de Armanda Alvaro Alberto, sobretudo por sua sensibilidade no trato com as fontes enquanto fragmentos de uma vida materializados em cada fotografia, recortes de jornais ou pedaços de papel anotados – um “baú” que, por si, já é um registro autobiográfico.

O arquivo pessoal de Eva Mills estava composto por recortes de jornais e revistas, folders e cartas missionárias¹², com conteúdo público, contendo notícias do trabalho missionário, mas também com registros de aspectos mais privados, como diários e cartas trocadas com os pais e outros familiares na Inglaterra, com a filha e até mesmo com o marido. Este material, tão rico quanto possa significar uma vida, revelou paixões e não nos deixaram esquecer que Eva Mills era uma pessoa – de *carne e osso* e sentimentos. Mais que uma personagem que possa, por sua biografia, vir a ser “modal” (Levi, 2005)¹³ enquanto mulher, missionária ou professora, ou ainda ser colocada enquanto vítima em uma posição

¹² Cartas enviadas por missionários a igrejas ou outros parceiros com notícias do campo missionário e, às vezes, contendo informações pessoais que o missionário julgue poder ou dever ser publicizado.

¹³ Segundo Levi (2005, p. 175), “a biografia não é, nesse caso, a de uma pessoa singular e sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo”.

secundária no campo religioso, como tradicionalmente foram relegadas as mulheres¹⁴, Eva Mills foi um indivíduo singular e histórico, que tanto sofreu a influência de seu tempo, quanto agiu sobre ele, com um protagonismo que merece lugar na historiografia educacional, uma vez que foi este o seu principal campo de atuação ao longo de sua vida.

O arquivo pessoal de Eva Mills, guardado pela família, foi de grande relevância para o entendimento do processo de escrita e publicação de seus livros, ajudando na compreensão de seu lugar em campo enquanto missionária nos Estados Unidos, lugar onde Eva Mills escreve e publica suas obras. Também ajudou a problematizar as representações trazidas nos livros, ao passo que proporcionou acesso aos seus registros de época (diários e cartas escritos no período de vivência dos fatos narrados), usados como suas próprias fontes nas escritas de suas obras.

Pelas evidências, fez parte dos planos de Eva Mills a continuação de sua escrita e a publicação de outros livros. Quais outras Evas seriam ainda reveladas? Quantas Evas mais seriam remontadas, recriadas, reinventadas? Como ela contaria essas outras histórias? E para quem? São perguntas que ficam e inquietam nesta arte (auto)biográfica.

Nesse percurso, procurei tomar os livros de Eva Mills como fonte e objeto de pesquisa para a História da Educação. A inquietação que precisou ser enfrentada foi: como utilizar livros autobiográficos para narrar uma história, sem que isso significasse repetir a “ilusão biográfica” (Bourdieu, 1996) da autora, vindo a reproduzir as mesmas representações produzidas em seus livros? Como construir uma biografia de uma autobiografia? Mais que utilizar as escritas autobiográficas como fontes privilegiadas a nos oferecer informações

¹⁴ “o status de vítima não resume o papel das mulheres na história, que sabem resistir, existir, construir seus poderes. A história não tende ou para a desgraça das mulheres ou para sua felicidade. As mulheres são atrizes da história” (Perrot, 2016, p. 166)

sobre uma vida, enfrentamos o desafio de questionar sua produção, sua publicação e o que estas *escritas de si* possam ter significado para a autora-personagem e para o grupo ao qual ela fez parte. Dessa forma, concluímos um trabalho que evidenciou a importância e a necessidade de ampliarmos os horizontes das pesquisas em História da Educação por meio de escritos autobiográficos para, entre outros objetivos, dar voz a camadas ainda não ouvidas na História da Educação.

Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BOUDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Trad.: Maria Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Trad.: Maria Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996b.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad.: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- CHAMON, Carla Simone. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e a educação como missão. **II Congresso Internacional sobre Pesquisa (auto)biográfica**, 2006, Salvador. Anais II Cipa - tempos, narrativas e ficções: a invenção de si, 2006.
- CHAMON, Carla Simone. **Maria Guilhermina Loureiro de Andrade**: a trajetória profissional de uma educadora (1869/1913). Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte: FaE, 2005.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural, entre práticas e representações**; tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

- FONSECA, Thais Nívia de Lima. História da educação e história cultural. In: FONSECA, Thais Nívia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive. **História e historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GOMES, Angela Maria de Castro. HANSEN, Patrícia Santos (orgs). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Apresentação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2008.
- LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: AMADO, J.; FERREIRA, M (Org.) **Usos e abusos da história oral**. 7 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- MIGNOT, Ana Chrystina Cignot, SOUZA, Elizeu Clementino. Sobre a coleção. VASCONCELOS, M. C. C., CORDEIRO, V. M. R., VICENTE, P. P. (orgs). **(Auto)biografia, literatura e história**. Curitiba, PR: CVR, 2014.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto**. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2002.
- MIGNOT, Ana Cristina Venâncio; CUNHA, Maria Teresa Santos. (Org). **Práticas de Memória Docente**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MILLS, Eva. **8:28**. Lancaster: Brookshire Publications, 1976
- MILLS, Eva. **Em lugar do espinheiro**. Belém: Missão Cristã Evangélica do Brasil [1982?]
- MILLS, Eva. **Stories from parakeet country**. Lancaster: ufm internacional [1986?]
- MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. Horizontes pedagógicos e pianísticos nas escritas autobiográficas de Magda Tagliaferro. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 150 – 171, set./dez. 2015.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Carvalho, A influência da pedagogia norte-americana na educação em Sergipe e na Bahia: reflexões iniciais. **Revista da SBHE**, São Paulo, n. 2, p. 9- 38, 2002.

NASCIMENTO, Ester Fraga Carvalho. **A Escola Americana: Origens da Educação Protestante em Sergipe (1886-1913)**. Sergipe: UFS, 2004.

NASCIMENTO, Ester Fraga Carvalho. A escola normal no instituto ponte nova. **Congresso Brasileiro de História da Educação V. Anais**, 2008.

NASCIMENTO, Ester Fraga Carvalho. **Educar, Curar, Salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical**. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2007.

NASCIMENTO, Ester Fraga Carvalho. **Fontes para a História da Educação: documentos da Missão Presbiteriana dos Estados Unidos no Brasil**. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2008.

NASCIMENTO, Ester Fraga. O Instituto Ponte Nova e a Formação de suas Professoras. **II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica**. Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si, Salvador-BA, 2006.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Educação, Gênero e Cristianismo: circulação, representação, formação e práticas femininas em cenário religioso e educativo. **Projeto de pesquisa**. Edital Universal 2016.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Côrrea. 2 ed. 3a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 5, n. 10, 1992.

SILVA, Alexandra Lima da. Narrativas de vida de ex-escravos como fonte/objeto para a história da educação. In: VASCONCELOS, M. C. C., CORDEIRO, V. M. R., VICENTE, P. P. (orgs). **(Auto)biografia, literatura e história**. Curitiba, PR: CVR, 2014.

SILVA, Wilton C. L. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 103 - 136. maio/ago. 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino. (Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escrita de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista Fórum Indentidades**. Ano 2, Volume 4 – p. 37-50 – jul-dez de 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino. PASSEGGI, Maria da Conceição. Apresentação. Dossiê (Auto)biografia e educação: pesquisa e práticas de formação. **Educação em Revista**. Vol. 27, n. 1 Belo Horizonte, 2011.

VASCONCELOS, M. C. C., CORDEIRO, V. M. R., VICENTE, P. P. (orgs). **(Auto)biografia, literatura e história**. Curitiba, PR: CVR, 2014.

VERAS, Loyde Anne Carreiro Silva. **Memórias da Terra de Beulá**: a construção de uma vida e produção de um lugar nas autobiografias de Eva Mills. 193f. 2017. tese (Mestrado em Educação). Escola de Educação e Humanidades. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Curitiba, 2017.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. 4a reimp. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

9

A OBRA PAIS, EDUCANDO PARA OS ANOS 2000: UM RETRATO DA ATUAÇÃO DE ALZIRA CAMARGO LOPES FRENTE À ESCOLA DE PAIS DO BRASIL

Henllyger Stevam David Costa

Introdução

Neste capítulo, propomos a análise da obra *Pais, Educando para os anos 2000*, objetivando compreender como a partir de sua trajetória como intelectual Alzira educava também por meio da leitura. A obra em questão foi publicada em 1987, destacando elementos que Alzira Lopes vivenciou em sua trajetória frente à *Escola de Pais* do Brasil. Tais relatos nos fazem refletir como a sua trajetória intelectual foi se vinculando em sua atuação frente à Instituição.

O livro foi publicado pela Editora Paulinas, com 198 páginas distribuídas em vários capítulos que buscam discutir sobre a adolescência, crianças e as relações familiares, bem como a educação familiar no lar e a relação entre pais e filhos.

Atentar-se para a materialidade da obra é um elemento fundamental para sinalizarmos o contexto em que ela foi criada e o público que buscava atingir. Nesse sentido, buscamos trilhar a análise a partir de diferentes obras de Roger Chartier.

Analizando a capa do livro, percebemos alguns elementos que podem trazer indicativos do público com o qual Alzira buscava diálogo. Na composição dela, podemos observar que em primeiro plano há o título do livro em uma cor contrastante com o fundo, trazendo bastante visibilidade para a temática que ali era discutida. Em seguida, aparece o

nome da autora e o símbolo da editora em realce negrito e com uma cor diferente do título da obra.

No que se refere à imagem escolhida para a capa, é visível que ela era composta por uma família elitizada, sobretudo, ao nos atentarmos para o mobiliário disponível, roupas e características físicas dos personagens. De acordo com Chartier (1990), a “imagem no frontispício, ou na página do título, na orla do texto sugere uma leitura, constrói um significado” (Chartier, 1990, p. 133). Tal cenário poderia se apresentar como um elemento que seria o chamariz para o público com o qual Alzira buscava diálogo e, de certa forma, pela foto poderia ser despertado um sentimento de representatividade do público leitor com o modelo de família que a obra difundia.

Apesar de a realidade brasileira apresentar diversidade étnica, nas obras de Alzira, em nenhum momento é registrada a presença de pessoas asiáticas ou negras, aparecendo somente como registro família brancas. Nesse sentido, podemos questionar como a partir da obra ela colocava em destaque um modelo familiar

Nuclear, heterossexual, monógama, patriarcal, a família que herdamos do século XIX era investida de um grande número de missões. Na junção do público e do privado, esferas grosseiramente equivalentes aos papéis dos sexos, ela deveria assegurar a gestação da sociedade civil e dos "interesses particulares", cujo bom andamento era essencial à estabilidade do Estado e ao progresso da humanidade (Perrot, 1993, p. 3).

Chartier (2014) destaca o “[...] objeto material que pertence à pessoa que o adquire, e o livro como discurso endereçado ao público, que permanece propriedade de seu autor e só pode ser posto em circulação por aqueles designados” (Chartier, 2014, p. 30). Nesse sentido, o livro assumia um discurso endereçado à elite de como deveria se dar a organização e a orientação familiar.

Na contracapa do livro, Alzira descreve que ele se destina às famílias, para despertar nelas a consciência de seu papel formador e utiliza ainda a palavra “missão” como estratégia para potencializar esse papel que a obra assumiria no percurso formativo das famílias.

Ela destaca que “[...] hoje, mais do que nunca os pais precisam estar à frente dos acontecimentos para que os filhos não os peguem de surpresa e para que os mesmos não destruam o que já foi realizado com tanto esforço” (Lopes, 1987). Afirma ainda que

[...] ao lerem este livro, os pais obterão um reforço para suas ideias e ação educativas, a fim de que a sua felicidade, juntamente com a família, seja completa, pois, só com pessoas dignas e capazes de fazer outras felizes construiremos um mundo melhor (Lopes, 1987).

Para compor a capa, há ainda uma foto de Alzira com o marido e uma descrição intitulada casal: Alzira e Antônio Fernando Lopes. Nesse espaço, há uma descrição dos diferentes cargos ocupados por eles na discussão da educação familiar, em diferentes instituições, tanto em âmbito nacional como internacional. Tal descrição serviria como forma de legitimar a obra produzida por Alzira.

Ela escreve o livro seguindo uma estrutura organizada com base na descrição do capítulo, seus objetivos, motivações para o estudo daquela temática e conclusão obtida a partir das discussões promovidas.

Na organização da obra, entre um capítulo e outro, a autora utiliza como prática de escrita a seleção de poemas como estratégia para dar um respiro entre as temáticas tratadas no livro.

Na apresentação, ela destaca que há extrema necessidade de os pais se prepararem para o desempenho familiar e relaciona com outras experiências vivenciadas no cotidiano, como “conseguir Carteira de Habilitação que nos permita dirigir nosso meio de locomoção, mas não estudamos nada para construir um homem, tarefa das mais complexas e

difíceis” (Lopes, 1987, p. 5). Tal relação com a vida cotidiana faz com que a autora estabeleça um diálogo mais próximo e real com a vida dos leitores.

Ela traz nesse tópico como surgiu para ela a oportunidade de contribuir para a fundação da *Escola de Pais* do Brasil, tendo ciência do movimento francês em 1962. A busca pela criação de uma associação de pais surgiu a partir da necessidade exposta por Madre Inês de Jesus, como forma de organização de uma associação de pais e mestres do Colégio Madre Alix, onde suas filhas caçulas estudavam. Nesse relato, podemos observar como a vida pessoal estava entrelaçada com o percurso intelectual de Alzira.

Ela relata que, nesse percurso em busca de melhores opções para a fundação dessa associação, deparou-se com um livrinho¹:

L' école des parents, de André Isambert. Ficamos felizes ao ler que em 1927, Madame Verrine fundara em Paris uma *Escola de Pais*. Ora, a França, tão avançada, com uma *Escola de Pais*... isto vinha, com certeza, ao encontro dos nossos interesses. Levado a Madre Inês, imediatamente aceitou nossa proposta, mas como grande educadora que é, disse: “Mas não só para o nosso colégio!” Saímos novamente, convidando todos os colégios de São Paulo para participarem da fundação de algo muito importante para todos, que seria então a *Escola de Pais* (Lopes, 1987, p. 6).

Pelo relato feito por Alzira sobre a propagação da ideia de fundação da *Escola de Pais* do Brasil, ela descreve algumas instituições e personagens que foram basilares para a criação e a ampliação do movimento liderado por ela.

Apresenta o nome das instituições² que a apoiaram na efetivação do movimento, sendo a primeira o Colégio Madre Alix, liderado pela Madre Inês de Jesus. Na sequência, o Colégio Santa Cruz, liderado pelos

¹ Expressão utilizada pela autora. Em suas palavras, “livrinho, porque era realmente um livro de bolso”.

² Cabe aqui ressaltar que tais instituições eram pertencentes à elite brasileira, o que denota o público com o qual ela buscava diálogo.

padres Gilles e Leonel Corbeil e, por fim, o Colégio São Luís, liderado pelo padre Quintanilha.

Fica evidente pelos relatos como ela constituiu uma base de atuação com o apoio de intelectuais e instituições católicas, fazendo suas ideias circularem no âmbito nacional e internacional. Em um dos trechos descritos pela intelectual no livro, trouxe que o companheirismo de padre Corbeil era de extrema importância para a propagação do movimento. Ela ressalta que sua ideia de organizar uma associação de pais e mestres deveria “[...] ser lançada por uma autoridade, por exemplo o Pe. Lionel Corbeil, Presidente da Associação de Educação Católica” (Lopes, 1987, p. 6). Tal comentário denota como o pertencimento a certa rede de sociabilidade permitia à Alzira uma legitimidade para os movimentos e ações tomadas frente à instituição. Em outro trecho da obra, ela refere-se ao padre como amigo, o que denota uma relação de cooperação entre os intelectuais.

Ela apresenta ainda como cooperou para a criação do Instituto da Família, ação defendida pelo deputado Reis frente ao Congresso Nacional. Nas palavras de Alzira, a criação do Instituto da família resultou na publicação de um “[...] livro sairá em breve com todos os dados e informações necessários para que todos, sem exceção, possam participar da reconstrução deste imenso país que é o Brasil, deste numeroso povo brasileiro” (Lopes, 1987, p. 7).

Na sequência, apresenta em seu discurso princípios de um ideário católico que buscava pela fé cristã educar para uma nova organização da sociedade. Segundo ela, “[...] somente aqueles que têm o indispensável amor a Deus, e fé na grandeza da nossa pátria, têm esperança de que conseguiremos essa transformação” (Lopes, 1987, p. 7).

A obra em sua materialidade foi dividida em 11 capítulos. Para iniciar a discussão do primeiro, ela apresenta uma citação de um casal

que fazia parte do movimento da EPB, reafirmando a importância do lar na formação do ser humano. Tal citação traz uma ideia de proximidade com os fatos que aconteciam no cotidiano familiar e as temáticas discutidas na obra.

No decorrer do capítulo, descreve autores e citações que reforçam a ideia de que no lar era onde as famílias criariam o futuro da humanidade e o preparo para essa educação e fariam com que valores fundamentais sobre o qual as famílias estavam apoiadas fossem preservados, já que com a modernidade e diferentes expressões sociais esses valores estavam em perigo constante. Para reforçar tal ideia, ela apresenta que tal mudança na concepção e estruturação das famílias não era algo observado só no Brasil.

Esse problema educacional advindo das famílias assolava

[...] não exclusivamente o nosso mundo ocidental. A família está ameaçada em todas as partes do mundo em que as transformações sociais têm sido maciças e vertiginosas – transformações essas que nós mesmos orgulhosamente deflagramos em nome do progresso! (Lopes, 1987, p. 22).

Ela faz uma crítica à estrutura das famílias, ao aumento do divórcio, à separação e aos filhos fora do casamento, às famílias desintegradas e tais características que a sociedade estava assumindo prejudicava a hegemonia da família como uma instituição importante para a perpetuação de valores singulares para uma sociedade conservadora.

Para ela, o lar é a estrutura social onde os

Filhos são preparados para crescer no sentido da independência e de um modo de viver no mundo exterior – como pais, nós esperamos que nossos filhos venham a guardar do lar recordações felizes e uma clara impressão de amor e confiança, dados e recebidos (interação) que os sustentem ao longo de suas vidas. [...] O lar deve ser encarado como uma espécie de plataforma de lançamento e as famílias como o processo de transição (Lopes, 1987, p. 13).

Ela descreve uma espécie de relato sobre as mulheres que trabalham, estabelecendo uma crítica nas entrelinhas, apesar de o livro ter sido publicado no final dos anos 80 e muito do que se discutia nele ser um apanhado de conceitos valorizados desde os anos 60 pela autora. Em relação à saída da mulher do ambiente familiar para o mercado de trabalho, ela destaca que

Hoje sabemos que a mulher também sai de casa para trabalhar, e quando chega em casa continua sua tarefa acumulada por algumas horas de ausência. Com seu cansaço e a sobrecarga, dificilmente poderá atender as necessidades do lar como ele precisa. Muitas vezes essa ausência é imposta pela própria sociedade de consumo, que propõe cada vez mais necessidades geralmente fictícias. E o casal se deixa levar por essas falsas exigências tornando infernal a sua vivência familiar (Lopes, 1987, p. 14-15).

Nesse trecho, ela apresenta uma crítica ferrenha para as mulheres que ocupavam o ambiente público, já que apresentariam menos eficiência no desempenho educativo em casa, pois usariam esse tempo para dedicar-se a outras atividades, não essenciais em sua colocação. Deveriam ser somente dedicadas aos filhos e maridos, para obterem um lar harmonioso e feliz.

De acordo com Del Priore (2013), tal pensamento era comum na sociedade daquela época, onde as mulheres eram destinadas aos cuidados dos filhos e da casa, enquanto o marido cuidaria das demandas financeiras e ocuparia a vida pública com mais facilidade e aceitação do que as mulheres.

Em alguns momentos ao longo do livro, a intelectual buscava matizar o discurso em tom de crítica à ocupação das mulheres no mercado de trabalho, citando que a criação de um filho seria uma tarefa de ambos. Em suas palavras, “[...] os pais aparecem como ‘mestres de vida’. Há divisão de tarefas pelo casal, onde ambos saem para trabalhar

e quando voltam para casa, ambos vão cuidar dos filhos, educá-los, amá-los” (Lopes, 1987, p. 22).

Ela reforçava com insistência a ideia de que a mulher era o elo central do bom convívio e garantia de um lar harmonioso para os filhos, trazendo a citação da carta dos Direitos da Criança, difundida pela Unicef³, destacando que quatro de seus artigos discutem que a criança necessita de um lar com pai e mãe presentes – que se amem e que amem verdadeiramente os filhos – e que possam dar-lhes, em cada momento de sua vida, respostas às suas indagações e às suas necessidades físicas, emocionais e espirituais.

Alzira aprofundava discussões que buscavam promover uma educação espiritual para ela: “também formamos um ambiente carente, quando se deixa de lado essa vivência. O ser humano terá uma formação falha, isto é, falta de Deus” (Lopes, 1987, p. 16). Além de destacar a necessidade de uma formação voltada para a espiritualidade cristã, ela afirmava de forma explícita que a falta dela prejudicaria de forma expressiva a formação humana. De certo modo, ela colocava na atuação da mãe, como orientadora, essa formação espiritual.

A respeito do casamento, ela incentivava as moças a buscarem-no com afinco, já que era a partir dele que se consolidava um

[...] projeto de vida que ambos se propõem a levar a efeito com ajuda mútua. Ora, ninguém cresce sozinho, mas sempre com a ajuda do outro, e esse crescimento se estende em todas as direções: física, emocional, social, religiosa etc. Deve haver um esforço contínuo para alcançar metas, desenvolver papéis e construir um alto conceito (Lopes, 1987, p. 17).

Ela defendia que casar-se era “encontrar-se não apenas no dia das bodas e na Igreja, ao som da marcha nupcial, mas encontrar-se todos os

³ Ela participou ativamente do conselho consultivo da Unicef.

dias. E quem não se casa diariamente, dia algum vive casado” (Lopes, 1987, p. 53). Nesse fragmento, podemos ver a relação que ela estabelecia entre o casamento e a própria Igreja. Nas entrelinhas, também defendia que o casamento fosse celebrado de acordo com os moldes pensados pela Igreja Católica e, por fim, coloca a ideia de que o casamento deveria ser um compromisso aceito pelos cônjuges diariamente. Essa última discussão tinha uma necessidade real para o período em que ela escreveu, tendo em vista o aumento significativo no número de casais divorciados.

Ela destacava ainda que para além do casamento, garantir um bom clima no lar era imprescindível, já que essa harmonia no ambiente familiar tinha um caráter educativo de igual importância comparado com a vivência paterna e materna. Esse clima formado pelo casal e defendido por Lopes (1988) baseava-se no amor que transmitiriam à prole. Para ela, tal aspecto era de grande importância, apresentando uma diferenciação entre “[...] lar e casa. Todos os filhos têm casa para morar, e o que faz a diferença essencial é o AMOR. O clima do lar é tão importante para a criança como o AR que respira” (Lopes, 1988, p. 19).

De acordo com as recomendações dadas pela intelectual no decorrer da obra, fica evidente que busca inculcar, nas leitoras, comportamentos que pudessem garantir o bem-estar do marido para, de alguma forma, tornar possível a felicidade conjugal.

[...] e esta adviria em consequência de um marido satisfeito. [...] era fundamental que ela cuidasse em manter boa aparência, pois se embelezar era uma obrigação: A caça já foi feita, é preciso tê-la presa ou um homem que tem uma esposa atraente em casa esquece a mulher que admirou na rua eram ditados correntes (Del Priore, 2013, p. 69).

Em relação à educação sexual, ela pontua algumas orientações para marcar qual era o ideal de vida sexual que se permitiriam de acordo com

os preceitos religiosos. Nesse sentido, os casais deveriam compreender que o sexo era algo “[...] bom e importante, e que deve ser vivido com seriedade e não na promiscuidade. Estes valores devem ser apresentados aos filhos e discutidos com eles a maneira de vivê-los” (Lopes, 1987, p. 23). Ao discutir que o sexo deveria ser assumido com seriedade, ela reforça a importância de sua vivência dentro do casamento como algo bom. Essa concepção trazida pela Alzira mostra a pluralidade de discurso que começa a aparecer em relação a sexualidade.

Em relação às questões acerca da sexualidade, sobretudo, no âmbito dos debates acalorados que surgiram na primeira metade do século XX, em um primeiro momento os educadores católicos adotaram uma postura de silêncio. Ao começarem a falar sobre o tema, acentuaram a importância do sexo para a procriação, o prazer ainda não era contemplado nos debates católicos⁴. Neste caso,

A regra era recusar o prazer. Só o espírito tinha valor. A “carne” como dizia São Joao “não servia para nada” e o desejo e a luxúria eram coisas de Satã, que aliás, já havia enganado Eva no paraíso. A saída era fazer do sexo um remédio contra a concupiscência, voltado exclusivamente para a procriação “Crescei e multiplicai-vos” eis ordem- que deveria ser executada com muita decência (Del Priore, 2013, p. 28-29).

Paulatinamente os educadores católicos vão assumindo que o prazer entre o casal funcionava para assegurar o vínculo conjugal, evitando assim o tão temido divórcio, pauta que se acentua nos anos 1960. Falar sobre o prazer não era uma estratégia consensual entre os educadores católicos, mas foi adotada pela *Escola de Pais*, ainda que no Brasil ela tenha sido mais sutil que em outros países⁵.

⁴ Sobre esse assunto, ver Orlando (2013).

⁵ Sobre a temática ver Orlando e Henriques (2017)

Ela destaca que entre os pais deveria haver um amor profundo e em seguida traz o pensamento de Charbonneau, ressaltando que o casal, tendo diante de si o filho, deveria ter o amor para além de um privilégio, tratando-o como um DEVER⁶, obrigação. “[...] dois esposos não mais têm o direito de não se amar, mas sim têm o dever de se amar cada vez mais e sempre melhor” (Lopes, 1987, p. 20). Ao destacar em caixa-alta a palavra, ela ressalta como o amor deveria ter esse caráter de obrigatoriedade no relacionamento para que os filhos fossem beneficiados pelo casamento “saudável” de acordo com os princípios estipulados para aquele momento. Diferentes revistas publicadas nos anos 60 traziam a discussão de como deveria se “promover o ‘entendimento’ entre o marido e a esposa, e se preocupa com o bem-estar e a adequação da mulher aos seus papéis familiares” (Pinsky, 2014, p. 220). Tais discursos estavam em consonância com o que Alzira propunha em sua obra para que fosse possível a “felicidade conjugal”⁷.

Além disso, ela apresenta um questionamento de como essa falta de comprometimento com a educação espiritual dos filhos poderia afetar suas vidas de forma negativa. “Quantas crianças não deixarão de triunfar na vida, e o que é mais importante – falham na Eternidade, por não terem encontrado Amor na terra e um LAR que lhes traduzisse a sua importância” (Lopes, 1987, p. 20). Nas entrelinhas, ela buscava inculcar valores católicos de que o amor da família abriria o entendimento do amor de Deus, experimentado pela experiência amorosa vivenciada no lar. Descreve que, a partir do amor familiar, a criança viveria intensamente o amor para chegar a Deus. Em diversos

⁶ Expressão e forma registrada no livro. Estratégia utilizada pela autora para trazer destaque para o tópico ali discutido

⁷ Expressão utilizada por Alzira Lopes no decorrer da obra.

momentos, ela apresenta esse tipo de discurso com fortemente alicerçado nos valores católicos.

No decorrer do livro, é possível percebermos como a trajetória histórica da *Escola de Pais* do Brasil e a trajetória intelectual de Alzira Lopes caminharam juntas por um longo tempo, já que a Instituição foi gestada em sua própria caminhada intelectual. Ao longo da obra, ela descreve frases como “Na *Escola de Pais* não usamos”, “Nós da *Escola de Pais* acreditamos”, “Para nós na *Escola de Pais*”, entre outras situações que ilustram como ela se incluía na história no movimento e levava o leitor para um lugar de acolhimento ao mesmo tempo em que legitimava os assuntos tratados, por terem em si um viés formativo vivenciado a partir da Instituição.

Alzira destaca algumas mudanças sociais observadas por ela que em sua concepção impactariam de forma significativa a educação dos filhos. Cita que os pais deveriam adotar alguns comportamentos, como a leitura da Bíblia como compromisso.

Destaca que tal leitura preveniria comportamentos rebeldes, já que é a partir do “[...] exercício da autoridade que permite à criança descobrir o mundo das pessoas, das coisas, os valores, e por fim, no palco sobrenatural, o mundo espiritual e DEUS” (Lopes, 1987, p. 28).

Em diferentes momentos, ela apresenta a discussão da superioridade do amor de Deus para com os homens e destaca que era no lar que tais sentimentos e conceitos eram construídos e, principalmente, o tratamento que os pais tinham como casal que faria com que os filhos acreditassem “que amar é possível, e que este amor humano nos leva a um amor superior que é o amor a Deus” (Lopes, 1987, p. 49). A partir dessa discussão, podemos entender duas temáticas diferentes discutidas nas entrelinhas. A primeira era de que o casal deveria construir um ambiente harmonioso e amoroso no lar, evitando

discussões e outras questões que trouxessem como consequência a perda da admiração e até mesmo o divórcio, e a segunda era de que a partir das boas experiências obtidas no âmbito privado, esses filhos, quando jovens, buscariam experimentar o casamento como forma de sentirem o amor humano. Todos os pontos discutidos acima contemplam a última finalidade firmada pela autora de que todo o amor humano levaria ao amor de Deus, que estaria então interligado com a ideia de casamento firmado pela Igreja.

Outra discussão travada por Lopes (1987) dizia respeito ao uso da liberdade e o que conceitualmente esse termo representava para ela. De acordo com diferentes aparições do termo ao longo da obra, podemos entender que naquele período e discussões travadas em torno do uso ideal da liberdade, Alzira atrelou o conceito com o de responsabilidade, destacando uma visão ideológica católica de que “o ser humano foi feito para ser livre, mas como lhe custa essa liberdade! Sendo o maior bem que Deus lhe deu, também corresponde a grande responsabilidade” (Lopes, 1987, p. 47). Ao trazer essa discussão, ela ia ao encontro de um problema muito discutido entre os anos de 1965 a 1987, quando efetivamente a obra foi publicada. Nesse período, estava em voga a discussão tanto da privação da liberdade ocasionada pela ditadura militar como a busca pela liberdade que culminou em diferentes formas de manifestações populares, até efetivamente, em 1985, haver a queda desse sistema.

Nesse bojo, discutir quais seriam os melhores mecanismos utilizados pela população para a obtenção da liberdade perpassava a ideia também de rebeldia, que era elemento preocupante tanto para o clero como para o governo. Nesse sentido, ensinar as famílias a inculcarem uma ideia de utilização responsável da liberdade permitia que em muitos casos os jovens desistissem de certas discussões, acatando o que era posto.

Em relação às mulheres, ela desta que as “esposas trabalham, as mulheres querem ser livres e os filhos rejeitam a autoridade. Hoje o homem não é mais o soberano do seu palácio, houve uma revolução em seu reino e dela o pai emergiu como ‘bobo da corte’” (Lopes, 1987, p. 27).

Ainda ressalta essa perda de visibilidade no lar, que se reflete em diferentes espaços da sociedade.

[...] na televisão, seu ego é novamente agredido por programas nos quais mulheres e filhos saem vencendo o pai, em esperteza, ou por anunciantes com programas em favor da mulher, porque 80% das compras são feitas pela esposa-mãe. Se o pai não é mais tão poderoso como foi outrora, por outro lado nunca está disponível para a família (Lopes, 1987, p. 27).

Ela traz para o homem o papel de autoridade desempenhado no ambiente familiar, afirmando que somente quem se sente responsável, diante do dever moral, poderia ser autoridade para alguém. Destacava ainda os desafios do exercício desse papel naquela época, “porque as crianças recebem uma influência externa muito grande da TV, da escola dos amigos” (Lopes, 1987, p. 34). Ao escrever a palavra “PAI” na obra, ela utiliza como ferramenta gráfica letras caixa-alta, sinalizando uma estratégia que trazia destaque para o papel que o homem desempenhava na sociedade.

Alzira afirma que o pai é o “líder” do lar e sua autoridade é exercida protegendo e decidindo com amor e firmeza em colaboração estreita com a esposa. “[...] A esposa o auxilia, prestigiando-o e apoiando-o com amor” (Lopes, 1987, p. 37).

Reafirma também a necessidade do papel masculino para a manutenção de alguns valores sociais importantes do passado que seriam de vital importância para o momento em que a obra estava sendo posta em circulação. Em suas palavras, “[...] Precisamos de homens novos para um mundo novo, capazes de criar uma nova família onde os

valores sempre antigos e sempre novos se reafirmem na imensa variedade de formas” (Lopes, 1987, p. 24).

Esse trecho demonstra a circulação de Alzira em um panorama internacional, pois ela cita que diversos países ditos avançados estão às voltas com sérios problemas de saúde mental das crianças. Citou a sua participação em um Seminário Internacional de Sèvres, em Paris. Foi para a Suécia e Noruega para ampliar esse seu conhecimento acerca de como esses países lidavam com a educação das famílias.

Comparando a escrita dessa obra com as demais analisadas no percurso dessa pesquisa, destacamos que a intelectual se colocou de modo mais informal em alguns momentos e deixou sua opinião explícita em relação a mães que desmamam as crianças para retomar suas atividades sociais. Ela afirma que tal comportamento é “[...] uma onda ridícula das suas fúteis ocupações” (Lopes, 1987, p. 41).

Apesar de ela afirmar em diversos momentos que sua obra era endereçada às famílias em diferentes situações, faz interlocuções, principalmente em tom de crítica ao comportamento feminino. Busca inculcar, a partir da leitura, uma educação para que as mulheres permanecessem no ambiente privado ocupadas somente com a educação dos filhos e a administração do lar. No trecho a seguir, sinaliza essa mobilização de crítica do comportamento feminino atrelado com a descrição de como esse mau comportamento afetaria a vida da prole. “A indecisão da mãe é tão grande que os filhos terão que procurar, por si sós, seus próprios caminhos, já que a mãe não é capaz de indicar-lhes o certo ou errado das coisas” (Lopes, 1987, p. 41).

Ela resolve sua vocação e não suporta que o fruto de sua carne escape ao seu controle. Os filhos ficam eternos dependentes das suas vontades e são incapazes de se rebelar (Lopes, 1987, p. 42).

Ela destaca que sua obra e a Instituição fundada por ela e por outros intelectuais católicos tinham como objetivo “ajudar a mãe a crescer com seu filho, para poder ajudá-lo. [...] mães indecisas, infantis e nervosas não podem educar bem” (Lopes, 1987, p. 44).

Ela apresenta a ideia do que seria a função da mãe na família, destacando que “[...] é a mais importante e mais digna das profissões. Devemos valorizar suas pequenas economias, seus sacrifícios, suas renúncias” (Lopes, 1987, p. 44).

Ela destaca que era de fundamental importância a mulher ter consciência do que significava “ser MÃE. A MATERNIDADE é um privilégio dela e, por isso mesmo, acarreta também grande responsabilidade junto ao filho” (Lopes, 1987, p. 45). Ao trazer as palavras em caixa-alta, podemos entender isso como uma estratégia para chamar a atenção do público leitor para os pontos-chave de seu discurso. Além disso, discutir a maternidade como um privilégio destina às mulheres um lugar de obrigação que todo o trabalho dedicado à criação do filho era uma dádiva, retomando a ideia disseminada pela Igreja de que a procriação era uma bênção divina e a mulher era esse instrumento utilizado por Deus para que fosse possível a perpetuação da espécie humana.

A partir da abordagem feita por Lopes (1987) com a temática da maternidade relacionada ao cumprimento da missão divina, destinada às mulheres, cabe ressaltamos a reflexão provocada por Del Priore acerca dessa relação comum em alguns discursos entre a maternidade e a religião.

Este juízo sobre a madre alimentou [...] todo o debate sobre a função normativa do corpo feminino e a importância da maternidade como forma de resgate de pecados. Ditados antigos, que reforçavam o valor moral e físico da maternidade, tais como “Não a madre como a que pare”, ajudavam a

dicotomizar as mulheres. Erigido como altar da procriação, o útero em funcionamento apontava a mulher normalizada, identificada com os esforços da Igreja em redimir os males cometidos por Eva (Del Priore, 2013, p. 78).

A intelectual apresenta uma definição conceitual do que significava para ela os termos *lar*⁸, *mãe*⁹ e *pai*¹⁰, colocados explicitamente durante toda a produção da obra. Podemos entender essa postura como uma estratégia utilizada por ela para situar seu discurso em torno do que se esperava para cada uma dessas funções na família e o que cada um dos papéis representava na educação das famílias e na criação de um ambiente familiar harmonioso.

Apesar de suas obras terem sido produzidas na década de 80, é possível perceber uma permanência histórica de um discurso que tentava alinhar questões contemporâneas com princípios tradicionais do catolicismo, principalmente no que se referia à mulher e ao seu papel na formação da família e, conseqüentemente, na organização social. Pinsky (2014) afirma que nos anos dourados esperava-se também que a maternidade fosse “quase que uma obrigação social. ‘O mundo continua porque a mulher não perde seu espírito de maternidade’” (Pinsky, 2014, p. 291). Nesse sentido, de certo modo, Lopes perpetua essa ideia com base nos discursos promovidos por seus escritos.

Ela destaca isso como uma crítica à organização familiar que apresenta os componentes mãe e pai sem a compreensão afetiva na

⁸ Definição trazida pela intelectual acerca do que ela conceituava sobre *lar*: “Esse personagem que, sem ser de carne e osso, exerce uma influência decisiva na formação da personalidade do filho. O clima do lar deve ser o amor, compreensão, alegria. Lar vem de *lareira*, calor humano. Não se trata de qualquer ambiente, mas daquele que responda às exigências da criança” (Lopes, 1987, p. 52).

⁹ Definição trazida pela intelectual acerca do que ela conceituava sobre a figura materna: “Como responsável pela afetividade no lar, com equilíbrio emocional, serena, alegre, feliz porque é capaz de fazer felizes os seus” (Lopes, 1987, p. 52).

¹⁰ Definição trazida pela intelectual acerca do que ela conceituava sobre a figura paterna: “Como líder aquele que está a serviço de todos com amor e firmeza, orientado, compreendendo e sempre presente” (Lopes, 1987, p. 52).

educação dos filhos e, nesse caso, afirma que a família não formaria um lar e, sim, uma moradia.

Alzira apresenta ainda a ideia de como a mulher ocupar o espaço público como professora trazia para a criança mais segurança ao ingressar na escola. Em suas palavras, a criança veria na professora “a mãe na escola”. Tal afirmação denota como a carreira docente historicamente foi pensada sobre o prisma do cuidado e frequentemente atrelada à forma de a mulher obter o exercício da maternidade no espaço público.

No decorrer da obra, a autora apresenta um discurso fortemente alinhado à propagação do ideário católico, aspecto evidente em alguns trechos que destacamos a seguir. “Amar e ser amado, chegar à fé e Deus” (Lopes, 1987, p. 64). Outro exemplo aparece em um trecho que ela faz menção aos mandamentos descritos no Novo Testamento da Bíblia Cristã. Para ela, “o mandamento de Deus – amar os outros como a ti mesmo – inicia-se aqui. Aquele que não acredita em si, como pode acreditar nos outros?” (Lopes, 1987, p. 60).

Destaca ainda que os

[...] valores são critérios de avaliação são referências com certo sentido de ‘absoluto’, dos quais dificilmente abrimos mão. São aqueles princípios ou objetivos que pautam nossa conduta, sobre os quais dificilmente nos questionamos. Alguns correspondem aos próprios fundamentos de nossa natureza humana. Outros valores são adquiridos pela tradição, pela fé religiosa ou através da cultura (Lopes, 1987, p. 64).

Ela reforça a ideia de que nas famílias não passaria pela mente de ninguém se transformar subitamente em médico, engenheiro, professor, astronauta, mas que, diariamente, jovens de ambos os sexos se casam e se propõem “a educar filhos”, sem sequer refletir um só instante sobre os árduos deveres que os aguardam. Se em todas as

atividades humanas se exige bom preparo e atualização constante, por que para a tarefa que é a mais complexa de todas – a de “formar homens” – ninguém se prepara, e todos se julgam “mestres?” (Lopes, 1987, p. 67). O preparo das mulheres era de extrema importância para assumir esse papel maternal, já que “acima de qualquer papel ou atribuição que as mulheres possam ter ou aspirar, ser mãe só se iguala em importância a ser esposa, sendo que, frequentemente, ambas se confundem ou se complementam” (Pinsky, 2014, p. 291).

Ela destaca diferentes intelectuais que a auxiliaram na construção da obra e, quando se refere a André Berge¹¹, descreve-o como “grande educador francês, muito conhecido entre nós pelos seus livros de psicopedagogia familiar” (Lopes, 1987, p. 67).

Na obra, ela traz à tona a discussão do papel da mulher na amamentação a partir da discussão de que o ser humano, quando nasce, diferentemente dos outros animais, não está preparado para satisfazer por si suas necessidades fundamentais, como procurar alimento, por exemplo, “indo em busca do seio materno. A partir de publicações feitas pela imprensa e manuais que visavam a educação das mulheres, era possível identificar recomendações para que as “mães cuidassem e amamentassem pessoalmente seus filhos, surgindo assim a assertiva do instinto materno, do amor incondicional e espontâneo da mãe para com seu filho” (Marques; Cotta; Priore, 2011, p. 2.463).

Ela faz uma crítica a materiais que pretendiam educar as famílias com base em *slogans* e propagandas de livros, jornais, revistas e outros veículos que pregavam uma educação familiar artificial. Os pais carregam as experiências que tiveram em suas próprias famílias e o que fazem com seus filhos é o que obtiveram de seus pais. Portanto,

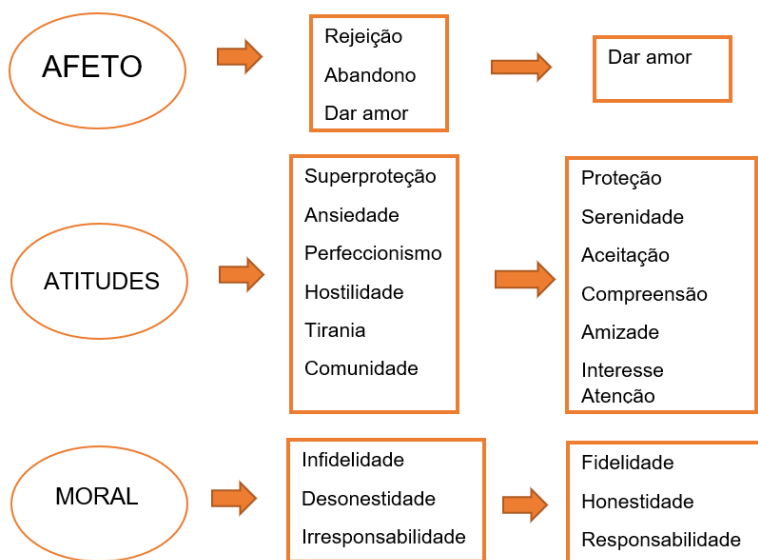
¹¹ Intelectual francês que difundia, em suas obras de educação familiar, os preceitos da fé católica.

precisam, na maioria das vezes, de ajuda para não transmitirem os desacertos de sua experiência passada. Thompson (1981) demonstra como

Dentro do ser social ocorrem mudanças que dão origem a uma experiência transformada: e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressão sobre a consciência social existente, propõe novas questões e oferece grande parte do material com que lidam os exercícios intelectuais mais elaborados (Thompson, 1981, p. 191).

Na Figura 1, descrevemos as principais temáticas que ela buscou tratar na obra. Por meio da análise dela, pudemos perceber que a autora discute com afinco as principais áreas que as famílias deveriam se atentar na educação das crianças, realçando os principais problemas de cada área e as possíveis reações positivas que uma educação assertiva traria para cada eixo definido pela intelectual.

Figura 1 – Temáticas tratadas por Lopes no decorrer da obra



Fonte: a autora, com base nos dados da obra em análise.

Ela descreve os eixos elencados necessários à organização da escrita para que, ao mesmo tempo em que a obra educasse, não ficasse com um caráter muito intelectualizado e incompreendido pelo público que não estava acostumado com os termos e temáticas tratadas em prol da educação das famílias. Tal estratégia sinaliza a tática utilizada pela autora para atingir seu público de forma eficiente.

Na obra, a autora apresenta constantemente a ideia de que toda criança só deveria vir ao mundo querida, amada e esperada. Ao tratar dessa temática, ainda recomenda que o casal verbalize a necessidade e a vontade de ter um filho “e, principalmente nós dois esperamos um filho. Essas palavras devem ser ditas pelo casal todos os dias que antecedem o nascimento do filho de maneira pausada e clara” (Lopes, 1987, p. 91). Diferentemente de outras situações, em que o peso de amar e desejar o filho estava descrito somente no papel materno, nesse caso ela transfere para o casal essa responsabilidade com um pouco mais de divisão de papéis, mesmo que isso fosse posto apenas em um discurso isolado, já que comparando à totalidade da obra a função educativa e cuidadora ficaria a cargo da mulher.

Alzira (1987) descreve formas de instrução que as mulheres deveriam adotar com os filhos. Para ela, a autoridade materna era necessária, tanto para a formação da “personalidade da criança, como para ensiná-la a se submeter a uma estrutura social feita de leis e obrigações” (Lopes, 1987, p. 105). Em outro ponto, ela descreve que “Quanto à atuação do governo? Bem, aí o assunto se torna mais delicado, pois há tanta coisa para ser feita nesta área (como quase todas)” (Lopes, 1987, p. 129). Nesse sentido, educar as mulheres à submissão geraria um ciclo que refletiria na própria existência feminina que se buscava submissa ao marido e à estrutura social que era posta. A afirmação sobre o governo é interessante, já que a obra foi produzida durante a Ditadura

Militar e afirmar que era um espaço de tensão a discussão política sinaliza como ela assumia um discurso matizado no que se referia à atuação popular, principalmente jovem, à frente de eventos que iam contra o governo militar.

Podemos observar que em alguns trechos da obra ela faz uma conexão entre o ideário religioso por ela defendido e a postura política, tida como rebelde pelos jovens em sua concepção, e que todos esses comportamentos se davam por não existir

[...] estímulos neutros, mesmo a omissão; [...] Assim, por exemplo, deixando que a criança cresça sem religião para que na sua opção futura dispa-se de influências exteriores, isto significa não neutralidade, mas uma educação ignorando Deus. Pensar na educação é pensar, portanto, também em plano ideológico, feito de normas e valores, preocupados em dotar seus filhos de recursos para vencerem na conquista de seu crescimento integral, esta é a verdadeira meta da educação (Lopes, 1987, p. 111).

Sobre os papéis sociais assumidos pelos homens e mulheres no lar, ela destaca acerca da masculinidade e feminilidade:

A criança necessita de um pai e uma mãe que aceitem seus papéis, pois nem um e nem outro poderão ser adquiridos em um curso comum na escola, mas partem do berço, e ele só pode ser assimilado na vivência diária, por intermédio de pais que servem de exemplo, e que a protejam contra os perigos. Mesmo a sexualidade, cujo tema será vivido em contato diário e corporal com o pai e com a mãe (Lopes, 1987, p. 122).

A vida em família proporciona muitas oportunidades para demonstrar à criança o fato fundamental de o homem e a mulher, em seus distintos papéis, necessitarem um do outro para se complementar, pois necessitam de cuidados mútuos. Tal posição será bem compreendida se os pais aceitarem com satisfação seus próprios papéis, demonstrando apreço pelas posições dos outros e interesse em suas respectivas conquistas (Lopes, 1987, p. 122).

Ela ainda afirma a necessidade de os pais reunirem-se com os filhos para discussões de assuntos relacionados ao namoro, à religião, à vida política, ao trabalho e à profissão, bem como quanto a outras temáticas que de certa forma orientariam mais adequadamente o futuro dos filhos.

Quando se fala em Brasil, é preciso levar em consideração os vários “Brasis”; um que é a oitava economia do mundo, com significativos avanços, possuidor de grande presença em exportações de produtos industrializados e, portanto, que não pode deixar de acompanhar as grandes nações do mundo, como os Estados Unidos; e outro Brasil, pobre, com alta taxa de analfabetismo e onde só dois por cento da população chega a uma universidade, pois a criança precisa trabalhar desde cedo para ajudar a sustentar os outros dez milhões (Lopes, 1987, p. 129).

Sobre a educação sexual, Alzira descreve em alguns tópicos instruções do que seria aceitável em relação à sexualidade dentro do casamento. Defendia que os pais ministrassem a temática ao educar os filhos, mas fazendo referências à importância de se manterem virgens¹² até o casamento e observando que ela considerava “moral tudo aquilo que leva o HOMEM a MAIS SER, e imoral tudo o que leva a menos ser. Sendo, pois, destruidora ela é imoral, pois leva o ser humano ao ‘mesmo ser’” (Lopes, 1987, p. 157). Ao apresentar a temática e utilizar as palavras moral e imoral, fica o questionamento do que poderia ser considerado moral e imoral para ela de acordo com os preceitos que defendia e o projeto de educação das mulheres e das famílias que ela buscava difundir.

Ao destacar a importância de as moças conservarem-se virgens até o casamento, ela retoma uma discussão comum na imprensa brasileira

¹² Quando se discutia sobre a virgindade, ela se referia principalmente às meninas, pois era inconcebível que tivessem experiências sexuais que não fossem frutos do casamento.

nos anos dourados. De acordo com Del Priore (2013), “O culto à virgem e a influência da Igreja Católica eliminavam a possibilidade de ‘perder a honra’” (Del Priore, 2013, p. 45).

Nesse sentido, ela discutia que as mulheres deveriam “Substituir o mistério do sexo pela verdade do sexo. Pureza não é sinônimo de ignorância” (Lopes, 1987, p. 166). Apesar de pregar com afinco a necessidade de as mulheres se manterem virgens, ela deixa explícito que deveriam se preparar para o sexo depois do casamento, sabendo quais atitudes poderiam adotar para moralmente manterem-se puras. Essa instrução poderia significar que as meninas chegariam mais aptas ao casamento, proporcionando ao parceiro um casamento mais interessante e exitoso do ponto de vista sexual.

No livro, ela cita que participou, em 1985, de um Congresso no Canadá e tal informação mostra como ela tinha uma circulação internacional significativa, inclusive por meio das viagens. Ela cita que a partir das experiências acumuladas lá, voltou entusiasmada para colocar em prática no Brasil, por meio de suas palestras e obras, o que ela julgava necessário para os jovens brasileiros desenvolverem-se de maneira plena.

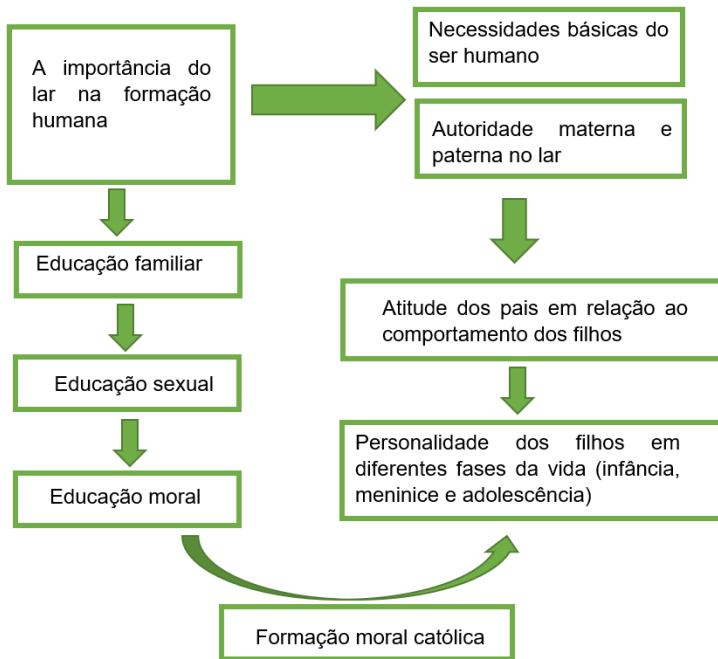
Ela destaca que havia uma preocupação no imaginário social da época quanto à sexualidade dos filhos. Nesse sentido, Alzira cita que os problemas de ordem sexual “[...] como perder a virgindade (para as meninas) antes do casamento, ou se tornar homossexual. Isto é sem dúvida sério e grave se atentarmos para o tipo de sociedade que temos, farisaica e injusta” (Lopes, 1987, p. 168). Ao sinalizar a preocupação como algo sério e grave, ela mostra seriedade ao tratar de problemas de ordem social que eram comuns a toda a sociedade daquela época. Ao citar de forma explícita a preocupação com o fato de as meninas perderem a virgindade antes do casamento, denota também como em suas obras e

discursos buscava inculcar valores de submissão e pureza às mulheres, principalmente com juízo de reprovação social visto pela ótica da religião.

Ela cita que a capacidade de resistência na questão sexual é muito mais problema de ordem moral do que de informação (daí ser obrigação séria dos pais) (Lopes, 1987, p. 182).

As principais temáticas tratadas no livro foram organizadas na Figura 2 como estratégia de nos atentarmos para os protocolos de leituras intrínsecos nas discussões propostas por Lopes e a fim de nos faz entender quais eram seus objetivos por meio da discussão delas.

Figura 2 - Principais temáticas tratadas na obra



Fonte: a autora, com base nos dados encontrados na obra.

Com a análise da obra, podemos observar como Alzira mobilizou muitos intelectuais para auxiliá-la na discussão das temáticas por ela propostas. Tal estratégia pode ser lida na perspectiva de Certeau (1990) como forma de atingir a legitimação das questões que ali estavam em evidência.

Referências

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: a arte de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: UNESP, 2014.
- DEL PRIORE, Mary. **Conversa e história de mulher**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2013.
- LOPES, Alzira. **Pais educando para os anos 2000**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- MARQUES, Emanuele Souza; COTTA, Rosângela Minardi Mitre; PRIORE, Eloiza Silvia. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 5, p. 2461-2468, 2011. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/csc/a/Trz3GfpjZvBfGT3BfFygs4v/?lang=pt#](https://www.scielo.br/j/csc/a/Trz3GfpjZvBfGT3BfFygs4v/?lang=pt# Acesso em: 3 jun. 2022) Acesso em: 3 jun. 2022.
- PERROT, Michelle. “O nó e o ninho”, **Veja 25: reflexões para o futuro**. São Paulo: Abril, 1993.
- PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.
- THOMPSON, Edward. Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ: A ESCRITA EPISTOLAR NA SEÇÃO “A CARTA DO MÊS”

Karolyne Amâncio de Paula

Introdução

As cartas, um meio de comunicação tão utilizado por séculos, constroem amizades, confiança, intimidades e relacionamentos. O hábito de escrever cartas é denominado “escrita epistolar”, costume muito antigo protagonizado pelos leitores, trocadas por pessoas anônimas no privado.

Nos tempos antigos, a escrita epistolar embalou muitos romances nas novelas epistolares, informou muitos reinos sobre acontecimentos no mundo e protagonizou histórias, como pode ser lido nos livros do Novo Testamento da Bíblia. Desde então, as cartas têm seu papel e funções variados, “escrevem-se cartas e mandam-se cartas pelos mais variados motivos: conversar, seduzir, desabafar, agradecer, pedir, segregar, informar, registrar, vender, comprar, desculpar e desculpar-se, falar da vida, enfim!” (Bastos; Cunha; Mignot 2002, p. 5).

A escrita de cartas apresenta uma característica que a distingue de outros tipos de escritas. Em um campo de tentativa de definição de epístola, a carta pode ser ou não efetivamente enviada ao seu destinatário. As cartas que de fato são enviadas são chamadas de missivas, neste sentido, a carta torna-se flexível em seus moldes e funções. Elas são essenciais para o rearranjo de histórias vivenciadas pelos destinatários e remetentes, em algumas situações, podem sair do privado e transitar para o público, dando a ver vestígios de práticas de leitura e escrita, através da imprensa. Essa mostra ocorre por meio das

mídias, como nas páginas da revista *Família Cristã*, cartas dos seus leitores com elogios, críticas, comentários, dúvidas, estreitando os laços entre leitores e editora.

A *Família Cristã* aborda vários assuntos como temas religiosos, atualidades, família, arte e cultura. Pode-se questionar: quais emergem mais fortemente para o leitor ao ponto de ele escrever para a revista sobre o assunto?¹ Segundo Chartier (1998, p. 84), “[...] a diferença entre o redator e o leitor se desmancha quando o leitor se torna autor, graças às cartas dos leitores”, de modo que os leitores das cartas, além de dialogarem com os textos publicados na revista, são também autores, que, por sua vez, espelham e complementam a autoria do veículo.

A troca epistolar pode tomar uma proporção muito ampla quando direcionada para uma seção de cartas de uma revista ou jornal, pois este meio de comunicação pode ser promotor uma abundante circulação de saberes entre a sociedade e, como resultados positivos, angariar muitos leitores.

Quando ocorre o processo da chegada das cartas dos leitores para a editora, percebemos indícios da apropriação dos assuntos veiculados pela revista, indicando também a circulação da revista e de seus saberes a partir do seu público leitor.

A escrita epistolar na seção de cartas

A revista *Família Cristã* apresenta em suas páginas a seção de cartas “A carta do mês”, constituída pelas cartas publicadas dos leitores. A aproximação e o encaminhamento destas cartas à editora

¹ Os olhares para esses temas terão o filtro da seleção da editora. Considerando que não tivemos acesso às cartas enviadas pelos leitores, trabalharemos apenas com aquelas que foram publicadas, mesmo sabendo que isso significa que são os temas que a revista optou por dar visibilidade, o que pode não corresponder necessariamente às demandas do leitor em sua totalidade.

permitem apreender possíveis transformações sociais que ocorreram ao longo dos anos, mudanças de comportamentos coletivos, rompimentos de paradigmas e substituições de concepções. As cartas enviadas para a revista são selecionadas, analisadas por suas regras, suportes e por seu contexto histórico, pois a carta escolhida deve apresentar sentido no cenário vivenciado pela editora e pela sociedade.

As cartas chegam às mãos da editora, tendo o diretor da seção “Carta do Mês” da revista *Família Cristã* como o porta-voz responsável pela comunicação entre as pessoas unidas por um interesse de dialogar e propagar discursos, a seção torna-se também uma intenção de troca, já que, “antes de ser um objeto de escrita, a carta é primeiramente um objeto de troca. Sua dimensão material molda-se à personalidade de cada remetente” (Bouzinac, 2016, p. 61). Acompanhadas da dimensão material, as cartas oportunizam aos leitores que construam suas impressões, interpretações e representações.

A comunicação acontece pelos leitores, em alguns momentos após a leitura de artigos da revista ou por surgirem questões no cotidiano que necessitam de um ensinamento, então decorre a troca de cartas com a editora Paulinas. Todas as cartas são respondidas individualmente pela redação da editora e a resposta é enviada ao leitor, e algumas são selecionadas para publicação na revista. Esta interação, mesmo não sendo presencial, é promotora de um diálogo, ou seja, “essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicas”. (Fiorin, 2016, p. 21). O enunciado simples se torna um reflexo do diálogo, que ocorre na ação com o outro, quando um termina seu turno de fala o outro interage, podendo ser uma concordância ou uma discordância com a fala do próximo.

Impreterivelmente um enunciado está ligado a um determinado campo ou espaço social, um lugar de fala. A voz do autor se torna regente do processo, contudo, não significa que seja a voz dominante ou superior às outras. A editora, ao promover esse ambiente de trocas discursivas, convida um colunista a dar uma resposta pública a esta carta. O diretor, ao responder, torna-se autor dessa troca, muitas vezes conduzindo sua resposta intercalada a outras vozes (artigos, livros) ou até mesmo a voz da Igreja que chancela a revista. De acordo com Bouzinac (2016), a carta depreende de uma representação imaginária de um tipo de leitura que o indivíduo quer provocar ao seu leitor. Em contrapartida, a carta se torna um local para a troca entre escritor e leitor, os quais podem convergir de um mesmo conceito ou podem divergir. “A carta conforma o lugar onde confluem as estratégias do autor/ narrador e o receptor/ leitor, que nem sempre devem entender-se como casais coincidentes” (Gómez, 2002, p. 22).

A carta pode se legitimar como um duplo discurso, uma forma de perguntas e respostas com o seu interlocutor, essencialmente segue os movimentos de ida e vinda. “Confrontadas umas às outras, as cartas do remetente e do destinatário se realçam num movimento recíproco” (Bouzinac, 2016, p.137).

A revista *Família Cristã*, no papel de difusora de saberes, tem ideais de promover conhecimento às famílias; por meio das revistas, circulam as ideias e as vozes dos editores, que, no caso, eram saberes religiosos mediados pelas Irmãs Paulinas, ou seja, conceitos e valores católicos direcionados à sociedade. Efetivamente, a própria revista tende a acolher seus leitores na seção de cartas e respostas, ressaltando o fato de que não somente as publicadas, mas todas as cartas eram respondidas, promovendo este espaço de sociabilidade.

A apropriação de conhecimentos veiculados pela revista e ressignificados pelos leitores ao enviarem as cartas com opiniões, conceitos e até questões para serem respondidas, possibilita uma troca de conhecimentos. Conhecimentos estes que circulam entre todos os leitores e, assim, são disseminados para a sociedade em geral, através de atitudes, conhecimentos, valores e sabedoria, transmitidos a todos e, até mesmo, perpetuando para outras gerações.

Este espaço para as cartas dentro da imprensa estabelece a voz do leitor sobre a sociedade à qual pertence: mostra seu ponto de vista, cria condições para outros saberes e para outros leitores criarem seus conceitos e tece uma rede de entendimentos sob diferentes pontos de vista, perante diferentes vivências, valores e conceitos, arraigados, apropriados e ressignificados. A seção de cartas amplia esta rede de cultura e sapiência.

Silva também trata da importância deste gênero no espaço público, sinalizando sua importância desde o século XVIII: “A epistolaridade viria a marcar, de forma ainda mais contundente, a imprensa do século XVIII, constituindo um dos instrumentos de construção do espaço público” (Silva, 2014, p. 99). Ou seja, as cartas exerceram um importante lugar na construção dos saberes compartilhados por meio da imprensa, do convívio, das trocas da sociedade, da cultura compartilhada e transformada pela sociedade porque dá voz ao leitor e, de certo modo, ao permitir a interlocução, torna-o, em alguma medida, também autor.

As cartas enviadas pelos leitores para a editora da revista *Família Cristã* apresentaram o propósito de participar, questionar e promover tensões dos conceitos e valores trazidos pela revista. Após sua publicação, os questionamentos, conselhos, viram públicos e todos os leitores se tornam ativos nesta circularidade do saber. Concordando ou

discordando, as pessoas conseguem dar um novo significado aos enredos das cartas.

Para Bouzinac, a carta que transita do privado para o público é classificada como carta ostensiva, que, segundo ela, pode ser exposta sem quaisquer constrangimentos tanto para destinatário quanto para remetente.

[...] a carta ‘ostensiva’ conserva as características da forma familiar. São cartas autênticas redigidas por um remetente para um destinatário único, destinatário porta-voz, indivíduo encarregado de representar ou transmitir a mensagem a um grupo maior, ou para um destinatário já identificado como coletivo, classe, ex-alunos de uma escola, conjunto de pessoas ligadas por interesses comuns (políticos, intelectuais, etc.). Esse tipo de carta que não tem nada de fictício – a carta é redigida, endereçada, transmitida – permite imaginar a escrita epistolar no limite, às vezes imperceptível, que separa verdade (realidade, autenticidade) e ficção. O epistológrafo que escreve sabe que será lido por vários olhares[...] (Bouzinac, 2016, p. 53).

Ao considerar o diretor da seção “Carta do Mês” da revista *Família Cristã* como o porta-voz responsável por passar as cartas a todos os leitores, isto é, pela comunicação entre as pessoas unidas por um interesse comum de aprender valores e conceitos para a vida cristã, a seção torna-se também uma intenção de troca, já que, “antes de ser um objeto de escrita, a carta é primeiramente um objeto de troca. Sua dimensão material molda-se à personalidade de cada remetente” (Bouzinac, 2016, p. 61). Acompanhadas da dimensão material, as cartas oportunizam aos leitores construir suas impressões, interpretações e representações:

Numa história cultural redefinida como lugar onde se articulam práticas e representações, o gesto epistolar é um gesto privilegiado. Livre e codificada, íntima e pública, pressionada entre segredo e sociabilidade, a carta, melhor que qualquer forma de expressão, associa o vínculo social a subjetividade.

Cada grupo vive a formula a seu modo esse problemático equilíbrio entre mim e os outros. (Chartier, 1991², p. 9-12 *apud* Bouzinac, 2016, p. 31).

Além de que as cartas nunca estão isoladas, mas transitam por um contexto histórico, como explica Bouzinac:

A carta depende de fatores ligados ao contexto histórico: situação das vias e das comunicações postais, estrutura hierárquica das relações sociais, maior ou menor grau de aceitação de uma moda ou etiqueta, acesso à escrita de uma massa variável dos sujeitos que produzem as mensagens. Todos esses parâmetros influem no conteúdo e na forma da mensagem enviada e condicionam igualmente sua recepção (Bouzinac, 2016, p. 26).

As cartas enviadas e publicadas pela revista são selecionadas, analisadas por seu contexto histórico, pois a carta escolhida deve apresentar sentido no cenário vivenciado pela editora e pela sociedade, pois:

Capturar as mensagens contidas nas cartas envolve examinar os seus suportes, a periodicidade, os temas abordados, pois o ritual epistolar é um exercício que tem suas regras, seus códigos, suas condições de produção. Em outras palavras, exigem debruçar sobre papéis[...] (Mignot, 2002, p. 119).

O leitor, ao escrever sua carta, expõe sua opinião, conceitos e valores, e essa relação com a editora vai além de uma troca de informações, porque existem a confiança e o relacionamento social, como acredita Maria Teresa S. Cunha:

Como resultado, constrói-se a confiança, cresce a intimidade, tecem-se redes de interlocução que permitem encontrar fragmentos de laços de sociabilidade de um tempo e iluminar as relações sociais e afetivas que as cartas mostram e perenizam pela escrita. Como objetos materiais, recheados de práticas culturais de uma época, as cartas são produtoras de sentido, pois, por não serem ficção, podem fornecer versões ficcionalizadas daquilo que querem dizer e, em seu rastreamento, pode vir à tona uma

² Tradução de Bouzinac de trecho do texto "*La Correspondance les usage de la lettre au XIX*", de Alain Boureau, Michel Demonet e editado por Roger Chartier, em 1991.

história de sujeitos se construindo/se inventando na e pela escrita (Cunha, 2002, p.186-187).

Essa interação pela forma epistolar dá aos leitores e editora uma relação muito próxima de diálogo porque, mesmo ausente, o receptor produz uma ilusão de presença. E no relacionamento editor-leitor, constrói-se uma rede de sociabilidade. Este espaço de sociabilidade, é observado nas páginas da Revista Família Cristã, que sempre cedeu espaço aos leitores, para interação junto à sociedade. Os motivos pelos quais os consulentes escrevem suas cartas são variados, desde um desabafo, um questionamento, uma crítica, um conselho e, conseqüentemente, é muito maior a quantidade de pessoas que não escrevem as cartas, mas que de algum modo compartilham dos mesmos problemas e se julgam parte dessa circularidade de ideias e conceitos. É incontável o número de pessoas que se apropriam dos conhecimentos veiculados pela seção de cartas. Da mesma maneira que a escrita, a troca epistolar acontece por diversos pretextos falar, desabafar, aproximar, segregar, civilizar, educar uma sociedade. “Escrever sobre cartas é revelar angústias, dúvidas e desafios. É também narrar opiniões, desejos, apropriações e representações de alguém sobre determinado assunto ou objeto” (Dantas, 2008, p. 109). É interação com o outro por laços estabelecidos de uma intenção comum, conseqüentemente, existe uma justaposição das visões de mundo, ao mesmo tempo em que a resposta dada pela editora em seu tom apologético, se torna manipuladora de sua visão, de seus valores e conceitos.

As cartas publicadas pela revista terão essa legitimidade frente ao seu discurso moral religioso para a sociedade. Para Dauphin e Pouban (2002, p. 82), “As cartas, quanto mais antigas e abundantes, mais terão o poder de legitimar o patrimônio transmitido de geração em geração”, patrimônio este que ficará guardado constituindo um acervo de

memórias que, ao ser averiguado, poderá descortinar uma história respeitável.

O autor ou autora de uma carta, publicada em jornal ou revista, não consegue mensurar a quantidade de pessoas que ela pode alcançar. Existe uma rede de leitores que ressignificam os conceitos que, em uma esfera de troca, serão lançados novamente para a sociedade. De acordo com Silva (2014, p. 110), “no contexto das cartas públicas, publicadas em jornais ou revistas, devemos distinguir entre duas entidades: o destinatário, inscrito no texto e especificado no discurso, e, por outro lado, o receptor extratextual, aquele que lê a carta”.

A revista *Família Cristã* promove esta gama de possibilidades ao publicar as cartas dos leitores, embora não consiga quantificar o número de pessoas que serão atingidas pelos conceitos e valores propagados.

As cartas dos leitores na imprensa podem implicar, desta forma, vários tipos de destinatários: o jornal em si mesmo; o jornalista ou o editor que faz a triagem da carta; o diretor da publicação; o jornalista autor de uma notícia a que a carta faça referência; outro leitor que tenha publicado uma carta no jornal; um colunista ou autor de um artigo de opinião, que a carta mencione; e o público leitor, em termos gerais, da publicação. no entanto, este último destinatário, receptor plural e heterogêneo, só se concretiza no caso de a carta ser publicada no jornal, adquirindo assim visibilidade; caso contrário, a amplitude do destinatário é diminuta, apesar de o leitor-escritor ter como expectativa, aquando do envio da carta, de ser lido por um público mais vasto. (Silva, 2014, p. 111-112).

Podemos perceber que nenhum meio de comunicação que utiliza a propagação de cartas é imparcial, ou seja, ela tem uma estratégia para continuar com seus leitores e, principalmente, é promotora de

persuasão, pois a revista escolhe a carta que pretende dar visibilidade de acordo com seus objetivos. Consequentemente, a revista *Família Cristã* não foge desta linha de pensamento, pois, ao publicar as cartas que passam por uma seleção, elas são, de fato, objetos de persuasão e de disseminação de seus valores, relacionados a um contexto maior, que é o cenário social para cada carta publicada. Outra possibilidade é o cancelamento dos direcionamentos da Igreja Católica por meio das cartas publicadas para, assim, reforçar seus valores e ideais no campo social como uma estratégia de poder.

Por um outro olhar, as cartas enviadas pelos leitores também são reforçadores de situações sociais que não condiziam com os valores morais da Igreja, quer dizer, os leitores apreendiam tensões e mudanças sociais decorrentes de seu tempo e que se confrontavam, muitas vezes, com a doutrina e a moral católica, como, por exemplo, a separação no casamento, a união de pessoas desquitadas, a simpatia às outras religiões se misturando com o catolicismo. Essas cartas são, portanto, indícios de que os fiéis católicos não estavam conseguindo agir de acordo com que era pregado na Igreja, pedindo um amparo por meio das cartas. A Igreja, por conseguinte, tenta se colocar dentro desta modernidade para se garantir junto à sociedade, o que a leva a mudar, por vezes, sua postura em relação a certos temas e preocupações, como ocorreu após o Concílio Vaticano II e na América Latina com a Conferência Geral do Episcopados, realizada em Medellín (1968) e Puebla (1979).

Por um outro viés, as cartas também poderiam ser uma arma para o leitor para cobrar um posicionamento da Igreja sobre determinado assunto, mas nebulosamente é difícil compreender e ter a certeza se todas as respostas publicadas para as cartas foram aceitas pelo seu missivista e transformadoras de seu modo de vida. O indivíduo que

recebeu sua resposta publicada pode escolher viver ou não de acordo com os preceitos direcionados a ele. Essas situações postas serão aprofundadas nas análises das cartas, na tentativa de compreender as situações de publicação do leitor, da Igreja frente às respostas publicadas e o cenário social como tempo histórico, não deixando de refinar os olhares para o discurso pedagógico que era veiculado pela editora e cancelado pela Igreja diante de tantas transformações sociais que o período da década de 1960 até início dos anos de 1990 vivenciaram.

As cartas que vieram a público se constituem como cartas indiciárias³ de inquietações da sociedade e, ao mesmo tempo, de intenções da Igreja para com os fiéis. Assim, a revista *Família Cristã* simboliza a praça⁴, como um lugar virtual para acomodar os assuntos abordados nas cartas. Uma instância de mediação das apreensões entre sociedade e Igreja.

Para uma melhor compreensão, as cartas foram classificadas nesta pesquisa em seis eixos educacionais, a saber: educação social, educação familiar, educação religiosa, orientação sexual, educação formal e orientação psicológica. O termo educacional foi aplicado para ratificar a publicação do primeiro editorial da revista em dezembro de 1934: “Glória a Deus e paz aos homens é o programa que orienta este periódico: contribuir a boa formação da família.” (Revista *Família Cristã*, dez. 1934, p. 3). A formação consiste na instrução das famílias e da sociedade em geral. Foram analisados e coletados dados de 26 cartas para educação social, 69 sobre educação familiar, 239 sobre educação religiosa, 120 sobre orientação sexual, 6 sobre educação formal e 29 de

³ O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (Ginzburg, 1989, p. 152).

⁴ A alusão ao conceito de praça pública vem do livro de Bakhtin (1987): *A cultura popular da Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*.

orientação psicológica. Algumas revistas apresentaram mais de uma carta publicada. O corpus arrolado para esta análise foi de 489 cartas publicadas entre os anos de 1960 a 1993.

Esse diagnóstico das fontes possibilitou conhecer especificamente pelas décadas quais os eixos educacionais que mais emergiram e indagaram os leitores da revista *Família Cristã*.

Em fevereiro de 1965, na carta intitulada “Apelo de Laerte”, o leitor reitera que as páginas da revista só têm artigos para pessoas da elite e com poucos filhos, e apresenta sua família como humilde, de nove irmãos, e relata os sacrifícios do pai, que trabalha 12 horas, e a mãe sem recursos, que não tem condições de fazer e comprar as roupas que a revista ensina.

Venho por meio desta fazer-lhe um apelo: somos assinantes da revista “Família Cristã” e as vezes fico chocado ao ver que a revista traz artigos e secções quase exclusivamente para pessoas e famílias que tem toda possibilidade. Como se neste mundo existissem só mães com apenas um filho, um “queridinho” para dedicar a ele toda atenção. Que diz para aquelas mães que mal tem tempo de olhar os filhos? Noto também que os modelos de vestidos, as receitas, etc., não se adaptam a nós, humildes leitores da revista. Em minha família não há dessas coisas: a mamãe não tem vestidos bonitos, meu pai trabalha das 6 da manhã às 6 da tarde, somos nove ao todo, chegamos em casa à noite, jantamos uma humilde refeição. Apesar de tudo, continuarei a aproveitar das belas páginas da “Família Cristã” revista que muito aprecio (Revista Família Cristã, fev. 1965, p. 3).

A manifestação do consulente remete à angústia entre a realidade de sua família e o distanciamento do enunciado propagado pela revista. Essa carta dá a ver “[o] discurso como que vive na fronteira do seu próprio contexto e daquele de outrem” (Bakhtin, 1998, p. 92).

A crítica à revista revelou um incômodo ao diretor, pois ele destaca que várias cartas falam o contrário do relato de Laerte. Cartas que para ele cancelam o trabalho da revista junto à sociedade: “sobre a

escrivaninha do diretor, acham-se outras cartas que afirmam, ao contrário do que diz a sua, e muitas outras que solicitam figurinos, receitas bem variadas, inclusive para recepções e jantares de cerimônia” (Revista Família Cristã, fev. 1965, p. 3).

Em novembro de 1965, com o título “O quarto poder: leituras imorais”, a consulente Rosa Amarela pede aconselhamento sobre as leituras imorais que permeiam a sociedade.

Sr. Diretor, agradeço todos os benefícios que a “Família Cristã” tem dado a muitos lares brasileiros e, se possível, gostaria que fosse pulicado na “carta do mês”, um artigo sobre leituras. Estou-me referindo à leitura imoral, prejudicial de muitos livros que não deveriam estar à venda, que podem exercer influência perigosa em certas pessoas que têm a infelicidade de ocupar-se dessas leituras, ao invés de se instruírem mais com boas revistas. Se todos se interessassem com boas leituras, seríamos mais cultos e estaríamos mais próximos de Deus (Revista Família Cristã, nov. 1965, p. 3).

O diretor cita o deputado Burke, da Inglaterra, para tratar sobre o quarto poder – legislativo, executivo, judiciário e a imprensa: “A imprensa é ainda hoje uma potência e, como a própria energia nuclear, ambivalente: pode ser instrumento de progresso e elevação ou de destruição e embrutecimento.” (Revista Família Cristã, nov. 1965, p. 3). O diretor corrobora com a necessidade de promoção da boa imprensa. Papa Pio XII alertava sobre os perigos da imprensa anticlerical e sua difusão pela sociedade na encíclica *Miranda Prorsus* (1957), especialmente o cinema, rádio e televisão, entretanto, afirmava que se pode propagar uma educação das massas pela difusão da imprensa do bem, ou imprensa religiosa.

O diretor finaliza pedindo aos pais o cuidado com as leituras dos filhos, para que eles possam crescer em sabedoria e testemunhando a difusão de uma imprensa honesta. A boa imprensa era a própria circulação de ideais da Igreja Católica, que trazia a promoção da fé e dos

preceitos a serem seguidos pelos fiéis. A tensão presente na carta faz convergir uma prática comum da Igreja e o governo militar, a saber, o controle da leitura, prática esta que, aliás, é muito antiga no interior da Igreja. A publicação desta carta era justamente no sentido de reforçar o combate a todo tipo de imprensa que não zelasse pelos bons costumes afirmados pela Igreja e pelo governo.

Em julho de 1965, o tema foi “Vínculo de União com Deus”, e o leitor Guido R. C. pede uma opinião sobre a religião católica, as vantagens para ensinar nas aulas de ensino religioso:

Sr. Diretor, a finalidade desta é pedir-lhe que, se possível, publique nas páginas da “Família Cristã” de que sou leitor e admirador, algo sobre a religião católica, suas vantagens, etc. Dou aula de religião e procuro viver como bom católico. Isso, portanto ajudar-me-á a dar resumida e exata explicação a muitos que dela necessitam. Sumamente agradecido espero ser atendido (Revista Família Cristã, jul. 1965, p. 3).

O diretor declara que a religião é a ligação do homem com Deus, através da fé, caridade e esperança. E assevera que,

Em toda religião, e mais nitidamente no cristianismo, encontramos três elementos básicos: o dogma, a moral e o culto, pelos quais o homem chega ao conhecimento de Deus e das verdades reveladas, ao serviço e ao amor de Deus mediante o culto devido, à oração que é o ato com que a criatura se dirige ao criador para adorá-lo, agradecer-lhe os benefícios, pedir-lhe perdão e graças (Revista Família Cristã, jul. 1965, p. 4).

A religião perfaz a felicidade do homem. Conclui indicando vários livros: *Jesus, meu mestre*, *A tua religião na sua vida* e a *Revista pastoral catequética*.

O ensino religioso é um antigo método da Igreja Católica para disseminar seus preceitos e valores, e as suas aulas ensejam proclamar a religião como necessária ao ser humano, e, principalmente, a ligação entre Deus e o homem. São também uma forma de posicionamento da

Igreja no campo social, pois, com o advento de outras religiões, a Igreja Católica necessitava afirmar seu espaço, fortalecer seus fiéis e ganhar mais adeptos.

Na seção do mês de junho de 1966, a leitora da carta intitulada “As palavras das mães” compartilha um pedido aflito de “Sofredora Infeliz”, pseudônimo utilizado pela consulente, ao relatar “a importância de aconselhar as mães que rogam pragas e xingam seus filhos, deixando-os desanimados e infelizes”:

Sr Diretor, escrevo-lhe esta a fim de solicitar a publicação de uma página para as mães que, por qualquer coisinha, rogam pragas aos filhos e dizem palavrões que ferem, deixando-os desanimados e infelizes. Por favor atenda-me o mais depressa possível, pois não quero que outras tenham tal desventura (Revista Família Cristã, jun. 1966, p. 3).

O diretor inicia a réplica com a citação de F.X. Linsenmann, o qual diz “que não é raro que o costume de ‘rogar pragas’ se apresente como uma exclamação mais ou menos irrefletida e resultante de simples hábito, sem intenção má determinada” (Revista Família Cristã, jun. 1966, p. 3). Logo, o diretor “pede compaixão para estas mães e não ódio, e ensina os filhos a, com sabedoria, conversar sobre estas atitudes para que não ocorram mais” (Revista Família Cristã, jun. 1966, p. 3). Ao final, continua aconselhando aos filhos afirmando que

É preciso que, superando a própria dor e indignação, saiba cada filho ajudar validamente a mãe, advertindo-a da inconveniência de semelhantes expressões. E poderá ajudá-la antes de tudo com oração. Reze cotidianamente, pedindo a Nossa Senhora, mãe de misericórdia e mãe de todos os pecadores, que faça com que as mães compreendam a necessidade de dominar as palavras (Revista Família Cristã, jun. 1966, p. 3).

A maternidade e a educação dos filhos foram responsabilidades atribuídas às mulheres, especialmente desde o século XIX, e, neste contexto da década de 1960, ainda lhes era reservado o cuidado do lar e dos

filhos enquanto os maridos deveriam trabalhar para sustentar as famílias⁵. Para as mulheres, era uma disposição social ser mãe e dedicar sua vida aos filhos e maridos, pois, como afirma Carla Bassanezi Pinsky (1997, p. 634), essa, na época, era tida como “a sagrada missão feminina, da qual dependia não só a continuidade da família, mas o futuro da nação”.

Em janeiro de 1972, foi publicada a carta de uma filha que pedia orientação para consolar a mãe e ajudar o pai com o alcoolismo:

Sr. Diretor, sou uma jovem de 19 anos. Minha mãe é uma santa. Meu pai, ah! Eu me envergonho dele. É um viciado alcoólatra. Nunca ouvi dele uma palavra boa, nunca vi um bom exemplo para poder formar-me uma personalidade com bases sólidas. Minha vida é um contínuo tormento e a de minha mãe é pior que uma tortura. Ainda ontem eu estava na sala escutando com minhas colegas quando ele chegou cambaleando, falando coisas extravagantes. Senti-me destruída, infeliz, minorizada ante minhas colegas que se entreolhavam espantadas. Dando algumas desculpas, deixaram minha casa logo em seguida. Minha mãe sofre muito. É uma heroína. Frequentemente ela me pergunta o que poderia fazer para ajudá-lo. Sr. Diretor, peço-lhe que console minha mãe, que a ajude a ser forte, pois a saúde dela também está abalada (Revista Família Cristã, jan. 1972, p. 4).

A resposta é um artigo do Dr. Jorge Vallés, do Texas. O texano aborda a importância da esposa e da família em ajudar um alcoólatra:

Voltamos a insistir num ponto básico: o alcoólatra precisa estar disposto a aceitar ajuda para compreender a si próprio, a fim de poder solucionar seu problema. Você esposa, precisa estar igualmente disposta a procurar e aceitar tal ajuda, primeiramente para entender o problema e, em segundo lugar, para colaborar positivamente na sua solução (Revista Família Cristã, jan. 1972, p. 5).

⁵ Embora esse fosse o modelo difundido de organização ideal das famílias, essa não era a realidade de parte significativa da sociedade brasileira. Mulheres do povo sempre trabalharam fora do lar para contribuir ou mesmo para garantir o sustento de suas famílias. Se, para as mulheres nomeadamente “burguesas”, esse modelo era algo possível, embora algumas mulheres desse grupo social já o contestassem; para as mulheres do povo, em larga medida, ele não só era inatingível como as sobrecarregava com uma dupla jornada de trabalho, sem nenhum apoio dos maridos, uma vez que a tarefa de educar e cuidar dos filhos foi produzida como essencialmente feminina.

Ele finaliza requerendo uma empatia e ajuda da esposa para o convívio com o alcoólatra em recuperação, porque “encorajamento, paciência e elogios são instrumentos mais eficazes à disposição da esposa de um alcoólatra” (Revista Família Cristã, jan. 1972, p. 9).

Conclusão

A *Família Cristã* fez parte de um projeto maior da Igreja Católica em conquistar seu propósito de circular pela sociedade, produziu um conjunto de saberes endereçados à educação do povo, foi um veículo de produção cultural a serviço do catolicismo, e que mobilizou diferentes estratégias retóricas para se aproximar de seus leitores, como a seção “A carta do mês”.

Podemos dizer que a seção de cartas, assim como toda a revista Família Cristã, tinha uma função formativa para educar as famílias ao estabelecer com elas um diálogo. Cartas foram utilizadas como estratégia no sentido de orientar as pessoas quanto aos princípios e valores que deveriam assegurar a harmonia da família. Além disso, foram também utilizadas como uma estratégia de cooperar com a educação que vinha sendo trabalhada nas escolas, assentada em princípios científicos e considerada, portanto, proveitoso, sem perder de vista a baliza da doutrina católica.

No período de 1934 a 1960, a revista veiculou um conjunto de saberes alinhados com a vertente conservadora/tradicional da Igreja Católica com relação às famílias, a educação dos filhos, e principalmente das mulheres, que deveriam se dedicar aos seus lares e famílias. Entretanto, a partir da década de 1960, o editorial apresentou mudanças significativas, alinhando-se aos preceitos do Concílio Vaticano II, visando um olhar específico ao ser humano e as demandas sociais do

país, bem como uma empatia aos problemas das minorias da época e que prevalece na revista até os dias de hoje.

A revista tinha adesão das famílias que concordavam com os conteúdos trazidos em suas páginas, e conseqüentemente, tornava-se, para estas, um importante auxiliar neste processo. Essa abrangência ocorre justamente pelo meio utilizado e, principalmente, a grande recepção de um público maior dependerá da circulação social deste meio, ou seja, a quantidade de pessoas que são assinantes, compradores da revista no setor nacional. A editora Paulinas, neste quesito, conseguiu uma maestria em difusão de meios de comunicação. A revista Família Cristã, em sua trajetória histórica, adquiriu mais de cento e cinquenta mil assinantes mensais dentro do país, sem contar as pessoas que compravam avulsamente em lojas, bancas de revista, ou em outros de vendas.

As cartas publicadas na revista não demandam uma resposta imediata, como ocorre com as cartas no privado. As cartas publicadas podem e têm um tempo diferente para venha a público sua resposta. Para Silva (2014, p. 113), “sendo verdade que, com alguma frequência, as cartas dos leitores publicadas nos jornais são alvo de uma resposta, por parte de outro leitor, jornalista ou até mesmo do director”. Na revista Família Cristã, as cartas do período de 1960 a 1970 normalmente eram respondidas pela equipe editorial que utilizava o pseudônimo de “diretor”; outras cartas foram respondidas por religiosos, padres e bispos. A partir da metade da década de 1970 até o final da seção na década de 1990, as cartas eram respondidas por pessoas especializadas em diversas áreas, pois existia uma preocupação em responder aos questionamentos de acordo com suas especificidades. Deste modo, médicos, psicólogos, professores, educadores, bispos, padres, sociólogos, assumiram não só a função de responder as cartas, mas iam além e indicavam livros para complementar suas respostas.

Referências

- BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Prefácio. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.) **Destinos das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 5-9.
- BOUZINAC, Geneviève Haroche. **Escritas epistolares**. São Paulo: Ed. Edusp, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador, conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Unesp, 1998.
- CHARTIER, Roger O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2018
- CUNHA, Maria Teresa Santos. “Por hoje é só...” Cartas entre amigas. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (org.) **Destinos das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002, p.181-204.
- DANTAS, Maria José. **Revista Cidade Nova e as propostas de educação**. 2008. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.
- DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (org.) **Destinos das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 75-88.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha moderna. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (org.) **Destinos das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 13-56.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Artesãos da palavra: cartas a um prisioneiro político tecem redes de ideias e afetos. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (org.) **Destinos das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 115-136.

PAULA, Karolyne Amâncio de. Revista Família Cristã e o discurso pedagógico : uma análise da seção “Carta do Mês” (1960-1993).2018. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2018.

PINSKY, Carla Bassanezi. “Mulheres dos anos dourados”. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi. **História das mulheres no Brasil**.2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SILVA, Marisa Torres da. **As cartas dos leitores na imprensa portuguesa** :uma forma de comunicação e debate público. Covilhã: Livros Labcom Books, 2014.

Fontes

REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ. Editorial ano, p. 3, dez.1934. Acervo da Editora Paulinas, São Paulo.

REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ. A Carta do Mês: Apelo de Laerte. Fev. 1965, p. 3-4.

REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ. A Carta do Mês: O quarto poder: leituras imorais. Nov. 1965, p.3-4.

REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ. A Carta do Mês: Todos os homens são iguais. Jun. 1965, p.3-4

REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ. A Carta do Mês: Apelo de Laerte. Fev. 1965, p. 3-4.

REVISTA FAMÍLIA CRISTÃ. A Carta do Mês: O lar sem crianças. Jul. 1966. Ano: XXXII, p. 3-4.

A AGÊNCIA INTELLECTUAL FEMININA NAS REVISTAS DO ACERVO DA BIBLIOTECA DOS CLARETIANOS (1935 – 1980)

Evelyn de Almeida Orlando

Luana Cristine dos Santos

Introdução

Este capítulo apresenta um mapeamento realizado acerca da presença de autoras em revistas católicas no acervo da Biblioteca dos Claretianos, localizada na cidade de Curitiba, com o objetivo de destacar a relevância dessas intelectuais religiosas, tanto no espaço de escrita, quanto nos debates intelectuais, de 1935 a 1980. Atentamos para sua produção intelectual como um indício de seus projetos e formas de atuação, buscando compreender a autoria feminina como um aspecto da relação entre gênero, política e religiosidade na constituição dessas mulheres como intelectuais.

A biblioteca *Studium Theologicum* (nome oficial do espaço) foi criada em 1934 e pertence à Congregação Claretiana de Curitiba. Começou como um espaço pertencente à formação seminarista, posteriormente aberta ao público em geral.

Além da prestação de serviços religiosos, os claretianos iniciaram um amplo relacionamento com os moradores da cidade, não somente daqueles que moravam ou trabalhavam nas proximidades da Casa de Curitiba, mas da sociedade curitibana em geral, em virtude do desenvolvimento de atividades diversas ofertadas pela Paróquia, como o cinema e a escola, os cursos de corte e costura e da Academia Claret de Datilografia, além do atendimento aos assistidos pelo Centro Social (Paróquia Imaculado Coração de Maria, 2021).

Além da Biblioteca, também visitamos o Museu Claretiano de Curitiba, anexado ao lugar, em busca de materiais para o mapeamento. Em conversa com o responsável do local, este informou não ter registros de produções femininas nesse espaço de memória. O museu mantém expostas apenas obras feitas por intelectuais homens, informação que nos trouxe inquietações que farão sentido mais adiante.

O campo da História dos Intelectuais é um “[...] campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (Sirinelli, 2003. p. 232). Ressalta-se também a relação entre intelectuais e revistas na disseminação de suas ideias e agência, tanto individual como em grupos sociais:

As revistas são resultado da interação de intelectuais envolvidos no processo de produção de conhecimento (Sirinelli, 2003, p. 249). Esse conceito coloca em realce as pessoas que estão envolvidas neste processo, uma vez que dá a ver suas ações, como uma estratégia de afirmação de um grupo e esse espaço como um celeiro de ideias (Paula, 2019, p. 104).

Além dos resultados de um longo apagamento de obras femininas, pesquisadoras do campo da História das Mulheres mostram como a intelectualidade feminina, no entanto, encontrou espaço transpassando o movimento feminista, demarcando um lugar para si sem partir para um enfrentamento direto com as estruturas patriarcais religiosas e sociais, mesmo porque tal enfrentamento não era o objetivo de muitas dessas intelectuais.

A História das Mulheres foi se consolidando e provocando a reflexão para a necessidade de se incluir as mulheres nos domínios historiográficos sem fazê-lo, contudo, de forma separatista. Não se pretendia criar um nicho na História onde se fala de mulheres, como uma história à parte, um gueto, o que se pretendia era inserir as mulheres na narrativa histórica, mostrar não

apenas que elas possuem história, mas que fazem história e participam ativamente dos acontecimentos de seu tempo (Orlando, 2021, p. 44).

As reflexões trazidas pelo campo da Histórias das Mulheres¹ nos ajudam a compreender o interesse na conquista da autonomia, atuação e espaço das religiosas para suas produções, apesar do terreno hostil e muitas vezes infértil para a fecundação e movimentação do fazer feminino – seja ele intelectual ou não. Os resultados do mapeamento demonstram uma convergência com esses estudos, principalmente acerca de novas fontes produzidas por e sobre mulheres e religião.

Através da religião as mulheres puderam trilhar diversos caminhos para uma atuação social, que eram validados pela autoridade religiosa, institucional, no caso das religiosas, ou simbólica, no caso das leigas². Investigando a agência feminina nas tradições islâmicas, a antropóloga Sabah Mahmood ressalta a problemática de pensar um conceito de agência que considere apenas ideais ocidentalizados de liberdade e autonomia, principalmente no que concerne à liberdade feminina, uma vez que

Esse modelo de agência limita a nossa capacidade para compreender e interrogar as vidas das mulheres cujo sentido de *self*, aspirações e projectos foram configurados no seio de tradições não liberais. De forma a poder analisar a participação das mulheres em movimentos religiosos [...], sugiro que pensemos na agência não como um sinónimo de resistência em relações de dominação, mas sim como uma capacidade para a ação criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas (Mahmood, 2019, p. 139).

O material escolhido para o mapeamento foram as revistas do acervo, mas vale mencionar que a biblioteca dispõe de uma vasta e diversa gama de materiais. Revistas são uma vitrine, um indicativo de

¹ Aqui referencio os estudos de Rosado Nunes (2001), Orlando (2017) e Magaldi (2008).

² Mahmood (2019).

peças que possuem alguma afinidade e, por mais diversa que elas possam parecer, ainda há um certo alinhamento de pensamento ou sensibilidades ideológicas³.

Em sua pesquisa sobre circulação dos periódicos religiosos, Martins aponta que: “Valendo-se de significativos recursos materiais, com gráficas próprias, [...] e contando com subsídios vários, as revistas de cunho religioso alastraram-se, não raro qualificadas pela colaboração de talentosos articulistas e ilustradores do período” (Martins, 2003, p. 66).

As revistas materializam os diferentes projetos e agentes, quer estivessem envolvidos em disputas ou alinhados, e o resultado dessas movimentações incide diretamente na sociedade, seja pela própria cultura ou de forma moral. Esses alinhamentos ideológicos são possíveis de se perceber pelo/a historiador/a, não apenas na produção textual dos/as intelectuais, mas na atenção aos lugares de inserção, mobilização, interlocução ou disparidade ante outras figuras.

Desta forma, o apuramento desses elementos nos dá indícios sobre a serviço de qual ou quais causas e interesses estavam essas intelectuais. Sem desconsiderar o caráter polissêmico da categoria, aqui nos apoiamos em Sirinelli (2003), elencando duas formas de conceber a intelectual, sendo a primeira: “ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento” (Sirinelli, 2003. p. 242). Essas definições permitem um melhor delineamento de como ocorre a agência intelectual das religiosas, tanto dentro da Igreja como fora dela.

A escolha por mulheres católicas está relacionada à hipótese de que a relação de determinadas mulheres com a religião transpõe os limites da fé, e, ao longo da história, acabou se constituindo também como um lugar

³ Ver estudos de Sirinelli (2003).

de legitimação para se inserirem no campo da produção intelectual e cultural do país, fundamentalmente, para se inserirem na cena pública, atrelando assim a fé e a moral à sua configuração de autonomia.

Tratando-se de uma pesquisa com um grande volume de dados e que não objetiva aprofundar os títulos aqui catalogados, não analisamos de forma extensa os conteúdos abordados pelos artigos, a visão das editoras, das autoras, ou estudamos possíveis mudanças ideológicas das revistas ao longo dos anos. Nossa análise e reflexões são um esforço primeiro, uma vez que até a publicação da pesquisa, ainda não havia mapeamentos na biblioteca em questão com este recorte.

Durante o processo do mapeamento foi possível traçar um mapa de temas, através dos títulos dos artigos, captando certos discursos, perfis e posicionamentos que discutiremos adiante e tendo como orientação metodológica a análise de conteúdo, tal como proposta por Laurence Bardin:

O interesse da análise de conteúdo não está "na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados [...] relativamente a "outras coisas". [...] A intenção da análise de conteúdo é a *inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)* (Bardin, 2011, p. 44).

A análise de conteúdo sobre as temáticas que as autoras escolhiam abordar nas revistas nos permitiu traçar um perfil parcial das fontes, além de descrevê-las. Todas as informações mapeadas foram checadas manualmente, muitas das revistas não apresentavam índices. Em algumas, os índices não continham a informação completa (ex.: só as iniciais do nome do autor). Sob esses limites e condições de possibilidade, conseguimos produzir os dados a seguir, sabendo que é possível, em condições de busca mais refinadas, que as informações sejam ampliadas.

A pluralidade temática, reflexiva e política encontrada nas revistas

Na pesquisa, localizamos seis revistas sobre as quais nos debruçamos mais detidamente: *A Ordem*, *Revista de Cultura Vozes*, *Grande Sinal (ex-Sponsa Christi)*, *Revista de Catequese*, *O Eco* e *Sponsa Christi*⁴. O Quadro 1 nos mostra as revistas, suas editoras, os anos analisados e seus respectivos locais de publicação:

Quadro 1 – Revistas Mapeadas

Revista	Nº de artigos mapeados	Nº aprox. de volumes checados	Anos mapeados	Editora	Local de publicação	Congregação
A Ordem	2	10	1935	Centro Dom Vital	Rio de Janeiro - RJ	Não possui
Revista de Cultura Vozes	8	20	1957; 1958	Vozes	Petrópolis - RJ	Franciscana
Grande Sinal (ex Sponsa Christi)	137	21	1968; 1969	Instituto Teológico Franciscano / Vozes	Petrópolis - RJ	Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil
Revista de Catequese	22	8	1977; 1978; 1979; 1980	Centro Universitário Salesiano de São Paulo	São Paulo - SP	Congregação Salesiana
O Eco	14	10	1945	Colégio Anchieta de Porto Alegre (Typografia)	Porto Alegre - RS	Companhia de Jesus
Sponsa Christi	98	40	1947; 1948; 1949; 1950; 1951	Instituto Teológico Franciscano /Vozes	Petrópolis - RJ	Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil

Fonte: Elaborado por Santos, 2021.

⁴ Para a discussão proposta, se optou por discriminar a *Sponsa Christi* da *Grande Sinal*, uma vez que ela não indica apenas uma mudança no nome, embora ainda seja a mesma revista.

Dentre as 285 publicações de autoria feminina localizadas⁵, encontramos relatos sobre trabalhos, eventos e projetos desenvolvidos no Paraná e em Curitiba, o que vai de encontro ao objetivo principal do projeto maior⁶ do qual esta pesquisa é parte.

O número de volumes disponíveis na Biblioteca dos Claretianos também foi um fator de influência, algumas revistas tinham poucos volumes no arquivo, enquanto outras tinham um volume maior. Além disso, por conta das limitações do percurso da pesquisa⁷, não foi possível catalogar a totalidade disponível de revistas e exemplares localizados, embora sejam fontes importantes para complementar nosso trabalho no futuro.

A seguir, apresentaremos gráficos das respectivas revistas contendo o percentual de temas abordados em cada uma, a fim de termos uma amostra mais nítida do que os impressos tratavam. Categorizamos 18 temas que aparecem de modo mais recorrente nos diferentes impressos, os resultados de revistas com amostragem pequena serão expostos em quadros.

A revista *A Ordem* surgiu em 1921, editada e publicada mensalmente pelo Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro. Conhecida pelo seu objetivo de pôr em cena uma elite intelectual católica, principalmente na década de 1930, e por ter Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima) em sua direção, após a morte de Jackson de Figueiredo fundador da revista. Todos os autores e autoras consultados⁸ indicam um forte apelo

⁵ Todas as publicações mapeadas estão disponíveis no relatório que originou este artigo, publicado no SEMIC 2021 pela PUCPR (Santos, 2021).

⁶ Projeto: 'Intelectuais católicas na cena pública paranaense: caminhos de legitimação e modos fazer da condição feminina (1920-1980)', coordenado pela professora Dr^a Evelyn Orlando, e financiado pela Fundação Araucária.

⁷ Nosso trabalho foi afetado pelo período da pandemia de COVID-19.

⁸ Para mais informações acerca do envolvimento político dessa revista no cenário nacional, bem como em diferentes campos de poder – o educacional incluso – ver: Rodrigues (2005).

anticomunista na revista, além de possuir uma estreita relação com o governo, principalmente de 1930 em diante, como um propagador das ideias nacionalistas e formadoras de uma identidade nacional e católica, que era o projeto de nação da época Vargasista (Magaldi, 2008; 2017).

A seguir, podemos visualizar o balanço temático da revista, dentro de uma amostragem de dois artigos do exemplar ano XV, n. 59, jan. 1935. O primeiro artigo, “*Como pôde a Sociologia concorrer para a reforma cristã da sociedade*”, de Maria de Lourdes Gomes (tema: variados), e o artigo sobre a biografia de *Eugénie de Guérin*, por Leontina Licino Cardoso (se escreve ‘Licínio’). Não encontramos resultados em nossa pesquisa sobre a autora Maria de Lourdes Gomes.

A aparição de Leontina Licínio Cardoso (1887-1961) com a publicação da biografia sobre a escritora francesa Eugénie de Guérin (1805-1848) é interessante, pois a presença de uma personagem progressista dentro de um veículo conservador como *A Ordem* não é usual. Diplomata brasileira, Leontina teve uma vida pública ativa, participou de eventos como a VIII Assembleia da Comissão Interamericana de Mulheres, a qual apresentava propostas de reformas para os direitos civis das mulheres casadas. Dentro de seu trabalho como escritora, ela publicou biografias, traduções, poesias e obras sobre mulheres religiosas, como o livro *Alma*, de 1934.

Tal publicação na revista é singular, pois, quando as mulheres começaram a ganhar espaço no veículo, suas publicações ainda tinham caráter prescritivo sobre como uma mulher católica deveria se portar e outras diretivas da moral feminina cristã de submissão. Numa análise de publicações da revista da década de 1930 sobre a presença feminina: “[...] as autoras mostravam ser necessário negociar com esse cenário de modernidade, não sendo possível deixar de levar em consideração a

realidade que o tempo impunha à sociedade e, em especial, às mulheres (Magaldi, 2008. p. 90)”.

A presença de uma mulher de viés um tanto progressista em uma revista conservadora também pode ser um indício das diferentes estratégias utilizadas pelas intelectuais para circular suas ideias em círculos não-restritos. Orlando dá suporte à elaboração dessa ideia em sua pesquisa sobre o intelectual Negromonte:

Entender a figura do padre Álvaro Negromonte como uma voz conservadora ou revolucionária seria incorrer em dois grandes equívocos. A chave do seu sucesso, e de todo o respeito e autoridade que adquiriu ao longo da sua carreira eclesiástica, consiste, exatamente, no fato dele conseguir sintetizar, na sua pessoa, a tradição e a inovação em uma medida exata e investir no seu capital social com muita propriedade (Orlando, 2008, p. 41).

Nossa amostragem, portanto, vai ao encontro de outros resultados de pesquisas sobre o periódico, os quais apontam a escassa presença de mulheres na revista (Magaldi, 2008, p. 82). Em uma época importante de conquista de direitos às mulheres, graças às reivindicações feministas principalmente, a revista *A Ordem* ainda tinha uma resistência conservadora, mas que durante os anos precisou se adaptar por conta da eminente modernização da sociedade, com novas demandas e novas ideias, ainda que mantendo o cunho conservador de suas publicações.

A revista *Vozes – Revista Católica de Cultura*, publicada pela Editora Vozes em Petrópolis – RJ de 1907 a 2003, em 10 números anuais, começou gerida pela Ordem dos Frades Menores, cabendo frisar que os franciscanos sempre tiveram uma relação estreita com a educação. Com um tom destacadamente mais progressista que a revista anterior, a revista *Vozes* discutia sobre literatura, artes, religião, cultura e sociedade, valendo ressaltar o importante posicionamento da revista no contexto do Regime Militar no Brasil:

[...] a revista traz em seus artigos uma certa persistência em criticar e condenar certos atos constantes dentro do regime militar, como a censura, a perseguição aqueles que se manifestavam contra o regime, ou ainda, a imposição do AI 5. Esse tipo de posição da revista pode ser considerado bastante audacioso, tendo-se em vista as tensões consequentes desse ato na época (Sprícigo, 1998. p. 47).

Principalmente a partir da década de 1960, a *Vozes* passou a ter um alinhamento à Teologia da Libertação, com seu ideal de aproximação da classe popular, seguindo a mesma direção dos movimentos de renovação da Igreja (Andreo, 2015). Quanto à presença de mulheres na revista, a autora Paula M. de Assis (2008) traçou em sua pesquisa um quadro com os principais colaboradores da *Vozes* no período entre 1946 a 1966, e dos 53 integrantes que aparecem, todos são intelectuais homens.

Em nosso mapeamento, os oito artigos encontrados são apreciações, cujas edições datam de 1957 e 1958. Tal categoria refere-se à escrita de críticas, resenhas e apreciações de obras, seção, aliás, encontrada em grande parte das demais revistas. Das apreciações encontradas, sete são de Maristela Campos Barreto, e uma da Irmã Rosalva Motter.

Não localizamos informações sobre Maristela C. Barreto, contudo, encontramos um documento oficial da Prefeitura Municipal de Bauru (SP) (Lei nº 7153 PL 216/18), o qual expõe que a Ir. Rosalva, então diretora da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus, cedeu uma classe no laboratório da Faculdade, na qual essa APAE completou 50 anos de existência em 2015 (Cinthia Milanez, 2015).

Destaco as apreciações das obras ‘A Favor ou Contra a Educação Nova, por Suzanne Marie Durand (1956)’, feita por Maristela Campos Barreto; e ‘Educação e Personalidade, por Zavalloni (Frei Roberto) (1956)’, de Ir. Rosalva, ambas publicadas em 1956. Podemos inferir através do tema e dos posicionamentos que vimos da revista que

frequentemente entrava em disputas com intelectuais escolanovistas, que muito provavelmente essas apreciações também eram contra o movimento iniciado pelos Pioneiros da Educação:

[...] O nome de Anísio Teixeira é o alvo constante de ataques dos colaboradores da Revista. Depois da proposta do Ministro Clemente Mariani, Anísio Teixeira é sem sombra de dúvida o mais citado. [...] ou por suas declarações públicas em jornais e revistas, ou simplesmente por suas linhas filosóficas, em especial o pragmatismo defendido por Dewey (Assis, 2008, p. 65).

Apesar de muitos católicos aderirem o que na historiografia educacional ficou conhecido como escolanovismo católico⁹, as disputas com as propostas encampadas pelos “pioneiros” apareciam muito difusas. Ganhava relevo a defesa para que o estado ofertasse vagas em escolas privadas, para a liberdade de escolha da família. A historiadora deixa claro que

as opiniões expressas nas páginas da Revista Vozes não fogem do que os editores também pensavam. Todos os artigos publicados receberam a autorização dos redatores e principalmente do seu Editor Chefe, Frei Aurélio Stulzer (Assis, 2008, p. 79).

Vemos, portanto, que não era só porque as mulheres não ocupavam cátedras de colaboradoras oficiais que elas deixavam de cumprir a importante função de serem censoras, uma vez que através das apreciações elas podiam escolher o que deveria ser lido, recomendado e aceito, poderiam escolher o que consideravam moralmente bom ou pernicioso.

O Eco: a Revista para a Juventude Brasileira, editada pelo Colégio Anchieta, pela editora *Typographia do Centro*, de Porto Alegre. Iniciada

⁹ Escolanovismo católico: conceito de Marta Carvalho que Magaldi (2017) expõe como: “as preposições da Escola Nova eram reconfiguradas à luz do receituário definido pela hierarquia da Igreja e disseminadas pelos diferentes agentes educacionais mobilizados pelo movimento católico. [...] (p. 32)”.

em 1913 pelos jesuítas (Pereira, 2011 p. 7717), o diretor e gerente era o Pe. Luís Gonzaga Jaeger, S.J. Voltada aos estudantes privados da instituição, a revista contava com seções de literatura, exercícios matemáticos, palavras-cruzadas, humor, charadas, promovia concursos de redação para os estudantes, conselhos aos leitores escreventes, entrevistas, e até artigos de opinião sobre o contexto nacional e internacional.

Além dos valores católicos, a revista promovia um espírito patriota e anticomunista, como podemos ver neste excerto em plena II Guerra Mundial: “Chegamos a um ponto que exige falar claramente: escolher a verdade ou o erro, ou a solução cristã ou a solução comunista. Não há meio termo” (O Eco, 15 VIII, 1945. p. 3).

Na observação dos dez exemplares d'*O Eco*, apesar dos vários textos de temática política encontrados, a não ser uma entrevista, todas as publicações de autoria feminina eram de cunho literário, na contramão do conteúdo político, por assim dizer. Uma autora predominante na amostra, com publicações de contos e leituras literárias, é Dalila P. Ruschel, assinando sete das quatorze publicações. Buscando sobre a autora, não localizamos mais informações, a não ser a de que ela é (ou foi) uma escritora de Literatura.

Os textos literários encontrados na revista eram sobre santas e temas positivos, como amizade, felicidade e superação de desafios. Mesmo não sendo uma inserção explicitamente política, consideramos que tais publicações são uma conquista de um espaço que, em 1945, ainda não estava dado para uma mulher. Tal posicionamento aparentemente não político pode ser também político, uma vez que representa uma visão do que era considerado apropriado para as mulheres transitarem. Contudo, uma leitura mais minuciosa a partir do periódico demandaria um investimento de pesquisa que foge ao escopo deste trabalho, ficando aqui a sugestão para pesquisas futuras.

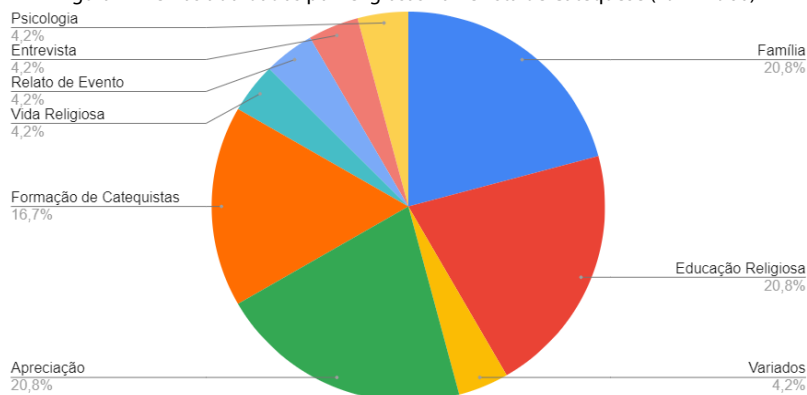
A *Revista de Catequese*, publicada pela Editora Dom Bosco (Salesianos – São Paulo), fundada em 1977 e publicada semestralmente, traz fundamentações teológicas, implicações sobre pastorais, catequeses, notícias de cursos, conferências, encontros¹⁰, opiniões de leitores, metodologias pedagógicas, catequéticas e apreciações de livros. Esta foi a única revista de que completamos o mapeamento dos volumes disponíveis no arquivo. Não localizamos estudos acadêmicos ou literatura sobre o impresso, portanto, nos apoiaremos em outras autoras que trabalharam com análise de obras catequéticas.

As autoras que mais escrevem para a revista, dentro do recorte analisado, são: Elizabeth Moreaux (escrevendo 5 apreciações, todas no ano de 1977) e Isabel Fontes Leal Ferreira. Em nossa busca pela biografia das autoras da revista – além das citadas, descobrimos que elas são intelectuais acadêmicas, geralmente da área Educação, ou Teologia, mas também de ocupam outras áreas, além de estarem na coordenação ou assessoria de importantes projetos e organizações, como a irmã Lia Francener, que trabalhou na base educativa de movimentos populares no Sul.

A seguir, um gráfico que mostra os temas abordados por religiosas da *Revista de Catequese*:

¹⁰ Estas três últimas na categoria *relato de evento*.

Figura 1 - Temas abordados por religiosas na Revista de Catequese (1977-1980)



Fonte: Elaborado por Santos, 2021.

A partir do gráfico, vemos que os temas *educação religiosa*, *família* e *apreciação* são os mais predominantes, com 5 publicações cada, do total dos 22 artigos localizados. *Educação religiosa* concentra textos que versam sobre educação para a espiritualidade, questões religiosas e afins; a exemplo, o artigo de título: *Formação Religiosa das Crianças*, de Lydia das Dores Defilipo (Revista de Catequese, ex. 1 v.1, n. 1-4 1977-1978).

Na leitura que tivemos da *Revista de Catequese*, que é alinhada com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, notamos que ela é voltada para uma instrução mais formalizada, de segmento universitário, fundamentada na educação religiosa e em suas vertentes educacionais, tanto para a formação de catequistas e demais religiosos/as, além de considerar também a família como educadora primordial¹¹.

O quadro temático que a *Revista de Catequese* nos apresenta faz perceber sua preocupação em investir numa sólida formação católica

¹¹ A ver artigos como: *Uma Reunião com os Pais na Preparação da Primeira Comunhão dos Filhos* (Castanheira, 1979 p. 65); *Deus "Menino" na psicologia infantil* (Dinanni, 1980 p. 34) e *Equipe de Catequese*, das Edições Paulinas - Cadernos "Mundo Jovem" - 1973 (Moreaux, 1973 p. 118).

educativa e informação aos discentes, estejam estes no espaço público ou privado que a Igreja alcança.

A revista *Sponsa Christi*, segunda com maior volume de artigos escritos por mulheres (98 publicações), teve como redator (nas edições de 1947), o Frei Thomaz Borgmeier, O. F. M., e como diretor responsável o Frei João de Castro Abreu Magalhães. A revista se destaca por ser uma revista criada por e para religiosas, como ela mesma se define desde o princípio. Havia também muitos homens envolvidos na produção da revista, mas ela defendia editorialmente em suas páginas a ideia do protagonismo religioso feminino.

Cada edição continha, em média, 48 páginas que versavam sobre espiritualidade, vida religiosa, traziam artigos traduzidos, relatos de projetos nacionais e internacionais, apreciações de livros, artigos-debates, poesias, entrevistas, biografias, recados gerais e espaço de *cartas pedagógicas* para a leitora. Havia também uma sessão intitulada “consultas”, na qual eram dadas respostas para perguntas sobre a vida da mulher religiosa, seus deveres, direito canônicos, conselhos, afazeres, consentimentos, ações, e outras questões que freiras e demais católicas traziam. Apesar de não haver uma restrição explícita, localizamos apenas mulheres religiosas escreviam pedindo conselhos a esta seção específica.

Embora nossa amostragem da revista traga a maioria de seus artigos escritos por homens, tais artigos apresentam a vida de freiras, pedagogas e católicas importantes, juntamente, o interlocutor previsto no texto é sempre a leitora religiosa¹².

¹² Orlando (2021; 2017) buscou apurar a importância da demarcação do artigo feminino ao se referir “aos” intelectuais, problematizando a própria construção da Língua Portuguesa que privilegia artigos masculinos, até quando o público é totalmente ou majoritariamente feminino.

A demarcação de artigo ‘a intelectual’, ou ‘a religiosa’ tem relevância, uma vez que o protagonismo feminino esteve, em sua maioria, nos bastidores do campo, e agora, demonstra e esclarece ao interlocutor uma reivindicação de espaço, estendendo a pluralidade dos quadros que forjam essa história (Orlando, 2021, p. 49; Rosado Nunes, 2004, p. 573).

Abaixo, o segundo gráfico, que mostra a relação de temas mais abordados pela revista:



Fonte: Elaborado por Santos, 2021.

Dentre os temas de destaque, temos: biografia (29,9%); espiritualidade (11,2%); vida religiosa feminina (10,3%) e relato de evento (9,3%). A próxima análise discorre sobre os temas biográficos, os da vida religiosa feminina e sobre educação. Por serem muito amplos, temas como *variados* e *espiritualidade* foram suprimidos da discussão.

Biografias envolvem uma escolha não aleatória de narrar a trajetória de alguém. A biógrafa, ou quem se propõe ao ofício, se posiciona para dar formato à história, e às lentes trarão o biografado à tona. Toda produção biográfica agrega na identidade do autor, através

da alteridade com a pessoa biografada, assim como elucida as representações acerca deste e de seu contexto (Veras, 2017).

Dentre as que mapeamos, as biografias publicadas na *Sponsa Christi* abordam histórias de religiosas, internacionais ou não, de diferentes períodos históricos, são também grandiosas, como a de católicas fundadoras de conventos, que fizeram importantes trabalhos na vida religiosa, ou que foram santificadas. Há também biografias de instituições, como conventos e ordens de freiras. Essa informação demonstra uma seleção em resgatar a história de outras mulheres para um público maior, um resgate estratégico a fim de elucidar o que a importância desse passado representa.

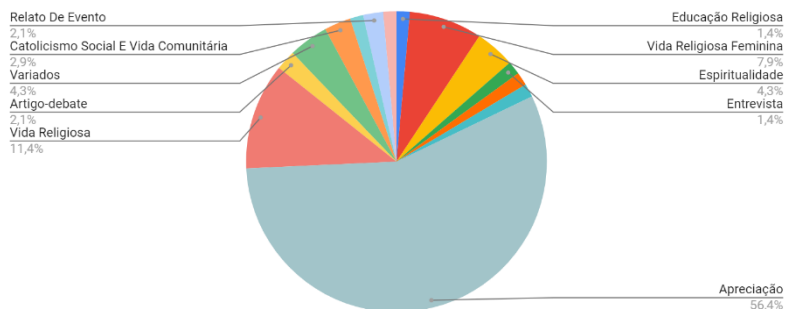
Pesquisadoras como Orlando (2017), Rosado Nunes (2001; 2004) e Liz (2019) apontam que as católicas possuem um *modus operandi* no qual a ação predomina sobre o verbo. Em depoimento para uma pesquisa, a missionária Maria Valéria Rezende expõe:

Porque tem uns padres, uns bispos, que ficaram famosos como os animadores das comunidades de base, da pastoral popular... e desculpe, mas eles nunca ficaram ali no todo dia fazendo comunidade de base, sabe? [...] Quem fez isso foram as freiras de todas as congregações, quase todas as congregações ativas (Rezende, 2018 *apud* LIZ, 2019 p. 347).

Em 1967, a revista muda o nome para *Grande Sinal*, atualizando seu formato e seções, mas mantendo a produção de e para religiosas. Além de contar sempre com 16 colegiadas em média, a revista trazia artigos de freiras e leigas de vários lugares do país¹³. A *Grande Sinal* também contava com leitoras internacionais, moçambicanas, latino-americanas, norte-americanas e europeias, informação obtida ao verificar a sessão de cartas de leitoras.

¹³ Ressaltamos ainda os trabalhos encontrados envolvendo traduções que essas autoras publicavam na revista.

Figura 3 - Temas abordados por religiosas na Revista Grande Sinal (1968-1969)



Fonte: Elaborado por Santos, 2021.

A partir do gráfico, podemos ver que os temas mais abordados são *apreciação* (56,4%), com 79 artigos; *vida religiosa*, com 16 artigos; e *vida religiosa feminina* (11 artigos), cujas publicações falam especificamente sobre trabalhos de católicas, depoimentos femininos e panoramas sobre como anda a vida religiosa feminina no Brasil. Por “Vida Religiosa” e “Vida Religiosa Feminina”, compreendemos aqui como uma vivência organizada e vinculada à Igreja (Cecatto, 2020, p. 21).

Ao verificarmos de perto os temas sobre Vida Religiosa Feminina (VRF), vida religiosa (VR) e apreciações, encontramos questões sobre a vida comunitária, despertar de senso moral e também uma preocupação sobre a reinserção e defasagem na vida religiosa feminina, a exemplo os artigos: *Religiosa-Sinal: Reflexões e Depoimentos de Religiosas*¹⁴, *Protestantismo e Imperialismo na América Latina*, por Waldo César et al. (apreciação de obra, por Irmã Cristiana Letícia, Religiosa da Ordem de São Bento)¹⁵ e *Como você vê a VR Feminina no Brasil*¹⁶.

¹⁴ Por: Ir. Catarina Nourry; Ir. Sílvia Villac; Ir. Cristiana Letícia. Revista Grande Sinal, ano 1, n. 1 jan-fev 1968, p. 54.

¹⁵ Revista Grande Sinal, ano 1, n. 7 set 1968, p. 556.

¹⁶ Por: Irmãs Lia, Olívia e Áquila. Revista Grande Sinal, ano 23, n. 2, mar 1969, p. 106.

A revista *Grande Sinal* demonstrava uma atenção especial às mudanças que aconteciam nessa metade do século XX, dentro da sociedade e da Igreja. Como vimos anteriormente, a década 1960 desponta com o Concílio II do Vaticano em 1961, é atravessada pelas Reuniões de Medellín (1968) e Puebla, essa já em 1979, junto com a própria e progressiva renovação religiosa, com novos anseios e embates contra regimes autoritários, um cenário onde a Igreja precisava se posicionar de algum modo, por demandas internas e sociais.

As escritoras da *Grande Sinal* acompanhavam essas mudanças e anseios de sua década de perto, se inserindo em eventos, discussões, trazendo reflexões, acréscimos e presença para esta realidade latente, dentro e fora dos conventos.

Ao mesmo tempo que muitos artigos também criticavam uma certa reprodução de práticas europeias que observavam estar acontecendo em nosso contexto de “Terceiro Mundo” (Cecatto, 2020). Em suma, a revista não tinha medo de debater as inseguranças, reflexões e angústias que pairavam sobre a vida religiosa naquele momento. Com frequência, ela apresentava depoimentos e reflexões de religiosas, demonstrando ser um espaço de abertura para debater tais problemáticas.

Desde a *Sponsa Christi*, até sua mudança para *Grande Sinal*, é possível acompanhar o incentivo desta revista para que as religiosas se inserissem e se posicionassem nas discussões de sua época que eram pertinentes a seu contexto. Acima de tudo, buscavam com que as religiosas engajassem nos estudos teóricos, não priorizando apenas a vida prática – hábito que, por conta da própria hierarquia eclesial, era por muito relegado às freiras.

Ainda que dentro de um bloco visivelmente progressista, podemos perceber que a *Grande Sinal* permitia publicações de posicionamentos diversos, visto que autoras de várias congregações dos diferentes

estados brasileiros, e até contribuições internacionais, encontravam um espaço para divulgar suas ideias e encontrar interlocutoras.

Considerações Finais

Apesar de termos encontrado apenas dois artigos que se relacionam com a história curitibana, o mapeamento nos trouxe o conhecimento de parte de um espectro de organizações intelectuais femininas – sejam elas singulares, ou em grupos, de diferentes posicionamentos, motivações, itinerários e redes, que tiveram parte na organização política e educacional do nosso país, cujos impactos mesmo não evidentes de pronto, têm sido cada vez mais desvelados por novas pesquisas.

Como objetos de um campo historiográfico em construção, essas intelectuais, de diferentes lugares do país, têm sua expressão estruturada por sua participação ativa, tanto teórica quanto prática, em lugares que não eram espaços fáceis de situar agência, mas que através da narrativa, encontraram um meio de operar nos campos religioso e educacional.

Há também a atenção desses sujeitos em ocupar diferentes lugares, seja em trabalhos de base nas comunidades e apostolados, na vida como missionárias, pastorais, passando pela educação informal das famílias, e pela educação formal nos meios escolares, para além do lugar de docência, e dentro das instituições, buscando guiar demais mulheres para o caminho da vida religiosa no meio teórico e prático.

Existe também um esforço intelectual de extrapolar a barreira linguística, por meio da publicação de traduções e conexões internacionais, junto com a preocupação delas em discutir o papel social das mulheres na sociedade e na Igreja, principalmente das últimas revistas, *Sponsa Christi* e *Grande sinal*, que foram as únicas revistas localizadas neste acervo que se propunham a discutir o tema.

O fato de não encontrarmos exposições ou informações das obras de autoria feminina no museu anexado à Biblioteca, um espaço legitimador da memória, mostra uma certa incoerência e talvez uma parcialidade com o passado católico, o que nos leva a pensar na importância da continuação do trabalho de promover espaços dentro da historiografia que busquem identificar e melhor compreender a participação dessas mulheres no campo da produção intelectual do Brasil.

A coordenação católica feminina dos projetos das revistas, portanto, tem sua relevância exibida aqui, principalmente por sua incidência direta e indireta nas questões educacionais e políticas hoje, para além do ensino religioso ou confessional. Muitas das autoras eram professoras e pedagogas, e criaram para si a autonomia e condição necessárias para pautar tais questões (nacional e internacional), criando ferramentas para transpassar as barreiras impostas pela desigualdade de gênero, tanto dentro da Igreja, como fora dela.

Referências

- ASSIS, Paula Maria de. **A Concepção de Educação na Revista Vozes durante os debates da LDB (1956-1965): o período do Frei Aurélio Stulzer**. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 281 p. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro.
- CECATTO, ADRIANO. Narrativas e representações da vida religiosa feminina no Brasil (1969-1974). **Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF** – ISSN 1677-1001. v. 19, n. 1, p. 164-184, Jan/abril, 2020. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/10945> Acesso em: 14 mai. 2021.

- CINTHIA MILANEZ (Bauru - SP). **Há meio século em defesa da inclusão**. 2015. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/geral/2015/01/429358-ha-meio-seculo-em-defesa-da-inclusao.html>. Acesso em: 04 jul. 2021.
- LIZ, Isa Maria Moreira. Freiras na luta contra a Ditadura no Brasil. In: WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de. (Orgs.). **Mulheres de Luta: feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**, 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019. p. 347-361.
- MAGALDI, Ana Maria B. Vozes Católicas: um estudo sobre a presença feminina no periódico A Ordem (anos 1930-40). Yolanda Lôbo, Lia Faria (orgs.) **Vozes femininas do Império e da República**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.
- MAGALDI, Ana Maria B. Em nome da família: imprensa católica e debates educacionais brasileiros (anos 1930 e 1950/60). In: ORLANDO, Evelyn de A. (org.). **Histórias da Educação Católica no Brasil e em Portugal**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2017 p. 25-48.
- MAHMOOD, Sabah. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Revista Etnográfica**, vol. 23 (1), fevereiro de 2019, p. 135-175. Acesso em: 10/02/2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/6431>.
- MARTINS, Ana Luísa. Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras. **Revista História**, São Paulo, 22, v. 1, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742003000100003> Acesso em: 13 jan. 2021.
- ORLANDO, E. A. “A Bandeira e a Cruz”: caminhos da trajetória intelectual da educadora Maria Junqueira Schmidt. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 33, n. 65, p. 103-118, jul./set. 2017.
- ORLANDO, E. A. Maria Junqueira Schmidt e os caminhos de uma trajetória intelectual pela palavra impressa. In: ORLANDO, Evelyn de A. (org.). **Histórias da Educação Católica no Brasil e em Portugal**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2017 p. 119 - 140.
- ORLANDO, E. A. **Por uma civilização cristã: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937 – 1965)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2008.

- ORLANDO, E. A. Mulheres Intelectuais: onde elas estão em nossa História? In: ORLANDO; MESQUIDA (Orgs.). **Intelectuais e Educação: contribuições teóricas à História da Educação**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, p. 43-60.
- PAULA, Karolyne Amancio de; ORLANDO, Evelyn de Almeida. A revista Família Cristã e o potencial educativo pela imprensa. **Revista MÉTIS: história e cultura**, v. 18 n.36, p. 140-158, 2019.
- PEREIRA, Heloísa Helena Daldin. Periódicos escolares católicos e educação feminina. **X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011.
- RODRIGUES, Cândido Moreira. **A ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934 – 1945)**. Belo Horizonte: Autêntica/Fapesp, 2005.
- SANTOS, Luana C. dos. **Educação, religião e gênero: um olhar para a autoria feminina na Biblioteca dos Claretianos em Curitiba**. (Relatório Pesquisa de Iniciação Científica). Curitiba: PUCPR, 2020.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma História política**. Rio de Janeiro: Ed. Rio de Janeiro – FGV, 2003. p. 231-270.
- SPRÍCIGO, Sandra Helena. Uma apresentação da Revista de Cultura Vozes. **Boletim de Pesquisa NELIC**, v. 2, n. 3 – Leituras do periodismo cultural, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/%25x> Acesso em: 11/02/2021.
- TORTELLI, E., & ORLANDO, E. (2020). A Liga das Senhoras Católicas de Curitiba: representações a partir da imprensa periódica (1953 – 1960). **Revista Notandum**, (53), 129-151. <https://doi.org/10.4025/notandum.vi53.52046> Acesso em: 20/01/2021.
- VERAS, Loyde Anne Carneiro Silva. **Memórias da Terra de Beulá: a construção de uma vida e produção de um lugar nas autobiografias de Eva Mills**. 2017. 117 f. Dissertação - Curso de Pedagogia, Pontifícia Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/341382> Acesso em: 20/01/2021.

12

HISTÓRIA DE MULHERES IMIGRANTES HAITIANAS NO BRASIL

Neli de Lemos

Introdução

Este capítulo tem como objetivo trazer ao leitor alguns aspectos do processo de imigração haitiana em Joinville, com foco privilegiado para as mulheres migrantes. Compreender o processo de acolhimento e integração dos imigrantes no município de Joinville que é uma cidade localizada no norte catarinense. A religião católica e a presença das mulheres foram essenciais para a mediação entre os imigrantes.

A imigração haitiana tem uma historicidade própria e ocorre cotidianamente na vida dos haitianos. Conforme Pimentel, essa prática já levou milhões de pessoas para outros países, especialmente aos Estados Unidos e à República Dominicana. Portanto, “migrar é uma atividade que é presente na vida dos haitianos há mais de cinquenta anos” (2015, p.182).

O Haiti tem um histórico de tragédias naturais, como o terremoto ocorrido no ano de 2010, o qual deixou milhares de pessoas mortas e milhões de pessoas desabrigadas, resultando migração massiva para outros países em busca de um lugar seguro e novas oportunidades (Stevens, 2010). O terremoto afetou também a infraestrutura do país e ainda no mesmo ano o país passou por um surto de cólera, novamente 8.000 mil pessoas morreram. No ano de 2012 dois furacões *Isaac* e *Sandy*, impactaram diretamente a produção agrícola do país, conforme relatório do Ministério do Trabalho e emprego (Brasil, 2016), forçando mais uma vez as pessoas a migrarem em busca de alimentação e trabalho.

Já o Brasil tem um histórico, desde a colonização, de receber imigrantes de várias etnias. Muitos colonizadores que encontraram um território habitado por indígenas de diferentes etnias quando aqui chegaram. Este histórico do país contribuiu para a formação cultural, educacional e religiosa do povo, também ocasionando a mobilidade dentro do país e da vinda de novas etnias até os dias atuais. Para Becker,

[...] na sociedade capitalista, a mobilidade representa um meio para a reprodução do capital, uma vez que uma força de trabalho “livre” e “móvel” torna-se essencial para o processo de acumulação (1997 *apud* Ghizzo, 2008, p. 101).

Destarte, apoiados em Bourdieu (2005), podemos alargar o conceito de capital e considerar nessa direção a busca por melhores empregos e salários, mas também a aquisição de novos conhecimentos pelo contato com uma nova cultura, aprendizado de outras línguas, uma rede de relacionamentos mais ampliada, dentre outros aspectos que levam o indivíduo a migrar para outros lugares na busca de novas oportunidades.

Utilizamos a memória como fonte principal da pesquisa realizada. Nela procuramos indícios dos fatos vividos pelo grupo que se constituiu como sujeitos de nossa pesquisa. Buscando nas entrevistas apreender suas percepções do Brasil, do acolhimento recebido e as influências na vida e adaptação na nova comunidade. Ao falarmos de comunidade buscamos aporte em Becker (2008),

Todos os grupos sociais criam regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas” (Becker, 2008, p. 15).

A autora destaca a figura do “outsider”, conforme Elias e Scotson (2000), ou seja, outsider é aquele que vive a marginalização e diz respeito

a uma posição social inferior ao grupo estabelecido em uma determinada sociedade. Este não participa do grupo já existente, não tem o mesmo status social e não conhece ou compartilha todos os códigos sociais.

Assim, ele não cria regras que podem não ser bem aceitas ou consideradas corretas pelos que já estão estabelecidos na comunidade. Então, não existe certo ou errado e, sim, regras que são criadas por determinado grupo que podem ou não ser vistas como corretas para quem está chegando, mas servirão de referências para suas condutas naquela comunidade. Compreendemos assim, que buscar através da metodologia oral a compreensão e a percepção do nosso objeto de pesquisa foi essencial para a realização do trabalho de campo.

Deste modo, não é possível falarmos em história oral se não considerarmos a importância da memória. Le Goff diz que a memória é “[...] a propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1990, p. 224).

A memória ora é individual ora é coletiva, sendo memória social, é possível trazer o que está guardado no indivíduo ou no grupo proporcionando que venha à tona o que pode estar escondido para a sociedade. Segundo Le Goff, “[...] o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento ora em transbordamento” (Le Goff, 1990, p. 225).

Quando a vida não te dá outra opção a não ser migrar

Em algumas situações não existe outra opção a não ser mudar de vida ou migrar para outro lugar. Foi o que aconteceu com as mulheres

entrevistadas e que, através do uso da memória, nos relataram em poucas palavras os momentos vividos, as experiências da viagem, os dramas familiares, a saudade - palavra que não existia até então -, porém, o sofrimento de perder seus familiares e amigos, as condições de vida em um país devastado por tragédias naturais, a falta de estrutura em vários setores no Haiti contribuíram para que essas mulheres decidissem recomeçar. Ao ouvirmos as vozes das mulheres haitianas, buscamos torná-las sujeitos de suas próprias histórias. Suas lembranças foram transformadas em fontes de pesquisa, a partir de suas narrativas.

Para Alberti, a “[...] história oral pode ser empregada em diversas disciplinas das ciências e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória etc.” (2005, p.18). Desta forma compreendemos a história oral como:

[...] o método oral produz fontes de consultas entrevistas para outros estudos [...] trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos etc. À luz de depoimentos de pessoas que deles participaram (Alberti, 2005, p.18).

A história oral contribuiu para a obtenção de uma análise coerente dos dados obtidos pela ótica do próprio sujeito. A memória não é e nunca será estanque, pois é passado, assim permite que os fatos sejam revisitados, reelaborados e reconstruídos como parte da história. Portanto, a história e a memória se justificam como parte do contexto uma da outra, pois necessitam da lembrança, seja ela registrada por documentos, recordações ou outros tipos de fontes referentes ao vivido.

“O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. O conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa” (Bloch, 2001, p. 75). O passado está registrado de alguma forma sejam através de fontes orais,

da memória, impressos entre outros. Mas, ele está em algum lugar aguardando para ser revisto, lido por outros olhos em outra época e a partir dele reformular conceitos, atitudes e decisões do presente, assim, contribuindo com a Ciência na compreensão dos conflitos sociais.

As histórias de vida estão diretamente relacionadas com as memórias das imigrantes haitianas. Não desconsideramos a “censura” realizada pelos maridos ou namorados no momento das entrevistas (a presença deles não estava prevista, porém, não tivemos outra alternativa a não ser permitir que ficassem, durante o tempo em que entrevistamos as mulheres). As imigrantes eram para serem entrevistadas com um questionário semiestruturado mas não foi possível, pois ela não tinham a compreensão de determinados termos que utilizamos como por exemplo “conhecimento da cultura local”, neste momento foi perceptível que não poderíamos utilizar um questionário com teor acadêmico. Para não perdermos a oportunidade da entrevista decidimos mudar o método pré-elaborado e deixar que as mulheres contassem suas histórias mais livremente, utilizando a memória como fonte. Vez ou outra introduzíamos palavras-chave que pudessem, de algum modo, nos dizer de seu entendimento desses termos e ao que eles remetiam, como por exemplo: cultura, educação, religião. Assim, realizamos, por agrupamento de palavras, registros para a análise.

A presença dos namorados e maridos no momento da entrevista nos gerou um certo sentimento de censura, o que ficou refletido na insegurança das mulheres em responder sobre determinados assuntos. Elas hesitavam, como se ficassem na dúvida do que poderiam falar, como falar, o que poderia comprometê-los, o que por sua vez também era revelador de uma situação vivida pelas imigrantes de medos e inseguranças. Isso provavelmente determinou o tom de suas falas e as próprias respostas, sempre dadas com muita polidez. Mesmo assim, as

histórias contadas por elas permitem ter uma visão dos sonhos, histórias de vida de um grupo que vive atualmente em uma comunidade brasileira, tão distante de seu país de origem. Conforme Guérios,

[...] Ao tomar por foco de estudo a trajetória de uma pessoa nos ambientes sociais de que participa, ao oferecer a oportunidade de questionar como cada sujeito vive ligado a redes de interdependência (Elias, 1994) que se estendem além de seu pertencimento social imediato, estes estudos deparam-se frontalmente com a questão da relação entre o individual e o social, entre o pequeno e o grande, entre a parte e o todo (Guérios, 2012, p.13).

As falas dessas mulheres nos deram indícios que nos permitiram avançar no sentido da compreensão, que traduzem aspectos de uma identidade forjada em um passado distante e um futuro que não se tem como determinar.

Cada uma delas, com suas memórias individuais, nos trouxe dados nos quais pudemos verificar a mesma vontade de estar no Haiti mesmo com todas as dificuldades que passaram. As lembranças da família, dos costumes, cultura se faz presente. De acordo com Bosi,

[...] cada memória individual é uma ponte de vista sobre memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. [...] é o encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado (Bosi, 1994, p.143).

Diante deste contexto para cada uma das mulheres ou de qualquer outro ser humano, o tempo é concedido a partir das lembranças que surgem dos fatos vividos. Para cada uma o Haiti está guardado como um bom lugar para viver, porém, buscam seguir pela afirmação de outros migrantes, que o Brasil é um lugar melhor para se reconstruírem. Para Bosi (1994), a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

É possível perceber o quanto a emoção que vem com as memórias faz com que o passado esteja presente no cotidiano. Amparados em Bosi, percebemos que: “Quanto mais o adulto está empenhado na vida prática, tanto mais aguda é a distinção que faz entre a fantasia e realidade, e tanto mais esta é valorizada em detrimento daquela” (1994, p. 58). Por outro lado, se o ser humano não estiver envolvido nas questões práticas da vida, a qual escolheu para ser sua nova realidade deixa ou abre brechas para que o passado volte através das lembranças e sonhos, fazendo com que seja criada uma memória pela fantasia.

Uma das entrevistadas nos relata que a sua vida era melhor no Haiti, pois lá ela podia estudar, não trabalhava, tinha a mãe que fazia tudo para ela. E aqui no Brasil ela não tem esse acolhimento. É uma mulher jovem, uma menina que tem muitos sonhos e veio em busca da realização deles em um país que é visto como acolhedor. Destarte, o amor pela família, a saudade, a falta da instituição escola (ela fala que estudava lá. Não entra em detalhes sobre o fato de estudar e nem o que estudava, mas percebe-se que para ela era importante). Aqui relata que está sozinha, não tem mãe, não tem o tio que, mesmo com problemas, para ela tem um significado, pois o fato de lembrar do tio é sinal que sente a falta. Claro que não tivemos acesso ao motivo dos problemas, não dá para saber se eram com ela e que tipo de problema era. Nem mesmo se era um tio que tinha problemas individuais e que ela poderia preocupar-se.

Durante a sua fala, em alguns momentos ficou imersa nas suas lembranças e era possível perceber que a sua memória a levou em cada lugar, momento que viveu no seu país de origem. Essa situação conseguimos perceber nas suas feições, gestos, pela voz ao colocar uma entonação diferente em determinado fato relatado. O corpo, os olhos e o semblante que acompanhavam as emoções. A entrevistada é tomada

pela emoção ao falar do pai (já falecido), esta emoção sentida pela saudade, pelo amor a traz de volta à realidade.

As imigrantes haitianas ao chegarem no Brasil vão construindo sua rede de amigos, geralmente entre o grupo da mesma etnia. Uma delas nos contou que ao chegar foi primeiro para a casa de amigos, onde permaneceu por cinco meses. Ela já é uma senhora, migrou sozinha deixando para trás a família, filhos e marido. Uma mulher comunicativa, extrovertida, protagonista por ter a coragem de fazer o processo de imigração sozinha e continuar sozinha na busca dos sonhos e objetivos. E, claro, um dos seus objetivos é trazer o marido e as filhas. No dia da entrevista estava muito feliz, pois uma de suas filhas chegaria no outro dia.

A condição de protagonista na história de mulheres é algo recente, mas vem avançando e marcando a presença feminina em diferentes espaços e tempos. Segundo Perrot,

[...] nas suas pesquisas a reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência de seus poderes (Perrot, 1998, p. 169-170).

O arranjo familiar para qualquer indivíduo é um enlace muito importante e para quem deixa seus familiares como as imigrantes não é diferente. No caso delas, a distância, a saudade e as lembranças que trazem na memória ora as confortam ora as fazem sofrer. Mas o que move essas mulheres é o fato de terem a oportunidade de recomeço, de poder proporcionar para os que ficaram uma vida melhor mesmo em um país tão devastado.

Ao abordarmos o tema Educação, elas contam que os haitianos têm facilidade em aprender. Um fato que relataram é que lá quando um

membro da família quer estudar, os demais pagam a escola para que possa estudar. No Haiti não existe educação pública, as escolas são privadas. Barbosa em seu texto relata que no tempo que viveu no Haiti observou “[...] a educação do país e seu enfoque ‘conteudista’, oferece, ao mesmo tempo, uma formação ampla, principalmente na área das linguagens” (Barbosa, 2015, p. 170). Com essa experiência vivida por Barbosa, é possível compreender a facilidade que os imigrantes haitianos têm para aprender novas idiomas.

No Brasil, a educação para os imigrantes haitianos e para os seus filhos é algo em formação. As escolas do Brasil não estão preparadas para receber alunos imigrantes. No ensino fundamental é latente que em pouco tempo a demanda de alunos imigrantes e os filhos dos imigrantes que já estão estabelecidos no Brasil, vão para começar a frequentar as instituições de ensino. Essas crianças provavelmente vão encontrar uma escola despreparada, como também podem vivenciar, ao longo de sua trajetória, questões de xenofobia, racismo e outros tipos de pré-conceitos existentes em nosso país e que o povo, as autoridades recusam-se a enxergar.

Mesmo não sabendo como será o futuro de seus filhos, os imigrantes pretendem continuar ensinando seus costumes, cultura e os idiomas que falam. Estes têm consciência de que seus filhos, ao ingressarem em uma escola brasileira, mesmo os nascidos no Haiti vão aprender muito mais sobre a cultura do Brasil, do que do Haiti e que cabe a eles passarem os costumes, hábitos e cultura para seus filhos.

Neste capítulo também vamos abordar sobre a religião dos imigrantes. Segundo Silva, religião pode se tornar, no cenário migratório, uma instância que organiza comportamentos e produz identidade. Independente da confissão religiosa, a igreja torna-se um importante espaço de socialização (*apud* Barbosa, 2015). Com os relatos

das mulheres imigrantes o que Barbosa nos traz é percebido. Quando abordamos o tema religião, elas nos contam que pertenciam a diferentes denominações religiosas e aqui no Brasil, permaneciam na Igreja Católica ou na Evangélica. Foi na Igreja que, muitas delas, encontraram o acolhimento e a socialização que necessitam. Vale destacar que, além das Igrejas, outras mulheres da comunidade buscam contribuir para seu acolhimento e socialização.

É notório que a Igreja contribui de modo mais preponderante para a inserção social e exerce a função como mediadora cultural e social, fazendo um elo na integração e acomodação dos grupos na comunidade onde estão. A igreja oferece conforto nos momentos de aflição e, em larga medida, os educa nos novos códigos culturais e sociais.

Na história, em diversas situações, a Igreja assumiu a missão de civilizar os povos. No processo de imigração haitiana em Joinville, ao acolher, a Igreja também está contribuindo com a inserção desse grupo na realidade brasileira em bases civilizatórias. Veiga (2008), baseada em Elias e Scotson, afirma que a modernidade impulsionou a construção social de padrões de comportamentos entre homens e mulheres, jovens e adultos, crianças, pobres e ricos. Atualmente, podemos ver como as mulheres participam da difusão desses padrões de comportamento seja pelas Igrejas, em projetos voluntários nas comunidades, nas escolas, elas contribuem não só com a construção social de padrões de comportamentos, ao qual Elias e Scotson se referem, como também com sua difusão.

Na comunidade onde os imigrantes estão inseridos, a religião perpassa os ambientes formais e não formais de educação, além de estar no ambiente familiar, no voluntariado realizado por mulheres protagonistas da comunidade que fazem o trabalho de acolhimento já há muito tempo. Essas mulheres vêm, ao longo dos anos, dedicando-se

às pessoas que se encontram em vulnerabilidade social ou que migraram de outros lugares, tanto de fora ou dentro do país. Existe uma educação não formal, a qual formou homens e mulheres da comunidade para que propagassem a fé católica e esta formação está presente indiretamente nas atividades desenvolvidas pelas mulheres acolhedoras da comunidade.

Muitas dessas mulheres participaram de movimentos sociais da Igreja Católica como as Comunidades Eclesiais de Base (Cebs). De acordo com Frei Betto (1985), essas comunidades eram consideradas eclesiais de base porque estavam congregadas na Igreja como núcleos básicos de comunidade de fé. E o fato de serem de base é por serem constituídas por pessoas sem formação que faziam parte da classe popular de formação, como: operários, trabalhadores dos setores de prestação de serviços, assalariados agrícolas etc. A formação religiosa, quando bem aplicada, tem resultados de longa duração. Conforme Barbosa (2007), essas comunidades foram parte de uma experiência pastoral nas décadas de 1970 e 1980, quando a Igreja abriu formação para os leigos da comunidade, dentro de uma estrutura rígida da Igreja Católica.

[...] só é possível através de uma mudança de lugar social. Passar do lugar social do opressor para o lugar social do oprimido. Vincular-se, efetivamente, à educação de base, não apenas através de visitas periódicas ou de tarefas assistencialistas, mas através de um compromisso efetivo com a própria caminhada do povo (Betto, 1985, p. 14).

O assistencialismo faz parte da proposta de formação cristã, mas para esse movimento era preciso ir além. Muitas mulheres leigas que atuam no acolhimento dos imigrantes em Joinville, ainda se movem pelo chamado das comunidades eclesiais de base e tomam para si, com um compromisso efetivo e engajado, o acompanhamento do imigrante em seu processo de acomodação. Mediado pelo laicato, a Igreja se coloca

como um elo entre os imigrantes e a comunidade. Para a mulheres da comunidade o que os imigrantes necessitam é de um acolhimento que os insira realmente na nova sociedade, dando oportunidade de trabalho e uma vida digna.

Quando perguntamos sobre a cultura, as lembranças remeteram aos pratos típicos de comida, festas populares. Mas a cultura também pode ser vista no afeto demonstrado, no amor e no carinho pelos familiares e pelo país que deixaram. “[...] a ideia de uma prática análoga à sua própria é, assim, familiar e estranha ao mesmo tempo. Seguindo essa atração, as ideias ou práticas das duas culturas passam a se parecer mais umas às outras” (Burke, 1937, p. 56).

Neste sentido, entendemos que as pessoas se sentem atraídas por outras culturas, conhecer outros costumes, outras formas de existir, mas também comparam e buscam semelhanças e diferenças em relação com suas próprias culturas. Essa atração em alguns momentos, no entanto, pode ir além da curiosidade e é comum, nesse encontro, a ocorrência de conflitos culturais.

Considerações Finais

As imigrantes haitianas abordadas nesta pesquisa vieram em busca de melhores condições de vida, algumas em busca mesmo de sobreviver. As mulheres imigrantes e seus companheiros vieram para o Brasil à procura de trabalho, este é um dos principais motivos pelo qual ocorreu a imigração.

As mulheres imigrantes encontram-se afastadas da sociedade, levam uma vida difícil, bem diferente da que tinham nos seus sonhos. Mulheres que trazem na sua essência o amor pela família, pelos filhos, pelo país que mesmo devastado por acontecimentos naturais para elas

ainda é o seu país e demonstram uma vontade de voltar para o Haiti. Os costumes e a cultura estão vivos dentro de cada uma delas. Ainda não abandonaram o sonho de um lugar para si e seus familiares, mas a verdade que encontraram é bem diferente dos sonhos e objetivos que planejaram ao deixar o país de origem.

Infelizmente, no Brasil, os imigrantes que conseguem trabalho são explorados, acabam trabalhando em um mesmo setor e os salários oferecidos são mais baixos do que os dos brasileiros. Os municípios não estão preparados para receber imigrantes. Falta infraestrutura adequada para a realização de acolhimento. Falta formação educacional para aprenderem o português e se inserirem no mercado de trabalho. As empresas também não estão preparadas para receber os imigrantes e isso dificulta a vida de muitos que acabam no trabalho informal, como camelôs no centro de Joinville. É nítido que esse tipo de trabalho informal é também um trabalho terceirizado. Esta terceirização não foi investigada neste trabalho, mas é notória nas ruas. A crise do Brasil na área política e financeira contribuiu para que os sonhos dos imigrantes ficassem ainda mais distantes. Por não conseguirem trabalho no município, veem-se obrigados a migrar para outros municípios na tentativa de recomeçar.

A educação formal ainda é uma incógnita para os filhos dos imigrantes tanto para os que migram do Haiti, como para os que estão nascendo aqui no Brasil. Essas crianças vão encontrar um país que infelizmente tem casos de xenofobia, racismo e tantos outros pré-conceitos existentes. Também vão encontrar escolas que não estão preparadas para recebê-los.

Nesse conturbado contexto, a Igreja Católica e algumas igrejas evangélicas vêm cumprindo o papel do Estado, por meio do laicato

feminino que se coloca no acolhimento desse grupo. A igreja é presente no processo de imigração atual, como foi em outras épocas.

Mediante suas memórias, as mulheres imigrantes contribuem para o não esquecimento, afirmando suas identidades culturais. Ao se inserirem em novos grupos, contribuem para que novas informações culturais circulem, o que contribui para as trocas culturais resultantes desse encontro.

A escrita dessa nova identidade cultural vai se forjando fortemente mediada pelas Igrejas. Quando as imigrantes procuram auxílio em uma igreja, em uma associação ou outros lugares, vão criando uma teia de relacionamentos interpessoais que contribuem para que sua acomodação no novo país não seja tão dolorosa. Nesta perspectiva criam-se oportunidades de uma vida melhor.

Compreender a presença das imigrantes haitianas em Joinville passa por uma leitura que entrecruza entre as esferas da educação e da religião nesse processo de acolhimento, acomodação, orientação para a vida no país. De um lado e de outro, a presença feminina se impõe nesse processo. Ter percebido, ainda que de modo muito lacunar, esses enfrentamentos a partir da perspectiva das mulheres nos auxiliou a compreender essa história de um ponto de vista mais alargado, colocando em cena também a perspectiva de um grupo geralmente silenciado em suas experiências e, por isso, negligenciado, em suas histórias, no caso, as mulheres.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. - 3. ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BARBOSA, Lorena Salete. **Imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul: uma etnografia de sua inserção no contexto sociocultural brasileiro**. 2015. 203 f. Dissertação

(Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em : Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Mario, Rio Grande do Sul, 2015.

BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitostipologias, contextos. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 319-367.

BECKER, Howard Gaul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Abril Cultural /Brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU. P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2005.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2000.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião**. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

GHIZZO, M. R.; ROCHA, Marcio Mendes. Contextualização dos Estudos de Mobilidade da População nas Ciências Humanas. **Espaço Plural**, v. 1, 2008, p. 101-110.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PERROT, Michele. **Minha história de mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

VEIGA, Cynthia Greive. FONSECA, Thaís Nivia de Lima. (org.) **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Fontes

BRASIL. Projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e

Diálogo Bilateral”. Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <<http://acesso.mte.gov.br/data/files/8A7C816A4AC03DE1014AE84BF2956CB6/Pesquisa%20do%20Projeto%20%E2%80%9CEstudos%20sobre%20a%20Migra%C3%A7%C3%A3o%20Haitiana%20ao%20Brasil%20e%20Di%C3%A1logo%20Bilateral%E2%80%9D.pdf>> Acesso em: 2 jul. 2016.

STEVENS, Libna. Haiti: 522 adventistas mortos, 55 igrejas destruídas. **O blog da esperança**. Vila Palmeira, 24 jan. 2010. Disponível em: <http://depcomvp1.blogspot.com.br/2010/01/haiti-522-adventistas-mortos-55-igrejas.html__> Acesso em: 26 abr. 2016.

“CHORA VIOLA”: TIÃO CARREIRO E PARDINHO E A PRÁTICA DE MEDIAÇÃO CULTURAL PELA MÚSICA¹

Lucas Fíngolo Claras

Introdução

Algumas experiências que temos ao longo de nossa trajetória, se não todas, são determinantes na condução de nossas pesquisas e, no caso desse trabalho, sua origem está nas minhas experiências de infância quando ouvia canções do gênero caipira², também chamado de “sertanejo raiz”, que de acordo com meus avós, falavam verdades sobre o mundo. Ainda que eu não tivesse noção para problematizar o impacto que aquelas letras tinham, sabia que elas tratavam de questões e de problemas da sociedade.

Dentre os artistas mais ouvidos, estava a dupla Tião Carreiro³ e Pardinho⁴, músicos que tiveram uma trajetória que, entre separações e retomadas, possibilitou a gravação de mais de 300 canções entre as décadas de 1950 e 1980, tendo lançado 16 discos de 78 rotações, 12 compactos e 41 álbuns, além de possuírem outros 22 álbuns póstumos. Dentre as músicas que fazem parte do repertório da dupla, há tanto

¹ Esse trabalho é um recorte da dissertação de Claras (2021), que além de investigar a ação de mediação cultural de Tião Carreiro e Pardinho, também propõe a análise da educação das sensibilidades do público da música caipira no contexto do êxodo migratório e da construção de uma identidade traduzida decorrente desse processo. A pesquisa contou com o financiamento da bolsa Capes-PROSUC.

² O gênero caipira compreende os diferentes ritmos musicais produzidos na região da cultura caipira, que se localiza entre o norte do Paraná, passando por São Paulo, interior do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e parte do Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Para compreender a formação histórica da cultura caipira ver Ribeiro (2015) e Candido (2010).

³ Tião Carreiro era o nome artístico de José Dias Nunes (1934-1993), natural de Montes Claros, atualmente Monte Azul, interior de Minas Gerais.

⁴ Pardinho foi o nome artístico escolhido por Antônio Henrique de Lima (1932-2001), nascido em São Carlos, interior de São Paulo.

aquelas que retratam casos de amor e histórias caipiras, como também as que falam de uma estrutura ideal de família, da situação econômica brasileira e de valores religiosos.

Com o tempo, fui refletindo sobre os problemas e realidades tratados nas letras das canções que ouvia, e algumas questões foram sendo postas, mas todas perpassavam a análise do papel de Tião Carreiro e Pardinho e a ação que eles desempenhavam como artistas da música sertaneja de matriz caipira. Nesse sentido, passei a questionar como a dupla, por meio de sua produção artística, desenvolveu uma ação de mediação cultural e se eles podem, portanto, ser identificados como mediadores culturais.

Para investigar as práticas desempenhadas pela dupla tomada como objeto, foi tomado como caminho teórico a História Intelectual e dos Intelectuais, e tendo como princípio a História Cultural (Chartier, 1988), mobilizamos a noção de intelectual proposta por Sirinelli (2003), que propõe um conceito que articula a noção de mediação cultural à prática intelectual. A investigação da ação exercida por Tião Carreiro e Pardinho foi feita através da análise de letras de suas canções, identificando a expressão do contexto histórico em que foi produzida cada música e a representação veiculada na letra das canções.

De acordo com Sirinelli (2003), para a análise da ação de intelectuais é necessário tanto a investigação do processo de produção e compreensão da realidade, como a identificação dos indivíduos que agem e influenciam seu meio social. Nesse sentido, o autor apresenta duas proposições sobre a prática intelectual, sendo uma:

[...] ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse

primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou ‘mediadores’ em potencial, e ainda outras categorias de ‘receptores’ da cultura. [...] uma segunda definição, mais estreita e baseada na noção de engajamento na vida da cidade como ator – mas segundo modalidades específicas, como por exemplo, a assinatura de manifestos –, testemunha ou consciência. Uma tal acepção não é, no fundo, autônoma da anterior, já que são dois elementos de natureza sociocultural, sua notoriedade eventual ou sua “especialização”, reconhecida pela sociedade em que ele vive – especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade –, que o intelectual põe a serviço da causa que defende (Sirinelli, 2003, p. 242-243).

Com isso, podem ser identificados como intelectuais tanto o indivíduo que cria e media produções culturais, como também quem auxilia na compreensão do mundo. Destaca-se que não é entendida como excludente a ação entre intelectuais criadores e mediadores, e intelectuais engajados “[...] na proposição de Sirinelli, mas como complementares. O engajamento é pensado como um fenômeno histórico que emerge em um terreno de criação e mediação cultural” (Alves, 2019, p. 32). Entendemos a mediação cultural como uma prática de criação, algo defendido por Alves (2019, p. 48), que afirma que a diferenciação entre criadores e mediadores empobrece o conceito de Sirinelli, enquanto Gomes e Hansen (2016, p. 17) defendem que a mediação é, por si só, uma prática criadora, e por isso devem ser identificados como intelectual tanto os criadores como para os mediadores.

Cabe pontuar que a dupla não compunha as letras da maioria das canções que fazem parte de seu repertório, e quando algum deles participava do processo de criação, normalmente era Tião Carreiro que criava a parte melódica, em parceria com outros letristas. No entanto, ao interpretarem e lançarem cada canção, Tião Carreiro e Pardinho se colocavam como enunciadore das mensagens presentes naquelas letras, e se tornavam os responsáveis por dar evidência àquilo que era

tratado em cada música. Ou seja, mesmo que eles não produzissem o conteúdo, os artistas eram quem colocava em movimento as representações veiculadas nas canções. A afirmação de que as músicas gravadas pela dupla tinham uma maior projeção pode ser sustentada pelo poder simbólico⁵ que esses artistas tinham no meio da música sertaneja. A demonstração de como ocorreu o acúmulo desse poder pela dupla será feita pela reconstituição da trajetória⁶ deles.

Para analisar as canções, nos aproximamos das considerações feitas por Chartier (1992), que embora ele tome o livro como objeto de análise, entendemos que tanto o livro como a música são produções culturais, e assim, em ambos os casos os mesmos princípios analíticos podem ser utilizados. De acordo com Navarrete (2011, p. 27), Chartier propõe a análise dos *efeitos de sentido*, que são os elementos presentes no texto que remetem à realidade e ajudam na compreensão do texto literário. Desse modo, é importante a análise das representações, entendidas como “[...] esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (Chartier, 1988, p. 17).

O *corpus documental* é composto por sete canções que retratam os contextos socioeconômicos brasileiros entre as décadas de 1960 e 1980, e através dessa análise foi feita a investigação que pretendeu identificação desses artistas como mediadores culturais. Além disso, foi

⁵ O poder simbólico é entendido como o “[...] poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 1989, p. 7-8).

⁶ Ao tratar da constituição do campo literário, Bourdieu (1996, p. 71-72) afirma que a trajetória: “[...] descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário, tendo ficado claro que é apenas na estrutura de um campo, isto é, repetindo, relacionamente, que se define o sentido dessas posições sucessivas, publicação em tal ou qual revista, ou por tal ou qual editor, participação em tal ou qual grupo etc.” E no caso desse trabalho, o conceito é matizado para tratar de artistas no campo musical.

feita a reconstituição da trajetória de Tião Carreiro e Pardinho, para demonstrar o espaço ocupado pela dupla na música sertaneja e como eles acumularam o capital simbólico nesse processo.

“O destino aqui me trouxe”: a trajetória de Tião Carreiro e Pardinho

A trajetória da dupla é notavelmente conhecida no meio da música sertaneja, e isso se dá pelo prestígio conquistado por eles ao longo de sua carreira. Segundo Oliveira (2009), no início do século XX todas as músicas produzidas fora dos centros urbanos eram consideradas sertanejas. A aproximação entre a música caipira e sertaneja ocorreu com o aumento do êxodo migratório dos campos para as cidades, sobretudo para a cidade de São Paulo, o que fez com que os artistas caipiras passassem a ocupar espaços nas gravadoras e a gravarem suas músicas. Entretanto, por exigências do mercado fonográfico, esse gênero musical teve que incorporar novos elementos musicais, enquanto outros elementos característicos da música caipira foram deixados. É por isso que Faustino (2014) entende que a música sertaneja possui sua origem na música caipira, mas tem um longo distanciamento decorrente do processo de modernização do gênero. Com o tempo, as músicas de origem caipira passaram a ser cada vez mais ouvidas pela população migrante nos espaços urbanos, e foi nesse processo que o gênero se tornou sinônimo de música sertaneja.

Em 1954, Tião Carreiro e Pardinho se conheceram em um circo no interior de São Paulo, e passaram a tocar juntos nesses locais. Oliveira (2009) destaca que o estilo de cantar da dupla fez deles uma referência da música sertaneja, influenciando outras duplas e sendo uma marca desses artistas. Além dos circos que foram os palcos iniciais de Tião Carreiro e Pardinho, Nepomuceno (1999) afirma que a dupla tocou durante seis meses na Rádio Cultura, no interior do estado de São Paulo.

Durante esse período inicial, o contato com outros artistas no meio musical foi um fator importante para o desenvolvimento da trajetória da dupla. A respeito dessa questão, Sirinelli (2003) indica a necessidade de se investigar as redes de sociabilidades⁷ estabelecidas pelos intelectuais em seus campos de atuação, e no caso da rede que foi sendo construída por Tião Carreiro e Pardinho, alguns nomes famosos no meio sertanejo fizeram parte dela. Ainda no início da carreira da dupla, o primeiro nome famoso com quem eles estabeleceram contato foi Carreirinho, que à época fazia grande sucesso (Nepomuceno, 1999). Em 1956, ano em que a dupla conheceu artista e dele se aproximaram, também foi o ano de nascimento da única filha de Tião Carreiro, que foi batizada por Carreirinho (Amaral, 2016). Ainda que não tenhamos fontes para estabelecer qual era a real relação entre eles, ao ser compadre de um artista famoso, Tião Carreiro estabeleceu um parceiro importante em seu meio musical.

A convite de Carreirinho, Tião Carreiro e Pardinho se mudaram para a cidade de São Paulo, onde buscaram espaços para se apresentar em rádios. Foi nesse período que eles conheceram Palmeirinha, outro cantor que fez sucesso na década de 1950, e que a partir de 1958, se tornou diretor artístico da gravadora Chantecler, uma das maiores gravadoras do país entre os anos de 1950 e 1980 (Nepomuceno, 1999). Através de Palmeirinha, Tião Carreiro e Pardinho conheceram Teddy Vieira, diretor do setor sertanejo da gravadora Chantecler e um dos maiores produtores da história da música sertaneja. Além de diretor musical, Teddy Vieira foi, segundo Ribeiro (2015a), um dos maiores compositores do gênero

⁷ Para Sirinelli (2003, p. 248) afirma que as redes de sociabilidade se organizam “[...] em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”. Essas relações indicam os pares com quem o intelectual estabeleceu contato, e são construídas por meio de estruturas de sociabilidade as quais o autor chama de “redes”, que são os laços que unem os intelectuais em volta de um projeto ou intenção (Sirinelli, 2003, p. 248).

sertanejo. Nepomuceno (1999) afirma que Tião Carreiro e Pardinho foram apadrinhados por Teddy, e foi ele quem realmente abriu as portas das gravadoras para a dupla e lhes apresentou vários compositores, como Lourival dos Santos, que se tornou parceiro de Tião em alguns dos maiores sucessos da dupla, além de seu amigo pessoal. Com esses contatos, os artistas expandiram sua rede de sociabilidades, o que os ajudou para se firmarem artisticamente no espaço musical.

Mesmo sem conseguirmos reconstruir efetivamente como essas relações se estabeleceram, é possível questionar que, se não fossem por esses contatos, a dupla não teria conseguido a mesma projeção. O caminho trilhado por Tião Carreiro e Pardinho foi o mesmo que muitos outros artistas que acabaram não tendo o mesmo sucesso. Para refletir sobre os percursos enfrentados por cantores na busca por se firmar no meio da música sertaneja, podemos tomar a música *Minha vida* (Carreirinho; Vieira, 1975), que retrata a trajetória de um homem que trabalhou como pedreiro até que conseguisse se tornar violeiro e conquistar o sucesso. Essa canção permite pensar as dificuldades que não só Tião Carreiro e Pardinho, como também outros artistas, tiveram ao trabalhar em circos e restaurantes durante a juventude (Tião Carreiros, 2017), buscando espaços em rádios e circos, até conseguirem alguma estabilidade.

Em 1959, Tião criou um novo ritmo musical que ficou conhecido como “pagode de viola”, que se tornou a marca de Tião Carreiro e Pardinho, e consagrou a dupla ao longo dos anos de 1960, que passou a ser conhecida como “reis do pagode” (Nepomuceno, 1999). A importância do ritmo para a música sertaneja é tal, que no livro em que Ribeiro (2015a) propõe a análise das melhores canções da música caipira, há uma seção para elencar os dez melhores pagodes de viola. A partir da criação do ritmo, em quase todos os álbuns da dupla ao menos uma das faixas foi composta com base nele, tendo sido lançado, inclusive, dois

álbuns apenas com pagodes de viola. A capacidade artística da dupla foi um fator de distinção que ajudou na fixação deles no espaço da música sertaneja, e no acúmulo de capital simbólico entre seus pares, tornando-se referência e influenciando outras duplas (Oliveira, 2009).

Apesar de uma breve separação entre o final da década de 1950 e início de 1960, a partir da 1961 Tião Carreiro e Pardinho tocaram juntos até o final da década de 1970. O sucesso conquistado garantiu certa autonomia para eles, pois enquanto outros artistas precisavam atender às demandas impostas pelas gravadoras, como a adequação a novos estilos e ritmos musicais que invadiram a música sertaneja, Luiz Faria e Mairiporã⁸, dois amigos pessoais e parceiros da dupla, afirmam que “Tião tinha pleno controle e autonomia em relação à sua gravadora, a Chantecler-Continental. Além disso, Mairiporã acrescenta que o violeiro centralizava as decisões: ‘Repertório do Tião quem mandava era ele, e acabou’” (Amaral, 2016, p. 153). No entanto, eles não estavam alheios às mudanças que vivia a música sertaneja, e algumas alterações também foram feitas, como o lançamento de canções em outros ritmos, e até a utilização de vestimentas estilo *cowboy* americano em capas dos álbuns.

Em 1976, foi confirmado o sucesso da dupla com o álbum *Rio de Pranto* lançado pela gravadora Chantecler, quando receberam “o Troféu Villa-Lobos na categoria ‘Raízes’, por indicação da Associação Brasileira de Produtores de Discos, ganhou edição especial no Globo de Ouro, da TV Globo, e ainda o Disco de Ouro, pela ótima vendagem” (Nepomuceno, 1999, p. 344).

Apesar do sucesso que tinham enquanto dupla, Amaral (2016) afirma que Tião Carreiro e Pardinho viviam em constantes brigas, e até

⁸ Mairiporã era o nome artístico de Roque de Moraes, que foi produtor de Tião Carreiro e Pardinho entre 1968 e 1980 (Amaral, 2016).

mesmo chegavam a romper a parceria, mas sempre voltavam. Uma das separações ocorreu entre o final da década de 1970 e início de 1980 quando reataram e entre 1981 e 1988, último período de produção da dupla, lançaram sete discos e participavam constantemente de programas televisivos. Após a separação final, ambos continuaram tocando com outros parceiros. Mas em outubro de 1993, Tião Carreiro faleceu devido a complicações da diabetes e problemas renais, enquanto Pardinho veio a falecer vítima de uma parada respiratória sofrida após um acidente vascular cerebral, em 2001.

Alguns dos letristas das canções interpretadas por eles foram “Teddy Viera, Dino Franco, Moacyr dos Santos, Zé Carreiro, Zé Fortuna, Carreirinho e Lourival dos Santos” (Tião Carreiro, 2017). Dos sete compositores, Tião Carreiro se tornou compadre de Carreirinho e amigo próximo de Teddy Vieira e Lourival dos Santos, tendo sido esse último seu “amigo, conselheiro e companheiro mais constante” (Tião Carreiro, 2017). Já Pardinho estreitou laços principalmente com Zé Carreiro, com quem compôs dupla ao final da década de 1950 por um curto período.

A rede de sociabilidades construída pela dupla evidência tanto uma geração artística da música sertaneja, como também uma geração social marcada pelo êxodo migratório, em que esses artistas tiveram que migrar para desenvolver seu trabalho. No meio musical, Tião Carreiro e Pardinho integram uma geração que iniciou sua trajetória tocando em circos e migraram para as cidades com o objetivo de alcançar sucesso, mas para que isso ocorresse, eles tiveram que negociar e entender a dinâmica do mercado fonográfico para conseguirem se estabelecer.

A trajetória artística da dupla faz com que Tião Carreiro e Pardinho sejam identificados como símbolos da música sertaneja de raiz. Pesquisar a trajetória intelectual não é apenas reconstruir de maneira linear o caminho percorrido pelo sujeito, mas sim tentar compreender

uma série de implicações e ações externas que impactam a vida dos sujeitos e sua prática (Bourdieu, 1996, p. 81-82). Assim, com a análise dos laços construídos, entendemos que eles se deram numa disputa pela legitimação que levou a mudanças de estilo e sonoridade da música sertaneja, e Tião Carreiro e Pardinho se integraram à essa dinâmica, ajustando-se às imposições, da mesma forma que mantiveram elementos da música caipira que prevaleceu em sua obra. Com o pagode de viola criado por Tião, a dupla influenciou a produção musical no meio sertanejo, tendo em vista que muitos artistas que os sucederam, segundo Ribeiro (2015a), tentaram imitá-los.

As transformações decorrentes de imposições da indústria fonográfica fazem com que a autonomia da dupla seja colocada em questão. Afinal, como Tião Carreiro e Pardinho, enquanto artistas inseridos em uma dinâmica de produção de bens culturais para consumo de massa, tiveram sua autonomia garantida? Sobre isso, refletimos a partir da teoria de Sirinelli, que, segundo Alves (2019, p. 39-40), entende que:

A ideia de autonomia visa, então, tornar visível a possibilidade de fazer escolhas, a capacidade de pensar, sentir e decidir que os sujeitos preservam no curso da história. [...] Os seres humanos não são autômatos. Agem segundo parâmetros que selecionam, podendo adotar e recusar perspectivas de ver o mundo, podendo mudar de posição e reavaliar suas experiências, podendo filtrar, comparar, rever, recriar, traduzir e produzir leituras inesperadas dos objetos culturais que lhes chegam. Mas essa autonomia também tem limites. [...] O campo de escolhas e seleções não é ilimitado, pacífico, uniforme, mas atravessado por tensões e poderes que constroem, formatam, interferem e orientam, restringindo a liberdade dos sujeitos.

Assim, a autonomia do intelectual só pode ser estabelecida em seu espaço de atuação em relação aos limites possíveis. A autonomia da dupla foi indicada por Amaral (2016), que afirmou, a partir da coleta de

depoimentos de parceiros de Tião Carreiro e Pardinho, que eles escolhiam as músicas que tocariam. Essa autonomia também pode ser confirmada pela manutenção de elementos da música caipira, apesar das mudanças na música sertaneja impostas a outros artistas. As resistências da dupla podem ser observadas ao longo de sua obra, pois enquanto no início da carreira Tião Carreiro e Pardinho lançaram um o álbum *Rei do Gado* (1961), com uma presença menor de músicas com estilo caipira, no auge da carreira, no álbum *Rio de Pranto* (1976) que lhes rendeu o disco de ouro, metade das canções remetiam a música caipira em sua origem, e já no final da carreira, consagrados representantes da música sertaneja de raiz, no último álbum produzido por eles, *A majestade “o Pagode”* (1988), a maioria das músicas do disco era próxima do estilo caipira. Ainda que sofressem constrangimentos e tivessem uma atuação limitada por demandas do mercado fonográfico, Tião Carreiro e Pardinho, através do capital simbólico que adquiriram, exerceram sua autonomia no campo e se tornaram representantes da música caipira.

Com o capital simbólico adquirido decorrente de seu sucesso, aquilo que cantavam recebia outro peso por parte do público. Por mais que não produzissem as canções, eles as veiculavam e colocavam em movimento as ideias e representações presentes nas músicas, exercendo papel importante no processo de mediação cultural e de criação, práticas desempenhadas pelos intelectuais, conforme afirma Sirinelli (2003). Nesse sentido, Tião Carreiro e Pardinho exerceram influência em gerações de ouvintes, que tiveram contato com sua música em diferentes temporalidades e contribuíram para difundi-la em seus diferentes círculos.

“A coisa tá feia”: a realidade econômica pelas músicas de Tião Carreiro e Pardinho

A identificação de Tião Carreiro e Pardinho como representantes da música caipira se dá pela origem dos artistas. Para delimitar as principais características da cultura caipira, Candido (2010) elenca: “1. isolamento; 2. posse de terras; 3. trabalho doméstico; 4. auxílio vicinal; 5. disponibilidade de terras; 6. margem de lazer”, além de possuir uma forte presença do catolicismo em sua formação histórica. Nesse meio, Ribeiro (2015a) afirma que a música caipira tinha uma relação orgânica com a cultura tendo forte presença em práticas de sociabilidade caipira, como as festividades religiosas.

A produção artística de Tião Carreiro e Pardinho acompanhou o período de maior fluxo migratório que fez com que o Brasil se tornasse um país de maioria urbana. A migração ocorreu por diversos fatores, e dentre eles podemos citar a substituição de trabalhadores rurais por máquinas no processo de mecanização da agricultura, o que fez com que muitos indivíduos perdessem seus espaços e tivessem que buscar outra função. Diante daquele cenário, o espaço urbano se apresentava como uma possibilidade de ascensão social, dada a grande oferta de emprego em diferentes setores da economia.

A oferta de empregos nos diferentes setores, como da construção civil, da indústria e de serviços implicou no aumento da população urbana, e com isso as cidades tiveram que se adequar para comportar a massa de trabalhadores necessária para suprir a demanda daquela nova realidade. Mas apesar do desenvolvimento industrial que ocorreu entre as décadas de 1950 e 1970, o Brasil enfrentava uma inflação crescente, que limitava o poder de compra das camadas mais baixas (Fausto, 2014).

Muito embora tenha-se formado uma visão de que a música sertaneja tratasse de questões alienantes por conta de indústria cultural, ideia presente, por exemplo, na obra de Caldas (1977), há diferentes canções que demonstram que alguns problemas sociais ou questões enfrentadas pelo público desse gênero musical eram retratados em produções. Dentro da obra de Tião Carreiro e Pardinho, dentre as questões cantadas pela dupla, o problema inflacionário foi tratado em *Jerimum* (Pinto, 1964), que trazia no refrão a condição financeira da população, e também denunciava o constante aumento dos preços dos alimentos, como o jerimum, nome dado à abóbora no Nordeste brasileiro:

Minha barriga ta fazendo: “Zum, zum, zum, zum”
Da vontade que eu tenho de comer jerimum

Ninguém aguenta com tamanha carestia
Os preços sobem todo dia não se pode mais viver
Há muita gente que faz tanta economia
Estão querendo ver se um dia
Se acostumam sem comer (Pinto, 1964)

Através dessa canção, Tião Carreiro e Pardinho expressaram a condição social vivida por indivíduos que tinham seu poder de compra comprometido, e para os migrantes que outrora poderiam plantar abóbora na terra onde moravam, no espaço urbano eles tinham que comprar. A realidade denunciada na canção não foi só enfrentada pelos migrantes no início da década de 1960, afinal, essa também era a condição de vida das camadas mais baixas da sociedade há décadas nas cidades (Priore, 2019).

Ainda que, entre o final da década de 1960 e início dos anos 1970, o Brasil tenha vivenciado o chamado “milagre econômico”, com um crescimento anual médio de 10% do PIB entre 1968 e 1973, a inflação

continuou afetando as camadas mais pobres, que também enfrentavam a defasagem do salário mínimo (Fausto, 2014). Foi nesse contexto que a dupla lançou a música *A casa* (Santos; Santos; Carreiro, 1970), em que é apresentada a vida de um homem que teria construído sua casa só com alimentos, porque devido ao constante aumento no custo de vida, caso faltasse dinheiro para comprar a comida, ele e sua família poderiam comê-la para não passar fome:

Se a fome me apertar tem a casa que me escora
Eu convido as crianças e também minha senhora
Nos passa a casa pro bucho no prazo de poucas horas
A casa fica por dentro e nós vamos ficar por fora (Santos; Santos; Carreiro, 1970).

Da mesma maneira como em *Jerimum*, essa canção apresenta a dificuldade de aquisição de alimentos devido ao aumento da inflação e o baixo poder de compra das camadas mais baixas da população. Aqui, a ação de mediação cultural de Tião Carreiro e Pardinho ocorre com a apresentação dos problemas econômicos indicados, e através da exposição da realidade por meio de suas canções, os artistas desempenharam uma prática de educação social⁹, pois ao retratar a realidade vivida por seu público, os artistas possibilitaram a tomada de consciência e a identificação de problemas sociais.

Na década seguinte, a dupla continuou cantando e expressando elementos da realidade. No início da década de 1980, o Brasil vivenciou a redemocratização, com uma inflação crescente, baixo crescimento do PIB e planos econômicos fracassados. Durante essa década, algumas das

⁹ Para Taborda de Oliveira (2019), a educação social compreende todas as práticas de educação que “mobilizam a arte como possibilidade de formação, não apenas de gosto, mas também da consciência política e da sensibilidade social” (Taborda de Oliveira, 2019, p. 204-205). Ainda para o autor, essa forma de educação não prevê práticas formalizadas e institucionalizadas, e que a capacidade de influenciar e agir sobre a sociedade por meio da arte e da cultura implica em um efeito formativo que possibilita a transformação de experiências.

músicas lançadas por Tião Carreiro e Pardinho permitem entender como o público da música sertaneja enxergava aquele contexto. Uma das canções do período foi lançada em 1982, intitulada *Pra tudo se dá jeito* (Carreiro; Santos, 1982), que apresenta a situação econômica do país então:

Cruzeiro virou carneiro
E o dólar virou leão
O dinheiro americano
Parece burro pagão
Tá derrubando ministro
Que não sabe ser peão

Mas o nosso presidente
É um cavaleiro bom
Ele vai cortar de espora
Essa malvada inflação
Vai fazer o cruzeiro forte
E jogar o dólar no chão (Carreiro; Santos, 1982).

No trecho da canção, há uma metáfora para expressar a perda do valor da moeda nacional em relação ao dólar, e também apresenta uma crítica à realidade brasileira, utilizando referências da cultura caipira como analogias para caracterizar o período. Ao final ainda era pedido ao presidente que ele resolvesse a crise, entretanto, no começo daquela década a situação era delicada por diferentes situações:

O desgaste do Executivo junto à população, agravado pela explosão inflacionária – 211% em 1983 – e pelo arrocho salarial, era uma delas. A outra vinha por conta dos escândalos financeiros que corroeram a credibilidade do governo do general Figueiredo e de seus auxiliares diretos: as fraudes do Grupo Delfin, a maior sociedade de crédito imobiliário do país; o desvio de dinheiro público para o conglomerado financeiro Coroa-Brastel, escândalo que envolveu os ministros Delfim Netto e Ernane Galvêas, além do presidente do Banco Central, Carlos Langoni; as irregularidades na negociação do pagamento de uma dívida da Polônia com o Brasil que teriam

beneficiado funcionários da Secretaria de Planejamento, caso que ficou conhecido como “o escândalo dos polonetas” (Schwarcz; Starling, 2015).

O excerto evidencia que quase todos os elementos criticados na música – crise econômica, desvalorização da moeda, e escândalo com ministro – eram problemas existentes. Apenas a imagem do presidente que, apesar de ser representado na música como alguém capaz de contornar a situação, não atingiu o que era esperado, e a inflação continuou alta com uma crise econômica que comprometia a renda das camadas mais baixas.

Com o mesmo tema, em 1983, Tião Carreiro e Pardinho lançaram *A coisa tá feia* (Carreiro; Santos, 1983), música que apresenta a condição econômica da época, e indica que até quem tinha uma condição financeira melhor enfrentava problemas:

Quem dava caixinha alta, já está cortando a gorjeta
Já não ganha mais esmola nem quem anda de muleta
Faz mudança na carroça quem fazia na carreta
Colírio de “dedo-duro” é pimenta malagueta
Sopa de caco de vidro é banquete de cagueta (Carreiro; Santos, 1983).

A crise afetava a todos, e para se salvar só sendo filho de Deus, pois quem não fosse, de acordo com a música, “tá na unha do capeta” (Carreiro; Santos, 1983). O cenário de crise permaneceu nos anos seguintes, até que em 1986, o presidente José Sarney, primeiro civil a assumir a presidência depois de 21 anos de ditadura, lançou o “Plano Cruzado”, um plano econômico que congelou todos os preços de produtos e serviços, concedeu o aumento de 15% no salário mínimo, e entre outras ações tomadas se esperava que a crise fosse superada. O plano econômico foi bem recebido pelo povo, o que fez com que a popularidade do presidente subisse consideravelmente.

Durante o pouco tempo que o plano teve sucesso, com o aumento do salário muitas pessoas tiveram uma folga no orçamento, e foi o momento que “muita gente bebeu cerveja à larga pela primeira vez na vida” (Fausto, 2014, p. 287) Com o otimismo do momento, Tião Carreiro e Pardinho lançaram *A coisa ficou bonita* (Carreiro; Santos, 1986), que apresenta de maneira positiva os resultados do Plano Cruzado. A música indica o poder de compra da população, e afirma que tudo foi graças ao “presidente do pé quente”, que acabou com a inflação.

Sofria sem esperança a população aflita
A inflação furava o povo com sua espada esquisita
Caiu do céu um governo trazendo força infinita
O preço foi congelado quase ninguém acredita
O Brasil de ponta a ponta de alegria pula e grita (Carreiro; Santos, 1986).

Esse clima de euforia foi momentâneo, pois pouco tempo depois o plano foi mudado e a inflação voltou a ser um problema no final da década de 1980. Em 1988, Tião Carreiro e Pardinho lançaram *A majestade “o pagode”*, que foi o último álbum da dupla, e também nessa última produção houve músicas que tratavam de questões do momento. Dentre as quatorze faixas que compõem a obra, *Osso duro de roer* (Paulo; José; Ventura Filho, 1988) também retratou a condição enfrentada pela população das camadas mais baixas da sociedade, e evidenciava uma clara crítica ao acúmulo de renda:

Osso duro de roer
É o Brasil da atualidade
É doído a gente ver
A cruel desigualdade
O pobre fica mais pobre
O rico enriquece mais
Tubarões e agiotas
Aumentam seus capitais
Os tais colarinhos brancos

Da cadeia vive ausente
Os malandros de casaca
Estão agindo livremente. (Paulo; José; Ventura Filho, 1988).

É feita, portanto, tanto uma crítica social quando se reclama da impunidade dos crimes de “colarinhos brancos”, como quando denuncia o acúmulo de renda, em contraste aos trabalhadores mais pobres que sofriam. Em outro trecho da música é novamente trazida uma imagem para identificar a inflação como sendo uma espada que feria o povo e comprometia seu poder de compra.

Nesse mesmo disco, outra faixa que trata de questões sociais é *Versos aos pés do Homem* (Carreiro; Geraldinho, 1988), que ao mesmo tempo que reclama da realidade econômica, também cobra do Estado uma ação de amparo ao dirigir a mensagem diretamente ao presidente. O personagem da canção reclama que os problemas que enfrentava decorriam de um financiamento feito no banco para o plantio do café, e que no momento da venda do produto ocorreu o tabelamento dos preços com o Plano Cruzado, e devido ao congelamento dos preços do café, o produtor teve seu lucro comprometido. Posteriormente ainda houve uma geada que destruiu a plantação, e ele viu o banco tentar tomar suas terras por não conseguir pagar seu débito. Por meio dessa canção, Tião Carreiro e Pardinho apresentavam reclamações ao poder público e assumiam uma posição de porta-voz ao defenderem demandas da população que compunha seu público. A dupla não só retratou a realidade econômica de cada período, como também tomaram uma posição de defesa de interesse de uma parcela da população que poderia não ter acesso a meios para reclamar da condição que se encontravam.

A partir da perspectiva proposta por Sirinelli (2003), é possível pensar o engajamento de Tião Carreiro e Pardinho como de intelectuais pela produção de canções que retrataram diferentes contextos

históricos que possibilitaram a compreensão da realidade. A noção de engajamento deve ser considerada, pois a identificação da dupla com o seu público possibilita inferir que eles tinham estreita relação com essa parcela da população. A relação de pertencimento a um grupo social específico é outro traço para a caracterização da dupla como intelectuais. A capacidade de falar e expressar a realidade de forma que seus ouvintes compreendessem, até mesmo usando-se de eventuais metáforas para ajudar no entendimento da mensagem, também é relevante, uma vez que os mediadores culturais aperfeiçoam sua ação de mediação e comunicação com a utilização de linguagens e estratégias para se relacionar com o público (Gomes; Hansen, 2016, p. 18-19).

Com a análise da ação de mediação cultural de intelectuais, é possível identificar como grupos sociais compreendem diferentes contextos e problemas que surgem. Sobre a importância dos mediadores culturais, Gomes e Hansen (2016, p. 17) afirmam que:

[...] apesar da atividade de mediação cultural ser considerada fundamental indispensável e incontornável, em qualquer sociedade – a educação talvez seja sua melhor expressão –, com frequência o intelectual mediador – que a ela dedica tempo, esforços e tem sempre um projeto político-cultural –, sobretudo quando exclusivamente dedicado à mediação, não é nem mesmo reconhecido como intelectual, sendo negligenciado nas análises e considerado de valor secundário, quando não supérfluo.

Nesse sentido, ao tomarem posições e veicularem representações, mobilizando o capital simbólico que possuíam no campo para potencializarem o alcance de suas canções, Tião Carreiro e Pardinho exerceram uma prática de mediação cultural. Através dessa ação de mediação, a dupla retratou realidades sociais de indivíduos e auxiliou na compreensão da realidade em que estavam inseridos.

Algumas considerações

A trajetória de Tião Carreiro e Pardinho foi como a de outros migrantes, que se mudaram para as cidades com o objetivo de conquistar uma melhor condição de vida. Nesse processo, a dupla construiu uma rede de sociabilidade para se estabelecer no meio musical e alcançar o sucesso que tiveram. A partir de negociações, os artistas se adequaram às demandas do mercado fonográfico e conquistaram um poder simbólico que lhes trouxe certa estabilidade no mercado fonográfico. Com a manutenção de elementos característicos da música caipira, a dupla se firmou como uma representante da música sertaneja de raiz.

Ao longo de seu período de produção, os artistas produziram canções que retrataram uma série de questões sociais, econômicas e políticas. Com a veiculação de representações, Tião Carreiro e Pardinho tomaram posições e influenciaram o meio no qual estavam inseridos. A partir do conceito de apropriação de Chartier (1992) é possível estabelecer que, de diferentes formas, as representações veiculadas nas canções foram postas em movimento pelo público de Tião Carreiro e Pardinho.

Nesse sentido, a ação de mediação cultural da dupla possibilitou que seu público compreendesse o cenário vivido entre as décadas de 1960 e 1980. É justamente através da expressão da realidade pela obra de Tião Carreiro e Pardinho que é possível propor que a dupla desempenhou uma forma de educação social por terem mobilizado a música como meio para a criação de consciência política e social, o que permitiu a formação de opiniões e tomadas de decisão dentro de determinada cultura política.

A discussão sobre as práticas e ações intelectuais leva a refletir sobre os limites do conceito e o risco de descaracterizá-lo. Ao propormos a identificação de Tião Carreiro e Pardinho como intelectuais mediadores culturais, entendemos que são possíveis alguns questionamentos, mas a indicação de algumas ações e práticas desempenhadas por eles sustentam a ideia. E, além do que já foi dito, ainda cabe uma reflexão. Diferentes abordagens para a História Intelectual e dos Intelectuais destacam a importância da palavra escrita para o trabalho dos intelectuais, e evidentemente que isso ocorre por razões da ação de intelectuais. No entanto, no caso da cultura caipira que é uma cultura iletrada, como fica essa função de intelectual? Aí que entra o papel da música como meio de dispersão de ideias. Para Candido (2000), a música tem função de literatura para povos iletrados, portanto, negar esse papel é ignorar a importância da música na cultura caipira, e a importância de quem produz essas canções. Talvez caiba pensar em alguns casos que o papel de intelectuais se dá de maneira relacional à cultura a qual o indivíduo está agindo.

Referências

- ALVES, Claudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 27-55, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/47879>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- AMARAL, João Paulo. A trajetória do violeiro Tião Carreiro – das primeiras duplas ao sucesso do criador e rei do pagode. **Revista Tulha**, Ribeirão Preto, 2016, v. 2, n. 1, p. 144-173. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistadatulha/article/view/125299>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A. 1989.

- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Editora Papirus, 1996.
- CALDAS, Waldenyr. **Acorde na aurora: música sertaneja e Indústria Cultural**. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Parceiros do Rio Bonito**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Algés: Editora Difusão Editorial, 1988.
- CHARTIER, Roger. Textos, Impressão, Leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CLARAS, Lucas Fíngolo. **“No Som da Viola”: mediação cultural, educação das sensibilidades e tradução da identidade caipira nas músicas de Tião Carreiro e Pardinho (1950-1980)**. Dissertação (Mestrado em Educação). 186 f. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2021.
- FAUSTINO, Jean Carlo. **O êxodo cantado: a formação do caipira para a modernidade**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, p. 197, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6688?show=full>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santo (org.). **Intelectuais mediadores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a Literatura. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 2, n. 3, set./dez. 2011, p. 23-56. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/2660>. Acesso em: 16 de mai. 2022.
- NEPOMUCENO, Rosa. **Música caipira: da roça ao rodeio**. São Paulo: Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, Allan de Paula. **Miguilim foi pra cidade ser cantor: uma antropologia da música sertaneja**. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 352, 2009. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92786#:~:text=Miguilim%20foi%20pra%20cidade%20ser%20cantor%3A%20uma%20antropologia%20da%20m%C3%BA%20sertaneja,-Mostrar%20registro%20completo&text=Tese%20\(doutorado\)%20%2D%20Universidade%20Federal,Antropologia%20Social%2C%20Florian%C3%B3polis%2C%202009](https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92786#:~:text=Miguilim%20foi%20pra%20cidade%20ser%20cantor%3A%20uma%20antropologia%20da%20m%C3%BA%20sertaneja,-Mostrar%20registro%20completo&text=Tese%20(doutorado)%20%2D%20Universidade%20Federal,Antropologia%20Social%2C%20Florian%C3%B3polis%2C%202009). Acesso em: 13 jul. 2022.

PRIORE, Mary del. **Histórias da gente brasileira, vol. 4: República: Testemunhos (1951-2000)**. São Paulo: Editora Leya, 2019.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.

RIBEIRO, José Hamilton. **Música caipira: as 270 maiores modas**. Santos: Realejo Edições, 2015a.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. São Paulo: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Silvio Rodriguez: vamos a andar. In: VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce Regina Baggio; TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio (org.). **História intelectual e educação: artes, artistas e projetos estéticos**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

TIÃO CARREIRO. **Tião Carreiro**, 2017. Biografia. Disponível em: <http://tiaocarreiro.com.br/biografia/>. Acesso em: 13 jul. 2022.

Fontes

CARREIRINHO; VIEIRA. Música: *Minha vida*. Álbum: Modas de Viola Classe “A” v. 2. São Paulo: Gravadora Chantecler, 1975. Intérpretes: Tião Carreiro e Pardinho.

CARREIRO, Tião; GERALDINHO. Música: *Versos aos pés do Homem*. Álbum: A majestade “O Pagode”. São Paulo: Gravadora Chantecler, 1988. Intérpretes: Tião Carreiro e Pardinho.

CARREIRO, Tião; SANTOS, Lourival dos. Música: *Pra tudo se dá jeito*. Álbum: Navalha de carne. São Paulo: Gravadora Chantecler, 1982. Intérpretes: Tião Carreiro e Pardinho.

CARREIRO, Tião; SANTOS, Lourival dos. Música: *A coisa tá feia*. Álbum: No som da viola. São Paulo: Gravadora Chantecler, 1983. Intérpretes: Tião Carreiro e Pardinho.

CARREIRO, Tião; SANTOS, Lourival dos. Música: *A coisa ficou bonita*. Álbum: Estrela de ouro. São Paulo: Gravadora Chantecler, 1986. Intérpretes: Tião Carreiro e Pardinho.

PAULO, Zé; JOSÉ, Milton; VENTURA FILHO, Antonio. Música: *Osso duro de roer*. Álbum: A majestade “O Pagode”. São Paulo: Gravadora Chantecler, 1988. Intérpretes: Tião Carreiro e Pardinho.

PINTO, Arlindo. Música: *Jerimum*. Álbum: Linha de frente. São Paulo: Gravadora Chantecler, 1964. Intérpretes: Tião Carreiro e Pardinho.

SANTOS, Lourival dos; SANTOS, Moacyr dos; CARREIRO, Tião. Música: *A casa*. Álbum: A força do perdão. São Paulo: Gravadora Chantecler, 1970. Intérpretes: Tião Carreiro e Pardinho.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO EDUCATIVO: O LEGADO DE PAUL-EUGÈNE CHARBONNEAU NO COLÉGIO SANTA CRUZ

Bárbara da Silva Santos

Introdução

No interior das instituições escolares são abrigadas memórias de um passado ainda presente, pois são guardados objetos dos mais variados segmentos, pertencentes aos agentes que ali passaram. São símbolos que se constituem como elementos de uma memória e do patrimônio histórico educativo. Além de serem conservadores de um passado a ser conhecido pelas futuras gerações, tais objetos apresentam-se como possíveis fontes para o conhecimento de signos culturais¹ por parte dos historiadores da educação. Desvelar a historicidade dos objetos e espaços figurados enquanto patrimônio educativo, salvaguarda a memória dos acontecimentos e personagens que constituíram a ação pedagógica da instituição.

Investigações acerca do patrimônio têm instigado pesquisadores da História da Educação devido à amplitude dos materiais/fontes e das possibilidades historiográficas. A noção de patrimônio revela parte da busca pela mediação do presente com o passado. Possamai (2012), ao discutir sobre o patrimônio como uma categoria de pesquisa na História da Educação, ressalta que, etimologicamente, o patrimônio está ligado a ideia de herança, de bens de propriedade e implica em cuidado.

Com a modernidade, o sentido de conservação de elementos do passado se fortaleceu. De acordo com a autora supracitada, o

¹ Cf. Silva; Orlando (2019).

patrimônio seria, então, a “[...] expressão de uma valorização do passado a partir do presente; um presente onipresente obcecado por si mesmo e que não tem outro horizonte de perspectiva em função da crise do regime moderno de historicidade, calcado no futuro” (Possamai, 2012, p. 112). O patrimônio nos remete, dessa maneira, à preservação de um bem herdado, de valor social e cultural, passível de uma constante visitação para não cair no esquecimento.

Do mesmo modo que a noção de patrimônio se modificou, o que antes era conhecido pelos pesquisadores por patrimônio escolar, passou a ser patrimônio histórico educativo, por conta da amplitude documental encontrada no ambiente escolar e os múltiplos significados de sua guarda, o que possibilitou englobar tanto a materialidade escolar, quanto as práticas e os sujeitos envolvidos com a escola. Essa pluralidade de objetos finda por se tornar acervos que apontam para um passado educacional que resistiu ao tempo e que conta a história da instituição. No entanto, Possamai faz algumas ressalvas. De acordo com a autora,

[...] são inúmeras as instituições escolares que guardam acervos de diversos tipos: mobiliário, cadernos escolares, manuais e materiais didáticos, entre outros. Não raras vezes essas coisas materiais, escritas e visuais formam memoriais, acervos e museus escolares. A constituição desses espaços também tem uma historicidade que merece ser pesquisada, pois expressa a relação da escola e dos sujeitos envolvidos com o seu passado e com o passado da educação. Quem guardou e por que guardou? Quais os valores atribuídos para guardar esses objetos e não outros? Quais as apropriações dos sujeitos da escola com esses espaços? (Possamai, 2012, p. 117).

Se, por um lado, eles contam uma história, por outro, a historicidade de sua organização também deve ser levada em conta quando são investigados por historiadores da educação. Isto porque o

que foi, de certa forma, selecionado, tem dada relevância para a instituição e representa algo de muito valor para a sua história a ser lembrada. Sujeitos, espaços e objetos fazem de um prédio um memorial de gerações passadas.

Na medida em que a escola e seu passado se tornaram, segundo Mogarro (2013), objetos de grande interesse por parte dos pesquisadores, seus patrimônios constituídos foram ganhando novos enfoques, principalmente por parte dos investigadores ligados a história da educação. Faz parte dessa conjuntura de bens escolares os atores educativos, cujo significado para a instituição pode ser claro, mas que para o mundo investigativo pode estar encoberto. Por esforço de pesquisas que mobilizam essa temática é que a preservação e valorização do patrimônio educativo têm se tornado cada vez mais relevantes.

Viñao (2011), ao comentar sobre memória, utilizou as pedras como figura de linguagem. Para este autor, as pedras podem falar e, inclusive, gritar para quem quer ouvi-las e sabe como fazer, pois elas seriam a memória de determinados objetos. No caso deste estudo, tomamos a biblioteca do colégio Santa Cruz² como objeto de memória, símbolo do legado deixado pelo padre Paul-Eugène Charbonneau na vida intelectual da instituição. A biblioteca, como um todo, tem como objetivo rememorar Paul-Eugène Charbonneau³.

Como afirmou Viñao Frago,

² Importante instituição confessional voltada para a educação de meninos da elite até 1974 (quando se torna misto), localizada na cidade de São Paulo.

³ Padre canadense que chegou ao colégio em 1959 e se constituiu em um dos pilares da instituição. Com grande prestígio no campo intelectual, social e político, Charbonneau atuou em diferentes frentes educativas enfrentando temas polêmicos para a Igreja e colocando em evidência a face progressista de alguns membros da hierarquia religiosa católica.

Os usos e significados dos restos materiais e imateriais e vestígios do passado diferem, assim como seus significados, dependendo de quem, de onde, como e para quais propósitos são vistos. É possível, como já foi apontado, um uso nostálgico, que tem sua origem e contribui para a construção do sentido biográfico de si e do passado⁴ (Viñao, 2011, p. 49, tradução livre).

A memorialística suscita esse recordar que, acompanhado de diversificadas problemáticas, tipifica e considera algo digno de ser recordado. É nessa perspectiva que a figura de Charbonneau surge no interior dessa dinâmica, pois a perpetuação do padre como patrimônio educativo é reflexo das suas ações no passado, bem como dos agentes que no presente proporcionam sucessivos fôlegos de vida a memória desse personagem. Cabe acrescentar neste ponto, conforme Viñao (2011), a possibilidade de adicionar a esse patrimônio um sentido didático. O fato de ele ter sido utilizado para caracterizar espaços que expressam essa finalidade, nos leva a problematizar que, junto a questão da homenagem, é possível acrescentar que mais do que um ato de consideração, é a demonstração do legado de Charbonneau transformado em patrimônio educativo. Sua prática, além de significar, exemplifica processos determinados de ensino e aprendizagem.

Neste capítulo, destacamos a exposição de um vitral que remonta as ações de Charbonneau, bem como a conservação de uma biblioteca, constituída ao longo de 59 anos, data da fundação da instituição que a abriga, o Colégio Santa Cruz.

Mantido pela congregação de mesmo nome, o Colégio Santa Cruz foi um projeto idealizado por padres que migraram do Canadá para o

⁴ Los usos y sentidos de los restos y huellas materiales e inmateriales del pasado difieren, como difieren sus significados, en función de quién, desde dónde, cómo y con qué fines se mira. Cabe, como ya se ha señalado, un uso nostálgico, que tiene su origen y contribuye a construir el sentido biográfico de uno mismo y del pasado. (Viñao, 2011, p. 49).

Brasil em 1944, com a missão de promover e expandir a ação católica da Congregação na América do Sul. Inaugurado em São Paulo, em 1952, como Ginásio Santa Cruz nos moldes de semi-internato, a instituição passou para a categoria de colégio em 1957 e fundou o regime de semi-internato em 1966. A partir de 1967, o Colégio Santa Cruz deixou de ser gerido apenas por padres, proporcionando que os sacerdotes exercessem atividades em outros projetos. Nesse contexto, dos padres que continuaram a serviço da instituição, dois se notabilizaram: Lionel Corbeil e Paul-Eugène Charbonneau.

Charbonneau foi um padre canadense que chegou ao Brasil quando o mundo passava por momentos políticos extremistas e de variadas mudanças sociais, os anos de 1960. Ele integrou o quadro profissional do Colégio Santa Cruz, assumindo a função de professor de filosofia em 1959, ano em que deixou o Canadá e veio ao Brasil. Em 1965, passou a ser vice-diretor, tendo exercido este cargo até 1987, ano de sua morte. Trouxe em sua bagagem experiências e referências do seu país natal. Filósofo, teólogo e professor, foi no Brasil que aprofundou os seus aprendizados e os transmitiu para casais, pais, filhos e jovens. A partir dos seus ensinamentos e estudos, construiu um conjunto de manuscritos que reúne livros, artigos e debates em jornais, além de conferências transcritas relacionados aos campos da educação, psicologia, religião, política e filosofia.

No vidro, o desenho de uma memória: o vitral e a sua representação

Em visita ao Colégio Santa Cruz, nos deparamos com uma obra de arte que chama a atenção de quem por ali passa: um vitral com a imagem dos três personagens que, grosso modo, são os formadores basilares da história da escola e, entres eles, encontra-se o padre Charbonneau.

Figura 1 - Vitral exposto no prédio administrativo do Colégio Santa Cruz



Fonte: Acervo da autora.

Os vitrais – elementos salustares pertencentes à instituição que chamaram a minha atenção naquele momento – são comuns na arquitetura de templos católicos e é uma tradição tê-los nestes ambientes. Isso faz com que esses objetos se tornem, também, um tipo de iconografia de simbologia religiosa, em grande medida, responsáveis por salvaguardar o patrimônio do sagrado.

Em se tratando dos primórdios da utilização desses símbolos, tem-se que a tradição surgiu em tempos mais remotos, quando a igreja implementou os vitrais para transmitir os seus ensinamentos e garantir que a sua história fosse estampada nas paredes de suas construções, o que também possibilitava a difusão de mensagens variadas. Com o avançar dos anos, o sentido primeiro foi mantido, porém eles passaram a ter novas funções e significados, sendo a homenagem, como é o caso do vitral do Colégio Santa Cruz, uma dessas, e hoje estão presentes em edificações de diferentes instituições, a saber: escolas, bibliotecas, hospitais, entre outros.

Em geral, os vitrais podem ser classificados conforme a sua técnica e seus materiais, de acordo com seus modos de utilização, o que ultrapassa a ideia de algo restrito ao viés religioso:

Vitrais Arquitetônicos – São os vitrais concebidos para uso integrado na estrutura arquitetônica da edificação, como janelas, clarabóias, vitraux, etc.

Vitrais Utilitários/Decorativos – São os vitrais utilizados para a confecção de peças de uso doméstico e decorativas, como luminárias, mobiliário, biombos, etc.

Vitrais Artísticos – São vitrais utilizados exclusivamente para produção artística, principalmente contemporânea, não pertencentes à arquitetura da edificação. Geralmente são adaptados a sistemas de iluminação artificial, como backlights, spots, etc. (Michelotti, 2011, p. 27, grifos nossos).

Nessa esteira de pensamento, o vitral exposto na recepção do Colégio Santa Cruz se encaixa na terceira instância da classificação de Michelotti (2011), pois está disposto na parede, não fazendo parte da estrutura arquitetônica da instituição, concebida aqui como obra de arte.

Seguindo a tradição da arte dos vitrais, a peça que aqui analisamos apresenta elementos da espiritualidade e tem estreito vínculo com a memória. É certo que o vitral é uma expressão humana por meio do desenho e, como tal, tem uma linguagem própria – nesse caso, a visual – que difunde conhecimento. Antes de se tornar uma obra de arte, os vitrais são desenhos e esta forma de linguagem é um modelo de expressão de pensamento, como esclarecem Trinchão e Oliveira (1998, p. 163):

[...] o Desenho, historicamente, vem permitindo o reencontro entre o presente e o passado, é expressão gráfica do pensamento ou de uma ideia e tem o caráter de transmissor de informações ao homem com um efeito imediato de interação de comunicação entre as pessoas ou de si mesmo.

Contudo, no papel de historiadores, devemos tomar cuidado ao interpretar aquilo que a imagem tem a ensinar. É preciso entender que esse primeiro contato é visual, sendo assim, os nossos olhos fazem uma

leitura inicial e internalizam determinada mensagem. Entretanto, não devemos ignorar a mensagem a ser comunicada que o autor da imagem queria (foi instruído a) transmitir. É necessário buscar nas entrelinhas, pois, de acordo com Burke (2004), as imagens são testemunhas mudas. No entanto, o mesmo autor ressalta a atenção que devemos ter para não encontrarmos um ensinamento desconhecido dos autores. Diante dessa problemática, para utilizarmos as imagens como fonte, devemos ter consciência de que ela apresenta fragilidades, por isso, há a necessidade de ter cautela ao criticá-las.

Mesmo que as imagens se mostrem silenciosas, existe uma infinidade de saberes de matrizes distintas – religiosos, históricos e sociais – em torno delas. Conforme Nunes (2012), tal peculiaridade tem relação com o fato de o vitral atuar como um vetor de comunicação. Isto porque a mensagem transmitida pelo vitral é mais que decorativa, visto que incorpora a intencionalidade do sujeito ou sujeitos comunicadores e a concepção dos agentes que o contemplam. Ao caracterizar o vitral como um texto, neste caso, um texto visual, este autor aponta que

[...] cada elemento na composição do vitral desempenha um papel importante na comunicação da mensagem, na verdade, quando se examina um vitral percebe-se que tudo, o arranjo na armação, a pintura, o emolduramento constitui uma só mensagem codificada. Cada elemento desempenha o seu papel na mensagem que é entendida como um todo (Nunes, 2012, p. 90).

A mensagem passada é o texto no formato de uma narrativa. Ao comunicar a mensagem – sem palavras – é retratado um saber sob outra ótica, pois instiga o imaginário ao mesmo tempo em que transmite o ensinamento histórico e cultural. Independentemente da idade, para todos que se deparam com o vitral, os elementos que o compõem chamam a atenção, seja por suas cores vivas ou pelas personagens ali

representadas. Embora o uso do vitral no Colégio Santa Cruz seja aparentemente estético, há um significado intrínseco.

Para o nosso capítulo, essa representação por meio do vitral passa pelo reconhecimento dado a Charbonneau pelos seus pares. Conforme Abreu (1994), por meio do material iconográfico há a rememoração daquele que teve dada relevância para o grupo em que estava inserido, o qual, mesmo após a morte do membro, encontra uma forma de simbolizar os feitos desse sujeito, evocando a sua passagem em vida em diferentes espaços. Para a autora,

O material iconográfico é muito utilizado e serve para cristalizar uma imagem visual do sujeito e do ambiente em que ele viveu. Em geral, há sempre uma imagem que se sobressai entre as demais, estabelecendo uma memória visual do biografado aceita coletivamente. Ou seja, embora os sujeitos lembrados tenham tido várias feições ao longo dos anos, na maioria das vezes um retrato vai se impondo como sua "verdadeira" imagem. [...] Intencionalmente ou não, o fato é que este processo de construção visual corresponde a um sistema de valores. Os construtores da memória selecionam entre as imagens possíveis aquelas que expressam suas afirmações textuais. [...] De fato, o aspecto visual constitui peça-chave na monumentalização de uma pessoa (Abreu, 1994, p. 210).

Observemos a figura 2:

Figura 2 – Pe. Charbonneau, o educador



Fonte: Acervo da autora.

Uma biblioteca ao fundo, um estudante com a atenção voltada para o professor e a cruz na parede. Esses são três dos tantos elementos que compõem a imagem cristalizada no vitral e que resumem a representação de Charbonneau, como educador, para o colégio e para a congregação Santa Cruz. É a imagem construída a partir do que Charbonneau praticou em vida, a similitude da realidade, como apontou Foucault (1999). Em conformidade com este autor, entendemos que o vitral aqui analisado – bem como outros expostos em espaços diversos –, reúne linguagens aparentemente invisíveis, espelhando ações semelhantes ao que foi vivido e que por nós não são vistas. Não é a

absoluta representação do real, mas apresenta elementos passíveis de assimilação da realidade.

A imagem, enquanto linguagem, se assemelha àquilo que quer dar sentido. O que ali está representado se assemelha ao real, mas com impressões e vislumbres do artista da obra. Segundo Foucault,

[...] a semelhança se situa do lado da imaginação ou, mais exatamente, ela só aparece em virtude da imaginação, e a imaginação, em troca, só se exerce apoiando-se nela. Com efeito, se se supõem, na cadeia ininterrupta da representação, impressões por mais simples que sejam, e se não houvesse entre elas o menor grau de semelhança, não haveria nenhuma possibilidade para que a segunda lembrasse a primeira, a fizesse reaparecer e autorizasse assim sua reapresentação no imaginário; as impressões se sucederiam na mais total diferença: tão total que não poderia sequer ser percebida, visto que uma representação jamais teria ensejo de se estabelecer num lugar, de ressuscitar outra mais antiga e de se justapor a ela para dar lugar a uma comparação; a tênue identidade necessária a toda diferenciação sequer seria dada. A mudança perpétua se desenrolaria sem referência na perpétua monotonia. Mas, se não houvesse na representação o obscuro poder de tornar novamente presente uma impressão passada, nenhuma jamais apareceria como semelhante a uma precedente ou dessemelhante dela. Esse poder de lembrar implica ao menos a possibilidade de fazer aparecer como quase semelhantes (como vizinhas e contemporâneas, como existindo quase da mesma forma) duas impressões, das quais uma porém está presente enquanto a outra, desde muito talvez, deixou de existir. Sem imaginação não haveria semelhança entre as coisas (Foucault, 1999, p. 95).

Como interpretação da realidade, as impressões desenhadas no vitral apresentado na figura 2 resumem, por meio de uma cena, referências que trazem significados para a trajetória de Charbonneau. Dentro do cenário, algumas simbologias do saber podem ser notadas.

No segundo plano da imagem, há livros de diferentes formatos e espessuras distribuídos nas prateleiras, livros que comportam expressivo número de páginas. O livro, instrumento estreitamente ligado ao saber, quando volumoso, é historicamente visto como um

meio completo para acessar o conhecimento universal, pois compara-se à complexidade e completude ao seu volume. Neste formato, o livro é caracterizado como *in-fólio*, conforme Chartier (1998). Ao problematizar este formato, o autor supracitado também teve uma imagem como referência e, em sua análise, apontou o livro (*in-fólio*) – sobre a mesa e o definiu como “[...] livro de estudo, da escolástica, do saber” (Chartier, 1998, p. 8). Neste caso, a natureza dos livros presentes no vitral, ainda que seja desconhecida, e o fato de eles estarem agrupados daquela maneira, representa a reunião de saberes que a escola e os agentes que faziam parte do ambiente escolar necessitavam. Outro desdobramento para a disposição dos livros é a ideia de intelectualidade, tendo em vista que a leitura é uma das práticas dos intelectuais para produzir e vulgarizar o conhecimento teórico.

Ademais, Charbonneau, ao estar em posse de um dos livros da estante e posicionado acima da visão do estudante, indica a postura de quem possui competências para exercer o ofício docente, pois, segundo Chartier (1998), o livro denota autoridade que advém do saber que ele carrega. “Pela representação do livro, o poder funda-se sobre uma referência ao saber. Assim, ele se mostra ‘esclarecido’” (Chartier, 1998, p. 84). Ter o livro em suas mãos, neste sentido, é estar em posse do poder do saber. Saber este decorrido do repertório teórico adquirido com a leitura e que o incumbirá de “dar luz” à mente daquele que aprende e que aparece na figura enquanto subserviente.

Outros elementos que completam a cena e remontam o perfil tanto de Charbonneau, quanto do Colégio Santa Cruz, são: a cruz, o clérigima (ou colarinho clerical) e a arborização. O significado da cruz serve para representar a base religiosa da escola, bem como a vida sacerdotal de Charbonneau. O clérigima complementa a cruz no sentido de que, embora Charbonneau tenha sido descrito como o educador, o artista do

vitral busca não o apresentar de forma dissociada das suas demais atividades, como a sua vida religiosa. Já as plantas que ornamentam a sala figurada no vitral, fazem referência à arborização presente em toda a escola, a qual teve como projeto proporcionar aos educandos o contato com a natureza, diferenciando-se dos prédios escolares tradicionais, que se assemelhavam às instituições penitenciárias.

Diante do exposto, o cenário reproduzido no vitral nos faz viajar pela imaginação do artista da obra e sua visão da realidade a ser lembrada.

Biblioteca Padre Charbonneau: integração entre passado e presente

Quando a Biblioteca de Alexandria, uma das maiores e mais importantes bibliotecas do mundo antigo, foi fundada no século III a.C. na cidade de Alexandria, a intencionalidade era que ela se tornasse uma espécie de centro cultural e farol do mundo, um lugar onde, por força da sua função e ambição dos idealizadores, se reuniriam textos de todo o mundo e de todas as áreas do conhecimento. O esforço que aqui protagonizamos, o de rememorar um fato demasiado remoto, não tem por finalidade estabelecer qualquer tipo de comparação ou conexão entre a biblioteca supracitada e a que nos serve de objeto nesse capítulo. Ao contrário disso, essa evocação do passado, que mais se aproxima de uma analogia, nos serviu de base para refletirmos acerca da biblioteca recém-inaugurada do Colégio Santa Cruz, sobretudo no que tange à função social e cultural das bibliotecas em relação à produção e difusão do conhecimento e à simbologia de se constituir como centro irradiador da cultura.

Fundada junto com a instituição, em 1952, porém, sem um espaço físico específico, a biblioteca do Colégio Santa Cruz funcionava em uma

sala anexa ao refeitório e tinha poucos livros. Como a dimensão do espaço era limitada, os alunos apenas buscavam os escritos, não ficando para fazer a leitura naquele ambiente. Na medida em que colégio cresceu, a biblioteca o acompanhou. Com o passar dos anos, aumentou-se o número de bibliotecárias, assim como o acervo e o espaço. A mudança da rotina também influenciou o atendimento da biblioteca. Entre as décadas de 70 e 80, a escola, que antes funcionava em turno integral, passou a receber os alunos apenas em um turno. Como não havia necessidade de que eles fizessem a refeição no colégio, o refeitório foi desativado e, assim, a biblioteca passou a ocupar o bloco. A partir desse momento, ela passou a ter um lugar próprio, bem mais amplo, onde, além de guardar o acervo bibliográfico, também ocorriam alguns eventos, como palestras, conferências e até casamento. Apesar de não termos acesso à imagem do espaço anterior quando ainda era uma sala, na figura 3 temos a representação do prédio da época, em que vemos a ampliação desse espaço de acordo com a dimensão da edificação.

Figura 3 - Antigo prédio da biblioteca do Colégio Santa Cruz⁵



Fonte: Disponível em: <https://santacruz.g12.br/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

⁵ Não obtemos informação referente ao ano de construção desse prédio, porém, conjecturamos que seja da década de 70.

Com a ideia de interligar o passado com o presente e, também, de acompanhar a configuração da sociedade atual, em setembro de 2020 a biblioteca foi inaugurada, sendo que, no processo de reforma, o prédio antigo foi demolido e um novo foi construído no mesmo lugar. Conforme disposto no endereço eletrônico oficial da escola, o prédio traz, além da modernidade, a reafirmação do projeto pedagógico da instituição.

Sabemos que os dias hodiernos são caracterizados por uma sociedade envolvida pela informação. Diante deste cenário, a biblioteca foi desafiada a concorrer com aparatos tecnológicos que permitem ter acesso a informação de maneira instantânea. Conquistar novos leitores, de certa forma, passou a ser cada vez mais difícil. De acordo com Chartier (1998, p. 128), a proliferação do universo textual, por vezes, “[...] acabou por levar ao gesto da destruição, quando devia ser considerada a exigência da conservação.” Como fazer, então, para que este espaço, que começava a tornar-se não muito atraente aos jovens, chamasse a atenção deste público promovendo conforto e despertando a curiosidade e espírito de pesquisa ao mesmo tempo?

A iniciativa da instituição foi a de estimular o acesso ao conhecimento e ao passado a partir de instrumentos tecnológicos atuais, os quais estão presentes no cotidiano dos alunos, seja no ambiente escolar ou em momentos de lazer. Diante desta realidade, podemos pensar a biblioteca Padre Charbonneau como um “laboratório” de aprendizagens, onde diferentes saberes são desenvolvidos mediante a existência de distintos ambientes.

Figura 4 – Biblioteca Padre Charbonneau (2020), do Colégio Santa Cruz



Fonte: Disponível em: <https://santacruz.g12.br/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

À medida em que é possibilitada essa relação de proximidade, há uma diminuição na distância existente entre os livros e diferentes tipos de leitores, pois quando estão em ambientes atrativos e interativos, os jovens – grande público da escola – deixam de temer aquilo que é visto como “exaustivo”, tendo em vista que estão acostumados com as telas. Em função disso, não só de livros impressos é composto o acervo da biblioteca. Como a ideia foi a modernização, ao mesmo tempo em que integra o passado, também são disponibilizados livros digitais e audiovisuais, além de ter um estúdio de multimídias e mobiliários adaptáveis, que podem ser movidos de acordo com a finalidade do uso do ambiente.

Sua atual estrutura física proporciona uma alusão à modernidade, o que permite o contato visual com a área verde da escola. No espaço interno, é disponibilizado um acervo de aproximadamente 30.000 livros para consulta, relacionados às áreas das ciências em geral e obras literárias nacionais e internacionais. Para encontrar os livros, os usuários

da biblioteca têm ao seu alcance tablets para consulta. Há também salas para estudos individuais e em grupos, proporcionando aos alunos momentos de socialização e trocas de aprendizagens, bem como para sozinhos fazerem leituras no silêncio, semelhante, podemos dizer, ao que ocorria na biblioteca de Alexandria e em tantas outras bibliotecas antes da era digital. Darnton (2010) fala sobre essa mudança de conceito da biblioteca, agora mais interativa, mas ainda como espaço de saber e mediação cultural. Hoje, além dos livros e salas de estudos, a biblioteca do Colégio Santa Cruz conta ainda com espaços voltados para o fazer artístico e o desenvolvimento da criatividade, com salas destinadas às oficinas de invenção e espaços para exposições artísticas e culturais.

Um fato que circunda o contexto da inauguração dessa biblioteca é o de reunir, também, um acervo global. Além disso, é possível inferir, segundo Chartier (1998), que o espaço onde se encontra tal acervo também servirá para que o leitor possa “perambular” por entre as estantes, deixar-se imergir na materialidade impressa ali ofertada. Importa destacar que embora o prédio da biblioteca se encontre dentro dos limites do terreno pertencente a escola, o nome faz referência a um professor que, em vida, integrou o corpo docente da instituição, Paul-Eugène Charbonneau. Devido a essa questão de suma importância que, ao nosso ver, a fundação dessa biblioteca também congrega o caráter de patrimônio histórico educativo, pois a partir do momento que decidiram atribuir o nome desse professor à biblioteca, além de indícios de manutenção da memória desse sujeito, o significado dele para a instituição e toda sua representação como homem de cultura é ressaltado. Deste modo, com a iniciativa de reservar um espaço para expor livros de sua autoria e seus objetos pessoais, um lugar de memória foi constituído em uma via de mão dupla. Ao preservar a memória de Charbonneau, o próprio colégio se constituía como lugar de excelência

por meio de seu maior símbolo intelectual. Nesse sentido, a construção de uma memória cujo sentido pode ser lido apenas como laudatório possui também um sentido educativo e simbólico.

Acerca desta questão, Nora (1993) afirma que os lugares de memória estão ligados a uma tentativa do não esquecimento, são demonstrações de que somos feitos de lembranças e que esses lugares “[...] são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (Nora, 1993, p. 12-13). Segundo o autor, por essa necessidade do lembrar, do não deixar esquecer, os lugares surgem e vivem com base em uma memória não espontânea, pois são organizados pela vontade da coletividade em reviver momentos.

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o capítulo do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar dos seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (Nora, 1993, p. 22).

Conforme Nora (1993), esses lugares teriam, simultaneamente, os sentidos material, simbólico e funcional. A biblioteca do Colégio Santa Cruz, ao dispor arquivos do padre Charbonneau, é material e, ao mesmo tempo, simbólica porque palpita a memória de uma vida. Constitui-se como funcional, porque materializa e transmite para aqueles que estão no presente as lembranças de um passado vivido por poucos. Segundo o autor supracitado, o que os transforma em lugares de memória é o diálogo entre a memória e a história, um encontro que leva à “sobredeterminação recíproca”. Isso faz parte da ideia de que, se há a necessidade da memória, é porque precisa-se da história. A preservação dessa memória é um instrumento de reconstituição do significado de

um grupo ou uma sociedade para si mesmo. Assim, escolher o nome de um professor e intelectual que repensou o projeto pedagógico quando tomou posse de sua função, é reafirmar para si e para os outros a identidade do colégio.

A efetivação da proposta do colégio, que foi a de construir uma biblioteca que ligasse o passado ao presente, pode ser verificada a partir do momento que reservou um espaço para exposição permanente do acervo de livros e objetos pessoais de um professor relevante para a instituição que, além de destaque na atividade docente, foi mentor do projeto pedagógico da escola. Importa destacar, que essa conjuntura ou história, assim definido por Nora (1993), repousa em uma construção cujos moldes remetem à modernidade. Nesse caso, o encontro entre ambas as situações, espaço contemporâneo e passado remoto, não serve para reafirmar um ao outro, bem ao contrário. Enquanto a construção moderna almeja estabelecer certa conexão com a atualidade, a presença de memórias de agentes históricos de outrora enseja certo prolongamento das ações do sujeito, apesar da morte. Isto porque,

Os acontecimentos passados inscrevem as suas marcas no espaço físico, social, cultural, bem como na corporeidade e na consciência individuais. São esses vestígios que tornam possível revisitar o passado e constituir cadeias temporais, que estruturam a percepção e a memória, uma vez que o passado, como não ser já, permaneceria inacessível (Felgueiras, 2005, p. 89).

De acordo com Silva e Orlando (2019), estes espaços físicos e as marcas deixadas passaram a ter mais destaques nas pesquisas acerca do patrimônio no campo da historiografia da educação, os quais eram antes ignorados. Toda a materialidade, espaço físico, práticas escolares, bem como os sujeitos educativos, são parte da memória escolar e são patrimônio educativo, caracterizando-os, dessa forma, como uma herança educativa.

Ao falarmos de herança educativa partilhamos quer o sentido afectivo inerente à nossa condição comum de aluna/o, que fomos, e de professor/a, que somos, quer ainda a perspectiva de uma história social, que trabalha a cultura material articulada com uma visão etnológica. Na herança educativa incluímos, assim, tanto os edifícios, o mobiliário, os materiais didácticos, os materiais dos alunos, os elementos decorativos e simbólicos presentes nas escolas, quanto as práticas de ensino, as táticas dos alunos, as brincadeiras e as canções no recreio, as recordações do quotidiano escolar, que as memórias de professores e alunos podem revelar. Da cantina ao gabinete médico, à actividade administrativa, pretende-se ver a escola como lugar de interacções em que professores, alunos, funcionários e famílias construíram e constroem um espaço relacional, num quadro físico e social estruturado, que participa na definição do conceito de criança. Se as ideias e teorias pedagógicas podem ser conhecidas através de escritos, as rotinas do quotidiano escolar e das vivências da condição de criança, de aluno/a e de professor terão de ser investigadas através das memórias e materiais a elas associados. (Felgueiras, 2005, p. 92).

Em suma, a biblioteca Padre Charbonneau é, acima de tudo, património histórico educativo tendo em vista que reúne um passado vivido por integrantes do colégio, uma herança permanentemente lembrada e revivida pelas atuais e, quiçá, futuras gerações. É também um lugar de memória, porque evoca o passado com a intencionalidade de não legá-lo ao esquecimento, visto que nasceu e foi vivenciado sob o signo da identidade institucional que é a de prostrar-se enquanto escola moderna sem se desprender da tradição.

Considerações Finais

Neste estudo, fizemos inserções a respeito da Biblioteca Padre Charbonneau e do vitral posicionado no prédio administrativo do Colégio Santa Cruz, ambos pertencentes a esta instituição, considerando estes espaços enquanto património educativo e lugares de memória. Inferimos que estes espaços, ao trazerem fragmentos de um passado remoto, recuperam, de certa maneira, as ações de um ator

educativo, cujo significado no interior daquela escola ainda está presente, iniciativa para que este personagem não seja encoberto pelas areias do esquecimento.

Ao considerarmos a posição do Padre Charbonneau enquanto ator educativo, fomos respaldadas, a partir da mobilização de questões acerca do patrimônio educativo, no sentido de que a história e a memória pertencentes a esse sujeito são suficientes para que um significado lhe seja atribuído. É possível pensar, nesse sentido, que grande parte desse movimento se deve ao fato de ele estar intimamente envolvido com práticas educativas e desenvolvimento de saberes. Ainda que existam regras institucionais que, de certa forma, normalizam tais práticas, cada sujeito é possuidor da sua própria visão de mundo, porém isso não se converte em um fator complicador, visto que é na sala de aula, conforme Mogarro (2013), onde o conhecimento experiencial é adquirido.

É certo que a Biblioteca Padre Charbonneau não se configura como uma biblioteca pública, mas não podemos ignorar o valor patrimonial histórico educativo que ela representa, e não é só por estar em uma instituição escolar. Ao visitarmos os espaços por ela promovidos e pelas obras dispostas, percebemos o diálogo entre diferentes temporalidades já que todo o ensinamento que está ali disposto carrega saberes de tempos distintos a serem apropriados também em outros tempos, seja pelos professores e alunos ou por aquelas pessoas que visitam e contam a história, como é o caso das autoras desse artigo.

Embora tenha passado por um processo de modernização, a biblioteca mantém certa historicidade, pois, se olharmos o prédio de sua fundação, muito do que foi reconstruído permanece. Porém, assim como tantos outros espaços escolares que passam por transformações ao longo do tempo, o Colégio Santa Cruz não o fez de maneira diferente, até porque, esta foi uma iniciativa de aproximar seu público

contemporâneo, assim como manter o carisma daqueles que por ali passaram e estudaram.

Ainda que a modernidade tenha sido importante nesse processo de reestruturação do espaço, a expectativa não foi a de que ela superasse a essência da escola, ou seja, os seus primórdios, pois os aspectos que resistiram ao tempo são significativos para a aproximação com o passado com vistas a assegurar uma memória, constituindo, assim, os diferentes espaços como um patrimônio histórico educativo. Esta ideia de comunicação com o passado é relevante no sentido de que a escola não se autodestrói, ela se reconstrói. Neste caso, o seu passado é o que respalda a se modernizar. E foi essa herança educativa que nos fez mobilizar questões acerca de patrimônio histórico educativo.

No vitral, esta herança particular é reafirmada à medida que sua ilustração representa os pilares da instituição, como vimos, a Nossa Senhora de Santa Cruz e os padres Lionel Corbeil e Charbonneau. Uma questão a ser colocada relaciona-se com a função tradicional do vitral: a de comunicar e ensinar por meio da linguagem visual. Se bem observarmos, a narrativa apresentada no vitral remonta a história da escola. Uma história que já está presente nas folhas impressas. Entretanto, a intencionalidade de contá-la no vitral é um meio de eternizá-la. Esse modo de narrar possibilita uma imersão mais acessível nessa história pelas marcas produzidas na paisagem. A depender do sujeito que o contempla, não é exigido que tenha a competência da leitura, como nos impressos. Em síntese, a preocupação em preservar e salvaguardar, ações preponderantes para a constituição do campo do patrimônio histórico educativo, faz daquele artefato um meio tanto de eternizar a história da escola quanto de ser instrumento para refletir acerca de questões relativas ao Colégio Santa Cruz e ao padre Charbonneau.

Assim, os documentos, artefatos e espaços de uma escola são partes de um patrimônio educativo. O Colégio Santa Cruz, enquanto instituição escolar, armazena e conserva parte do seu patrimônio com o intuito de perpetuar a sua história a partir dos objetos, acima mencionados, dos quais tem posse. Ao preservar essa história, evoca a memória de todos que ali passaram, principalmente daqueles sujeitos que se notabilizaram, seja pela fundação ou contribuições para a elaboração do projeto pedagógico da escola. O colégio é, dessa forma, um lugar de memória representativa do patrimônio histórico educativo da sociedade.

Referências

- ABREU, Regina. Emblemas da Nacionalidade: o Culto a Euclides da Cunha. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n.1, p. 66-85, 1994.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador – conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. Tradução por Daniel Pellizzari. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Revista Pro-Posições**, v. 16, n. I (46), 2005, p. 87-102.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8. ed. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MICHELOTTI, Denise. **Arte em vitrais: a salvaguarda, a extroversão e a sociomuseologia**. 2011. 118f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.

MOGARRO, Maria João. Património Educativo e modelos de Cultura Escolar na História da Educação em Portugal. **Revista Cuestiones Pedagógicas**, n. 22, 2013, p. 67-102.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, vol. 10, p. 7-28, dez., 1993.

NUNES, Ricardo Ferreira. **Vitreorum Ministerium: o didatismo dos vitrais medievais, história e linguagem visual – os vitrais da Yorkminster**. 2012. 162f. Texto (Doutorado em Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia. In: PANOFSKY, Erwin. **O significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 47-87.

POSSAMAI, Zita Rosane. Patrimônio e História da Educação - aproximações e possibilidades de pesquisa. **Revista de História da Educação**, v. 16, n. 36, 2012, p. 110-120.

SILVA, Alexandra Lima da Silva; ORLANDO, Evelyn de Almeida. Memória e patrimônio na história da educação: possibilidades e desafios. **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 2, 2019, 425-444.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa; OLIVEIRA, Lysie dos Reis. A história contada a partir do desenho. In: Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho, 2.; Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, 13., 1998, Feira de Santana. **Anais...** Feira de Santana: Graphica 98, p. 156-154.

VIÑAO, Antonio. Memoria, patrimonio y educación. **Revista História da Educação**, vol. 15, núm. 33, 2011, pp. 31-62.

SOBRE A ORGANIZADORA

Evelyn de Almeida Orlando

Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre e licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Foi professora da Escola de Educação e Humanidades e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná de 2013 a 2023 e Bolsista Produtividade da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Paraná. Atualmente é professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Bolsista produtividade do CNPq. Tem desenvolvido pesquisas na área de História da Educação Brasileira com ênfase na relação entre Igreja Católica, cultura e sociedade, com foco privilegiado na atuação das mulheres como intelectuais, nos impressos e na produção e circulação de saberes e modelos pedagógicos, sobretudo aqueles destinados à educação das famílias.

E-mail: evelynorlando@gmail.com

SOBRE OS AUTORES

Bárbara da Silva Santos

Doutora em Educação, na área de História da Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Mestre em Educação, na área de História da Educação pela Universidade Tiradentes (Unit/SE); Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é professora da Secretaria Municipal de Aracaju.

E-mail: ss.barbarasilva@gmail.com

Daniela Dalagrana Penteadó

Mestranda em Educação na linha de História e Historiografia da Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Especialista em Direitos Humanos e Licenciada em História, ambos pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, (PUCPR), onde participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica em História da Educação.

E-mail: dani.penteadó@gmail.com

Eliane Tortelli

Mestre em Educação pela PUCPR e possui um MBA em Gestão de Projetos. Graduada em Bacharelado em Informática pela Faculdade Positivo. Especialista em Gestão de Mudanças Organizacionais, focando no fator humano em projetos.

E-mail: eliane.tortelli2018@gmail.com

Henllyger Stevam David Costa

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduada em pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica da Paraná, onde participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica em História da Educação. Pedagoga na Secretária Municipal de Educação de Curitiba. Produção científica sobre educação feminina e mulheres intelectuais.

E-mail: henllyger_estevam@hotmail.com

Karina Valim de Araújo

Mestre em Educação e Pedagoga pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
Pedagoga na Prefeitura de Pinhais/PR.

E-mail: krin4.valim@gmail.com

Karolyne Amâncio de Paula

Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), especialista em Alfabetização e Letramento pelo Centro Universitário Internacional (Uninter) e pedagoga pela PUCPR. Atua como professora do ensino fundamental e possui mais de 15 anos de experiência como alfabetizadora, dedicando-se ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovem a construção do conhecimento e despertam o prazer pela leitura e escrita.

E-mail: karolyneamancio@gmail.com

Laís Bandeira Briski

Mestre em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduada em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Atualmente trabalha como Psicóloga Perinatal.

E-mail: lais.bandeira.psicologia@gmail.com

Loyde Anne Carreiro Silva Veras

Doutora e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Especialista em Psicopedagogia e Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão; Desenvolve pesquisa na área de História da Educação com ênfase na relação educação, gênero e religião.

E-mail: loydeanne08@gmail.com

Luana Cristine dos Santos

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Licenciada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, onde participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica em História da Educação. Possui Especialização em Alfabetização e Letramento pela mesma instituição. Atualmente é professora da Rede Municipal da Rede de São José de Pinhais.

E-mail: luanabtmsantos@gmail.com

Lucas Fíngolo Claras

Doutorando e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná na linha de História e Políticas da Educação. Licenciado em História pela referida instituição, onde participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica em História da Educação. Atualmente, é professor de História na Educação Básica do Estado do Paraná.

E-mail: lucas.claras@gmail.com

Mara Fancieli Motin

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Licenciada em Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professora da Escola Politécnica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

E-mail: maramotin@gmail.com

Marina Beatriz Moroz

Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, onde participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica em História da Educação. Atuou como educadora da primeiríssima infância em contextos não-formais. Atualmente, é professora de Educação Infantil.

E-mail: marinabeatrizmoroz@gmail.com

Neli de Lemos

Doutoranda em Educação pela PUCPR. Mestre em História da Educação PUCPR (2017). Especialista em Gestão Pública (UAB-IFSC, 2013). Especialista em PROEJA (IFSC, 2010). Licenciada em Pedagogia - PUCRS (2006). Atualmente é Pedagoga OE no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.

E-mail: neli.the@gmail.com



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org

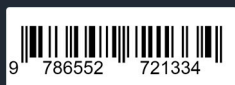
Em uma sociedade letrada, a escrita é um dos recursos mais fortes para fixar uma memória, sobretudo aquela que é impressa e publicada. Foi a ela que recorremos para não deixar morrer essa história.

Uma viagem longa nos desorganiza, nos desestabiliza no confronto com o novo e seus outros limites, mas em algum momento nos assentamos, nos prendemos, nos fixamos novamente. Até vir outra viagem e começar tudo novamente, abrindo o horizonte para novas possibilidades. Na expectativa do futuro, sempre incerto, esperamos apenas que o vivido não se perca e que nós não nos perdamos.

Este texto tem o sentido de fixar uma memória e a identidade de um grupo de pesquisa: o GEHED. Esta obra marca o nosso encontro, juntando um pouco do começo ao fim dessa travessia, como um antídoto ao não esquecimento desse capítulo de nossa história, que forjou boa parte de nossa identidade também como indivíduos.

Convidamos o/a leitor/a a acompanhar essas tantas histórias que foram produzidas nessa longa viagem de dez anos de uma professora do Rio de Janeiro em terras curitibanas.

Evelyn Orlando



editora **fi.org**

